CURSO DE LITTERATURA

PORTUGUEZA E BRAZILEIRA.

S. LUIZ — Imp. por H. de Mattos, Typ. rua da Paz, 5 e 7.

CURSO DE LITTERATURA

PORTUGUEZA E BRAZILEIRA

PROFESSADO

POR

FRANCISCO SOTERO DOS REIS

NO

INSTITUTO DE HUMANIDADES

DA

PROVINCIA DO MARANHÃO.

DEDICADO PELO AUTOR

AO DIRECTOR DO MESMO INSTITUTO

O DR. PEDRO NUNES LEAL.

BIBLIOTHECA DO SENADO
da REPUBLICA dos E. U. do BRAZIL

TOMO TERCEIRO.

MARANHÃO.

MDCCCLXVII.

V
869
R375
1866

O Autor reserva-se o privilegio da sua obra, que não poderá ser reimpressa sem o seu consentimento.

BIBLIOTHECA DO SENADO FEDERAL
Este volume acha-se registrado
sob número 6.874
do ano de 1916

INTRODUCÇÃO.

Comprehende este volume dois periodos litterarios, o terceiro e o quarto, divididos em dois livros sob numeração igual á dos periodos, visto como os dois volumes anteriores formão, cada um, um só livro que abrange um periodo litterario. Mas o quarto periodo litterario deste volume comprehende só os poetas portuguezes de subido merito que nelle florecêrão, ou Pedro Antonio Correia Garção e Antonio Diniz da Cruz e Silva, e não os poetas brazileiros de igual notabilidade, que a elle pertencem na ordem chronologica, ou Frei José de Santa Rita Durão e José Basilio da Gama, porque os reservo, assim como ao poeta brazileiro, Antonio Pereira de Sousa Caldas que ainda pertence na ordem chro-

nologica ao quinto periodo da Litteratura Portugueza, para compôrem a primeira parte da Litteratura Brazileira, que ha de constar de um livro dividido em duas partes, a primeira comprehendendo os tres mencionados poetas, a segunda, os autores que só florecêrão depois de constituida a nação brazileira, servindo a primeira como de introducção á ultima.

Demovêo-me a fazer esta alteração na apreciação dos poetas sobreditos, antes na publicação desta, não o logar do nascimento, que não influio em meu espirito, porque então, tanto os nascidos no Brazil, como em Portugal, formavão todos uma só e a mesma nação, ou erão todos portuguezes, mas outra consideração que passo a expender, e que é de muito maior peso, porque se refere ao caracter especial que aquelles poetas imprimirão ás suas composições, distincto do caracter, feições e tendencia geral da poesia portugueza na mesma época, como se verifica dos escriptos dos outros poetas que nella florecêrão, quer nascidos em Portugal, quer no Brazil.

Depois que a nossa lingua se fixou, e a Litteratura Portugueza foi levada ao seu maior grão de esplendor, houve só duas escolas significativas da generalidade do gosto na poesia, entre os Portuguezes, até o tempo da

separação do Brazil: a escola classica fundada por Camões e por Ferreira, ou a idade de ouro das lettras portuguezas: a escola hespanhola, a cuja frente figurão Vasco Mousinho de Quevedo e Gabriel Pereira de Castro, ou a época da decadencia; e a antiga escola classica restaurada por Garção e por Diniz, e continuada por Francisco Manoel do Nascimento e ainda por Bocage, ou a época da restauração. Estas são em geral as épocas caracteristicas da poesia portugueza desde Camões até Garrett, que fundou uma nova escola, a romantica, que tem tido grande numero de sectarios.

Quando porem o commum dos poetas brazileiros a tinha-se á escola hespanhola, ou á classica restaurada, segundo a época em que cada um florecêo, desde que o Brazil começou a povoar-se, e acompanhava os seus irmãos da metropole no gosto e tendencia que seguia a poesia portugueza, os tres poetas nomeados fazião uma excepção á regra geral, porque deixando a rota batida, formavão novas escolas, e distinguião-se dos poetas portuguezes na indole e no gosto de suas composições. Os dois primeiros, Durão e José Basilio, não só escolhião para assumptos dos seus poemas, *Caramurú* e *Uraguay*, a celebração de factos occorridos na America, mas davão tambem de mão ás ficções da Grecia, que

tanto tempo dominárão na poesia portugueza, e os revestião sobretudo da conveniente côr local, que lhes cria o principal merito. O ultimo, Sousa Caldas, introduzia com suas composições, originaes, ou paraphrasticas, o gosto da manignifica poesia biblica, da qual, antes delle, só Camões havia dado uma pequena amostra em Portugal nas redondilhas *Super flumina Babylonis*.

Por esta consideração pois que pesou em meu espirito, e que sem duvida levou tambem M. Ferdinand Denis a distinguir os tres sobreditos poetas dos poetas portuguezes da mesma época, classificando-os a parte, os reservei para o logar indicado no quarto volume, que vai ser submettido á estampa; e ahi formarão elles um como soberbo vestibulo ao edificio da Litteratura Brazileira, que ficará assim muito mais rico e magestoso; porque os dois primeiros são poetas épicos de reconhecido merito, e o terceiro é um poeta lyrico de primeira ordem, que nada tem que invejar aos mais gabados.

E com effeito taes poetas, ainda que florecessem sob o governo portuguez, devião por qualquer forma figurar na Litteratura Brazileira, de que forão os precursores, e que como que já preludiavão antecipadamente, adevinhando-a, os dous primeiros nas suas composições revestidas da côr local, ou descriptivas dos cos-

tumes, das scenas, e tradições da America, e o ultimo enriquecendo a nossa lingua com um novo e soberbo genero de poesia, que devia fazer parte das litteraturas de todos os povos christãos. Por isso julgo haver feito cousa agradavel ao leitor, reservando-os para o logar, em que me propuz collocal-os neste Curso, si bem deva a Litteratura Brazileira começar chronologicamente com a emancipação do Brazil; por quanto é-lhe summamente honroso ter tido precursores tão distinctos.

Alem disso o volume acha-se bem preenchido no que respeita a autores celebres, e dignos de apreço, porque comprehende os grandes prosadores do seculo XVII, superiores em merito aos proprios poetas contemporaneos, e os poetas portuguezes mais distinctos do XVIII, com cuja apreciação termina.

Alguns desses grandes escriptores, alem do interesse que nos inspirão pelas producções do engenho, despertão tambem em nós a grata recordação de haverem sido nossos hospedes, si assim me posso exprimir, porque estiverão no Brazil, pisárão o mesmo solo que pisamos, e respirárão o mesmo ar que respiramos. Forão elles:—Frei Luiz de Sousa, de quem afirma Frei Antonio da Encarnação, *Que passára por vezes ás In-*

dias, Oriental, e Occidental, por causa de guerras, e de outros respeitos de honra, que a isso o demovêrão:—O Padre Antonio Vieira, que é como um verdadeiro compatriota nosso, porque vindo de Portugal menino, no Brazil recebêo toda a sua educação litteraria, e fez-se o que foi; no Brazil vivêo grande parte da sua vida, e no Brazil morrêo:—Antonio Diniz da Cruz e Silva, que vivêo alguns annos no Rio de Janeiro, e ahi morrêo.

A licção pois de taes autores deve ter para nós um como duplo attractivo, porque nutrimos de ordinario mais predilecção pelos homens celebres, e pelos escriptores illustres, que ou forão nossos compatriotas, ou residirão em nossa terra, ou lhe prestárão serviços, ou estiverão por alguma fórma em contacto comnosco, ou com os nossos, em qualquer tempo, que pelos que nos são a taes respeitos estranhos, embora seja grande e incontestavel o seu merito.

Quanto á lacuna, que se nota no quinto periodo litterario, relativa aos autores do reinado de D. João V, já tanto nas prelecções que servem de introducção á este Curso, como quando comecei a tratar de Garção, dei a rasão, porque me não fiz cargo de apreciar autores, que são o exemplo do máo gosto, e da cor-

rupção de estylo, levados ao seu auge. No em tanto para dar ao leitor uma amostra do que era a quinta essencia do Gongorismo naquella época, aqui transcrevo dos extractos, que fez José Maria da Costa e Silva, dois dos melhores sonetos da celebre poetisa soror Violante do Ceo, mulher aliás dotada de estro e talento poetico, mas que o máo gosto então em voga tornou quasi inintelligivel ao commum dos leitores.

Si apartada do corpo a doce vida,
Domina em seu logar a dura morte:
De que nasce tardar-me tanto a morte,
Si ausente d'alma estou que me dá vida?

Não quero sem Silvano já ter vida,
Pois tudo sem Silvano é viva morte,
Já que se foi Silvano venha a morte,
Perca-se por Silvano a minha vida.

Ah suspirado ausente! si esta morte
Não te obriga a querer vir dar-me vida,
Como não m'a vem dar a mesma morte?

Mas si n'alma consiste a propria vida,
Bem sei que si me tarda tanto a morte,
É porque sinta a morte de tal vida!

Musas, que no jardim do Rei do Dia
Soltando a doce voz, prendeis o vento,
Deidades, que admirando o pensamento
As Flores augmentais, que Apollo cria.

Deixai, deixai do Sol a companhia,
Que fazendo invejoso o firmamento,
Uma Lua, que é Sol, e que é portento,
Um Jardim vos fabrica de harmonia.

E porque não cuideis que tal ventura
Pode pagar tributo á variedade,
Pelo que tem de Lua a luz mais pura.

Sabei, que por mercê da Divindade,
Este Jardim canóro se assegura
Com o muro immortal da Eternidade.

No primeiro soneto ainda é possivel metter dente, porque percebe-se que o jogo de conceitos e de palavras versa sobre a idea unica de ser Silvano, por quem a autora está apaixonada, *a sua vida*, a qual ausente lhe dá *morte*, e presente, *vida*. No segundo porem que é um verdadeiro enigma, não, sem que se dê a chave deste; e vem a ser que o soneto é feito a uma dama chamada Marianna de *Luna*, por occasião de haver esta publicado uma *collecção de poesias*. Dahi o duplo jogo

de conceitos e de palavras, que versa sobre a idéa de *Lúa*, e a da tal *collecção de poesias*, a que a poetisa chama *Jardim de harmonia*, e *Jardim canóro*. Assim nem Boterweek, nem Sismondi, entrárão na verdadeira intelligencia deste soneto, ou deste enigma, cuja decifração nos é dada por José Maria da Costa e Silva, e que por sua singularidade foi traduzido em prosa franceza por M. Ferdinand Denis.

Tal era o estylo alambicado, e a linguagem enigmatica, antes giria, como lhe chama Francisco Manoel, d'aquella época de corrupção, cujo máo gosto passou dos poetas aos prosadores, de alguns dos quaes não se pode ler meia duzia de paginas sem cançasso, como por exemplo de Berredo, autor dos *Annaes do Maranhão*, o qual nos diz que levou sete annos a polir o estylo; isto é, a estragal-o!

Apreciar escriptos de autores, que não só não estão no caso de servir de modelo aos que se propõem o estudo das boas lettras, mas cujo máo gosto deve ser evitado com cuidado, seria perder tempo e trabalho inutilmente, quando não resultasse dahi perigo a algumas intelligencias que começão a desenvolver-se, e podem por isso mesmo deixar-se illudir com os falsos brilhantes que nelles flammejão como fogo fatuo. Ain-

da bem que as poesias dos seiscentistas, cuja licção é prejudicial ao bom gosto, já se vão tornando mui raras no Brazil. Hoje por exemplo não me foi possivel encontrar aqui a *Fenix Renascida*, que contem muitos versos de soror Violante do Ceo, e de outros poetastros contemporaneos da mesma, obra que li na minha mocidade em um exemplar já bem damnificado.

LIVRO III.

SECÇÃO PRIMEIRA.

Vasco Mousinho de Quevedo Castel-Branco, poeta: o pouco ou nada que se sabe de sua vida: seu Affonso Africano.—Gabriel Pereira de Castro, poeta: o pouco que se sabe de sua vida: sua Ulyssea, ou Lisboa Edificada.

LICÇÃO XXXVI.

Vou, Senhores, entrar no terceiro periodo litterario, no qual florecêrão ainda grandes escriptores em verso e prosa, posto que com o dominio hespanhol começasse a corromper-se o bom gosto, e a abastardar-se a lingua em Portugal. Este periodo comprehende o espaço de um século pouco mais ou menos, pois estende-se desde fins do século XVI até quasi fins do século XVII. E com quanto os prosadores que nelle avultão, sejão de ordinario maiores que os poetas, principiarei todavia a minha analyse por estes na fórma da lei que me impuz, e do costume geralmente seguido.

O primeiro poeta notavel que se offerece á minha apreciação, é Vasco Mousinho de Quevedo Castel-Branco, autor do poema *Affonso Africano*, o qual florecêo quasi no principio deste periodo, ou nos reinados de Felippe II e Felippe III de Portugal, e a quem o Vis-

conde de Almeida Garrett reputa nosso segundo épico, e Jozé Maria da Costa e Silva, terceiro; mas que por seu éstro e imaginação indubitavelmente merece o segundo logar depois de Camões, sendo em nossa humilde opinião superior á Gabriel Pereira de Castro, autor da Ulyssêa, e á Fernão Alvares do Oriente, autor da *Malaca Conquistada*.

Nascêo Vasco Mousinho de Quevedo em Setubal, mas não se sabe nem a época de seu nascimento, nem a de sua morte, nem tão pouco circumstancia alguma que respeite á sua vida, senão que foi formado em Direito Civil e Canonico na Universidade de Coimbra; e exercêo, segundo suppõe o Sr. Innocencio Francisco da Silva, muitos annos a profissão de advogado. Eis as unicas noticias biographicas que encontrei sôbre este autor, digno por seu talento de sêr muito mais conhecido.

Compoz, além do *Affonso Africano*, um poema em seis cantos intitulado *Discurso sobre a vida e morte de Santa Izabel, rainha de Portugal*, e outro em Hespanhol, tambem em seis cantos, intitulado *Triumpho del monarcha Felippo Terceiro en la felicissima entrada de Lisbôa*, mas de todas as suas obras a que lhe dêo nome na republica das lettras, foi o *Affonso Africano*.

Este poeta, aliás tão distincto por seu engenho, já pertence á Escola Hespanhola que dominava então na litteratura portugueza, mas apesar disso, o seu estylo não apresenta geralmente os mesmos vicios do de Gabriel Pereira de Castro, que foi o principal corruptor

do gosto n'aquella época, e com quem me occuparei depois. Não quero com isto dizer que o seu estylo póssa em tudo servir de modêlo, mas unicamente que é muito mais natural e fluente, que o dos poetas seus contemporaneos eivados de Gongonismo.

Uma epopéa, si é de primeira ordem como a *Iliada* de Homero, como a *Eneida* de Virgilio, como os *Luziadas* de Camões, é obra tão maravilhosa e incomparavel, que é com razão reputada o maior esforço do espirito humano, e si de segunda ordem, como a *Pharsalia* de Lucano, como a *Henriada* de Voltaire, como o *Affonso Africano* de Quevedo, é ainda obra de merito tão subido, que basta para immortalisar a seu autor, distinguindo-o da turba dos poetas mediocres. Nem podia deixar de ser assim, porque uma epopea é a expressão mais ou menos completa de uma litteratura inteira, ou resume em si toda poesia, toda historia, toda sciencia de seu século. E tanto maior é o seu valor, si o seu assumpto é nacional, como os das que ficão mencionadas.

O *Affonso Africano* de Quevedo é um poema épico em doze cantos, cujo assumpto é a conquista de Arzila, e Tanger, e cujo heroe é el-rei D. Affonso V de Portugal. O seu maravilhoso é tirado da religião christã, como o da *Jerusalem Libertada* de Tasso, mas pobre e nem sempre de bom effeito. Não obstante recorrer o poeta ao emprego das potestades infernaes e da magia como movel principal do maravilhoso, lembra-se tambem por vezes dos numes e fabulas da Grecia,

como acontece no canto segundo, e no sexto, que é pela ventura o mais bello de todo o poema. Os episodios são riquissimos, e alguns delles admiraveis por sua belleza e poesia, mas nem sempre se achão distribuidos á proposito: por isso a acção do poema é retardada em seu andamento, e deixa de offerecer aquelle interesse sempre crescente, que era para desejar. Ha com tudo nelle admiraveis descripções, bellissimas comparações, excellente metrificação, muito vigor e nobreza de estylo, si bem já por vezes com algum resaibo de máo gosto.

O Visconde de Almeida Garrett assim se exprime, tratando deste poema: «Quanto ao estylo é com poucas excepções fluido e elegante: custa a achar em tão longo poema uma rhima forçada ou má: e a mesma linguagem, supposto decline um tanto da primitiva pureza, é ainda de bôa lei e valiosos quilates».

Monsieur Ferdinand Denis faz-lhe iguaes elogios nesta parte, supposto julgue o talento do poeta mais proprio para as pinturas que requerem energia, que para as graciosas, não sei si com bastante fundamento á vista do canto VI que parece desmentil-o. Ambos os criticos porém concórdão na belleza dos episodios, ou dos accessorios, concordando tambem nos defeitos do poema, dos quaes o principal é a falta de interesse crescente da acção, que esfria por vezes, e termina friamente.

Os mais bellos episodios do poema são sem contradicção a pintura da princeza africana Zaira, a do captiveiro do infante D. Fernando, a da ilha encantada a que aporta

o principe D. João, e a descripção da futura batalha de Alcacer-Quebir feita ao principe pelo mago Eudolo convertido ao Christianismo.

Destes, para que possaes fazer idéa do merito do poeta, lêr-vos-hei unicamente o da illha encantada, que é bellissimo, porque ir a mais seria fatigar a vossa attenção.

.....

O Principe arrojado aos pés do charo
E lastimado Pai ausencias chora,
Que o duro Inferno de bem tanto avaro
Traçava, para sempre o ter de fóra:
Descuidos, que com sentimento amaro
Culpa, e como erros graves sente agora,
Desculpa o Pai com voz branda e benina
E a levantal-o donde está se inclina.

Em tanto o Sol nas agoas do Oceano
De todo os raios bellos escondia,
Chamando os córpos a repouso humano
Que o tracto sóe quebrantar do dia,
Mas saber do successo o desengano
Affonso desejando, lhe dizia,
Charo filho, que imiga tempestade
Me póz em tanta ausencia, e saüdade?

Elle, que já de longe larga conta
D'um successo tão novo, dar deseja,
Assi começa em voz formada e pronta,
Para que alli notorio a todos seja:
Depois que da tormenta a brava affronta

Passamos, quando já falta quem reja,
Que vence a tempestade a sciencia, e arte,
Demos acaso n'uma estranha parte.

Sentimos, que inda a vista estes estremos
Não julga, as Náos romperem pela area
E nosso ultimo fim quasi tememos,
Fingindo alguma praia aspera e fea:
Quando a cerração cega abrir-se vemos,
E o vento bravo o sopro irado enfrea,
Descobre-se uma praia fresca, e leda,
E nella toda Armada emproada, e queda.

Eu que não conheci a estranha terra,
Dos mais praticos mestres informado
Perguntei que parage o sitio encerra,
E de que gente póde ser pisado:
E nisto cada qual se engana, e erra
O que se tem por mais exp'rimentado,
E porque a praia alegre nos convida,
Nella desembarcar ninguem duvida.

Pedro, que o mal de nossas almas cura,
A quem o mór segredo descobrimos,
Ou seja acaso, ou elle assi o procura,
Na popa em alto somno ficar vimos:
Nós entre tanto ao longo d'agoa pura,
Pisando a branca arêa alegres imos,
Buscando um prado, que assomava perto,
Pela côr, e flagrancia descoberto.

Artificio parece da natura
A cérca, que o resguarda em tudo airosa,
Onde pendendo a branca rosa pura

Es táco'a bella pudibunda rosa:
Outra inda no botão cerrada dura,
Para sair a tempo mais fermosa,
No qual a falta supra da visinha
Que murcha cai, entre a pungente espinha.

Aqui nos detivemos por espaço,
Colhendo cadaqual a que lhe agrada,
A custo da melhor parte do braço,
Que do furto saía lastimada:
Logo saltamos dentro, e no regaço
Da floresta de verde tapisada,
Diversidade vimos de mil flores
No fino odor estranhas, e nas côres,

Em flôr se mostra alli, por si perdido
O fermoso Narciso incautamente,
E por ter o castigo merecido
Junto nasce da liquida corrente:
Em flôr tambem Hyacintho convertido
Sua historia nas folhas tem presente,
Amaranto em bellissima bonina,
E Adonis pena eterna da Erycina.

Dispostos per canteiros ordenados
Os bellos cravos, a flagrancia spiram,
Todos vermelhos uns, outros mesclados,
Quaes encarnados, quaes brancos se viram:
As violas da côr de enamorados
Quanto por seu amor d'alma suspiram,
A franceza Ortelãa, a Salva verde,
A Cecem, que tocada o cheiro perde.

Esta fermosa linda praderia,

A quem jamais nenhuma se igualava
Das que celebra Assyria, e a India cria,
E o rio Hydaspes brandamente lava:
Por dilatado espaço se estendia,
Que n'outra gentil cêrca se acabava.
De rasos buxos a nivel nascidos,
Com mil enredos de invenção tecidos.

D'outra parte outro lanço está de murta,
Em diversas figuras transformada.
A fermosa Orithia Boreas furta,
Sobre as ventosas azas vem guardada:
Acolá Páris tem a Armada surta,
E a mal regida Helena traz roubada.
Do gostoso principio ha aqui memoria,
Mas não do desastrado fim da gloria.

Lembra-me que parei nesta figura,
E logo fiz discurso alli commigo,
Cegos, disse, de nós, quam pouco dura
Um gosto vão, quamanho é seu perigo!
Nós tristes enlevados na doçura,
Que quando vem o gosto traz comsigo,
Não vemos, que nos deixa o triste encargo,
De eterna pena, e não soffrido amargo.

Este conceito meu fez evidente
Hero, que alli para seu bem se ensaia,
Já d'alta Torre espera o amigo ausente,
Já tambem desce a recebel-o á praia:
Estreitamente o abraça, inda presente,
Duvida têl-o, e em seus braços desmaia,
Elle morto, do mar bravo arrojado,
E ella sobr'elle, isto não vi pintado.

Mais por diante em Touro se mostrava
Jupiter, de capellas coroado,
Sobr'elle pelo mar se assegurava
Europa com solicito cuidado:
Ella os pés recolhia, e levantava,
Temendo o impeto d'agoa occasionado,
Que o collo c'o temor lhe aperta, e abraça,
Elle ufano se ri c'o peso, e traça.

Já d'Aguia generosa a fórma toma,
Porém das unhas o rigor tempéra:
E da fermosa Asterie os brios doma,
Que antes se lhe mostrou dura e sevéra:
Já brancas plumas cobra, e Cysne assoma,
Não se perturba Leda, nem se altera,
A sopida alli gosa em fogo ardente,
Alli Deioda em celebre serpente.

Defronte um Laberintho se tecia
Curioso na vista, e mais na historia,
Em braços de Dione alli se via,
Marte soberbo assás pela victoria:
Sobre elles logo a rede, que estendia
O celoso marido tão notoria,
Os Deoses falsos d'uma e d'outra parte
Tocão palmas, e rindo estão de Marte.

Por entre tão gostosa novidade
Fomos chegando a um deleitoso posto,
Onde plantas de muita variedade
Pomos estão offerecendo ao gosto:
O cheiro é tal, de tanta suavidade,
O pomo de tal fórma, e tez composto,
Que não se atreve a mão, que vai colhêl-o
E torna envergonhada de offendêl-o.

Assi fomos cahindo a um valle ameno,
Por onde uma ribeira cristalina,
Regando vai o florido terreno,
E alvas arêas brandamente inclina:
Tão manso leva o curso, e tão sereno,
Que mal para onde vai se determina,
E o tom saudoso d'agua, que corria,
Motivo era de amor, e de alegria.

Nella quasi inclinada se está vendo
De uma parte a viçosa verde cana,
Frescos salgueiros d'outra estão pendendo:
Não ha ripa de rio mais ufana:
Rouxinóes melodia estão fazendo,
Com que a pena maior um triste engana,
Ave triste não vi, nem casta rôla
Alli gemendo seu pesar consola.

Pelo florido esmalte mil nativas
Fontes saudosamente estão fervendo,
Estas de branca arêa brotão vivas,
Aquellas viva pedra vem rompendo:
Quaes de pequenos montes fugitivas
Com ligeira corrente vão descendo,
Quaes vem por canos de artificio vario,
Em figuras de Jaspe, ou Marmor Pario.

Em Jaspe se levanta uma figura
Á semelhança d'arvore crescida,
A corteza por cima aspera e dura,
Direita em tronco, em ramos estendida:
No ventre se lhe mostra uma abertura
Por ella sae uma criança á vida,
Bem conhecêra logo o que advertira
Ser a Pellice, e Filha de Cynira.

II

Em marmor Pario figurado estava
O moço Hermaphrodito, em cabo lindo,
Que por seu mal na fonte se banhava,
Quanto a nympha appetece descobrindo:
Elle seguramente se mostrava,
Ella do doce furto se está rindo,
E já mettida n'agua, e desprezada,
Com elle n'um só corpo é transformada.

N'outro lanço igualmente parecia
Amor em varias formas retratado,
N'uma c'um véo os olhos encobria
Menino e velho já representado:
N'outra tambem dous rostros dividia,
Um alegre, outro em lagrimas banhado,
Um braço curto tem, outro estendido,
Por manjar gosta um coração partido.

Eu pensando commigo estremo tanto,
De que nunca noticia e fama tive,
Os passos suspendi parado, e em quanto
Todos a mi chegavão, me detive:
Foi causa principal de meu espanto
Ver como em tal logar gente não vive,
E como estão as cousas tanto ao vivo,
Que com ellas não possa o tempo esquivo.

Não sei, disse, que cuide, e que imagine
De cousa para mi tão nova e rara,
Tendo tantas razões, a que me incline
Para as difficuldades, que declara,
Se ser natural Ilha determine:
Quem goza esta estranheza? quem prepara
Estas figuras, e o Jardim cultiva?
Estas fontes apura, e agoa deriva?

Se fantastica, e vã, para que intento?
Que ou hade ser do Inferno, ou do Ceo traça?
O Ceo não faz igual contentamento,
Com este o Inferno só pouco embaraça:
Não falta quem me solte o pensamento.
E facilmente a duvida desfaça,
Que sitio póde ser sempre encuberto
E a gente que o habita estará perto.

Eis que subitamente se levantão
Das sombras deleitosas Nymphas bellas
Que tanto de repente nos espantão,
Que ficamos pendendo á vista dellas:
Os corações nos peitos se quebrantão,
Tornão-se ao rostro as cores amarellas,
Os corpos tremem; tanto obriga, e agrada
Uma belleza tal posta em cilada.

Quaes se nos mostrão sem alheio ornato,
Naquelle natural adorno, e graça,
Que fez a natureza por mais grato,
Que quanto a industria humana inventa, e traça:
Naquelle primo, e singular retrato,
Que para que nas cores satisfaça,
Á purpura as roubou, e á branca neve,
Do fino anil as linhas azues teve.

Quaes com mais artificio se apresentão,
Por se accender de amor mais o cuidado,
E um fino véo de branca seda inventão,
Sobre o cristal quasi ao desdem lançado:
Em cima do hombro esquerdo alli o assentão,
Por baixo do direito vem tomado,
Porque tenhão que vêr quando desejão,
Que desejar os olhos, quando vejão.

Quaes por garbo melhor, e honesto asseio
(Que é nisto grande embuste a differença)
Solto das nuvens d'ouro o grato enleio,
Cair as deixão sem remate, e trença:
Abertas vão as partes pelo meio,
Co'a viração, que as trata sem offensa,
Descobrindo, e cobrindo juntamente,
Um bem presente agora, agora ausente.

Parece cada qual uma pequena
Montanheta de neve coroada,
Que do sol bello na manhã serena,
Foi para maior graça visitada:
Ella está branca, e pura, e o sol lhe ordena
Por cima outra côr d'ouro acrescentada,
Mas esta dura pouco, inda que bella,
Que a neve acaba, dura sempre aquella.

Logo em varios deleites occupárão,
Assim os passos como o pensamento,
Estas alegres jogos começárão
D'invenção nova, e d'amoroso intento:
Umas passêão, outras se assentárão,
Em praticas iguaes ao sentimento,
Outras parão suspensas, e cuidosas
Co'a mão na face, mas em tudo airosas.

Outras no rigosijo peregrinas,
Que ardia então a calorosa sesta,
Se vão banhar nas aguas cristalinas,
Com ledo movimento, e alegre festa:
Outras, das Rosas, Flores, e Boninas
Tecem mil ramilhetes na Floresta,
Quaes para serem bellas sobre bellas,
As cabeças adornão de capellas.

Isto bastava a encher-lhe as esperanças
De lhes rendermos alma em sacrificio,
Mas outras sobre a fresca relva em danças
Curiosas, entendem no artificio,
Assi de braços, como de mudanças,
Quebros de corpo, fervido exercicio,
Quaes igualmente coros dividindo,
Os passos vão com musica seguindo.

Louvores excellentes canta um coro,
Do moço cego juntamente alado,
Que á tantos causa foi de amargo choro,
Nas mãos com arco, e com aljava ao lado:
Outro o poder da Mãi, e antigo foro,
Que nos peitos humanos tem ganhado,
E como celebrada em tempos era,
De Cypro, Idalio, Paphos, e Cythera.

O primeiro, que a vista incauto empresta,
Logo trás ella o coração perdido,
Foi Bernardo, e os affeitos manifesta
C'um grito, que de todos foi ouvido:
Ah, diz, quam deleitosa parte é esta,
Que terreno entre todos escolhido,
Que aventuras, que goso aqui se ordena,
A quem sente de amor a doce pena!

Feliz seja mil vezes a tormenta,
Causa de um bem jámais imaginado,
Bem dizem, que quem males exp'rimenta,
Lhe espera um fim ditoso, e alegre estado:
Bem se enganava, o que comsigo assenta,
Contra nós ter-se o Inferno conjurado,
Pois aqui nos guiou, e quando seja
Mais presto a paga vio do que deseja.

Igual empreza é esta, igual fortuna,
Que a que vamos buscando incertamente,
Por uma leve gloria, que importuna
Esp'ritos vãos á louca, é céga gente:
E pois em parte estamos opportuna
Para doce repouso, e differente
De quantos ha por outras, descansemos,
E do intento de Arzilla não curemos.

Isto dizia o nescio, e não sabia
Cego já c'os deleites, e offuscado.
Que estes o Inferno astuto offerecia,
Inda por mór perigo, que o passado:
E quem nelles emprego aqui fazia
De outros maiores ha de ser privado,
Com que Deos ab eterno só convida
A quem desprezar soube estes da vida.

N'isto arrimada a um tronco de viçosa
Hera enlazado, vimos, que tocava
Um Laúd, uma Nympha tão fermosa,
Que entre todas as mais se avantajava:
E c'uma voz tão branda, e amorosa,
Que os ares parecia que inflammava,
Interrompendo a vezes a harmonia
Do saudoso instrumento, assi dizia.

Se a vida é breve, e o tempo avaro foge,
Nada se leva, tudo cá nos fica;
Quem ha tão descuidado, que se enoje
Estando a terra de prazeres rica:
O sizo é lançar mão dos gostos hoje,
Que amanhã vem a morte, e as mãos applica
A quanto não gosou a idade verde,
E só então se conhece o que se perde.

Em quanto ferve o sangue, e o vigor dura,
As paixões e appetites tem viveza,
Gosemos o melhor da fermosura,
Que dêo para se dar a Natureza:
Que peito ha tão isento de brandura,
Que não conheça o dom de uma belleza?
Quem póde resistir a um doce, e brando
Quebrar de olhos, que as almas vai roubando?

Entre tudo o que cá no mundo agrada,
Esta sorte só coube a fermosura,
Ser cousa mais querida, e mais amada,
Por quem tudo se arrisca, e se aventura;
Venus de apaixonados celebrada,
Seu nome, e fama eternisar procura,
E com razão se fez tal conta della,
Que tudo merecia por ser bella.

Bem ouvistes o caso dos Troianos,
(Inda hoje entre nós vive esta memoria)
O porfiado cerco de dez annos,
Que dêo motivo á celebrada historia
Os destroços, incendios, mortes, danos,
Em que emfim se desfez aquella glória,
Todo mundo revolto, e tudo ordena
Uma amorosa pretenção de Helena.

A Corintho levae o pensamento
Onde o nome de Lais se conhece,
Cuidado singular, commum tormento,
De quem tanta belleza olhar merece:
O mais altivo e nobre entendimento
A liberdade d'alma lhe offerece,
Demosthenes o diga em lettras claro,
Não de desejos, mas do preço avaro.

Que forte foi no mundo conhecido,
Que fôro á fermozura não pagasse!
Tendo, que por covarde fosse tido,
Se contra ella valente se mostrasse:
Vêde Marte feroz embravecido
Quantos combates amorosos passe,
E já c'o furto deleitoso ufano,
Não faz caso das redes de Vulcano.

Vêde Hercules famoso, cujos braços
Que a leões ferocissimos domárão,
E tiverão por isso os ameaços
Das serpentes Lernéas, que matárão:
De sorte nos suavissimos abraços
Da bellissima Omphale s'enredárão,
Que domador de féras não parece,
Mas como branda cêra s'enternece.

E vós a quem ventura trouxe a parte,
Onde os deleites ha que se desejão,
Bens a olho escolhei, que não reparte
Avara mão, mas todos vos sobejão:
Eu fico, que daqui vos não aparte
Lembrança d'outros, que maiores sejão,
Se uma vez os gostaes, que vos detendes
Se quanto amar se póde á vista tendes?

Isto dizendo com passeio airoso
Pelo sombrio bosque se escondia,
C'um fingimento e furto cauteloso
Como que em parte cara se vendia:
Já representa um pejo vergonhoso,
Já se facilitava, e promettia
Se a não seguem, se pára, e vai detendo,

E se a seguem, se apressa, e vai correndo.

Já no pé de alabastro, e bella planta,
Se magôa de industria e se confrange,
Ora meio cahida se levanta,
E finge, que o temor cego a constrange:
Já se trespassa toda, já se espanta,
Como que alguem co'a mão a toca, e abrange.
Que invenções e melindres semelhantes
São feitiços das almas inconstantes.

N'isto já perto d'ella ia Bernardo,
Costumado a que nesta empresa insista,
O peito me passou pungente dardo
De exemplo perigoso tanto á vista:
Um pensamento cego diz, que tardo,
Outro me diz, me vença, e lhe resista
Num mesmo instante fujo, e logo sigo,
Reprovo, e approvo logo meu perigo.

Lembrou-me a confusão, que alli teria,
Se fizera discurso o Pai primeiro,
Quando o pomo a mulher lhe offerecia,
E lhe lembra o preceito verdadeiro:
Desagrada a mulher se não comia,
A Deos se come, antes estava inteiro.
Já partido se vê, facilitando
O que comsigo vai difficultando.

....

No episodio que acabei de ler-vos, notai primeiramente a graça, a novidade, e belleza da pintura enriquecida com todos os donaires e galhardia da lin-

guagem poetica. Vede si ha poesia mais deliciosa, que a do canto da nympha, que começa por estas duas estancias:

Nisto arrimada a um tronco de viçosa
Hera enlazada, vimos, que tocava
Um laúd uma nympha tão fermosa,
Que entre todas as mais se avantajava:
E c'uma voz tão branda e amorosa,
Que os ares parecia que inflammava,
Interrompendo a vezes a harmonia
Do saudoso instrumento, assi dizia:

Si a vida é breve, e o tempo avaro foge,
Nada se leva, tudo cá nos fica,
Quem ha tão descuidado, que se enoje
Estando a terra de prazeres rica:
O siso é lançar mão dos gostos hoje,
Que amanhã vem a morte e as mãos applica
A quanto não gozou a idade verde,
E só então se conhece o que se perde.

Notai mais a arte, com que o poeta soube variar e aformosear os seus quadros n'um assumpto tratado por engenhos, como Ariosto, como Camões, como Tasso, os quaes todos teem episodios analogos nos seus poemas, sem ser plagiario, nem se mostrar inferior a elles na belleza das descripções. Para chegar a este resultado, era mister ser dotado de grande talento poetico, e impossivel é desconhecel-o no autor de *Affonso Africano*. Já Monsieur Ferdinand Denis havia observado que no episodio de Antheo, ficção analoga

á de Adamastor, Quevedo soube, no terceiro canto do seu poema, imitar á Camões sem ser plaglario.

Notai finalmente em toda essa bella e extensa passagem a sustentada elegancia do estylo, a perfeição da metrificação, e a propriedade da linguagem, si bem que já desdiga da pureza classica pela bastardia em que com o dominio hespanhol ía cahindo o idioma; pois muitos autores portuguezes o abandonárão para escrever na lingua dos dominadores, como praticou o mesmo Quevedo em outra obra, de que já fiz menção.

As virtudes que deixo descriptas ornão tão sómente os poetas distinctos, a cujo numero pertence este.

Apontarei entretanto as palavras castelhanas, *corteza, celo, celoso, enlazada* empregadas pelo autor na passagem reprodnzida, alem de outras de que se servio no decurso do poema, como prova da corrupção da linguagem no dominio hespanhol, que tanto mal cansou a Portugal.

Do extenso episodio em que é descripta com as mais vivas côres, e no estylo o mais poetico, a futura batalha de Alcacer Quebir, da qual o autor sabia todos os pormenores, só vos citarei a sublime imprecação, por que termina:

Campo de Alcacer, nunca em ti se veja
Primavera gentil, mas secco estio,
Nunca o Ceo, na sazão que se dezeja,
D'agua se cubra, nem de orvalho frio:
O teu nome infamado sempre seja,

Que em ti perderão fortes lustre e brio:
Não póde dizer mais Eudolo, e sente
O mal futuro, como já presente.

Assim os defeitos deste poema estão mais na invenção, e distribuição, e mesmo no assumpto, que parece dar logar á dupla acção, do que na fórma que o reveste, tão cheia de magestade e delicadeza, si exceptuarmos o vicio da prolixidade, em que por vezes cahe o autor. Como epopéa de segunda ordem tem comtudo muito merito, porque contém bellos episodios, é escripto em estylo eminentemente poetico, e unicamente inferior ao dos *Luziadas*, que não tem superior em lingua alguma moderna. Os vicios apontados nascem principalmente de não ser a imaginação de Quevedo, aliás fertil, acompanhada da mesma força de bom senso, para regular lhe os vôos, que o era a de Camões com ser tão portentosa. Mas uma imaginação como a do grande épico portuguez é sómente partilha do genio, e Quevedo com quanto fosse um poeta distincto, não era todavia um genio.

Com taes dotes seria este poeta muito mais lido, si se não tivesse adjudicado á escola hespanhola, que depravou o bom gosto de que havião dado exemplo Camões e Ferreira; mas era então moda o hespanholar-se, quer no estylo, quer na linguagem, como vereis na analyse de outro poeta seu contemporaneo.

Tendo apreciado o Affonso Africano de Vasco Mousinho de Quevedo, passarei em outro discurso a analysar a Ulisséa de Gabriel Pereira de Castro, pondo aqui termo a este.

LICÇÃO XXXVII.

Vou hoje, Senhores, occupar-me com o autor do poema épico *Ulyssêa*, Gabriel Pereira de Castro, que florecêo no primeiro quartel do seculo XVII, ou no reinado de D. Felippe III de Portugal, a quem dedicou o seu poema. Este poeta que tambem pertence á escola hespanhola, ou antes póde ser reputado uma das mais valentes columnas della, foi contemporaneo de Vasco Mousinho de Quevedo Castel-Branco, que apreciei no meu precedente discurso, e um dos principaes corruptores do gosto entre os Portuguezes pelos falsos brilhantes, com que adornou o seu estylo. E tanto mais perigoso foi o máo exemplo que legou á seus imitadores, quanto maior é a arte com que o soube ataviar e disfarçar, pois era dotado de muito talento poetico e engenho.

Nascêo Gabriel Pereira de Castro em Braga á 7 de Fevereiro de 1571, justamente no anno em que Ca-

mões publicou os seus *Lusiadas*, e fallecêo em Lisboa á 18 de Outubro de 1632 com 61 annos de idade.

Foi cavalleiro de Ordem de Christo, doutor em direito Canonico, lente da Universidede de Coimbra, desembargador da Relação do Porto, e da Casa da Supplicação de Lisboa, corregedor da Côrte e Casa, procurader geral das Ordens Militares, e ultimamente chanceller-mór do Reino.

Assim o pouco que se sabe deste poeta, refere-se quasi tudo á sua vida pública, concordando seus biographos, em que foi homem de grande autoridade por seu talento, lettras, e virtudes.

Compoz em verso além da *Ulysséa, ou Lisboa Edificada*, as suas obras poeticas em diversas linguas, as quaes se conservão manuscriptas: em prosa e em Latim, um Tratado sobre legislação, e em Portuguez, a Monomachia sobre as concordatas que fizerão os reis com os prelados de Portugal, nas dúvidas da jurisdicção ecclesiastica e temporal.

Foi homem summamente erudito e versado em todo genero de litteratura, e tão distincto poeta como prosador, mas tendo de aprecial-o como poeta épico, deixarei de parte as outras obras suas, qne não fazem á meu proposito, para tratar unicamente do seu poema, *Ulysséa*, que ha sido tão diversamente julgado pelos criticos, no espaço de mais de dous séculos decorridos, depois de sua primeira publicação feita em 1636, quatro annos depois da morte do autor.

Tão fascinante é o talento deste poeta, cuja metri-

ficação é das mais harmoniosas, e cujo estylo não deixa de ter magestade, apesar de seus defeitos, que chegou a deslumbrar alguns homens de lettras á ponto de o julgarem superior á Camões! Taes são entre outros Antonio Ribeiro dos Santos e Manoel de Galhegos; pois já não admira que o fizesse José Agostinho de Macedo, que se constituio mal e indevidamente émulo do immortal cantor dos *Luziadas*. Outros porém mais razoaveis lhe assignão o segundo e o terceiro logar entre os épicos portuguezes.

Quanto a nós, seguindo a opinião do Visconde de Almeida Garrett, critico a quem nunca falhou o bom senso, collocal-o-hemos abaixo de Vasco Mousinho de Quevedo, a quem aquelle judicioso critico com muito fundamento assigna o segundo logar depois de Camões.

A *Ulysséa* de Gabriel Pereira de Lastro é um poema heroico em dez cantos, cujo assumpto é a fundação de Lisboa, e cujo heroe é Ulysses. O autor no seu poema abalançou-se á nada menos que a competir com Homero na *Iliada* e na *Odysséa*, tomando a Ulysses para seu heróe. O maravilhoso é brilhante, a fabula bem urdida, os episodios bem distribuidos, o interesse da acção crescente; mas si se restituir a Homero, a Virgilio, a Camões, a Dante, a Ariosto, a Tasso, e ainda a outros poetas épicos, o muito que delles imitou Gabriel Pereira de Castro, pouco e bem pouco será o que lhe hade restar de seu. Assim tudo se póde encontrar n'este poema, que não deixa de

ter merito poetico pelo brilhante talento do autor, menos originalidade de invenção. Além disso o estylo pelo qual o elevárão ás nuvens os contemporaneos é, segundo o citado visconde, o prototypo da *Fenix-Renascida*, o requinte do gongorismo, cujo patriarcha foi o autor em Portugal.

Eis uma pequena amostra desse estylo alambicado, em duas das estancias, nas quaes o poeta descreve a belleza de Calypso:

Uma cota leonada traz vestida
De borboletas de ouro semeadas,
E de serpes de Aljofar guarnecida,
Nos golpes com diamantes apertada:
Sôlta pelas espaldas a comprida
Madeixa do cabello, tão dourada,
Que do Sol parecia um novo ensaio,
O rosto um Sol, cada cabello um raio.

Em seu divino rosto a mesma idea
Da belleza igualada se mostrava,
E na luz que voando amor rodea,
Contente e lisongeiro se abrasava,
Si a mão que faz a neve escura e fea,
Por compôr o cabello levantava,
Alli se veem arder em fogo leve
As desiguaes pyramides de neve

Assim a leitura deste poema, que já não póde offerecer grandes atractivos para quem tem licção dos poetas, a cada passo imitados e copiados, cança e fatiga pelo exagerado do estylo, que tantas vezes se aparta

do natural para cahir no *amaneirado* ou no turgido. Pódem muitos logares delle até excitar a admiração do leitor, porque o talento do poeta é grande, e a sua metrificação perfeita; mas bem poucos de certo lhe commoveráõ o coração, porque o autor o que soube menos foi exprimir o sentimento, a não ser uma ou outra rarissima vez, quando o abandonava a sua mania de encarecer. A imaginação de Gabriel Pereira de Castro, mais brilhante, que bem regulada, o impellia mais para o que podia deslumbrar, que para o que podia commover.

Escolherei para lêr-vos uma das passagens do poema em que o autor se mostra mais original, e uma das mais bellas,—a chegada de Ulysses á Luzitania, e a sua entrada no Tejo no canto V. Por ella podereis ajuizar do merito do poeta.

.....

O claro Betis, o Ana caudaloso,
E o Sacro Promontorio já dobravão,
E com Favonio alegre o seio undoso
Da Lusitana costa navegavão:
Para onde o Tejo paga seu famoso
Tributo, as leves prôas se inclinavão.
Levando ao mar riquissimo thesouro
De prata as aguas, e as areas de ouro.

Uma garça do Tejo ao ar se erguia,
Que o vento na presteza atraz deixava,
E como que a queixar-se ao Ceo subia,

Ao fogo as leves pennas arriscava,
A que uma aguia real detraz seguia,
Que em volta por chegar-lhe se apressava,
Levando sempre a vista firme, e prompta
Na garça, que entre as nuvens já remonta.

Depois de em largos giros ter cortado
Os diafanos ares vem descendo,
Como um raio de Jupiter alado,
A garça as brancas azas encolhendo,
A que a aguia por um, por outro lado
Co'os cerrados encontros o ar rompendo,
Instando opprime, e com furor aferra,
Onde era o fim da vida o fim da guerra.

Vendo Ulysses o caso aos seus gritava:
Aqui, amigos, se acaba o grão caminho,
Com que d'um Fado n'outro nos levava
Boreas, varrendo o mar c'o negro pinho:
Para este porto o Fado nos guiava,
Aqui alcançamos desejado ninho,
Que estes signaes que vejo, m'o declarão:
A que todos com vozes acclamárão.

Cada qual do trabalho satisfeito,
Que tem passado, está ledo, e contente,
O Tejo ás naos cançadas punha o peito,
Que atraz da pôpa murmurar se sente:
Chegárão aonde em dilatado leito
Emula ao mar se estende a grão corrente,
E cada uma das naos qual mais ligeira
A prôa pega na humida ribeira.

Descanção nas amarras, e procura

Sahir a gente em terra alvoroçada.
A area beija, e bebe a fonte pura
Nas mãos por alvas pedras derivada:
Assentão-se contentes na verdura,
Onde o prado lhe faz verde almofada
Junto das fontes, onde seus licores
Bebem avidamente hervas, e flores.

Como vesdes doceis os levantados
Bosques davão repouso ás brandas aves,
Que espalhando queixumes namorados,
Leves fazem da calma as horas graves:
Chovem das folhas somnos socegados,
Que perturbavão Zefiros suaves,
Entre as hervas parecem serpes vivas
De cristal puro as lynfas fugitivas.

Aqui um pastor de venerando aspeito,
Que o gado neste monte apascentava,
Nos annos grave, a quem no largo peito
A copiosa barba descançava:
Ás perguntas, que Ulysses tinha feito
Da terra, e por que Rei se governava,
Lhe diz: Aqui se estende o mar profundo,
Onde da agua começa o maior mundo.

Aqui de Lusitania é grão cabeça,
D'onde passar não saberá o desejo,
Aqui a terra se acaba, o mar começa,
Onde seu nome perde o doce Tejo:
Que para que com o Lethe se pareça
Nos ares, na frescura, no sobejo
Mimo da terra, quantos o bebérão
De tudo o mais do mundo se esquecerão.

Por Gorgoris o Reino é governado,
Que o ama, sem queixar-se de opprimido
De outro poder maior, nem é vexado
Do tributo com traças admittido:
Com duas canas diante acompanhado,
Dos seus amando sahe, e sahe temido:
Quem quer que o temão por injustos modos,
Quando todos o temem, teme a todos.

De Jupiter é neto, porque estando
Na torre Danae donde a recolhia
Achrisio, n'um orvalho alegre, e brando
Convertido o grão Jupiter descia:
Daqui Perseo nasceo, Danae cortando
C'o filho o mar por desusada via,
Á Italia veio em barcos de Neptuno,
Onde a quiz por esposa o grão Piluno.

Perseo cresceo, e co'a fatal espada
Talares de Cilenio, escudo forte
De Pallas, a cabeça vio cortada
De Gorgona, que entrega á eterna morte:
Do ar pizando a região dourada
A Estella vio por perigrina sorte,
Á terra desce em lucidos talares,
Abrindo namorado os leves ares.

Governava este Reino o grande Abante
Da bella Cynthia esposo, e pai de Estella
Dotada de um angelico semblante,
Sobre os extremos de belleza bella:
Perseo a vio e amou, e nesse instante
Porque lha nega o pai, quiz pertendel-a
Por armas, e c'o escudo, que trazia,

A singular batalha o desafia.

No Cynthio monte armado Abante espera.
Confiado em suas forças, e o valente
Perseo descobre logo a imagem fera
No escudo, que cingia a grão serpente:
Abante alheio do que de antes era,
Em pedra dura transformar-se sente,
E os que neste perigo o acompanhárão,
Os membros em penhascos transformárão.

Foi Estella por elle alli roubada:
Hymeneo, que lh'a déra por esposa,
Assiste sem cothurnos, e apagada
A tocha d'antes clara, e luminosa:
De Cynthia tomou Cintra celebrada
O nome, que em rochedos é famosa,
Gorgoris nasce, e como a idade chega,
Perseo se parte, e o Reino ao filho entrega.

Por estes montes Gorgoris galhardo
Ao usso, e javali fero arremette,
Sacudindo ligeiro o mortal dardo
De cima de belligero ginete:
Ao veado cornigero, ao pardo,
O animal mais feroz bravo acommette.
E no rio, e nos montes fatigada,
A veloz garça e a perdiz pintada.

Este alto Rei, que cede em valentia
Ao forte Alcides, vence juntamente,
Ao seu valor na branda cortezia,
Mais que na lingua em obras eloquente:
Sendo disto avisado elle viria

Regalar-vos, e a toda Grega gente
Que sempre as náos que porto aqui tomárão
Nelle favor, e acolhimento achárão.

Cessou, e o monstro, que as estrellas toca,
Que com mil olhos vê, mil pennas vôa,
Que adquire forças caminhando, e troca
Em varias formas tudo que apregôa:
Applicando ao metal sonoro a boca,
Que deste polo ao mais remoto sôa,
Tinha já publicado como a armada
Estava sobre as ancoras fundeada.

Já Gorgoris a gente preparava
Por ver as náos, que ao porto tem chegado,
E a pequena cidade se alterava,
Donde sahia de armas rodeado:
Quando com Leostenes encontrava,
Que do Grego fortissimo enviado
Os discursos e os erros lhe declara
Dos mares, por que Ulysses navegára.

Elle, que as causas na memoria tinha
De amar a Ulysses, desce da alta serra,
E alvoroçado pelo vêr caminha
A offerecer-lhe o porto, e propria terra:
Encontra o Grego, que a buscal-o vinha.
Torna-se em paz a imaginada guerra,
Dão-se os braços, e as mãos, e do que via
Ulysses obrigado lhe dizia:

Já dos trabalhos, que passado tenho,
Me esqueço para os dar por bem passados.
Pois por elles a vossas terras venho

Para favores receber dobrados:
Os mares, que sulquei, no fraco lenho
Entre o rigor dos ventos indomados,
Me serião suaves, se cuidára
Que a fortuna a este porto me arrojára.

Ha muitos annos, Gorgoris dizia,
Que vos venero só por nome, e fama,
Que ouvindo amor nos animos se cria,
Como por olhos, por ouvidos se ama:
O que de Achilles e de vôs ouvia,
E de Troya já entregue á mortal flamma,
Me accendia n'um fogo, e n'um desejo
De ir vêr o Xanto, e de esquecer o Tejo.

Na regia sala Ulysses esperava
Astrea com Calypso peregrina
No parecer, que os ares inflammava
Nos raios de sua luz clara, e divina:
O paço de tapizes se adornava,
De Persico brocado, e seda fina,
As lavradas cadeiras põem diante
De evano, e puras linhas de elefante.

A todos diz Ulysses: Justamente
Espero achar em vós favor, e amparo,
Podendo-me animar ser descendente
Do vosso mesmo sangue illustre, e claro:
Gerou Achrisio Jove, elle o valente
Laerte de Anticlea esposo caro,
Destes nasci, a quem o Fado chama
Por trabalhos sem fim a immortal fama.

Vós procedeis de Danae, por quem dece

Jupiter namorado, e tão rendido,
Que em grãos de ouro por preço se offerece.
Do Olympo, e suas grandezas esquecido:
Avô de ambos é Jove, e se conhece
Ter deste illustre tronco procedido
Os grandes ramos desta planta altiva,
D'onde dos dous o sangue se deriva.

Assentão-se, e Ulysses levantando
A voz, que de Hybla os favos igualava,
As iras de Neptuno vai contando,
Que pelo cego filho executava:
De Circe o gazalhado, e como entrando
Nos campos infernaes, que a Estige lava.
Só por vêr Anticlea aventurára
Ao Cerebro trifauce a vida cara.

Pendem de sua boca, em quanto conta
Da navegação larga o grão perigo,
Doce a memoria faz da antiga affronta
Com graça nova, e com saber antigo:
Calypso (que com a alma, e vista prompta
Tecendo um labyrintho está comsigo,
Do que ouve ao capitão grave e eloquente)
Um cego fogo nas entranhas sente.

Entre as Reaes pessôas assentado
Ulysses se enlevava no que via
Da formosa Calypso, que a seu lado
Mais formosa que o Sol lhe parecia:
Nos olhos se encontravão, e alterado
O coração na vista suspendia,
Descobrindo o que sente no que cala,
Que amor é mudo, e pelos olhos falla.

Era gastada a vagarosa tarde,
E das estrellas lucidas cahindo
A noite escura vem lenta e cobarde,
A sombra as portas do temor abrindo:
Quando a formosa sala em fogo arde,
Um novo, e claro dia repetindo,
Enchião lautamente a regia mesa
Os manjares com pompa, e com grandeza.

Vencida a cêa, ao capitão famoso
Perguntavão da guerra e da victoria
As causas, porque o Ilyon poderoso
Perdêra a antiga, e peregrina gloria:
E do exercito Grego victorioso
As batalhas, que tinha na memoria:
Por lhe dar gosto o Grego referia
Com grave, e branda voz, e assim dizia:

. . . . . .

Na passagem que acabei de lêr-vos, notai primeiramente a bella descripção da garça real perseguida pela aguia que vai dar-lhe caça nas nuvens, a que remonta, fal-a depois descer descrevendo giros, a empolga e despedaça nos ares. É um quadro assás poetico e verdadeiramente admiravel pelas côres de verdade que n'elle sobresahem, e chamão a nossa attenção:

Uma garça do Tejo ao ar se erguia,
Que o vento na presteza atraz deixava,
E como que a queixar-se ao Ceo subia,
Ao fogo as leves pennas arriscava,
A que uma aguia real detraz seguia.

Que em volta por chegar-lhe se apressava,
Levando sempre a vista firme, e prompta
Na garça que entre as nuvens já remonta.

Depois de largos giros ter cortado
Os diafanos ares vem descendo,
Como um raio de Jupiter alado,
A garça as brancas azas encolhendo,
A que a aguia por um, por outro lado,
Co'os cerrados encontros o ar rompendo,
Instando oppriine, e com furor aferra,
Onde era o fim da vida o fim da guerra.

Vêde como é pittoresca, graciosa e amena a pintura dos sitios aprasíveis banhados pelo Têjo, em que os nautas tomão terra, e repousão das fadigas de uma longa e perigosa navegação. Notai mais como é natural e bem descripto o encontro de Ulysses com o pastor que lhe dá noticias da terra e do bello caracter de Gorgoris, rei della, que mais rege os povos com o amor que lhes inspira, que com a autoridade de rei e senhor.

Não é menos poetico o recebimento que este faz nos seus paços ao heroe Grego, cujo nome e proezas já conhecia por fama.

Notai finalmente a belleza dos versos, o estylo harmonioso, como lhe chama monsieur Ferdinand Denis, e a riqueza da linguagem poetica, que tanto mais brilha, quanto mais natural é nesta passagem, que felizmente se não acha desfigurada por encarecimentos requintados e hyperboles descommunaes. Si todas as passagens do poema fossem escriptas em es-

tylo tão natural e fluente, como esta, não mereceria elle o nome de *sequispedal Ulyssêa*, que lhe dá o visconde de Almeida Garrett, e seria sem duvida o segundo depois dos *Luziadas*.

Não faltava a Gabriel Pereira de Castro grande engenho e talento poetico, mas a erudição que o tornou constante imitador e copista, tirou-lhe toda a originalidade na composição, assim como a pueril vaidade de brilhar, que o fez exagerado e turgido, tirou-lhe toda a naturalidade no estylo.

Ainda assim quanta belleza de imagens, quanta riqueza de linguagem poetica, quantas passagens de outros poetas superiormente imitadas, quanta harmonia de versificação, quanta pureza na phrase, não contém esse poema, que pelo exagerado e hyperbolico do estylo contravem as regras do bom gosto! Sem os vicios apontados Gabriel Pereira de Castro seria um grande poeta, porque á vista de tanto luxo esperdiçado impossivel é desconhecer que a natureza o formou poeta ao nascer. É pena que um engenho tão ricamente dotado se deixasse fascinar pelo ouropel dos falsos brilhantes, com que a escola de Gongora desfigurou a poesia portugueza, que havia sido elevada á tamanho grão de esplendor por Ferreira, e principalmente por Camões, o maior de todos os nossos poetas.

A mesma louca vaidade que teve neste seculo José Agostinho de Macedo de querer competir com Camões, teve dous seculos antes Gabriel Pereira de Castro de querer competir com Homero; e supposto fosse enge-

nho superior a Macedo, naufragou como elle na empreza, e hãode naufragar quantos quizerem imital-o. Melhor fôra que Gabriel Pereira de Castro, em vez de querer inutilmente medir forças com o pae da poesia, aproveitasse uma tão rica veia poetica, escolhendo outro assumpto, ou pelo menos outro heroe, para o seu poema, que teria então mais originalidade, e por conseguinte mais merito.

Cumpre sobretudo aos amantes da boa poesia evitar o estylo guindado e alambicado deste poeta que chama a Hellena, *raro monstro de belleza*, e que diz ao descrevel-a,

Quando no Céo da altiva fronte abria
Um e outro Sol na luz, que derramava,
O campo todo, todo o ar ardia,
Que a tudo dava ser, tudo animava:
A cada passo seu um Céo movia,
A cada raio seu um Sol mostrava:
A cada olhar abria um paraiso,
E um coração feria a cada riso.

De iguaes monstruosidades poeticas de mão gosto está cheia a *Ulysséa*, pois é abrir o livro e deparal-as a cada passo, e a todo e qualquer proposito. Tal era a extravagancia então em moda na poesia, e até na prosa que não ficou isenta della!

Mas si Gabriel Pereira de Castro se *hespanholou* pervertendo o gosto, ao menos não *acastelhanou* a lingua como Vasco Mousinho de Quevedo, porque o seu portuguez é castiço e de lei. Seja isto dito em seu louvor:

pois em tempo de tanta corrupção litteraria e moral não foi pequena virtude o ter conservado a pureza do idioma, que outros maculárão.

Tendo apreciado os dois principaes poetas do terceiro periodo litterario, passarei nas seguintes prelecções a analysar os principaes prosadores do mesmo periodo, a começar por Frei Luiz de Sousa.

SECÇÃO SEGUNDA.

Frei Luiz de Sousa, prosador: sua biographia; sua Vida de D. Frei Bartholomêo dos Martyres; sua Historia de S. Domingos; seus Annaes de D. João III.

LICÇÃO XXXVIII.

Tenho, Senhores, de apreciar hoje a um dos principaes prosadores, e pela ventura o maior do terceiro periodo litterario, Frei Luiz de Sousa, que floreceo no primeiro e em parte do segundo quartel do seculo XVII, ou nos reinados de D. Felippe II e de D. Felippe III de Portugal. Este autor, cuja vida é um tecido de aventuras mais ou menos extraordinarias, ou um verdadeiro romance, a dar-se credito a seus biographos, é um dos escriptores mais abalisados depois do Tito Livio Portuguez, João de Barros, e um de nossos primeiros classicos, ou se attenda á belleza da dicção e dotes de estylo, ou á copia e pureza da linguagem, em que nenhum lhe leva vantagem.

E tanto maior é o seu merito, que, escrevendo já em tempo que a lingua se abastardava, e o bom gosto se corrompia com o dominio hespanhol, soube não só

mostrar-se portuguez em seus escriptos, preferindo o patrio idioma ao castelhano, em que alguns portuguezes compunhão então as suas obras, como tambem evitar a corruptella que invadira a nossa litteratura, não cahindo nem nas declamações affectadas de Jacinto Freire, nem nas argucias e trocadilhos de palavras do Padre Antonio Vieira, que forão ainda seus contemporaneos.

Nascêo Frei Luiz de Sousa, chamado no seculo Manoel de Sousa Coutinho, em Santarem no anno de 1555, e fallecêo em Maio de 1632, com 77 annos de idade pouco mais ou menos. Isto mesmo porem é controverso, porque o Sr. Alexandre Herculano, fundado em que o autor diz nos Annaes de D. João III «que contava *numero de annos sobre setenta*», infere que devia elle contar na data de seu fallecimento de 73 á 75 annos de idade, pois do contrario diria com mais propriedade que se aproximava dos oitenta; mas então, como bem observa o Sr. Innocencio Francisco da Silva, deveria ter elle nascido em 1557 ou 1559, e não em 1555, segundo referem seus biographos.

Foi quinto filho de Lopo de Sousa Coutinho, varão mui conceituado por suas excellentes qualidades, e de D. Maria de Noronha, ambos illustres por sua nobreza.

A educação que recebêo de um tal pae não podia ser mais esmerada, porque não só estudou com perfeição a lingua latina e as humanidades, mas teve tambem em casa o exemplo das virtudes paternas a imitar; de modo que sendo mancebo ainda de verdes

annos, já se distinguia entre os companheiros por sua sisudeza, aviso e descripção.

Quando porem não houvesse disto memoria, ahi estavão seus escriptos para attestar o grande aproveitamento de sua educação litteraria e moral, robustecido com estudos posteriores, feitos durante uma longa vida.

Não podendo ser herdeiro do morgado de seu pae, dispoz-se a seguir a profissão das armas, a que o inclinavão os brios proprios e os de seu appellido. Logo depois de concluidos os primeiros estudos alistou-se como noviço na Ordem Militar de Malta; mas antes de professar foi tomado pelos Mouros em uma galera da mesma Ordem, e levado captivo á Argel pelos annos de 1575 á 1576. Resgatado ao que se ajuiza em 1577, ou no mesmo anno em que fallecêo seu pae, e impressionado sem duvida por este desgosto, voltou á Portugal por via de Hespanha em 1579, segundo a opinião mais seguida.

Assim não chegou a estar bem dois annos no captiveiro, no qual adquirio conhecimento, e contrahio amisade com o celebre Miguel Cervantes, autor do *D. Quixote*, captivado tambem pelos Mouros pouco tempo antes delle, e depois resgatado. Folgamos de mencionar como cousa singular esta nobre amisade, que ligou os dois maiores engenhos da Peninsula Hispanica naquella época, si bem diversos fossem os generos de composição em que primárão.

Restituido á patria não tratou de professar na sua Ordem, mas passou por vezes ás Indias Orientaes e

Occidentaes, por causa de guerras, e motivos de honra, que a isso o movêrão, como refere Frei Antonio da Encarnação na sua introducção á segunda parte da Chronica de S. Domingos, e é ponto averiguado pelo menos no que diz respeito ás Indias Orientaes, porque o autor, tratando nos seus citados *Annaes* da viagem que fez D. Estevão da Gama á Suez pelo Mar Roxo, e dos perigos que corria D. João de Castro, tomando a altura n'aquellas paragens, diz que *falla como experimentado*. Não se sabe porem positivamente a época, em que fez taes excursões, posto seja certo que as fez.

Voltando de novo á patria e ás suas occupações e estudos ordinarios, casou, suppõe-se que entre 1587 e 1588, com D. Magdalena de Vilhena, tida por viuva de D. João de Portugal, o qual passava por morto na batalha de Alcacer-Quebir juntamente com el-rei D. Sebastião, a quem acompanhára na infeliz jornada de Africa.

Desta senhôra, com a qual vivêo casado alguns annos, residindo ora em Lisbôa, ora na sua quinta de Almada, teve uma filha que fallecêo de tenra idade. Depois por commum accôrdo entrárão ambos para a religião, fazendo divorcio santo.

Eis em resumo o motivo que dá o mencionado Frei Antonio da Encarnação desta tão extraordinaria, como subita separação entre os dois conjuges.

«Estando D. Magdalena na sua quinta de Almada a conversar com Frei Jorge Coutinho, irmão de Manoel de Sousa Coutinho, que então se achava ausente, dê-

rão-lhe recado que lhe desejava fallar um peregrino chegado de fóra do reino. Introduzido, disse este que vinha de Jerusalem, onde fóra ter com elle um Portuguez, e lhe pedira, sabendo que partia para o reino, que procurasse por D. Magdalena, e si fosse viva, lhe dissesse que ainda por lá vivia quem della se lembrava. Ficou D. Magdalena sobresaltada; e inquerindo do peregrino que estatura de corpo, feições e côr de rosto tinha o homem que lhe déra o recado, tudo o que a tal respeito foi por este descripto quadrava ao vivo com a pessôa de D. João de Portugal. Teve D. Magdalena um desmaio; o que vendo o mestre Frei Jorge levou o peregrino para uma sala, onde entre outros retratos se achava tambem o de D. João de Portugal; e disse-lhe: Si virdes a imagem do homem que vos dêo o recado em Jerusalem, conhecel-o-heis? Respondêo o peregrino que sim: e correndo os olhos pelos retratos, apontou sem demora para o de D. João de Portugal, dizendo—é aquelle; e despedio-se.»

«Quando voltou Manoel de Sousa Coutinho, dêo-lhe D. Magdalena de Vilhena conta do succedido; e ambos por instigações deste tomárão o accôrdo de separar-se para sempre, entrando elle para o convento de S. Domingos de Bemfica, onde ao cabo de um anno de noviciado professou a 8 de Setembro de 1614, tomando o nome de Frei Luiz de Sousa, e ella para o mosteiro do Sacramento, onde professou na mesma data com o nome de sóror Magdalena das Chagas. Nem d'ahi em diante se virão mais, nem sequer escrevêrão.»

O motivo desta separação que uns classificão de romance, outros teem por veridico, é quanto a nós muito e muito provavel, por ser a explicação mais natural da subita resolução dos dois esposos de morrerem inteiramente um para o outro, sequestrando-se do mundo. Em verdade, só um grande e commum desgosto podia depois de tantos annos de feliz união, leval-os a tomar esta resolução extrema e irrevogavel.

Este successo que tem todos os visos de verdadeiro, dêo assumpto a um dos mais bellos dramas do Theatro Portuguez, o *Frei Luiz de Sousa*, do Visconde de Almeida Garret, onde o pathetico é levado ao seu auge, e o coração do leitor ou expectador, profundamente commovido com a situação despedaçadora dos dois esposos, victimas da mais cruel fatalidade.

No claustro é que Frei Luiz de Sousa, cuja vida fôra tão agitada no mundo, se dedicou exclusivamente ás lettras, e começou a ser conhecido como autor; pois quasi todas as suas obras, e não são poucas, forão compostas nos 19 ou 20 annos, que se seguirão á sua professão religiosa. Ahi sem se dispensar das obrigações monasticas, que lhes absorvião parte do tempo, escrevia tres folhas de papel por dia, pesada tarefa que se havia imposto sem duvida como distracção ás suas mágoas, que desejava esquecer. Qual não seria a tempera daquelle espirito, que podia bastar á um tempo ás longas meditações religiosas dos estatutos da ordem, e á tão continuo e aturado trabalho de composição?!

Compoz as seguintes obras:—*Vida de D. Frei Bartholomêo dos Martyres, Arcebispo de Braga e Primaz das Hespanhas*, pela primeira vez impressa em Vianna por Nicolão Carvalho em 1619: *Primeira Parte da Historia de S. Domingos*», pela primeira vez impressa no convento de S. Domingos de Bemfica por Giraldo de Vinha em 1623: *Segunda Parte da Historia de S. Domingos*, pela primeira vez impressa em Lisbôa por Henrique Valente de Oliveira em 1662: *Terceira Parte da Historia de S. Domingos*, pela primeira vez impressa em Lisbôa por Domingos Carneiro em 1678: *Considerações das lagrimas, que a Virgem Nossa Senhôra derramou na sagrada paixão*, pela primeira vez impressas em Lisbôa por Giraldo de Vinha em 1625: *Annaes d'el-rei D. João III*, pela primeira vez impressos em Lisbôa por diligencia do Sr. Alexandre Herculano em 1846. Traduzio alem disso do Latim para o Portuguez a *Vida do beato Henrique Suso*, pela primeira vez impressa em Lisbôa por Lourenço de Anvers em 1642.

De todas as obras de Frei Luiz de Sousa a unica que precedêo á sua entrada para a Religião, foi a traducção da vida do beato Suso, ou a menos importante dellás. Assim a profissão déste autor no convento de S. Domingos de Bemfica foi um acontecimento feliz para a litteratura patria, que se vio enriquecida com tantas e tão primorosas producções do seu riquissimo engenho, as quaes não terião certámente existido, si não fosse o desgosto domestico que o levou ao claustro aonde as

meditou e elaborou. Por isso se diz que ha males que vêm por bem.

O merito deste autor que manejou a espada do soldado, o incensorio do levita do Senhor, e a penna do escriptor, é de mui subidos quilates na opinião da maior parte dos criticos, entre os quaes folgamos de contar o Visconde de Almeida Garret, que lhe consagrava particular devoção, e o Sr. Alexandre Herculano, que o chama o principal de nossos autores classicos.

Como historiador grande era a sua diligencia em colligir materiaes, não se poupando a trabalho de consultar documentos, e fazendo até viagens para adquiril-os, como attestão os que juntou para escrever os *Annaes d'el-rei D. João III*, que ficárão imperfeitos, ou porque faltasse a vida ao autor, ou porque não apparecesse a cópia mais aperfeiçoada que delles tirou. O que praticou com os Annaes, devia com mais razão fazêl-o relativamente á vida do arcebispo, e á historia de S. Domingos, que levou á sua perfeição, dando-lhes a ultima demão, porque o seu systema era ir compondo á medida que consultava os documentos. Um autor tão bem informado é digno de todo o credito no que respeita á veracidade dos factos que relata, e das causas occasionaes que os produzirão na ordem moral.

O pouco criterio, ou antes a candura, com que expende algũns milagres nas duas ultimas obras, tem assás desculpa na crença exaltada dos tempos em que escrevêo. Defeitos analogos se depárão na historia romana de Tito Livio, sem que ella tenha sido porisso

menos admirada desde a antiguidade até nossos dias.

A fórma que dêo ás diversas historias que compoz, não podia ser mais apropriada, porque o estylo é sempre fluido, elegante e nobre, ou antes maravilhoso, como lhe chama o Sr. Alexandre Herculano; sendo que ao autor nunca falta cópia e louçania de termos, riqueza e variedade de elocução, propriedade e pureza de linguagem, eloquencia e elevação nos logares proprios, numero e harmonia na phrase sempre cheia. Si o estylo é o homem, a alma de Frei Luiz de Sousa devia ser uma das mais bem formadas, porque o seu estylo reune todos os caracteres de perfeição, e nada deixa a desejar. Este autor, ou se attenda á belleza da fórma, com que soube revestir as suas composições, ou á isenção de vicios em que cahîrão os escriptores seus contemporaneos, é um dos que podem por mais justo titulo servir de modelo á mocidade estudiosa, que muito aproveitará com a sua licção.

Tendo-vos dado conveniente noticia da vida e obras de Frei Luiz de Sousa, passarei em outros discursos a analysar as melhores passagens de cada uma destas, pondo aqui termo ao de hoje.

LICÇÃO XXXIX.

O prosador com quem me vou hoje occupar, Frei Luiz de Sousa, cuja biographia tracei no precedente discurso, é sem duvida o maior do seu seculo, fertil aliás em escriptores de primeira ordem, como o são, alem deste, Jacintho Freire e o Padre Antonio Vieira. Querem até muitos que seja elle o principal prosador da lingua portugueza; outros porem adjudicão a primazia a João de Barros, que tem, quanto a nós, pelo menos o merito de haver sido o primeiro que dêo á nossa prosa a fórma mais conveniente, aperfeiçoando-a em tudo que respeita ao numero, á riqueza de dicção e magestade do estylo.

Como historiador percorrêo este escriptor toda a escala historica, á saber:—a biographia, a chronica, a historia propriamente dita; pois escrevêo a *Vida do arcebispo de Braga, D. Frei Bartholomêo dos Martyres*, a *Historia de S. Domingos ou a chronica da sua Ordem*,

os *Annaes d'el-rei D. João III;* e é incontestavelmente o segundo depois do Tito Livio Portuguez, ou se attenda ao fundo substancial de seus escriptos, ou á fórma de que soube revestil-os, imprimindo-lhes o indelevel cunho do genio.

É este prosador o maior do seculo VII, porque reunindo todas as virtudes de estylo, que constituem o grande prosador, não cahio nos vicios que desfiguravão a nossa litteratura, corrompida naquella época pela escola Hespanhola, e de que não forão isentos os dois seus contemporaneos citados, que podião aliás competir com elle em merito, e a que alguns dão nada obstante a preferencia. Tanta é a diversidade de opiniões em materia de gosto!

Releva porem dizer aqui que o seculo VII na sua primeira e segunda parte não produzio unicamente os tres prosadores de primeira ordem mencionados, cujas obras nos propomos analysar, mas outros de segunda ordem que não deixão de ter merito, como Frei Bernardo de Brito, Duarte Nunes de Lião, Frei João de Lucena, D. Francisco Manoel de Mello, e outros, dos quaes alguns escrevêrão ou em Castelhano, ou em Latim, como Faria e Sousa, e o bispo Jeronymo Ozorio.

Das obras de Frei Luiz de Sousa deve ter o primeiro logar em nossa apreciação—a *Vida do arcebispo de Braga,* não só porque foi a primeira na ordem da publicação, mas porque parece haver sido um dos primeiros productos do engenho do autor depois que entrou para o claustro, posto elle escrevesse ao mesmo

tempo a *Historia de S. Domingos*, cuja primeira parte foi impressa tres ou quatro annos depois, occupando os *Annaes d'el-rei D. João III* os ultimos annos de sua vida, visto que em 1627 é que recebêo a carta d'el-rei D. Felippe III de Portugal, recommendando-lhe que os escrevesse.

A *Vida do arcebispo* é uma historia dividida em seis livros, a mais completa no seu genero que era para desejar, porque nada do que no santo prelado póde interessar, ou dar idéa do seu caracter, e edificante maneira de viver, escapa á elegante penna do escriptor que teve em vista reproduzir nella o transumpto fiel do varão, ou antes do heroe apostolico, digno dos tempos da primitiva igreja, por suas lettras, virtudes, santidade de costumes, abstinencia, zelo da propagação da fé, e ardente amor do proximo.

É curioso ver o parallelo que, á vista da impressão que lhe causou o livro de Frei Luiz de Sousa, faz M. Ferdinand Denis entre o arcebispo de Braga, D. Frei Bartholomêo dos Martyres, e o de Cambrai, o illustre Fenelon, por isso aqui o reproduzirei em substancia:

«Parece-me (diz elle) que o autor teve intenção de pintar na pessôa de Bartholomêo o typo do religioso portuguez elevado á alta dignidade ecclesiastica, representando-o como essencialmente paciente e humilde. Seguimol-o com admiração nas correrias que emprehende ao seio das mais escabrosas montanhas para visitar pobres igrejas, onde nunca entrárão prelados. A mesma impressão se experimenta, quando o vemos regei-

tar dignidades para internar-se na solidão do claustro. Seu fim é digno de um estoico, a alma eleva-se, observando a energia da coragem, que submette a força da dôr, e faz da morte um triumpho. Não sei, mas ficamos com isso mais admirados, que commovidos.»

«O arcebispo de Braga não faz sentir em geral o doce interesse espalhado sobre o de Cambrai, menos austero, mas verdadeiramente mais humilde. Vêde que differença na maneira de exercer a charidade».

«Fenelon vê um amigo desgraçado em todos os homens, seus olhares o consolão tanto como as suas doces palavras. O arcebispo de Braga dá tudo quanto possue; mas no momento em que offerece o obolo do pobre, seus olhos estão voltados com extasi para o ceo, não os abaixa para o desgraçado; quer ser justo na partilha, deve soccorrer os homens, mas não quer ser influenciado pela expressão do seu reconhecimento, nem pela das suas necessidades.»

Voltando porem á minha analyse, direi que a *Vida de D. Frei Bartholomêo dos Martyres* é uma obra digna de servir de modelo á outras do mesmo genero, seja pela diligencia com que é escripta relativamente aos factos, de que o autor estava mui bem informado, seja pela indagação em que entra das causas reaes ou provaveis, que os gerárão, seja pela belleza da fórma que é admiravel em Frei Luiz de Sousa, porque o seu estylo é sempre fluido, elegante, e ornado das galas do dizer. Si ha nella alguma cousa a notar, não é certamente a falta de noticias biographicas, mas a riqueza

e superabundancia dellas, muitas das quaes podião ser omittidas pelo seu pouco vulto, e nos parecem todavia interessantes pela magia do estylo, que nos captiva e prende. O estylo deste autor, que encobre não poucas vezes a pouca elevação da materia, póde no que tem de atractivo ser comparado a uma especie de canto de Sereia, pois illude-nos não poucas vezes.

Passarei a ler-vos os capitulos X e XI do livro II da *Vida do arcebispo* para que possaes fazer uma idea aproximada do incontestavel merito do autor, que não tem rival em materia de estylo.

X.

Entrou a Quaresma deste anno de 1562. E ainda que as occupações que todos tinhão erão grandes e continuas, quiz o Arcebispo que os menos occupados tambem de sua parte ajudassem animando ao trabalho e acendendo em devação * os que com suor e fadiga continua cavavão na vinha do Senhor: e ordenou pera este effeito alguas prégações particulares dos Padres Portuguezes que havia em Trento. Tocou o primeiro Domingo da Quaresma ao Padre Frei Anrique de S. Jeronymo, aliás de Tavora, seu companheiro, e foi ouvido por essa rezão de grande parte dos Padres do Concilio. O sermão foi tal que redundou em honra da Ordem, e do Arcebispo, a quem se davão os parabens por mytos Prelados dizendo, que bem se parecia o filho com o pay, e o discipulo

* Conservei a orthographia do autor em tudo o que se podia referir á pronuncia como um indicativo desta naquella época, fazendo apenas leve alteração na dos verbos, SER, e HAVER, bem como na dos pronomes conjunctivos.

com o mestre. Não dissimulava o Arcebispo o contentamento que estas novas lhe davão pera dar graças a Deos, conforme ao que está escrito. *Filius sapiens laetificat patrem.* E não era adulação, que os de melhor voto affirmavão que até equelle dia se não ouvira naquelle sapientissimo Senado outro Sermão tão perfeito em todas suas partes. Logo pera a terceira sesta-feira convidou o Arcebispo muytos Prelados Italianos, e de outras nações pera ouvirem o sermão da Vinha do Padre Mestre Frey Francisco Foreyro, de que fallamos no capitulo oitavo. Acudirão a elle todos os Espanhoes pela fama de suas letras, e eloquencia, que ficou de novo acreditada com a obra: e foi causa de o fazerem continuar na Quaresma do anno seguinte com extraordinario concurso, e aplauso, e com hua clara confissão que andava em alto ponto entre os Portuguezes aquelle santo ministerio do pulpito. Entretanto não se descançava em discorrer e ventilar em juntas quasi quotidianas as materias que havião de ser sojeito da futura Sessão. Mas não erão as que o Arcebispo tinha assentado em seu animo que devião ser as primeiras. Porque lhe parecia que como o fim principal daquella sagrada e geral congregação era emendar o mundo e purifical-o de vicios, convinha começar a obra pola parte mais grave delle, que era o Ecclesiastico, e pola melhor do Ecclesiastico que erão os Prelados: e dahi passar ás cousas de menos consideração, e a tudo o mais que havia que remedear, e isto dizia que era proceder com ordem, e tudo o mais chamava prepostero e desconcertado: mas achava votos contra si, que reformação em casa, inda que seja tomada com as proprias mãos não é cousa saborosa, e como negocio em que os maiores e mais poderosos erão os mais interessados, dissimulavão todos, e ião prégando doutras materias, discutindo e difinindo sem

tratarem desta. Porem o Arcebispo não mudou de animo, e tomando forças da mesma contrariedade instava, rogava, persuadia, e aconselhava em publico, e em particular, que não gastassem em cousas de pouca importancia hua[*] tão preciosa occasião como tinhão entre mãos pera grandes effeitos: que começassem logo polo que mais convinha que era alimpar e apurar o Ouro da Igreja, que era o estado Ecclesiastico, que estava escurecido com costumes depravados de dilicias, e pompas, e com muytos vicios que daqui brotavão: que reduzido isto a bom termo, então se procederia ao mais com ordem, e seria facil o remedio em tudo. Que pois erão todos Medicos, e pera curar a Christandade estavão ali juntos, curassem primeiro a si mesmos: que em boa fisica quando ha mal no corpo, sempre é costume acudir primeiro aos membros mais nobres: e pois elles erão os principaes do corpo da Christandade não perdessem tempo em curar o que menos importava. Que assi persuadirião efficazmente ao mundo, e aos hereges, e aos membros podres da Igreja, que sofressem o ferro, e o cauterio, onde fosse necessario, sem poderem dizer. *Medice cura te ipsum.* Vencêo emfim que se entendesse neste ponto em cabo de muytos dias que aporfiou: e tocando-lhe fallar em hua junta, fez hua eloquentissima invectiva cheya de doutrina e zelo Christão contra o o fausto e vaydades com que vivião alguns Prelados, e outros Ecclesiasticos (e nomeou a nação em que mais se enxergava esta superfluidade). E procedendo queixava-se com grande espirito de se quererem defender com titulo de fazerem por esta via mais respeitavel a dignidade. E mostrava que era tão

[*] Todas as vezes que se deparar aqui HUA, leia-se como se estivesse escripta com u nasal.

digna de reprensão a desculpa, como a mesma culpa, e que usavão della por não ter outra nenhua a que arrimar-se. Em fim provava e concluia com vivas rezões, e força de exemplos, que muyto maior é a autoridade e respeito que nos Prelados, e Principes da Igreja cria e grangea a virtude, e zelo da honra de Deos e da salvação das almas, que todo o que podem mindigar e aquirir por vaydades e meyos humanos. Procedeo-se na materia e propoz-se aos Padres em primeiro lugar se era rezão que as pessoas dos Cardeaes fossem na reformação comprendidas. Era neste tempo ordem e mandato de sua Santidade que no votar dos Prelados iguaes em dignidade se tomasse a preferencia da antiguidade em promoção de cadahum sem respeito de Primacias, por evitar as duvidas que ali e em Roma se tinhão levantado por parte dos Embaixadores e Prelados Castelhanos sintidos do prejuyzo que fazia á Cadeyra Toledana o favor que sua Santidade, antes de se abrir o Concilio, fizera ao Bracharense, quando mandou que fosse preferido em voto e lugar a todos os Arcebispos e particularmente a hum que por anterior em promoção se lhe oppunha, como se contem na sua carta do capit. 7. deste livro. Começárão a votar os que por esta rezão ficavão precedendo, e hum apos outro *nemine discrepante*, forão dizendo com a cortezia costumada: que os Illustrissimos e Reverendissimos Cardeaes não havião mister reformados. Quando tocou dizer ao Arcebispo, disse assi, aproveitando-se das mesmas palavras e termo dos que tinhão votado, mas com liberdade, e espirito de Varão Apostolico: *Illustrissimi et Reverendissimi Cardinales indigent illustrissima et reverendissima reformatione.* Palavras formaes que forão celebradas por toda a Christandade com honra do Arcebispo, e o são inda hoje. E não tenho duvida, que como o ouro e outras cousas

boas que ganhão fineza e valor com o tempo, serão mais estimados, quanto mais ao longe lembrarem, visto como o mundo cada dia se vai aventajando a si mesmo em criar nos que mandão animos mais imperiosos, e nos que obedecem espiritos mais cativos. Por isso vão postas como sahirão da boca de quem as disse. A lingoagem é. *Os Illustrissimos, e Reverendissimos Cardeaes hão mister hua Illustrissima e Reverendissima reformação.* E logo virando-se com muyta segurança pera onde estavão os Cardeaes Legados, e fazendo hua muy cortez inclinação, disse com voz grave e sonora. *Vossas Senhorias Illustrissimas são as fontes donde todos os Prelados bebemos: E portanto convem que esta agoa esteja muy limpa e pura.* Aqui se mostrou bem quanto poder tem reformar hum homem primeiro em si, o que pretende emendar nos outros. Como era publica, e conhecida a muyta Religião e rigor de vida do Arcebispo, não sómente não causou alteração esta liberdade nos Cardeaes Legados, mas antes se affirma que ficárão muy edificados della. Pera todos os mais Padres foi materia de gravissimo espanto, e a que nenhum se atrevêra. E não os admirou menos a confiança com que se declarou: e sobretudo verem suas palavras não só toleradas, mas bem recebidas dos Cardeaes.

XI.

. . . . . .

Está a villa de Mazegão situada nas prayas do mar Atlantico, tão vesinha á cidade real de Marrocos, que lhe fica como metida nos olhos. Não tem mais ajudas da natureza que ser fundada sobre hua pedra viva, e ficar-lhe o mar livre, que bate nos maros, e de maré cheya quasi a faz ilha deixando-

lhe nas cavas tres braças de altura d'agoa. Teve o Xarife a victoria por certa, quiz dar a gloria della a Muley Hamet seu filho, moço de vinte annos, brioso e valente, mandou-o com o campo dando-lhe por companheiro e conselheiro a el-rei de Darâ seu tio, e grande numero de Turcos e Granadinos por soldados. Alojárão a meya legoa do lugar cobrindo-se os campos de gente, como de hum diluvio. Donde trabalhando todo o exercito forão levantando e levando contra a fortaleza hua montanha de terra em que fundárão hua grande plataforma, como estiverão a tiro de canhão, e plantárão a sua artilheria (erão vinte quatro peças as que vinhão no exercito: dez de bater, e todas de desmesurada grandeza, em que havia hua que jugava pelouro de cinco palmos e meyo de roda.) Começou a bateria furiosissima, e à sombra della se entendeo em lançar hua grossa trincheira ao longo da cava, que acabárão com estranha brevidade ficando o lugar vallado, e cerrado de mar a mar. Não estavão os cercados ociosos Era capitão mór Ruy de Sousa de Carvalho em ausencia de seu irmão Alvaro de Carvalho proprietario do governo: acudio com diligencia a remedear o que faltava da fortificação, trabalhando com toda a gente incansavelmente dia, e noyte: e no mesmo tempo fazia jugar toda artilheria contra os trabalhadores do campo, que sem perder tiro executava nelles cruelissima mortandade. E por mostrar ao enemigo os animos que dentro havia, não havendo então no lugar mais que seis cavallos, fez sahir nelles seis determinados cavalleyros, que esperando conjunção de maré vazia acometêrão e puserão em revolta o campo descuydado de tal ousadia, e matando muytos Mouros antes de carregar força de gente se recolhêrão em salvo: e tal foi o feyto que obrigárão o enemigo a estar com cuydado, e assentar dali em diante corpo de guarda ao longo

d'agoa. Soou entretanto no reyno a nova do cerco; e era de ver o alvoroço com que todo genero de gente se lançava aos navios pera irem ser companheiros de seus naturaes no perigo, e no trabalho. Assi chegavão cada dia muytos fidalgos, e cavalleyros e soldados, e muitos moços illustres fogidos a seus pays, e embarcados furtadamente: outros não se contentando de servir sómente com suas pessoas levavão á sua custa navios cheyos de soldadesca, e munições: e não forão poucos os que isto fizerão. A Raynha Dona Caterina que governava o Reyno, despachou com o primeiro aviso Alvaro de Carvalho Capitão da força acompanhado de muyta e boa gente, e tras elle alguns fidalgos de experiencia e valor na guerra. Neste tempo não cessando o enemigo de continuar sua bateria contra o baluarte que havia por mais fraco, e sabia que tinha a fortificação interior imperfeita, e lançando dentro na fortaleza muytos pelouros de espantosa grendeza com que fazia muyto dano, vinha juntamente cegando o fosso com terra e faxina, servindo na obra alem de gastadores e gente vil, todos os melhores do campo de pé e de cavallo. Mas como trabalhavão em lugar aberto, e era povo confuso e amontoado, não se pode crer o estrago que fazião nelles os arcabuzeiros e mosqueteiros de dentro, e as infinitas mortes que dava a nossa artilheria, que não cessando de jugar dia e noyte levava polos ares corpos, pernas, braços, cabeças, os quaes membros com a mesma furia que erão arrebatados, fazião officio de pelouros contra os vesinhos e companheiros: e foi tanto o dano, e o pavor, que um dia amanhecêo a obra, e ate a artilheria desemparada. Era conselho do Xarife apertar apressadamente com os cercados, e procurar fazer se senhor da praça antes de lhe entrar força de gente: porque como homem de guerra não ignorava que raramente se perde

lugar que pode ser socorrido: e sabendo que a bateria que se dava ao baluarte não era de tanto effeito como imaginára, mandou voltar todo seu poder não só a entulhar a cava como tinhão começado, senão levantar hua serra de terra que emparelhasse com a mór altura do baluarte: e não faltou o sucesso ao disenho (tanto podem muytas mãos juntas). Era infinito o povo, acudião os Alcaydes, e Capitães, e até Cacizes, que entre elles tem o lugar de Sacerdotes, e pera espertarem ao trabalho alvoroçavão a todos e prometião que em esquadrão haviam de entrar por cima do baluarte, e por muytos milhares que cahião mortos, que ficando logo enterrados ajudavão a crecer a obra. Emfim a puserão em estado, que na altura igualou o baluarte, e na praça recebia cento e vinte homens em fileira. Aqui começárão bravos e temerosos assaltos, e houve de parte a parte grandes feytos, e muytas mortes pelejando-se pé a pé, á espada, e lança varada como em desafio, ou batalha campal. Valia grandemente aos cercados a artilheria dos travezes que varejava os acometedores polos lados com maravilhosa continuação: o mesmo fazia toda a soldadesca que não tinha lugar no baluarte dos combates, com arcabuzes, e mosquetes: mas convinha estar cobertos, porque em aparecendo logo erão pescados com pelouro, seta, ou pedra, que a gente vil, que não jugava arcabuz por não perder ocasião de offender, usava de fundas a uso pastoril, e despedião nuvens de pedras tão espessas, que aconteceo sahir um homem ferido de duas e tres juntas na cabeça. E porque não ficasse nada por tentar ao enemigo, como estava abarbado com a muralha, começou a abrir hua mina a grande pressa contra o baluarte dos combates. Foi sintido que se picava o muro: acudirão os engenheiros, fizerão suas diligencias por atinar que caminho levava: logo

contraminárão, mas com immenso trabalho por ser em rocha viva: emfim encontrárão-se com os de fóra: houve briga debaixo da terra: forão os enemigos lançados fóra com morte dos que trabalhavão, e ficárão os cercados senhores da obra: mas pagárão logo este bom sucesso com hum custoso desastre. Pelejava-se com o enemigo no baluarte, que nos não dava hora de descanço, e estava o baluarte cheyo de fidalgos, e soldados que havia no lugar, huns que pelejavão, outros que esperavão vagante de lugar, por morte, ou feridas dos que aquelles dias aceitárão ser dianteiros: senão quando se levanta dentre os pés hum subito incendio com estrondo, e labaredas que parecia arrebentar algua mina, e não ficou nenhum dos que se achárão perto, que não fosse abrasado com muyto perigo, e alguns ficárão sinalados pera toda a vida. E não coube melhor sorte aos mais afastados, porque sendo empuxados os vesinhos dos que se sintião arder, e estes carregando sobre os que lhes ficavão nas costas que erão os mais afastados, foi força cahirem muitos do baluarte abaixo com novo genero de perigo, e feridas não menos custosas que as do fogo, pola altura do salto, e pesadas armas que todos vestião. Occasionou-se o fogo de uma copia de alcanzias de polvora, e lanças de fogo, que estavão pera servirem aos defensores no combate, e pegando acaso nellas fez temeroso effeito, e todavia mayor na representação, que na sustancia. Como duravão os assaltos imaginárão os nossos engenheiros aliviar os cercados abrindo hua mina pelo entulho, e serra sobre que pelejavão os enemigos: abrirão-na com a commodidade da contramina com que se lhes ganhou a mina que fazião ao baluarte, como atrás contamos. Derão-lhe fogo na mór força de hum combate, estava a serra coberta de Mouros, foi o trovão, e o fogo espantoso, voárão infini-

tos Mouros. E comtudo como não era em corpo solido, foi a mina de menos efficacia, ficou ardendo a faxina, e abateo a terra de maneyra, que fez suspender os assaltos. Aproveitárão-se os cercados do tempo reparando o baluarte com as defesas que a necessidade, e a pressa aconselhava. Mas o enemigo pronto em toda occasião de offender, emquanto os seus corrião com novo entulho pera encherem o que o fogo abatera, prantárão duas bombardas de travez, com que não só desbaratavão os reparos do baluarte, mas ferião e matavão muyta gente. Aqui se vio a destreza dos artilheiros de dentro, ou a força que tem o premio: forão as promessas que os fidalgos lhes fazião de dinheiro e vestidos, tão poderosas, que embocárão hua dellas com morte dos que governavão ambas. Mas tardou pouco a montanha em tornar a tanta e mayor altura. E os alcaydes, como ia correndo o tempo, e sintião o desgosto que o Xarife tinha da dilação, tornárão apertar com os assaltos com mayor braveza que primeiro: e ainda que perdião muyta gente, e da melhor, que estes são sempre os acometedores, tambem nos tinhão mortos muytos e bons soldados, e alguns fidalgos e cavalleyros de muita conta. Fizerão entretanto os engenheiros segunda mina contra o padrasto de terra; e acompangando a de mais polvora teve melhor sucesso que a primeira: deo mais mortes, e abaixou muito mais o entulho. Porem contra tamanho numero de gente nem o alivio era de dura, nem as muytas mortes descobrião falta no serviço: e como tinhão assentado não haver outro meyo pera ganharem a praça senão entrando o baluarte, com estranha brevidade se tornárão a igualar comnosco, e com terribel pertinacia acometer o baluarte. Passava já de mez e meyo que durava o cerco, e ou fosse vergonha do pouco que tinhão feito, ou determinação secreta de

se levantarem, se em breves dias não arrematavão a empreza, quando veio aos vinte tres de Abril derão um assalto tão apertado, e aturado, e peleijado com tanta força, e esforço, que pareceo estar toda a frol do campo junta sobre o baluarte, e vir conjurada a não se apartar sem victoria. Mas não sabia o barbaro em que dia peleijava, dia do glorioso Martyr São Jorze, avogado nas batalhas dos antigos Portuguezes, que nesta conjunção os favoreceo tambem de maneyra, que de longa porfia forão os enemigos rebatidos com bravo destroço, e vergonha, e seguidos de grita, e apupadas de todo o muro: ás quaes sucederão de noyte musicas, e folias, inda que agoadas com mortes e feridas de muytos e bons companheiros. E porque ficasse conhecido o favor do Santo foi cousa averiguada, que no mesmo dia em Lisboa se apelidou vitoria polos mininos das ruas sem se saber causa nem rezão: parece que movia Deos aquella innocencia a celebrar o favor que nos fazia em parte tão distante. Ficárão os Mouros por estremo quebrantados do sucesso deste dia, e derão sinal em hum triste e desacostumado silencio com que passárão a noyte, que nem hua só voz se ouvio em toda ella entre tanta gente. E todavia passados poucos dias de alguns sucessos de menos importancia que deixamos, derão ultimo combate primeiro dia de Mayo, no qual os Turcos e Granadinos, que sempre erão os dianteiros, peleijárão tão valente e denodadamente, que foi o acometimento violentissimo: em nenhum outro se vio a morte tão barata, nem a vida tão pouco estimada: cahião muytos de ambas as partes, e de nenhua se via lugar vazio, porque á competencia havião muytos successores pera cada praça, que a morte fazia vagar. Em todo o espaço que a briga durou, que forão muytas horas, não houve homem que fizesse pé atrás, o lugar que a cada um coube em sorte

pera defender, ou offender, esse sustentou peleijando, ou cobrio morrendo. Ia o Sol caindo, e não havia braço que caisse, ou mostrasse cançar: cerrava-se o dia, e a briga cada vez mais quente, e mais acesa, e parecia que por momentos refrescava. Emfim como em ultimo esforço a noyte deo fim ao combate, e juntamente ao cerco: porque o enemigo sem tentar mais a fortuna em feyto de importancia levantou o campo, e se tornou pera suas terras poucos dias depois.

.....

No primeiro capitulo que vos li, notai a nobre independencia da virtude com que falla o arcebispo de Braga, propondo no concilio de Trento a reforma dos cardeaes, cujo luxo escandalisava a christandade, e necessitava ser cohibido. Vêde como são dignas e eloquentes as palavras que Frei Luiz de Sousa põe na boca do santo prelado, que não receia offender a alta aristocracia do clero, quando se trata do serviço de Deus e da Igreja, dizendo em plena assemblea, e voltado contra os legados do papa: «Vossas Senhorias Illustrissimas são as fontes donde todos os prelados bebemos: e portanto convém que esta agoa esteja mui limpa e pura.»

Vêde como é bem pintado o prodigioso effeito destas palavras, que produzirão espanto nos padres do concilio, que não ousavão tocar em semelhante assumpto; mas cuja força e verdade erão taes, que os mesmos cardeaes legados se mostrárão edificados de ouvil-as, partindo ellas de um varão de tanta autoridade por seu zelo apostolico, vida exemplar, e desapêgo dos bens

do mundo. Vêde finalmente como o autor é, não direi eloquente, mas eloquentissimo em toda esta passagem, ou como a nobreza do seu estylo se adapta perfeitamente ao elevado do assumpto, nada deixando a desejar ao leitor, que se identifica em sentimentos com elle.

No que vos li do segundo capitulo, que é uma digressão do assumpto principal, notai a excellente descripção do cerco da praça de Mazagão em Africa, atacada pelo Xarife Muley Abdalá de Marrocos com immuneravel exercito de Mouros, e da defeza desta pelos Portuguezes, que por sua heroica resistencia o obrigárão a levantar o cerco com grande perda de gente, alcançando delle assignalada victoria. Esta soberba descripção é feita com tanta naturalidade, exactidão, e sciencia, quer no que se refere ao ataque, quer á defeza da praça, que só um escriptor que militou muitos annos, como Frei Luiz de Sousa, quando pertencêo ao seculo, a podia dar tão completa e cabal.

Pintar com côres tão verdadeiras, que os objectos nos são postos diante dos olhos em toda a sua realidade, é só concedido aos grandes mestres na arte de escrever, a cujo pequeno numero pertence o autor, um dos mais distinctos escriptores da lingua portugueza. O estylo de toda esta riquissima passagem sempre fluente, abundante, e animado por figuras apropriadas, ajusta-se completamente ao genero descriptivo que nella domina. Compare-se a descripção deste cerco com outras analogas, feitas por outros escriptores, e ver-se-ha que nenhuma, ainda a mais gabada, lhe leva vantagem

em precisão e belleza, pois não é possivel ser mais conciso, e ao mesmo tempo mais claro e verdadeiro.

Notai finalmente em um e outro capitulo a bella prosa do autor, cujo numero nunca soffre a menor quebra, porque o prosador conhecia todos os segredos da harmonia na collocação dos complementos, e arranjo da phrase, que é sempre cheia, e agradavel ao ouvido. Com razão pois é Frei Luiz de Sousa reputado um dos mais abalisados mestres da lingua, que tão superiormente manejava, e um dos grandes modelos que se propõe á nossa mocidade, que deve no estudo do portuguez versar os seus escriptos com mão diurna e noturna.

Dominavão então os castelhanos em Portugal, e tudo na monarchia fundada por Affonso Henriques se curvava ao aceno dos dominadores: mas o patriotismo Portuguez nunca se arrefecêo na alma de Frei Luiz de Sousa, que é fama que, quando secular, queimou de proposito a sua casa para não servir de habitação aos governadores que governavão o reino em nome de Castella, e fugião da peste que invadira Lisbôa. Dão testemunho deste nobre sentimento as seguintes palavras por que termina a segunda passagem, e em que, referindo-se ao valor portuguez, faz elle uma allusão visivel ao dominio de Castella.

Muyto quebrantão calamidades e infortunios geraes: mas o fogo cuberto de cinza, dissimulado está, não apagado, e o Ouro sepultado na terra, a cor poderá algua vez perder, e a fineza nunca.

LICÇÃO XL.

Si como historiador, Senhores, é Frei Luiz de Souza o segundo em eloquencia, é seguramente o primeiro na graça com que narra os factos ainda os mais simples, ou menos importantes.

Para nos convencermos disto basta lermos com attenção alguns capitulos da sua Vida do arcebispo de Braga, D. Frei Bartholomêo dos Martyres, em que refere a maneira honrosa com que o papa Pio IV o tratava, as graças quotidianas que lhe dispensava, e o como se louvava em seu parecer nos despachos que dava, ou em algumas reformas que fazia nos estylos da côrte pontificia. Tudo ahi nos captiva e prende pelo modo polido de dizer.

Nas descripções é tambem admiravel este autor que a nenhum outro cede o passo em colorido e perfeição de estylo, como precedentemente vimos na descripção do ataque e defesa da praça de Mazagão em Africa, e

o veremos hoje na do convento de Bemfica, que nada deixa a desejar por sua belleza, verdade e bom gosto. Os quadros por elle traçados são todos completos e de primorosa execução, ou verdadeiras pinturas de mão de mestre.

A eloquencia historica não depende só da natural facundia do historiador, mas tambem da elevação do assumpto, que communica a sua grandeza ao estylo, exaltando o espirito e o coração de quem escreve, mormente se se trata da patria. Os feitos dos Romanos na antiguidade, e os dos Portuguezes no Oriente ha cousa de tres seculos, são por exemplo assumptos assás elevados; assim tambem Tito Livio que historiou os primeiros, e João de Barros que escreveo os segundos, são historiadores muito eloquentes, e justamente admirados pelos homens de gosto. O merito de ambos como escriptores está precisamente em terem-se mostrado iguaes pelo engenho á grandeza dos assumptos, que tratárão.

Outro tanto porem não acontece com Frei Luiz de Sousa, que teve de escrever a Vida de D. Frei Bartholomêo dos Martyres, ou de um santo prelado, e a Historia de S. Domingos ou a Chronica de uma ordem Religiosa, assumptos que por sua natureza não comportão elevação sustentada, como aquelles dois primeiros, em que figurão nações inteiras victoriosas, ou vencidas.

Quanto aos Annaes d'el-rei D. João III, que lhe abrião um campo mais vasto á eloquencia historica, deixou-os a morte do autor imperfeitos.

Ainda assim quantas vezes se não levanta o seu estylo nas duas primeiras obras, quando a isso se presta o elevado do assumpto, e que eloquentes paginas nos deixou na ultima, principalmente em tudo o que se refere á guerra de Africa, que é a parte mais bem escripta della!

Quanto á diligencia que poz o autor em colligir materiaes, e habilitar-se para escrever a Historia de S. Domingos, que é hoje objecto de nossa analyse, foi grande e cabal, como o attestão as seguintes palavras do Padre Mestre Frei Thomaz Aranha, seu contemporaneo e amigo:

«O seu incansavel estudo, perpetua fadiga, ancias e desvelo em revolver papeis, desempoeirar e examinar cartorios, e ler os livros que lhe parecião necessarios pera a profissão da historia, vence todo o encarecimento: porque mal se podião crêr tão aturadas porfias, e continuado trabalho; não perdoando nem de dia, nem de noite á todas horas, que de seu officio divino, e outras occupações mais importantes á sua alma, lhe restavão; e nesta conformidade se queixava sempre da falta de tempo.»

O mesmo P.e Mestre citado nos dá idéa do pouco soccorro que encontrou o autor para o seu trabalho nos informes apontamentos de Frei Luiz de Cacegas, primeiro Chronista da Ordem, dizendo que só achou uns desarrimados, e desarrumados fragmentos, e uns notados tão confusos, que seria igual trabalho o entendel-os e penetral-os, e o dar-lhes classificação, predicamento e ordem.

A *Historia de S. Domingos*, da qual compoz Frei Luiz de Sousa as tres primeiras partes, é uma das melhores obras do seu genero pelo relevo que lhe soube dar o autor, tanto no que se refere á substancia como á fórma. Os factos que constituem a substancia da historia, não deixão de ter muito interesse para quem deseja instruir-se nas cousas de uma ordem celebre, a que pertencêo a inquisição em Portugal, porque o autor vai sempre á origem delles com notavel diligencia e sagacidade. A forma atractiva de que soube revestil-os, essa hade ser sempre apreciada pelos amantes das bôas lettras em quanto durar a lingua portugueza.

Assim o que á primeira vista nos podia parecer uma secca e fastidiosa historia da fundação de conventos, ou de instituições monasticas, attrahe logo a nossa attenção, seja pelas judiciosas reflexões do autor que mostra variada instrucção, seja pelo interessante das biographias dos membros mais illustres da ordem, seja pelas digressões de que se acha semeada, e que a ornão, seja principalmente pelas bellezas do seu incomparavel e maravilhoso estylo, que se adapta perfeitamente a todos os assumptos, casos e incidentes. Frei Luiz de Sousa não escreve, pinta, e pinta sempre por maneira admiravel.

Dos seus quadros escolherei um dos mais bellos para submetter á vossa apreciação, o que contem o capitulo III do II livro da segunda parte da *Historia de S. Domingos*, que passarei a lêr-vos, e por elle julgareis da habilidade, com que o autor sabe traçal-os, e em que estylo.

Porque não pareça estranho aos Leytores gastarmos tempo, e papel em descripção de huma pobre Casa, e falta das grandezas, e mysterio de architeturas, com que outra nos occupou, e desculpou: Faço-lhes saber, que tenho exemplo em dous grandes Sanctos, que forão o devotissimo Bernardo, e mais atraz o grande Basilio, e ambos occupados em nos porem diante dos olhos, não sumptuosidades de edificios, porque nenhuns havia onde vivião: senão riquezas naturaes do Ermo, debuxadas com termos quasi poeticos: E tanta brandura, que fazendo musica nos ouvidos, e criando na alma desejos de fugir do povoado, acendem fogo de saudades do Ceo. Imitaremos os Sanctos na tenção, na obra não pode ser. A huma pequena legoa da cidade, pola estrada que corre pera Sintra, pouco desviado della pera a parte do Poente, fica como escondido, e furtado a communicação da gente hum pequeno vale, que sendo naturalmente aprasivel, por frescura de fontes, e arvoredo, mereceo, ao que se póde crer, o nome que tem de Bemfica. E daqui o devia tomar hum pequeno lugar, que pouco adiante se vê. Fazem o vale dous outeiros deziguais em corpo: Hum humilde, que servindo só de lhe encubrir a vista da estrada que dissemos, não lhe tolhe a de muitos que ao longe fazem dilatado Orizonte. O outro levanta muito, estendendo-se pola parte donde o Sol se poem de Inverno, e vai rodeando contra o Sul, de maneira que ameaça querer fechar o vale, e ir serrar com o monte contrario: tolhe a determinação hum Rio, que atravessa o vale, faz garganta por entre ambos pera inviar seu tributo ao mar. É o Rio pobre de agoas, e quasi sem nome de verão; mas grosso e soberbo de inverno, de sorte, que indignado contra o jugo de duas pontes, que no vale o senhoreão, lança muitas vezes por cima sua corrente: e despois que daqui sahe,

vai fazendo abaixo assenhas de bom serviço. Na ladeira do monte mayor, está situado o Convento, e della se estende sua cerca até ir beber no Rio. De uma e outra parte correm quintas, que cercão os outeiros, e vale em roda, algumas de bom edificio, outras mais ao natural: todas ricas de bosques e pumares; e cercadas de suas vinhas, com que a mór parte do anno mantém o vale huma frescura e verdura perpetua. Fica o Convento senhoreando todas com a capacidade, e mais grandeza, e como pagando-lhes com sua sombra o ornamento, que recebe a companhia e boa vezinhança dellas.

Mal se comparão as cousas pequenas com as grandes; mas se é licito fazer-se, guardando a cada uma sua proporção, quizera comparar a humildade de Bemfica em Portugal, com a grandeza de Claraval em França. E acho em ambas estas casas muitas conveniencias que me obrigão. Se tratamos do espirito, bem conformão em se dar nellas principio á reformação da Ordem, que os filhos professavão: e em começarem com huma extraordinaria pobreza, pendendo só de Deos, e quasi nada dos homens. Teve Claraval benção de dar muitos e grandes sanctos, como casa grande, e famosa. Não criou menos Bemfica em seu tamanho (como pequena, e pobre) nem em virtude, nem em numero, como não façamos comparação com o altissimo monte de sanctidade Bernardo. Possúe Bemfica um particular condão do Ceo (sofra-se-me o termo proprio Portuguez) em virtude, e merito dos que aqui viverão, e hoje tem suas cinzas, que ninguem entra por estes Claustros que se não sinta abalar de hum certo affecto de devação, a que parece estão convidando até as paredes mudas; assi o sintio, e publicou o bom espirito do nosso Geral Justiniano sabio avaliador, como noutras partes temos mostrado, das cousas que vio nesta Provincia, dizendo. *Eu do-*

mus undique redolens sanctitatem. O mesmo creio que deve acontecer aos que entrão em Claraval, por meritos de S. Bernardo.

Descendo ao material destas casas, concordando ambas em estarem afastadas do povoado differença faz não pequena em estar Claraval assentada em hum campo raso: e Bemfica arrimada a um monte, e pendurada delle em parte. Claraval servida do Rio Alva em todas suas officinas: Bemfica sem nenhum proveito no serviço do seu Rio. Mas concertão estas dezigualdades com fazer cá o monte, o mesmo que lá faz o campo: cá as agoas, que em grossas fontes brotão do monte, o mesmo, que lá as copiosas, que leva o Alva. Se o campo chão serve pera se aproveitar o Convento da corrente do Rio, e o trazer como á mão visitando, e regando a casa toda, e cada officina por si: A altura do monte com suas entranhas prenhes de ricas fontes, manda cá um Rio pera cada officina: e tanto com mais graça, quanto vindo a agoa cuberta, e por canos occultos, engana os olhos, e faz crer, que ali a deo a natureza. Onde se vê borbulhar da terra, e onde mais serve, tantas sãs as fontes, quantas as officinas. O sacerdote quando vencendo o Sol na madrugada se levanta a saudar, e offerecer sacrificio ao Divino Sol de justiça, acha na sacristia hum rio de agoa viva, com que purificar mãos, e rosto não menos, que por quatro bicas offerecida: os que vão ao Refeitorio, achão defronte delle, e no meyo do Claustro, outro rio, e outra agoa; é um fermoso tanque de boa pedraria, lavrado, em quadro: no meyo delle hum grande prato de fino jaspe, que crião os montes vezinhos: não tem os Reys mayor delicia; sobre o prato, a quem se não contenta com o tanque, lança agoa ás mãos, hum minino que se vê no meyo, servindo-lhe de gumil uma cornucopia, com que está abraçado,

feita por tal arte, que estando boca arriba, lança igualmente a agoa por toda, que por vir repartida, e espalhada cahe goteando, e representa semear lagrimas, ou derramar aljofres. E como é grande, fazem as bordas, que voltão, sombreiro ao minino, e é de ver hum geito gracioso, que o escultor lhe deo por estar nú, de que arrecea molhar-se. Quem demanda a portaria acha de fóra hum grande tanque, que tem sempre cheyo pera serviço do povo uma grossa vea que sahe do meyo delle. Quem passa da porta encontra logo dentro com outra fonte entre flores, e hervas cheirosas entre sidreiras, limoeiros, e larangeiras. Debuxão aqui as hervas com arte, e lavor a terra, que as cria, e das arvores humas vestem as paredes em roda, trepando arrumadas, e apertadas com ellas: outras obrigadas com arte a não passar de huma curta medida, servem ao chão de o dividir e arruar, e as hervas, e boninas de lhe fazer agradavel guarda, e juntamente inveja: cerca, e guarda com seus ramos estreitamente travados, e tecidos entre si: inveja com grandes fruitos pendentes, d'ouro quando maduros, de prata, quando em flor. Até com o ministro da pobre cozinha foi liberal o monte. Tambem tem sua agoa, que lhe enche as pias de seu serviço, e forra o trabalho de a buscar mais longe. Se Claraval tem fermosos viveiros de peixe no seu Rio, pera proveito, e recreação: os mesmos tem Bemfica: e não em huma só parte, nem com hum só genero de recreação, e o que mais é de estimar dentro da casa: porque passado o Claustro, quem busca a horta do Convento dá a poucos passos em huma praça empedrada, que ficando na parte mais alta, e como a meya ladeira da cerca, descobre grande parte do vale. Aqui sahem os Religiosos a gosar o fresco da tarde em o verão, e o soalheiro de inverno, depois que deixão o Refeitorio. Porque alem da vista desaba-

fada, e larga pera fóra, tem na mesma praça de huma parte huma graciosa fonte, e da outra um espaçoso tanque; que cada cousa per si alegra, e deleita os olhos. A fonte se faz em um arco, que formado de brutescos varios, e vistosos, arremeda huma gruta natural. Dentro parece assentado hum grande, e bem proporcionado satyro, imitando com propriedade os que finge a poesia. Em toda sua figura mostra em rosto rizonho, e alegre huma simplicidade montanheza, com que está convidando a beber de huma concha natural, que tem apertada com o braço e mão esquerda, da qual sahe hum fermoso torno de agoa: e juntamente com a direita acode como arrependido a cobril-a; e faz geito de a querer retirar, dando com uma, e negando com outra. A agoa é quanto pode ser excellente, e de huma qualidade propria das que nascem nas serras, fria, e desnevada na mayor força do sol do Estyo: temperada no inverno, como um banho. Acompanhão a gruta de hum e outro lado em igual distancia dous grossos, e altos pilastroens, que sendo feitos de boa cantaria pera estribo de huma abobada, a que se arrimão, foi a natureza cubril-os de uma Era muito espessa, e viçosa, que subindo por elles até mór altura, assi esconde, e senhorea a pedraria, que faz parecer forão fundados, mais pera honra da fonte, que segurança do edificio: assi ajuda a natureza a arte, e o accidental ao bem cuidado. E porque entre gente, que professa letras, é bem, que nem nos satyros se ache rudeza, faz lembrança este nosso a quem folga de o ver com hum verso latino entalhado em pedaços de marmore negro, que correm a vida e os annos sem parar, nem tornar atraz, ao modo daquelle licor, que lhe sahe das mãos. Advertencia de sabio, não de rustico: que agoas e annos, se senão aproveitão com bons empregos, perdidos são, e pouco de estimar.

Cahe a agoa por não pejar a praça, em hum pequeno tanque, e deixando-o cheyo, some-se nelle, e vai por baixo da terra fazer outra fonte na boca de hum leão. É de ver aquelle rosto fero cuberto de guedelhas crespas, e medonhas, que ameação sangue, e morte, feito ministro de mansas agoas. Verdadeiro poder, e symbolo da Religião, que amansa leoens, e faz satyros doutos. Estas agoas recebe o lago que acima dizemos: o qual da parte da praça fica á face da terra, dividido só com hum baixo parapeito: e cria no grande fundo, e largura que tem, muito peixe, tão domestico já com a continuação, que acode ás mãos dos Religiosos, e ás migalhas, que cada hum lhe guarda, como á pitança certa, e sua: e vindo em cardumes litigão, quasi em esquadroens, sobre o pasto: que nesta materia nenhum elemento carece de contendas. O lago como fica em parte alta, e sempre se vai refazendo de agoa fresca, da boca do leão, alem de conservar assi o peixe, serve o Convento em varios usos. Faz lavanderia pera os habitos, e roupa de todos, desagoando parte em grandes pias de huma officina cuberta, e contigua, parte em outra da casa de Noviços, que é vezinha pera o mesmo effeito: e a tempos de cea regar os pumares, e laranjais, e emfim corre até ajudar a pobreza do Rio.

Dá entrada na horta, e pumares uma comprida rua: da parte do muro cobrem as paredes a espaços crescidas giestas com suas flores amarellas, entresachadas de rosas, em humas partes brancas, noutras encarnadas; e acompanhão os baixos violetas humildes e goivos de todas cores. Da banda da horta respondem arvores silvestres verdes, e altas, casadas com parreiras, e com seus ramos e fruitos graciosamente enfeitadas. Fazem toucas as voltas, e frescura das parras; colares de pedraria as uvas, segundo os tempos, e as

cores dellas: já topazios, já rubis, primeiro esmeraldas. Daqui se vai descendo á horta por diversas partes, sempre por entre arvoredo hum de fruito, outro silvestre: mas o silvestre, tão copado, e fresco, que nenhuma inveja tem ao fructifero; antes, como queixoso do muito, que se estima o proveito, se junta a huma parte da horta; são o mais hollayas, e loureiros, e tomando companhia de um espesso silvado de mosqueta, se enreda, e tece com ella de sorte, que ameaça tolher a entrada de huma graciosa estancia que aqui ha, aos que a buscão. É retrato de huma camara subterranea, a que se desce por alguns degráos. A fabrica em quadro perfeito, assentos em roda encostados a huma rede de ladrilho, que vestem Eras, entravão mosquetas. No meyo hum bocal de poço quadrado de boa pedraria, que cheyo d'agoa até lançar fóra, mostra ser fonte viva, ou poço de agoas vivas, pola que em continuo movimento está crescendo, e cursando. Dos quatro cantos do bocal se levantão colunas de marmore que sustentão no alto huma mea laranja de perfeita abobada pera emparo da agoa, como o faz a ramada do arvoredo a toda a camara, que aqui é tão sombrio e denso, que não só lhe tolhe o Sol, quando mais sobe e arde; mas quasi o Ceo. Assi nos tempos, que a natureza esperta as lingoas das aves, a louvar com mais harmonia o Criador, é quasi morada continua das que por mais musicas são conhecidas. E é tradição, que juntando-se nellas huns seculares de boas vozes, e começando a cantar ao som de instrumentos bem acordados, acudirão as que se tinhão por senhoras do sitio, a desafiar a melodia humana, e artificial, com a sua natural. E isto com tamanha porfia, que vencidas as vozes dos homens não cançárão as pobres avezinhas de seguir as violas, que ficárão suprindo por elles; e huma se deixou levar

tanto do impeto, e affecto de cantar, que veio a desfalecer, e á vista de todos cahio em terra sem alento, como dizendo, que antes queria perder o bem da vida, que a honra de perseverar cantando. Mereceo esta estancia ser estimada de hum infante de Portugal, que foi Cardeal, e Rey. E porque no estado de Cardeal continuava, em a ver, e honrar, ficou-lhe o nome de fonte do Cardeal. Tambem ha quem affirma, que o merece pola ventagem que o Cardeal achava no licor, e porque a essa conta o mandou assi compor.

Assi como está por baixa, e soterrada, e polo bosque, que a esconde, se faz estimar: ha outra, que tem tambem sua graça na falta de todo artefício. E' uma vêa de agoa que sahe no meyo da horta, por huma telha ordinaria, e formando logo hum profundo tanque, que tambem cria muito pescado, rega dous estendidos talhoens de horta, em que recrea os olhos a diversidade das hortaliças, o concerto e disposição de todas, misturando-se muitas hervas cheirosas, e flores varias, com o que serve pera o Refeitorio: com seus passeos, e ruas, que as dividem. E são barras da divisão, ou sidreiras, ou limoeiras, ou murtas e craveiros, ou tudo junto.

Mas não será rezão deixarmos em silencio outra fonte que em seu genero, e estranheza, compete com as boas calidades destas duas.

Desta maneira podemos bem dizer, que fazem aqui as fontes todos os serviços, que em Claraval faz o Rio Alva; e se huma fonte, de que lá bebe o Mosteiro, é louvada de ser visitada dos primeiros rayos do Sol, quando se levanta (calidade importante das boas agoas) esta prerogativa se vê em todas as de Bemfica: porque todas tem sua origem no monte de Ponente, a que o Convento se arrima, e ficão nascendo com o Sol da manham.

O natural de agoas, e bosques tinha a Casa, quando el Rey fez a mercê á Ordem: o artefical forão fabricando os Frades, e devotos, e ajudando os Reys que sempre della mostrárão gosto, e tiverão particular cuidado. A Igreja em seus principios foi fabrica de pouca substancia, acrescentou-se correndo os annos, mas como obra feita a pedaços, e com defeitos claros de architectura envelheceo depressa, e chegou a ameaçar ruina no tempo que isto escreviamos. O que obrigou os Frades a reedifical-a de proposito, e com tanto animo, sendo os tempos assaz apertados, que o que já hoje está feito, mostra que será obra perfeitissima, sendo acabada. Das memorias antigas, que n'ella havia, diremos em outro lugar: erão os Religiosos poucos quando começárão a reformação; e a Casa tambem curta, inda que Real; contentavão-se de hum dormitorio terreo. Foi mostrando o tempo, que era em demazia humido, e pouco sadio, pera onde a comida era peixe continuo. Levantou-se, mas tambem pobremente, e trocou-se no que agora é casa de Noviços Não é pera esquecer o que se conta daquelle primeiro, e mais humilde. Affirmão os Antigos, que todas as vezes, que havia de morrer algum Frade, havia nelle sinaes manifestos, sentindo-se golpes, e rumor de mão invisivel, as mais vezes em tres partes distinctas; era sentença irrevogavel de morte vezinha a terceira. Cessou este prodigio com a mudança; e seguramente podemos crer, que cessou hum grande bem, e indicio de perfeição daquelles primeiros moradores. Não espantão novas de morte aos que andão compostos, e aparelhados, e que em Religião não buscão mais, que bem morrer. Onde falta o aparelho, aqui sobejão medos. E se a morte subita é o mayor mal de todos, grande misericordia era do Senhor o aviso antecipado. Cresceo a Casa em renda despois que pareceo

necessario na Ordem possuirem-se bens de rays. Com a renda cresceo o numero de Frades, e foi forçado alargar a vivenda. Lançou-se primeiro huma grande sala com janellas rasgadas sobre o jardim da portaria, e outra no eyrado, que cahe sobre o mesmo. Logo do meyo della hum estendido e espaçoso Dormitorio, que corre contra o Nordeste, até ficar quasi sobre o Rio: o forro de estuque, e em forma, que arremeda huma bem lavrada abobada, cellas grandes e bem forradas; portaes e janellas de pedraria. Obra toda ayrosa, e bem traçada, senão fizera vista de fóra, como de huma manga estirada, e despegada do mais edificio; de que nasce ser frio, e desabrigado do inverno. Paga-se este mal com algumas commodidades no restante do anno, que são viver-se nelle sem sentir calma na mayor força do Estyo: e não tendo mais que tres degráos de subida da parte do edificio antigo, e da Igreja, fica em tanta altura, que descobre, gosa, e senhorea todo o vale em roda; e como cortou pelo bosque, e pumares, deleita-se a vista na frescura, o olfato no cheyro das laranjaes, o ouvido no canto das Aves, que ficão tão vezinhas, que ás vezes se afigura, ou serem hospedes os roxinois, ou quererem fazer o officio de espertadores com os Religiosos pera os louvores Divinos; ao pé da janella do topo inventou a curiosidade hum genero de recreação, que pudera ter muito de proveito, se as leys da Casa o permittirão. E' hum viveiro de muitos coelhos: servem de vista,não de pasto. Porque o Refeitorio não admitte aqui carne em qualquer tempo. A obra do Dormitorio seguio outra tambem importante, que foi a da sacristia, e é huma das fermosas, e bem acabadas casas, que tem a Provincia por grande, e alta, e bem cuberta, e servida de uma fonte, que nella corre sobre prato de jaspe, como atraz tocamos. Mas temo-nos detido muito, tornemos á nossa Historia.

No capitulo que acabei de lêr-vos, notai em primeiro logar o bem traçado do quadro que se representa, quanto á ordem admiravel com que são postos em luz todos os objectos descriptos, sem que a mais leve confusão venha a lançar macula alguma em qualquer delles.

Começa o autor por descrever todos os accidentes do terreno em que se acha edificado o convento de Bemfica com sua vasta cerca, não lhe escapando um só que possa servir á clareza, ou dar realce á pintura, como o valle formado por dois graciosos outeiros, em um dos quaes assenta o edificio; o ribeiro que o corta, e foge por uma estreita garganta; depois a frescura das aguas que jorrão em fontes, estendem-se em tanques, e fórmão lagos ou piscinas pelos logares do convento, onde podem ser necessarias; os conductos que as trazem; as arcadas que as protegem; o frondoso das arvores silvestres e fructiferas que as ensombrão, e dellas se alimentão e reverdecem; a amenidade dos jardins que deleitão o olfato; a verdura das hortas que encantão os olhos; as soberbas vistas que se gozão de diversos sitios e posições; e por ultimo o edificio, isto é, a igreja com seu claustro, sua sacristia, seus dormitorios e officinas, onde o util se reune ao agradavel.

Notai ainda qual deverá ser o magnifico effeito produzido pelo todo, cujas partes o autor assim descreve tão luzida e primorosamente, seguindo o methodo analytico. Formai a synthese, recompondo, e vereis

que nada ha tão pittoresco, ameno e gracioso, como o quadro que se vos põe diante dos olhos.

E tanto maior é o artificio da pintura, que, não sendo o convento de Bemfica fabrica notavel, como o de Batalha descripto na primeira parte da Historia de S. Domingos, faz o autor por isso mesmo sobresahir nelle os accidentes do terreno, as fontes, o arvoredo os jardins, as vistas, não se esquecendo de lhe povoar os bosques e pomares de rouxinóes e outras avesinhas de canto melodioso.

Para pintar assim, pondo o que ha de melhor, ou que é mais agradavel, attractivo, e delicioso no primeiro plano, e reservando o somenos, ou o que é menos vistoso e apreciavel, para o fundo do quadro, é necessario ser um grande mestre na arte de escrever; e ninguem poderá negar esta qualidade a Frei Luiz de Sousa, que começa a sua bella descripção, para mais realçal-a, pela comparação, antes contraste, do convento de Bemfica com o de Claraval em França.

Notai por ultimo o maravilhoso, ou para melhor dizer, o harmonioso do estylo, que se adapta perfeitamente ao assumpto, debuxando com as mais vivas côres tudo quanto o autor quiz pôr em relevo, e descrevendo modestamente tudo quanto reservou para sombra.

Em tão variada pintura as expressões parecem decorrer naturalmente da penna do autor para descrever cada objecto com seus predicados, e tão apro-

priadamente, que se nos afigura têl-os á vista, de modo que a riqueza e variedade da elocução anda sempre a par da riqueza e variedade do quadro.

Esta propriedade de estylo é só partilha dos grandes engenhos; e nenhum prosador da lingua portugueza a possuio em mais alto grão, que Frei Luiz de Sousa: pois se algum póde dizer com ufania, *son pittor anche io*, é seguramente elle, que prima constantemente pela belleza da fórma, e cujas obras são uma série de quadros, cada qual mais perfeito. O seu admiravel estylo reune todas as virtudes, que devem caracterisar o do historiador, como fluidez, elegancia, nobreza, numero, e amolda-se, alem disso, por fórma tal aos generos narrativo e descriptivo na graça do dizer e primor do colorido, que se distingue de todos os outros por estas duas qualidades, que lhe imprimem o sello particular do genio do autor.

A sua prosa é uma especie de musica que nos fere agradavelmente o ouvido, sempre variada, e sempre bella, sem que uma expressão mal soante, ou a mais leve falta de numero na collocação das palavras e das proposições, produza a menor desafinação, que nos inspire tedio ou desgosto, como acontece não poucas vezes com a de outros autores, cheia de asperezas e descuidos. Tão perfeita e attractiva é a prosa deste autor, que não ha escriptor algum que, ao lêl-o, não deseje exprimir-se como elle! Esta magia que exerce sobre nós uma tal prosa, justifica a predilecção que tinha pelo autor um dos modernos prosadores mais

abalisados da lingua portugueza, o visconde de Almeida Garrett, que o tomava por modelo.

A narração do milagre, ou signal de morte proxima dado por mão invisivel aos frades moribundos no antigo dormitorio do convento de Bemfica, bem como a de outros muitos milagres que se achão espalhados por esta chronica, pode ser hoje censurada pela critica, mas tem a sua excusa na crença geral de então que o autor, homem de fé ardente, reproduz com piedosa candura. Quasi todos os outros escriptores portuguezes que o precedêrão, ou forão seus contemporaneos, mostrão-se neste ponto tão credulos como elle, e incorrem na mesma censura.

Demais a narração de taes milagres, que dão á Historia de S. Domingos um verniz de maravilhoso, que não deixa de ter interesse, faz parte da pintura dos costumes do tempo, e o autor não pode ser censurado com justiça por haver fielmente retratado a sua época. Nós hoje que nos rimos delle, temos tambem milagres, emanados de uma fonte menos pia, mas não menos crédula, como o *sonambulismo artificial* por meio da magnetisação, e seus preconisados effeitos. O homem é, e será sempre propenso ao maravilhoso.

Tendo apreciado a *Historia de S. Domingos* de Frei Luiz de Sousa, por esta passagem notavel, passarei em outro discurso a analysar os seus *Annaes d'el-rei D. João III*, fazendo aqui ponto neste.

LICÇÃO XLI.

Na vida do Arcebispo de Braga, D. Frei Bartholomêo dos Martyres, vimos, Senhores, o que é Frei Luiz do Sousa como biographo; na Historia de S. Domingos, o que é o mesmo autor como chronista: resta agora apreciar-o nos Annaes d'el-rei D. João III como historiador propriamente dito, ou em genero historico mais elevado. E si nos dois primeiros generos não tem superior em nenhum dos escriptores que o precedêrão em Portugal, é no terceiro o segundo depois do Tito Livio Portuguez; o que não é pequeno merito, mormente se se attender a que os Annaes sobreditos ficárão imperfeitos por sua morte: pois começou a compôl-os já no ultimo quartel da vida.

Na ordem dos prosadores é Frei Luiz de Sousa um dos principaes mestres da lingua, como já dissemos, ou como querem alguns criticos o primeiro entre os primeiros; o que é porem certo é que poucos escrip-

tores manejárão o Portuguez tão superiormente como elle, e nenhum o fez melhor do que elle; por isso ainda prescindindo-se do merito historico de seus escriptos, aliás incontestavel, ha nelles muito que aprender para o philologo, que os deve estudar com cuidado, como aconselhava Horacio aos amantes das bôas lettras que o fizessem com os primorosos exemplares gregos.

Quando digo que Frei Luiz de Sousa deve ser reputado o segundo historiador portuguez depois de João de Barros, refiro-me aos tempos ou anteriores ou immediatamente posteriores aos em que elle florecêo, e não á epoca actual, que conta historiadores de primeira ordem nos senhores Alexandre Herculano e Luiz Augusto Rebello da Silva, que teem elevado a historia em Portugal á grande auge de esplendor, dando-lhe todo o desenvolvimento com que a vão enriquecendo os historiadores mais notaveis do seculo XIX, taes como Guizot, Tierry, e outros.

Os Annaes d'el-rei D. João III, que constituem hoje o objecto de minha analyse, constão de duas partes mui desiguaes e incompletas, pois grande parte da obra ou se perdêo, ou não chegou a ser composta por haver a morte atalhado no seu trabalho o autor, que se occupava ao mesmo tempo com a Historia de S. Domingos. A primeira parte comprehende cinco livros dos existentes; e apesar da grande lacuna que se nota no segundo livro, e de se terem perdido outros cujo numero se ignora, parece haver sido concluida pelo

autor; mas não assim a segunda, de que apenas existem o primeiro livro, e alguns capitulos incompletos do segundo.

Eis o juizo do senhor Alexandre Herculano sobre esta obra que a morte do autor deixou imperfeita:

«Deplorava-se, diz elle, a perda dos Annaes d'el-rei D. João III, não só por serem obra de Sousa, mas porque sendo a sua materia mais alta e de maior substancia que a Vida do Arcebispo e a Historia de S. Domingos, o maravilhoso estylo do autor subiria em quilates á proporção do objecto. Nesta parte, parece-nos que as conjecturas passárão alem da realidade, ao menos d'aquella que nos resta. Si, como é de crêr, Frei Luiz de Sousa cumprindo as ordens de Felippe IV entregou uma copia da primeira parte do seu trabalho nos principios de 1632, esta sahio por certo de suas mãos com aquelle gráo de primor que delle se esperava, porque estando, como vimos, concluida no anno de 1630, o tempo que decorreo até começar a segunda parte, podia e devia gastal-o em pôr-lhe a ultima lima.»

Isto quanto ao estylo; e quanto ao merito da obra como historia, accrescenta o mesmo critico: «O grande credito que naquelle tempo merecia João de Barros como historiador fez com que Frei Luiz de Souza o seguisse passo a passo nas cousas do Oriente, resumindo-o... Onde se encontra geralmente verdadeiro apego do escriptor á materia de que trata, é em tudo o que respeita á nossa historia de Africa. Nesta parte, ainda

ao correr da penna, Frei Luiz de Sousa é, por via de regra, digno de si mesmo.»

Este juizo, que o estado imperfeito em que ficárão os *Annaes* parece justificar, versa, como se vê, mais sobre o rascunho da obra, e o que della se perdêo, que sobre o trabalho completo que não existe, ou não foi encontrado. Por isso deve ser acceito com o necessario desconto, e nesse intuito o emittio o critico citado, que desentranhou a obra do pó das bibliothecas em que jazia, e a dêo á estampa, quando todos a julgavão perdida.

Escrevêo Frei Luiz de Sousa os *Annaes de D. João III* por ordem de D. Felippe III de Portugal e IV de Hespanha, que lhe encommendou o trabalho por carta regia, datada de 20 de Outubro de 1627, como dissemos em sua biographia. Um anno pouco mais ou menos levou o autor a colligir os materiaes mais necessarios para dar principio á obra que começou a traçar em 1628, como se infere da data de seus cadernos, pois a ia compondo á medida que obtinha os dados relativos aos annos que tinha de historiar; e havendo fallecido em Maio de 1632 a deixou incompleta, ou quasi no principio da segunda parte. E com quanto seja este um trabalho a todas as luzes imperfeito, ou porque a vida faltou ao historiador para acabal-o, ou porque o tempo lhe causou irreparaveis estragos, contem ainda assim muitas passagens dignas da penna do autor, que foi um dos maiores engenhos do seculo XVII, senão o primeiro.

Escolherei entre outros para ler-vos o capitulo XV do I livro da primeira parte dos *Annaes*, em que o autor começa a tratar da guerra de Africa, e por elle podereis ajuizar de sua maneira de escrever a historia, ou do seu inimitavel estylo.

É tempo de nos passarmos a Africa: e contarmos alegremente por fermoso e felice pronostico dos tempos del-Rey huma insigne vitoria que o capitão de Azamor alcançou dos Mouros de Fez no mesmo dia em que Sua Alteza foi levantado por Rey em Lisboa. Era capitão Gonçalo Mendes Çacoto: encontrou-se com o Alcayde Latar e outros quatro Alcaydes del-Rey de Fez, que lhe vinhão correr com novecentas lanças gente escolhida: foi o encontro a tres legoas da sua cidade; e levando só duzentos de cavallo não duvidou dar-lhes batalha; e foi tal o esforço com que nella se houve, que os desbaratou com morte de quatro Alcaydes, ficando senhor do campo e de grosso despojo. E fez mais glorioso o successo saber-se pouco despois que na mesma conjunção, que estava jugando vitoriosas lançadas cos enemigos da fé, recebia el-Rey á porta de S. Domingos o cetro de seus Reynos, e obediencia de seus vassallos. Assi o mandou declarar Sua Alteza em hum brazão d'armas, que lhe deo, de que foi parte principal as quatro cabeças dos Alcaydes: e el-Rey que o assinou com o seu cronista.

Entrou o anno de 1522 com tamanho aperto de fome, nacido da sèca do anno atraz, por toda Africa, que estando o rio de Azamor cheo de caravellas que devião ir buscar a carga dos saveis, que ali se pescão, trocarão o dizenho, e carregavão de infinitos Mouros moços, e moças de bom parecer, pera levarem a Lisboa e a Sevilha. Por que mystos só pola

comida offerecião ser escravos, e se deixavão embarcar. Seguio a tanta miseria a mayor de todas, que foi contagião do ar, que levou a muytos que ou com bom governo, ou com trigo escondido tinhão passado o aperto da fome: e esta se affirma que consumio homens e alimarias com terrivel destroço. Era capitão de Arzilla D. João Coutinho filho herdeyro do Conde de Borba. Estava bem provido de mantimentos, que el-Rey D. Manuel antes de seu falecimento lhe tinha inviado, com tanta providencia, que se não esqueceo de acudir até com trigo tremez do campo de Santarem pera as curtas sementeiras dos moradores, em que logo começarão a entender, fazendo-se todos lavradores, como o ceo ia acudindo com suas agoas e temporays ordinarios. Despois da grande vitoria que alcançou dia de todos os Santos, primeiro dia de Novembro do anno passado de 521, desbaratando o valente Alcayde de Acacere Cid Hamete Larós (que não especificamos por ser da obrigação dos cronistas del-Rey D. Manuel), todo seu cuydado era, como ja sabia de certo que ardião em peste todos os lugares á roda, ver se poderia escapar de se lhe comunicar a contagião na villa. A este fim não lhe consintia comercio de cafilas: evitava sahidas de Almogavares: e se alguma consintia, era com mandado expresso, que de nenhuma maneyra se embaraçassem nas povoações dos Mouros. Mas por demais são as diligencias e cautellas humanas, quando Deos quer castigar. A peste entrou por meyo de tres Mouros, que a cobiça de huns Almogavares desmandados e sem ordem trouxe á villa: e com a mesma violencia que faz o fogo, onde tem aparelho pera se atear, correo todas as casas, e matou tanta gente, que o capitão, por ver se achava remedio com a mudança da morada, primeyro se passou do castello pera humas casas da villa, e despois embarcou sua mo-

lher e familia pera o Algarve. O que tambem fizerão muytos moradores. Assim ficou a villa quasi despovoada, parte polos que levou o mal, e parte polo desterro voluntario das familias que se ausentarão. Este estado triste das portas a dentro fazião mais penoso os enemigos de fora: porque vivia Amelix atrevido e manhoso Almocadem do Farrobo, que junto as portas da villa vinha esperar as Atalayas e gente desmandada: e quando de dia não podia fazer presa, valia-se do escuro da noyte; e quasi nunca tornava com as mãos vazias, levando homens e moços, boys e vaccas e outro gado. E emfim chegou a levar-nos tres atalayas, homens de conta, que forão Antonio de Evora, Gonçaleanes, e João Telles. Ardia o capitão de rayva, por lhe fazer tanta guerra o ardil de hum só Mouro: procurou armar-lhe uma e muytas vezes; porem sabia tanto, que ao parecer adivinhava e conhecia as siladas, e escapava de todas. Mas foi Deos servido que foi cessando a doença: e quando chegou dia de S. João deste anno de 522 se levantou bandeyra de saude: e logo o capitão desejoso de tomar alguma satisfação das astucias e danos de Amelix, determinou correr ao Farrobo, e serra de Benamarés. Lançou sua gente fóra, e sem achar encontro trouxe desta primeyra vez cem boys.

Deste dia em diante forão sahindo a miudo os Almogavares, e fazendo boas sortes até a ponte de Alcacere: e foi muyto estimada huma de Pero de Menezes valente e arriscado mourisco, e muyto fiel e bom christão. Deo a traça Alvaro Rodrigues o Dentudo, tambem mourisco. Sahirão trinta de cavallo á obediencia de Pero de Menezes: vadearão a ribeira de Alcacere, por onde o Dentudo sabia que não havia guardas. E saltearão logo tres Mouros de cavallo, que sendo guardas dormião a sono solto, envoltos nas algeravias, e os

cavallos pacião junto delles Havião-se por seguros de poderem chegar ali christãos. Apoz estes derão sobre outros tres guardas de pé, que vinhão contentes com muitos saveis que tinhão pescado; de que os nossos se aproveitarão: e com elles, e tres cavallos, e seis Mouros cativos, fizerão volta em demanda da ponte, sem serem sintidos, nem haver rebate em Alcacere, senão despois que a passarão.

Mas não passarão muytos dias que se não agoasse o gosto deste successo com outro bem contrario, como é ordinario na guerra. El-Rey de Fez tanto que soube ser despachada na cidade a cafila ordinaria e mercadores pera Arzilla, havendo que tinha na mão boa occasião de correr á Arzilla, poz-se á caminho traz ella, avisando em secreto o Alcayde de Alcacere, que o esperasse com sua gente na ponte. E foi sobre a villa com tanta pressa, e tão caladamente, que antecipou toda noticia de sua vinda. Succedeo ter o capitão despedido no mesmo no mesmo dia oyto Almogavares des da mea noyte, a tomar lingoa, com ordem que fossem amanhecer sobre Taliconte, que é hum outeyro alto, junto da ponte de Alcacere: donde se descobre toda a estrada que corre pera Alcacere até o Zambujal de Algarrafa. Daqui não vendo cousa que temer se forão melhorando: e passando adiante derão com humas dez vaccas que tomarão, e alanceando um Mouro, que as pastoreava, começarão de se vir com ellas. Cerrou-se entretanto a noyte tão escura e esquiva de chuveyros e cerração, que lhes fez perder o tino donde estavão, e por onde havião de ir: e foi força esperarem que amanhecesse: descubrio-lhes a luz que lhes erão fogidas as vaccas; e a cobiça de as não perderem, fez que se apartassem quatro a buscal-as: mas não correrão muyta terra quando forão dar de rosto com o campo del-Rey, de que não se podendo desviar forão logo mortos dous, e

dous cativos. Os outros quatro sintindo de longe, e mais a tempo a estorpiada da cavallaria, tratarão de se salvar cada hum como pudesse. Puzerão o rosto no Furadouro de Almenara: e foi cousa digna de consideração, que não tendo mais remedio pera escapar de muytos Mouros, que se soltarão da companhia del-Rey traz elles, que a bondade dos cavallos, só aquelles se perderão que os trazião mais ligeiros. Destes foi um Miguel Lopes criado do Capitão, que levando o milhor ginete que havia em Arzilla, apertou tanto com elle na sobida aspera do Furadouro, que quando foi na terra cham, afracou e rebentou: chegarão os Mouros, e não houve nenhum que lhe perdoasse sua lançada: ficou logo morto. E o mesmo fizerão ao cavallo, vendo que não era de servir. Não ia pior encavalgado Jorze Manoel. Era o cavallo muyto alentado, e corredor: mas levava mayor carga do que sofria tão larga corrida, como trazião. Era Jorze Manoel homem grande, grosso e pesado: vinha a cavallo abafando de cansado: e em fim foi alcansado dos que o seguião: e por sua boa ventura ficou vivo; porque se abraçou com elle hum Mouro, que tinha entre nós hum irmão cativo: e o defendeo com gritos, e até com a espada, e ajudando-o Muley Abrahem como magnanimo que era, e nobre de condição. Assi de oyto escaparão só dous: forão mortos tres: e os outros tres, sendo levados diante del-Rey, mandava que fossem entregues aos parentes do pastor das vaccas, pera se vingarem nelles, senão acudira Muley Abrahem que tambem os livrou aqui da morte. E é de saber pera que entendamos qual é o odio dos Mouros pera hum christão, que tendo este Rey setenta annos de idade, e sendo tão grande senhor, como teve rebate dos Almogavares, correo tres legoas em noyte fria e chuvosa, só por lhe não escaparem; e ser elle o que os cativasse, ou matasse.

São os Mouros grandes seguidores da vitoria, quando a guerra os favorece: assi como fracos e desanimados, quando levão a pior. Não quiz el-Rey largar o posto do Xercão, onde se achava, sem fazer novo acometimento. Mandara o capitão da villa tomar as atalayas altas, pera ver se podia saber se tinha el-Rey despejado o campo: e confiadamente sahio fóra, e se foi ao facho desarmado, levando-lhe um pagem sua lança e huma saya de malha: e mandou trazer um gavião pera lançar aos passarinhos. Não ha duvida que foi isto pera em tal tempo muyto descuydo, ou mais confiança do necessario. Por que os enemigos, como tinhão seu Rey comsigo, estavão ufanos com o successo do dia dantes,assi se vierão aos nossos, que erão trinta de cavallo, que sahirão com o Adayl, que affirmava despois o Capitão, que nunca vira em Mouros tão ardente arremetida. Vinhão diante tres sobrinhos do Alcayde de Alcacere, cada um por si valentes cavalleyros. Apertarão tão temerariamente com os nossos, que ainda que o Adayl fez volta sobre elles, achou tanta gente, e tal inteyreza nella, que lhe pareceo forçado fazer retirada por se não perder de todo: e assi se vêo pera os vallos deixando morto de muytas lançadas um bom cavalleyro, que Bastião Alvares havia nome; e de outras tantas o Corrieyro Atalaya, e Sancho de Rebello moço de grandes esperanças, natural da villa, e filho de Pero de Rebello, que quando em tempos atrás foi o saco da villa, morreo sobre o muro, por não deixar o lugar que lhe fora encomendado. Chegarão os Mouros, apertando com o Adayl, a romper os vallos, e jugar de travez lanças de arremesso: mas bem o pagarão, porque a artilheria os começou a varejar ao longe com dano de muytos: e os nossos arcabuzeyros, e besteyros, como era em gente junta, não fazião tiro perdido. Houve de nossa parte muytos feridos, e entre

elles o contador Fernão Caldeira ficou com a mão direyta cortada. Ensopando a lança em hum Mouro, vêo no mesmo tempo hum golpe de espada de outro Mouro, de tanta força, que lhe cortou o dedo polegar, e outros dous mais, até entrar pola haste da lança. Foi tambem ferido o Adayl de huma lança de arremesso, que falsando-lhe as couraças lhe passou o corpo de huma parte á outra: e a trouxe empenada em quanto durou a briga com assaz gentileza. Sobre tarde apareceo el-Rey com sua bandeyra no facho a dar vista á villa. E daqui mandarão Muley Abrahem, e o Alcayde visitar o Capitão, parte por cortezia entre elles costumada, e parte pera darem principio ao resgate dos cativos.

No capitulo cuja leitura vos fiz, e que não é dos mais extensos, notai principalmente a habilidade, com que o autor apanhando o estylo, comprehende em tão pequeno espaço uma tamanha variedade de successos, cujos grupos formão outros tantos quadros que passão rapidamente ante nossos olhos sem a menor confusão, que prejudique uma narração tão complicada.

Começa com relatar a assignalada victoria que o capitão de Azamor, Gonçalo Mendes Çacoto, obteve com duzentos de cavallo contra novecentas lanças e cinco alcaides d'el rei de Fez, no mesmo dia em que el rei D. João III era acclamado rei, o que contribuio para tornal-a mais celebrada. Passa logo a descrever com pincel de mestre o grande aperto de fome, proveniente da secca do anno atrás que sentio-se em toda Africa em 1522, e a péste que se lhe seguio, e de que

se não poude resguardar a praça de Arzilla, apesar das cautellas, sendo este estado de cousas aggravado pelos insultos dos Mouros, que lhe vinhão quasi bater ás portas. Depois de levantada a bandeira de saude com a cessação da peste, refere duas correrias da gente da praça nas terras dos Mouros, ambas com feliz successo. Narra em seguida a chegada d'el-rei de Fez que veio sobre Arzilla com o alcaide de Alcacere, collocando o seu campo á pouca distancia da praça no Xercão. Refere por ultimo a temeridade do capitão da praça, que sahio desarmado, levando-lhe um pagem a lança e saia de malha, e mandou o Adail com trinta de cavallo a reconhecer, si o inimigo havia levantado o campo.

Não sei o que seja mais para admirar nesta serie de quadros, si a ordem com que estão dispostos, si a precisão com que são traçados, si a sua variedade em assumpto quasi identico, nascida da diversidade de incidentes, si a substanciosa brevidade do capitulo que os contem. Só um grande mestre na arte de escrever como era Frei Luiz de Sousa, podia fazer com tanta lucidez em tão abreviado discurso um tão multiplice apanhado de successos analogos, e ao mesmo tempo tão differentes, ou metter tanta cousa sem confusão, nem omissão, em tão pequeno espaço; outro qualquer escriptor de menos pulso naufragaria por certo na empreza.

Notai agora uma cousa que duplica o merito de tudo isso; e vem a ser, que pelo maravilhoso estylo

do autor, que se adapta perfeitamente a todos os assumptos, tudo parece escripto ao correr da penna, e sem o menor esforço: a propriedade dos termos, a riqueza das expressões, as figuras de palavras, ou tropos, a constante harmonia da phrase, tudo se nos afigura cahir naturalmente da penna de Frei Luiz de Sousa, que nunca encontra a menor difficuldade em exprimir-se, por mais variados que sejão os successos e casos que descreve, formando as mais das vezes grupos e quadros, segundo o seu methodo particular de disposição. Entretanto tudo isso devia custar trabalho, e custou de certo, pois sabemos o quanto elle se esmerava em polir os seus escriptos; mas é que a grande arte do escriptor consiste justamente em encobrir o artificio, que nelle nunca é presentido.

Para dar-vos idea do bello estylo figurado do autor, ou da felicidade com que elle emprega os tropos os mais arrojados, citar-vos-hei as seguintes expressões desta passagem, as quaes são todas mui pittorescas, e nos parecem naturaes pela arte com que são trazidas.

«Todo seu cuydado era, como ja sabia de certo *que ardião em peste todos os lugares á roda*, ver se poderia escapar de se lhe comunicar a contagião na villa.»

«*Ardia o capitão de rayva*, por lhe fazer tanta guerra o ardil de hum só Mouro: *procurou armar-lhe muitas vezes.*»

«E foi muito estimada huma de Pero de Menezes, valente e *arriscado* mourisco »

«Mas não correrão muita terra, *quando forão dar de rosto*

com o campo del Rey, de que não se podendo desviar forão logo mortos dous, e dous cativos.»

«*Puzerão o rosto no Furadouro de Almenara.*»

«Era Jorge Manoel homem grande, grosso e pesado; *vinha a cavallo abafando de cansado.*»

Chegarão os Mouros, apertando com o Adayl, *a romper os cavallos*, e jugar de travez lanças de arremesso.»

E com effeito si houve jamais escriptor algum portuguez que conhecesse todos os segredos ainda os mais reconditos, não só do estylo elegante e culto, mas ainda do natural e facil, foi seguramente este que a nenhum outro cede a palma em materia de bem escrever, e nos prende a cada passo com seu modo de dizer pittoresco, e leva para onde quer. Com rasão pois é elle reputado o nosso principal classico por muitos criticos, e criticos como o Snr. Alexandre Herculano e Visconde de Almeida Garrett.

Tendo apreciado um dos mais abalisados mestres da lingua portugueza em seus principaes escriptos, passarei no seguinte discurso a analysar a Jacintho Freire de Andrade, outro prosador de grande vulto, e o segundo na ordem chronologica. Por hoje faço aqui ponto.

SECÇÃO TERCEIRA.

O Abbade Jacintho Freire de Andrade, prosador; sua biographia; sua Vida de D. João de Castro, quarto vice-rei da India.

LICÇÃO XLII.

Vou, Senhores, occupar-me com um escriptor, a quem uns teem elevado ás nuvens, e outros censurado acremente, o Abbade Jacintho Freire de Andrade, que foi contemporaneo de Frei Luiz de Sousa, pois florecêo ainda em tempo de D. Felippe III de Portugal e IV de Hespanha, supposto alcançasse tambem o reinado d'el-rei D. João IV.

O discordarem tanto os criticos sobre o verdadeiro merito deste autor, que é, apesar de seus defeitos, um dos maiores vultos litterarios do seculo XVII, nasce principalmente de não haverem distinguido nelle o grande prosador do escriptor por vezes affectado, e não isento dos vicios de seu seculo, como se tem praticado com Vieira. Feita esta distincção, é elle um primoroso modelo do fallar portuguez, que deve ser proposto ao estudo da mocidade, porque ninguem se

BIBLIOTHECA DO SENADO
DA REPUBLICA DOS E. U. DO BRAZIL

xeprimio em linguagem mais pura, nem conhecêo melhor os segredos da harmonia no arranjo e disposição da phrase, ou a verdadeira indole da lingua.

Este nosso juizo acha-se aliás confirmado pelo uso constante, que ha muito se faz deste autor para a analyse nas escolas, e não deixa de ter fundamento solido.

Nascêo Jacintho Freire de Andrade em Béja no anno de 1597, e fallecêo em Lisbôa a 13 de Maio de 1657, com sessenta annos de idade pouco mais ou menos. Foi presbytero secular, bacharel em Canones pela universidade de Coimbra, e abbade de Santa Maria das Chans no bispado de Viseu.

Seus pais que o destinavão ao estado ecclesiastico, derão-lhe esmerada educação, mandando-o estudar humanidades, e direito canonico á universidade que então se achava em Evora, e que elle depois acompanhou á Coimbra, para onde foi transferida, e onde recebêo o gráo de bacharel a 18 de Maio de 1618. Na universidade, cujas aulas cursou com geral applauso de lentes e condiscipulos, começou logo a distinguir se pelo seu talento poetico, si bem seja o seu merito como poeta muito inferior ao que apresenta como prosador, qualidade unica em que tenho de apreciál-o na forma do meu programma.

Concluidos os seus estudos universitarios, passou-se á côrte de Madrid, na qual seja pela fama do seu engenho, seja pelas bôas recommendações que levava de Portugal, foi contra o uso seguido com outros re-

querentes promptamente agraciado com a abbadia de N. S. da Assumpção de S. Bade, uma das mais rendosas da provincia de Tras os Montes, e pouco depois transferido para a de Santa Maria das Chans de Viseu, ainda mais pingue.

Não obstante estes despachos continuou a residir naquella côrte, onde foi empregado em diversas commissões de Estado, que todas desempenhou a contento do governo, que o distinguia pela sua rara habilidade e talento.

Mas desenvolvendo-se já neste tempo o espirito de resistencia ao dominio hespanhol entre os Portuguezes desgostosos, que vião perdidas todas as suas conquistas, e cuja mocidade ia servir em guerras longinquas fóra do reino, e começando a formar-se em Portugal um partido em favor do duque de Bragança, para o qual se voltavão então todos os olhos dos nacionaes, tornou-se suspeito de partidario do duque á politica sombria de Felippe III, e seu omnipotente ministro o conde duque de Olivares, pelo calor com que tomava a defeza dos opprimidos contra os oppressores, e teve de fugir d'alli em trages disfarçados para escapar á uma ordem de prisão contra elle lavrada, e de que foi avisado pelos seus amigos.

Chegado a Portugal se foi viver ignorado na sua abbadia de S. Maria das Chans, até que rebentou a gloriosa revolução de 1640, que sacudindo o jugo hespanhol, collocou no throno um rei portuguez.

Com este feliz successo sahio Jacintho Freire do

retiro de sua abbadia, na qual estava para bem dizer homisiado, e se dirigio á Lisboa, onde por seus honrosos precedentes foi mui bem recebido d'el-rei D. João IV e sua côrte, que presavão nelle a um tempo o patriota denodado, e o homem de letras illustre por seu talento.

Na côrte portugueza foi principalmente honrado com a particular amisade do principe D. Theodosio, presumptivo herdeiro da corôa, e môço de grandes esperanças que a morte ceifou ainda em flôr, e que muito se comprazia com sua amena conversação.

Morto D. Theodosio, o nomeou el-rei preceptor do principe D. Affonso, que depois reinou com o titulo de Affonso VI, cargo que o nomeado não quiz acceitar, sem duvida por conhecer a indole incorregivel do alumno, no qual os deffeitos phisicos influião sobre o moral. Nomeado depois bispo de Viseu, recusou tambem esta alta diguidade, acrescentando *que não queria gozar de uma dignidade em leite, visto que não a podia gozar em carne;* isto porque o papa que abraçára a causa de Hespanha, negava-se a confirmar os bispos nomeados pelo novo rei. Estas imprudentes palavras juntas ás duas recusas successivas o fizerão cahir no desagrado d'el-rei e de toda a familia real, que tanto o estimavão.

Achando-se pois mal visto na côrte, teve de acolher-se de novo á sua abbadia de Santa Maria das Chans, onde permanecêo algum tempo; mas não podendo accommodar-se ao retiro daquella solidão for-

cada, voltou por fim á Lisbôa, onde vivêo alguns annos na companhia de sua irmã D. Maria Coutinho, a quem muito amava, todo entregue á cultura das letras, e com especialidade á da poesia.

Accommettido aos sessenta annos de idade de uma grave enfermidade, que o arrebatou em poucos dias, foi sepultado na Igreja Parochial de Santa Justa, sem que se lhe gravasse sobre a campa inscripção alguma, que indicasse o logar de sua sepultura.

«Teve, segundo o autor da *Bibliotheca Lusitana*, a estatura mais que ordinaria, o aspecto melancholico e grave, de tal sorte, que olhado infundia respeito: a conversação agradavel com apothegmas igualmente galantes que agudos; o trato com as pessôas tão moderado, que nem era arguido de severo, nem accusado de facil.»

A obra que dêo nome immortal á Jacintho Freire, e o collocou no numero dos grandes prosadores da lingua portugueza, foi a sua *Vida de D. João de Castro:* pois os seus versos que andão na *Fenix Renascida*, e não deixão de ter algum valor, hoje quasi ninguem os lê. O seu *Portugal Restaurado*, cujos exemplares já são raros, é um opusculo traduzido de outro escripto em Latim pelo bispo capellão mór, D. Manoel da Cunha, com o titulo de *Lusitania Liberata*.

D'entre os juizos oppostos de alguns criticos acerca deste autor e sua principal obra, apenas transcreverei aqui o de José Maria da Costa e Silva, que me parece aproximar-se mais da verdade.

«É, diz elle, fallando da referida obra, o mais elegante escripto em prosa que sahio á luz no seu tempo, e a melhor biographia, que possuimos: a sua linguagem é pura, os seus discursos energicos e eloquentes, as suas descripções vivas, os seus periodos harmoniosos, e bem cortados. Ninguem sabe expôr os factos, grupal-os, e formar delles um todo com mais clareza e artificio.»

«Não nego que algumas vezes o ardor do panegirista prejudica o historiador; que alguns conceitos se resentem um pouco do máo gosto do seu seculo, a quem elle proprio fez guerra continua; porem esses defeitos são de mui pequena monta, si os compararmos com algumas bellezas da obra.»

Releva dizer aqui que a *Vida de D. João de Castro* foi composta á instancias do bispo D. Francisco de Castro, neto do heroe. «Assim (diz o bispo de Viseu, um dos criticos mais severos do autor) o valioso titulo por que mereceo a estimação de seus naturaes, e por que a sua memoria passou á posteridade, e talvez larga posteridade, foi arrancado á sua indifferença pelas importunações de um amigo».

Nesta critica tão singular, como injusta, tira-se quasi todo o merito da composição ao verdadeiro autor para se attribuir ao bispo D. Francisco de Castro, que não déo pennada no panegírico do seu illustre avô, a quem, bem como á todos os amantes das bôas lettras, fez o autor um serviço de preço inestimavel com seus escriptos!

A *Vida de D. João de Castro* foi pela primeira vez impressa em Lisbôa no anno de 1561 em vida do autor, e tem tido muitas e diversas edições, tanto em Portugal, como fóra d'aquelle reino. Acha-se tambem traduzida em algumas linguas da Europa.

Como historiador pertence Jacinto Freire á classe dos biographos; e supposto seja dos mais distinctos, é em nossa opinião o segundo depois de Frei Luiz de Sousa, e não o primeiro de todos, como pretende José Maria da Costa e Silva, de quem discordamos neste ponto. A sua historia escripta á maneira antiga com eloquentes discursos entresachados merece inteiro credito pelos abundantes materiaes, de que dispoz o autor; e é uma das mais recommendaveis, tanto pelo autorisado da substancia, como pela belleza da forma, não obstante alguma affectação de estylo. Consta de quatro livros, nos quaes o autor, seguindo os seus grandes mestres Gregos e Romanos, nos pinta em *D. João de Castro* o modelo do general e do homem publico, não do particular, a não ser no seu leito de morte.

Escolherei para lêr-vos algumas passagens do livro III desta obra, e por ellas podereis ajuizar da maneira, por que o autor escrevia a historia, e da belleza de sua dicção.

Ficou D. João de Castro no mar aquella noite, donde mandou chamar ao seu navio o Capitão mór, Garcia de Sá, Manoel de Souza de Sepulveda, Jorge Cabral, e outros Fidalgos, de conselho, aos quaes significou a resolução com que

vinha de pelejar, sobre que não queria parecer alheio; que o Governador da India não desembainhava a espada para se defender, senão para castigar; que no modo de acometer o inimigo, o aconselhassem todos. Garcia de Sá lhe approvou, e louvou a resolução tomada, apontando rasões, que ao Governador forão muy gratas, pola pessoa, e polos fundamentos. Sobre a forma de pelejar se discorreo, e assentou modo, que se teve encuberto até a execução.

Ordenou que se metesse a gente na fortaleza no silencio da noite, e emquanto desembarcava, com musicas, instrumentos e tiros dos navios, ocultar a Rumecão o intento.

Em tres noites passou a gente á fortalesa por escadas de corda; o que se obrou tão cautamente, que o não pôde entender o inimigo.

Rumecão mostrando-se mais ousado no perigo visinho, disse aos seus, que se o Governador quizesse pelejar na campanha, entrarião os Mouros na fortaleza polas portas, e não polas muralhas; que com as bandeiras Portuguezas esperava varrer a casa do Prophela; que pelejavão pola liberdade de tantos principes, que gemião opprimidos do peso da servidão e tributos; que poupassem o valor para vingar injurias de muitos annos em hum só dia; que com o peso de tantas victorias já não podia o Estado; que ordenava a fortuna trazel-os juntos, para os acabar de hum só golpe. Esforçou estas arrogancias o Turco, com mandar que a todos os soldados se dobrassem as pagas. Passava de quarenta mil homens o exercito; erão os mais dos Cabos Turcos, soldados velhos, chamados com avantajadas pagas, a quem a fama do valor lizera conhecidos. Havião chegado de refresco ao Campo setecentos Jenizaros, que quizerão, com soberba militar, separados, como para verem os Mouros, quem lhes dava a victoria.

Guarnecêo Rumecão as estancias, e poz o grosso do exercito nas partes onde lhe pareceo, que poderia pojar a nossa armada, sem que a confiança lhe fosse impedimento á disciplina. Desta sorte esperou a invasão dos nossos, á resistencia prompto, e na batalha incerto.

. . . . . .

Amanhecêo o dia, em que se contavão onze de Novembro, dedicado á memoria do glorioso S. Martinho Bispo Turonense, que nos podia favorecer Santo, e ajudar Soldado. Com a primeira luz do dia appareceo o Governador no terreiro da fortaleza com bastão de General, vestido de armas brancas com tanta magestade, que na pessoa se respeitava o cargo. Celebrou-se Missa em hum altar patente a todos, para que ao Deos dos exercitos se pedisse a victoria. Commungou o Governador, e a mayor parte dos soldados, e o Custodio dos Franciscos publicou indulgencia plenaria aos que morressem na batalha. Acabado este acto, mandou tirar as portas da fortaleza, e guizar com ellas hum almoço aos soldados, para que a confiança do General, e a desesperação de algum abrigo, igualmente servissem á victoria, fazendo-lhes o pelejar preciso, por gloria, ou por necessidade; disse assi aos soldados:

«Entramos em huma batalha, onde vencidos, honraremos nosso Deos com o sangue; vencedores, nosso Rei com a victoria. A força do exercito inimigo, são Turcos, e Jenizaros, os quaes como soldados mercenarios, buscão a guerra, aborrecem a peleja. A outra parte se compõe de nações differentes, o soldo as obriga a estar juntas, mas não a estar conformes. Não são estes mais valerosos que seus pays e avós; não serão mais felices; a todos sujeitarão nossas armas. Este imperio da Asia é filho de nossas victorias, criamol-o em seu

primeiro berço, sustentemol-o agora ja robusto, que depois de largas idades nos ha de mostrar ao mundo com o dedo a fama deste dia. Animar á batalha, fora esquecer-me que somos Portuguezes.»

Nesta forma tinha ordenado a gente. Deo a vanguarda a D. João Mascarenhas, devendo-se lhe este mayor perigo, como premio dos outros; aggregou-lhe quinhentos Portuguezes, seiscentos Canarins, quinhentos Naires. A D. Alvaro de Castro, outros quinhentos Portuguezes, em que entravão todos os Fidalgos e Capitães de sua Armada. A D. Manoel de Lima, outros quinhentos. O Governador ficou com os mais, que serião oitocentos Portuguezes com alguns Canarins e Malabares.

Os Mouros cada dia engrossavão o campo, e de fresco tinhão chegado Alucão e Mojatecão com cinco mil soldados.

Mandou o Governador fazer sinal á Armada com os foguetes; o qual conhecido, partio á voga arrancada, e arrimando-se á praya, desparou a artelharia toda nas estancias dos Mouros; escondeo a fumaça os navios por hum espaço largo, com que o inimigo não acodio ao que havia de temer, senão ao que temia, solicito no perigo imaginado, descuidado no certo. Rumecão com o grosso do exercito carregou aquella parte do mar a impedir a desembarcação aos nossos. O Governador sahio a este tempo da fortaleza com escadas prevenidas para encostar ao muro. D. João Mascarenhas foi com os de sua companhia cingindo a cava, por sobir por aquella parte, onde estava o baluarte de Diogo Lopes de Sequeira. Antonio Moniz Barreto, que ia nesta conserva, encomendou a sua escada a tres valentes soldados: estes forão os primeiros que ensanguentarão a victoria, sem que chegassem a vel-a. Tinhão vindo aquelle anno nas naos do Reyno com Lourenço Pirez de Tavora; erão naturaes da Villa do Torrão, e tra-

zião cartas a Antonio Moniz de sua mãy, que lhos recomendava, as quaes lhe derão estando para entrar na batalha; elle as recebeo alegre, dizendo aos soldados, que se livrasse com vida, lhes faria bons officios com o Governador; ao que elles responderão conformes, que só naquelle dia necessitavão de seu favor, que ao diante seus procedimentos lhes farião passagem; que lhe pedião lhes entregasse aquella escada, seguro de que a saberião arvorar, e defender com as vidas. Antonio Moniz, vendo brios tão honrados em soldados humildes, lha entregou confiado, dizendo, fiava delles o credito, e a escada, a qual logo que alevantarão com desgraçado valor, hum tiro cego lhes estroncou as cabeças.

Referirei hum estranho desafio, que deixara de escrever por lastimoso, senão fora tão illustre. D. João Manoel, e João Falcão, Fidalgos de muita opinião, andavão entre si mal avindos por desconfianças leves, que no juizo dos homens, vem a pesar aquillo em que se estimão. Tratarão de averiguar no campo estes desabrimentos, fazendo juiz de sua porfia o valor, ou o caso. Os padrinhos, que entravão na contenda com mais livre juizo, reduzirão a questão a mais honrado duello, discorrendo que o Governador tinha a pique a jornada, e que o desafio, que sempre era delicto, seria agora escandalo, que polo bando perdião as cabeças; e que D. João de Castro não era pay, ainda que o parecia; sofria culpas, mas não atrevimentos; que podião sanear as honras, onde arriscavão as vidas; concertando-se, que o que primeiro e com mayor valor sobisse ao muro do inimigo, ficasse por melhor reputado na singular e na commum batalha, inventando, com engenhoso valor, mortes com premios, desafios sem culpa. Satisfizerão-se da proposta hum e outro inimigo; pedirão a parentes e amigos lhes tivessem as esca-

das, como homens, que havião de pelejar pola honra do Estado, e pola sua. Começarão de sobir a hum mesmo tempo. D. João Manoel, lançando huma mão ao muro, lha levarão de hum golpe; acodindo com a outra, tambem lhe foi cortada, soccorrendo-se com os cotos para ferrar o muro, com hum golpe de alfange lhe levarão a cabeça. João Falcão acometeo ao mesmo tempo o muro, e tendo-o já vencido, defendendo-se valerosamente, foi morto a cutiladas. Sobre qual destes dous contendores deo mayores provas de valor, fizerão os soldados de brio juizos differentes; nós diremos em beneficio de ambos, que não devia mais á honra, quem deo tudo por ella.

Começou D. João Mascarenhas com os seus a arrimar as escadas, sobindo muitos com tanta resolução, como fortuna, porque ainda que recebidos nas lanças, vencerão a resistencia; estes comprarão a gloria de ser primeiros com o perigo de se achar sós no campo, tendo o peso dos Mouros em quanto lhes chegavão os companheiros. Os feitos de armas, que se obrarão nesta primeira escala, se deixão conhecer da postura com que se combatia; pois os Mouros pelejavão firmes, e os nossos pendentes. D. Alvaro de Castro, e D. Manoel de Lima, atravessarão o muro por differentes partes, recebendo na mayor resistencia, mayor dano. Perderão alguma gente emquanto pelejavão derramados, logo que se firmarão, derão lugar mais franco a que os seus sobissem.

O Governador achou no raso mayor perigo, que teve na sobida, porque encaminhou logo á ponte, que estava defendida com um grosso de gente, e muitas peças assestadas nella; a importancia de ganhal-a era igual ao perigo. Cometeo-a o Governador a risco aberto; o valor foi singular, o caso milagroso; porque chegando muitas vezes os Mouros o murrão

ás peças escorvadas; nenhuma tomou fogo; successo para milagre, opportuno; para accidente, raro. Porem não quiz o Ceo toda a victoria, porque crecendo os Turcos na defensa da ponte com e-copetas, panelas de polvora, e lanças de arremeço, retardarão o impeto dos nossos. Alguns voltarão os rostos aos pelouros, quiça para mostrar-nos Deus quanto valemos, deixados em nós mesmos; fugião os fracos, detinhão-se os valentes, porem D. João de Castro a nenhum inferior no esforço, mayor que todos no acordo, com alguns que o acompanhavão, cerrou com o inimigo, bradando a vozes altas: «Victoria, fogem os Turcos.» Esta voz se derramou com tão felices eccos, que os nossos outra vez unidos, buscarão sua bandeira; e os inimigos timidos, ou credulos, forão perdendo o campo; sendo esta voz do General a porta por onde se entrou á victoria. Aqui fizerão os nossos estrago, como de vencedores, e o que era ardil, já parecia verdade. O Governador, sem perdoar instante á sua fortuna, foi atravessando o Campo, e como nem a victoria tem temeridades, nem o temor conselho, D. João cercado de quasi todo o exercito inimigo, se acclamou victorioso, fogindo por aquella parte os Mouros, sem dano, mas já desordenados. Emfim tivemos por seu lado a victoria, primeiro que a batalha. Entre os da companhia do Governador, se affirmou sem contradição, que fora elle o primeiro que cavalgara o muro, e deste feito não achou testemunha contra si, mais que a si mesmo, que lisamente disse, que Lourenço Pirez de Tavora primeiro afferrara o muro; não querendo o credito da fama menos averiguada, havendo por escusado furtar honra, a quem sabia ganhal-a.

Avisado Rumecão da desordem com que os seus fogião, acodio com hum grosso batalhão de Turcos a deter, ou es-

torvar a victoria, e como a ventagem do numero era tão superior, retardando a furia dos nossos, igualou a batalha. Durou a porfia espaço largo. Foi derribada duas vezes a bandeira Real; o que vendo o Governador, bradou impaciente: «Que é isto Portuguezes? Tirão-vos das mãos a victoria! Tirão-vos a bandeira!» E remettendo ao inimigo cuberto de huma adarga, em que trazia duas settas cravadas, com a voz, e com o exemplo, animou os soldados de maneira, que com furiosa corrente, fizerão retroceder os Mouros, fogindo os ultimos com o terror dos primeiros.

D. Alvaro de Castro, e D. Manoel de Lima, feitos em hum só corpo, se fizerão invejar de seus soldados, e de seus inimigos. Acometerão a Alucão, e Mojatecão valentes Turcos, e Cabos principaes do exercito, que muito espaço lhes fizerão duvidosa a victoria. O sangue tingia a terra; a vozeria dos Mouros estremecia o campo, como perigo novo; o horror, e a confusão arrebatava os sentidos, de sorte, que muitos sentião as mortes, primeiro que as feridas: cedeo emfim ao valor o numero, e os Turcos se retirarão com infinitos mortos, as estancias perdidas. D. João Mascarenhas acometeo a Juzarcão, ao qual ganhou o posto, com não menos valor, nem peyor fortuna.

Rumecão, não perdendo animo, nem acordo com a primeira desgraça, esperou a ultima, formando seus esquadrões no campo aberto, ou fosse necessidade, ou confiança, porque em tão numeroso exercito, mais se conhecia o temor, que a perda, e como é proprio nas desgraças accusar a fortuna, fez Rumecão suas expiações com vozes, e alaridos supersticiosos, que os nossos ouvirão, como para conciliar a indignação dos Astros.

D. João de Castro, não querendo perder hum só momento

de tão formoso dia, juntou a si o pequeno exercito, e dando a vanguarda a seu filho D. Alvaro, arrostou o inimigo, que o esperou formado, e estendendo as pontas da mea lua, com que estava plantado, veio cingindo a nossa infanteria; porem D. Alvaro, como se quizera para si só a gloria deste dia, investio o inimigo com tanta gentilesa, que foi entre os seus o primeiro, que chegou a ferir os Mouros, cometendo, ou abrindo com espada e rodela hum esquadrão cerrado. Sustentou o inimigo o campo na primeira investida, mas não podendo sofrer o peso da batalha, começou a retirar-se com desordem. Os nossos rompendo de todo as fileiras turbadas, seguião mais, que destroçavão os inimigos rotos. Por esta parte se começou a declarar a victoria; mas Rumecão com um grosso batalhão de Mouros e Jenizaros, fez aos nossos rosto, que derramados no alcance, ou desprezarão, ou esquecerão a disciplina.

Aqui esteve D. Alvaro perdido, porque não podendo seus soldados resistir divididos, ião deixando aos inimigos o campo e a victoria, sem que as vozes de D. Alvaro, e constancia com que pelejava, pudesse deter a huns, nem ordenar a outros: tão pendente está do mais leve accidente a fortuna da guerra! Frei Antonio do Casal, de cujo valor religioso fazem os autores memoria, com hum Crucifixo arvorado, começou com piedosas e esforçadas razões, a reprehender e animar os nossos, mostrando-lhes a imagem de Christo, exposta outra vez na Cruz a segundas injurias; aconteceo, que huma pedra perdida desencravou hum braço do Crucifixo, e lho deixou pendente, mostrando-se em huma mesma perspectiva o sagrado transumpto, aos filhos inclinado, aos infieis caido. Os nossos com mayor espirito nas injurias do Ceo, que nas do Estado, mostrarão differente valor em diffe-

rente causa, devendo mais á offensa de quem erão creaturas, que ao imperio de quem erão soldados Subitamente se unirão conformes, e recobrando forças, mais forão os instrumentos da victoria, que os autores della. Rumecão se retirou desbaratado, e D. Alvaro baralhado com elle, entrou de envolta na cidade, achando já mayor estorvo nos mortos que cahião, que resistencia nos vivos que se não defendião.

A este tempo chegou D. Manoel de Lima, tão valeroso no mar, como na terra; o qual pola parte que lhe tocou, rompeo o inimigo, até se juntar com D. Alvaro, e entrados na Cidade, fizerão cruel estrago nos Mouros, que rotos, e divididos buscavão salvação na fugida mais que na resistencia. Já o semblante da guerra mais parecia saco, que batalha; os nossos achavão Mouros, não achavão inimigos; muitos metidos polas casas roubarão suas mesmas fazendas, que occultavão, como furto á victoria; outros deixavão as armas, por fugir mais ligeiros. D. João Mascarenhas entrou por outra parte na cidade, dando neste dia fim a tão glorioso cerco.

O Governador ainda pelejava no campo, solicito da victoria dos seus, certo na sua, quando lhe chegou aviso que a cidade estava já rendida. Mas Rumeção, pondo tropeços á victoria, tornou a rebentar, como mina, com oito mil soldados, ordenando-se em forma de dar ou esperar nova batalha; que era o poder tão grande, que das reliquias do seu estrago fez outra nova guerra. Sahião a este tempo da cidade D. Alvaro de Castro, e D. João Mascarenhas, e D. Manoel de Lima a congratular-se da victoria com o Governador, quando virão a a Rumecão no campo com outro novo exercito. O Governador não querendo, que a suspensão parecesse temor, quasi com o mesmo alento da primeira batalha cometeo a segunda, ordenando tres esquadrões, os dous que buscassem os inimi-

gos polos lados, e elle pola frente. Nesta ordem cometeo o inimigo, o qual mais desesperado, que constante, aguardou o primeiro impeto dos nossos; mas como pelejava ja timido e desconfiado, e os seus com cobarde e forçada obediencia lhe assistião, com leve resistencia nos deixarão o campo. Bem que em todas as facções do cerco e da batalha, se mostrou Rumecão tão valeroso, como disciplinado; mas nas adversidades, merece-se melhor, do que se alcança, a fama.

Abrirão-se os Mouros pola frente, e o Governador, á maneira de rio impetuoso, cuja corrente tudo leva diante, quasi indefesos os foi desbaratando. Já no campo se fazia estrago sem batalha; os Mouros parecião inimigos na fugida, e não na resistencia; e como os nossos acometião algumas mangas que se mantinhão inteiras, elles mesmos se desordenavão por remedio, fogindo huns dos outros, com igual ou mais certo perigo, que fogião dos nossos. Outros, por não parecer inimigos, arrojavão as armas, como instrumentos que nos podião acordar aggravo, ou vingança. Emfim naquella tragedia se representavão todos os affectos, de que o temor se veste. Rumecão vendo tudo perdido, vestindo uma pobre cabaya, se lançou entre os mortos, occultando-se á ira e a victoria; porem huma pedra tirada de mão incerta, o livrou, com a morte, do triumpho. Muitos deste homicidio se fizerão autores, como já nos tempos de Galba, de quem quizerão ser mais os matadores, do que forão as feridas. E em nossos dias, e nosso mesmo Reyno, vimos tambem hum caso nada desemelhante.

Advertidamente calei os casos particulares desta batalha, porque se não podem louvar huns, sem injuria de outros; só dos Cabos, e pessoas mayores demos breve noticia, por reverencia do lugar, e do sangue; demais, que na confusão de

huma batalha, difficultosamente se podem particularisar os accidentes com o rigor da verdade; e é certo, que aquelles, a cuja penna não escaparão os atomos do caso mais occulto, ou buscarão soccorros para a historia, ou penetrarão os acontecimentos com vista mais aguda. Basta saber, que tão illustre empresa honrou naquelles tempos nossas armas, nestes nossa memoria; e creio, que em todas as facções da Asia, nos cercos não tivemos mayor, nas batalhas não tivemos igual.

.....

Nas passagens que acabei de ler-vos, notai logo do primeiro volver d'olhos, a belleza do discurso indirecto de Rumecão e a mascula e incisiva eloquencia do pequeno discurso de D. João de Castro, a succinta narração dos aprestos para a batalha, e a perfeita descripção desta com todos os seus incidentes notaveis, horrores, e peripecias.

Vêde como se achão bem grupados os factos que nos são referidos, como cada grupo delles fórma um quadro que passa rapido, mas sem a menor confusão, porque a succulenta concisão de estylo do autor só descreve o essencial, ou o que póde produzir effeito, como finalmente todos esses quadros constituem um todo completo, ou uma especie de galeria tão bem ordenada, que nada deixa a desejar.

Nestas bellas descripções que se multiplicão, e nos arrebatão involuntariamente, não ha felizmente resaibo algum de máo gosto a não ser nesta passagem.» E é certo que aquelles, a cuja penna não escapárão *os ato-*

mos do caso mais occulto, ou buscárão soccorros para a historia, ou penetrárão os acontecimentos com vista mais aguda.» *Os atomos do caso* é conceito alambicado, e expressão redicula. Em tudo o mais o autor é verdadeiramente eloquente, e digno de si mesmo.

Notai depois a pureza da linguagem, a propriedade dos termos, a riqueza da dicção, a nobreza e elegancia do estylo, posto que algumas vezes prejudicadas por antitheses, os rasgos de eloquencia; e sobretudo as duas grandes virtudes, em que Jacintho Freire, apesar de seus defeitos, leva vantagem á todos os outros prosadores da lingua portugueza, concisão admiravel, e harmonia constante de phrase. O seu estylo tão ajustadamente conciso, e o numero e cadencia de sua bella prosa, nos atrahem, enlevão, e farão com que este autor seja sempre lido de todos, e preferido para o uso das escolas.

Com todos estes dotes é todavia Jacintho Freire inferior a Frei Luiz de Sousa como prosador, quer na naturalidade e graça do dizer, pois sacrifica ás vezes a clareza á satisfação do ouvido, quer no pittoresco da expressão, em que o segundo não tem rival. Sabe alem disso á rhetorico em alguns dos seus discursos, o que o faz passar por declamador; mas estes vicios são de ordinario compensados pelas virtudes, que deixo enumeradas.

Assim razão tem José Maria da Costa e Silva, quando diz que os defeitos desse autor são de pouca monta comparativamente ás suas virtudes; e João Bernardo da

Rocha que é o seu maior detractor, e um prosador de pouco merito, não tinha por certo ouvido para apreciar taes bellezas de harmonia.

Tendo apreciado a Jacintho Freire de Andrade na obra que o immortalisou, passarei em outros discursos a analysar o P.e Antonio Vieira, ou o terceiro grande prosador do seculo XVII.

SECÇÃO QUARTA.

O Padre Antonio Vieira, prosador; sua biographia dividida em tres partes; seus Sermões; suas Obras varias; suas Cartas.

LICÇÃO XLIII.

Vou, Senhores, apreciar hoje um dos maiores engenhos que produzio Portugal depois de Camões, o P.e Antonio Vieira, da Ordem dos Jesuitas, orador, epistolographo, e escriptor mistico e politico, que por sua longa vida atravessou quasi todo o seculo XVII, ou os reinados de D. Felippe III, D. João IV, D. Affonso VI, e a regencia do principe D. Pedro, e foi ainda contemporaneo de Frei Luiz de Sousa, e Jacintho Freire de Andrade, pois tinha 24 annos na época do fallecimento do primeiro em 1632, e 39 na do segundo em 1657. Este orador sagrado, que póde por sua eloquencia ser comparado á Cicero, ou á Bossuet, apesar do abuso que fez da agudeza de seu engenho, um dos mais perspicazes que se conhecem na Republica das Lettras, é ao mesmo tempo um dos principaes prosadores da lingua Portugueza, o mais correcto e perfeito sem con-

tradicção, e pela ventura o mais bem apreciado de todos, por ser o que mais se approxima de nossa idade, e modo de fallar actual.

Linguagem depurada e castiça, admiravel propriedade de termos, riqueza e variedade de elocução, viveza de imagens, novidade e primor de pinturas, modos de dizer concisos, expressivos, engenhosos, são dotes que sobresahem a cada passo neste escriptor insigne, e lhe assignão como mestre da lingua um dos primeiros logares entre os primeiros.

Deste autor eloquentissimo pódem os criticos Portuguezes e Brazileiros dizer com a mesma ufania, com que Quintiliano dizia de seu Cicero, *Cicero non hominis, sed eloquentiae nomen habetur*, Vieira não é um homem, mas a eloquencia encarnada no homem. Por isso a licção continua de seus escriptos torna-se indispensavel a todos que desejarem fazer aprofundado estudo do Portuguez, por elle tão superiormente manejado, que nada tem que invejar a nenhuma lingua culta antiga ou moderna.

Este homem, tão celebre por seu extraordinario engenho e abalisadas lettras, foi tambem, sob a modesta roupeta do Jesuita, um dos corações mais nobres, em que ardêo o fogo sagrado do amor da patria, um dos maiores politicos e estadistas do seu seculo, um diplomata consummado, o amigo esclarecido, o conselheiro intimo, o mentor dos reis, a quem prestou os mais assignalados serviços, tanto dentro como fora do reino, segundo vereis da noticia de sua vida

que passo a dar-vos, não tão completa como desejára, mas tal qual o comporta o plano, que me tracei. Dividirei esta noticia em tres partes, como requer uma vida tão longa e variada.

O Padre Antonio Vieira, cuja verdadeira naturalidade foi algum tempo contestavel, por se julgar ser filho do Brazil, onde foi educado e residio grande parte de sua vida, nascêo em Lisboa, á 6 de Fevereiro de 1608, como consta de seu assentamento de baptismo, descoberto por diligencia do fallecido arcebispo da Bahia D. Romualdo Antonio de Seixas, e fallecêo na Bahia de Todos os Santos, á 18 de Julho de 1697, com 89 annos e seis mezes de idade.

Forão seus paes Christovão Vieira Ravasco e D. Maria de Azevedo, ambos pessoas mui qualificadas pela antiguidade de suas familias, os quaes emigrárão em 1615 para a Bahia de Todos os Santos, então capital dos Estados da America Portugueza, quando o menino Vieira contava apenas 8 annos incompletos. Não se sabe ao certo qual foi o motivo que impellio a Christovão Vieira Ravasco a mudar a sua residencia para o Brazil; suppõe-se que iria desempenhar algum cargo publico importante, por exemplo o de Secretario d'aquelle Estado, cargo que foi depois exercido por seu filho Bernardo Vieira Ravasco, irmão de nosso autor.

Logo desde menino mostrou Antonio Vieira a agudeza de seu engenho, e na viveza de sua imaginação, o portentoso talento, com que o dotou a natureza,

distinguindo-o do commum dos homens. Applicado por seus paes, pouco depois de chegados ao Brazil, ao estudo das linguas e das humanidades nas escolas dos Jesuitas do collegio da Bahia, que gosava então de grandes creditos, fez rapidos progressos em tudo quanto lhe ensinárão seus mestres que não cessavão de admirar nelle um talento tão precoce, e foi o alumno mais aproveitado que sahio de taes escolas.

Aos 15 annos de idade, ou por vocação propria, ou por instigações de seus mestres que desejavão adquerir para a companhia um engenho tão raro, fugio da casa paterna para abraçar o Instituto Jesuitico, sendo com muito alvoroço recebido pelos padres, que conhecião a preciosidade de aptidão que se occultava em tão verdes annos. Fizerão seus paes as maiores diligencias para dissuadil o do intento, mas tudo naufragou diante da firme resolução do adepto, que estava predestinado a ser um dos grandes lumes da sua ordem.

Depois de dous annos completos de noviciado, professou a 6 de Maio de 1625; e proseguindo em seus estudos, continuou a assombrar á condiscipulos e mestres com o alto gráo e rapidez de seu aproveitamento.

Por occasião de sua profissão fez voto de instruir na Religião Christã os gentios do Brazil e os escravos Africanos, para o que aprendêo as linguas Brasilica e Bunda; e sem declarar este voto a seus superiores, começou a cumpril-o todas as vezes que achava para isso opportunidade.

Tal era a sua instrucção e capacidade intellectual aos 18 annos de idade, que os Jesuitas o encarregárão decompôr as cartas latinas chamadas *annuas*, que dirigião ao Geral da Ordem, dando-lhe conta do estado da Provincia, e o nomeárão lente de Rhetorica para Olinda, commissões que desempenhou com muito louvor.

Chegado aos 21 annos, resolvêrão seus superiores que entrasse no curso de Philosophia, para depois applicar-se ao estudo da Theologia. Foi então que declarou o voto que havia feito, pedindo que o dispensassem de continuar a seguir a carreira das letras, para poder dedicar-se inteiramente áquella piedosa tarefa. Mas os superiores, julgando que não devião privar a sociedade das luzes que podia diffundir um tão prodigioso engenho, lhe annullárão o voto, mandando-o conformar com a sua resolução delles, ao que obedecêo, não sem pesar de vêr frustado aquelle seu primeiro designio

Taes forão os seus progressos nestes estudos mais elevados, que ainda era ouvinte em Philosophia, e já compunha um curso philosophico; e quando depois frequentou as aulas de Theologia, propunha aos lentes questões de tal importancia, que teve determinação positiva dos superiores para não tomar apostillas de outrem; o que era justamente uma confissão de que o discipulo tinha habilitações para mestre.

Em Dezembro de 1635 tomou ordens de presbytero, mas já antes disso exercia na Bahia e suas vi-

sinhanças o sagrado ministerio do pulpito, e continuou a exercêl-o alli até 1640 com grande applauso dos numerosos ouvintes que assistião ás suas prédicas. Foi justamente em 1640 que pregou o seu celebre sermão *pelo bom successo das Armas de Portugal contra Hollanda*, tão notavel e extraordinario em seu desenvolvimento, novidade e elevação, que mereceo ser traduzido em Francez pelo abbade Raynal. Neste sermão em que Deus, para quem se appella delle mesmo, é a cada passo chamado á discussão, já se divisa o grande orador, cuja fama se havia depois espalhar pela Europa, e encher todo o Orbe Christão.

No principio do anno de 1641 chegou á Bahia a noticia da gloriosa revolução de 1640, e da feliz acclamação do duque de Bragança, rei de Portugal, com o titulo de D. João IV. O Vice-Rei do Brazil D. Jorge Mascarenhas, marquez de Montalvão, depois de haver feito acclamar alli o novo rei, mandou seu filho D. Fernando Mascarenhas á Lisbôa felicital-o, e render-lhe homenagem, indo na companhia do joven fidalgo para dirigil-o, o Padre Antonio Vieira, que a principio recusára, mas depois acceitou a commissão, que ia tornal-o conhecido na Europa.

Largou este da Bahia com D. Fernando Mascarenhas e o Padre Simão de Vasconcellos a 27 de Fevereiro de 1641. Mas ao chegarem ás costas de Portugal foi o navio em que iáo assaltado por tão violento temporal, que esteve em termos de perder-se, e só a 28 de Abril é que tomárão terra na praia de Peniche.

Havendo dois irmãos de D. Fernando Mascarenhas passado ao partido de Castella, e achando-se presa no Castello de Arraiolos sua mãe, D. Francisca de Vilhena, por afeiçoada aos Castelhanos, alvorotou-se o povo com ver saltar em terra um membro d'aquella familia reputada traidora, maltratou-o cruelmente, fazendo-lhe uma ferida na cabeça, e o teria morto, si não viesse em seu soccorro o conde de Atouguia, governador de Peniche, que o salvou. Neste conflicto corrêo tambem perigo de vida o Padre Antonio Vieira, que esteve preso até 19 de Maio, mas, reconhecida a sua innocencia, foi posto em liberdade, e partio a 30 para Lisboa a fallar a el-rei, cuja benevolencia captou por suas maneiras persuasivas e eloquentes.

No dia 1° de Janeiro de 1642 prégou á Côrte na capella Real; e desde logo produzio por sua eloquencia a mais profunda impressão naquelle escolhido auditorio, que o elevava ás nuvens. Não tardou muito que não começasse a gosar da graça d'el-rei, justo apreciador do merito que nelle resplandecia. Nomeou-o este seu prégador, de que lhe mandou patente em 1644 por um grande do reino, e o admittio á sua privança, ouvindo o seu parecer nos negocios mais importantes do Estado, e até no modo de fazer a guerra á Hespanha.

Estes favores reaes excitárão ciumes não só entre os seculares, mas entre os mesmos Jesuitas, que se mostrárão pouco satisfeitos do procedimento de Vieira, tornado aulico, e até chegárão a pôr em conselho o despedil-o da Ordem. Informado el-rei do caso, e

desejando valer-lhe, mandou-lhe offerecer pelo Secretorio de Estado Pedro Vieira da Silva alguns dos bispados vagos para sahir airosamente da Companhia. Não quiz porem Vieira aproveitar-se da real munificencia; e respondêo ao Secretario de Estado: «Que á todas as Mitras, de que S. M. podia dispôr, antepunha elle o viver no logar mais humilde entre os Jesuitas; que si estes chegassem a despedil-o, e nem para servo o quizessem admittir de novo, ficaria da parte de fóra, lastimando-se e chorando, até acabar a vida junto d'aquellas amadas portas, dentro das quaes lhe tinha ficado a alma toda.»

Em consequencia deste nobre procedimento de Vieira não tomou a Companhia o expediente que projectava, e elle continuou a ser ouvido nos conselhos do rei, e a propôr algumas medidas da mais alta transcendencia.

Propoz ahi entre outras cousas uteis o seguinte:—Que se organisassem duas companhias mercantes, uma Oriental, outra Occidental, das quaes a segunda chegou a estabelecer-se e a aprestar grandes serviços ao Estado; que se mandassem plantar no Brazil as drogas da India para destruir o commercio dos Hollandezes; que se comprassem quinze fragatas em Amsterdam para defender o porto de Lisboa, e acudir á Bahia.—E porque erão necessarios para isso 300,000 cruzados, e no Conselho de Estado se disse que não era possivel havel-os; elle, com um simples escripto dirigido ao negociante Duarte da Silva, seu amigo, conseguio esta somma.

No anno de 1646 o enviou el-rei pela primeira vez a Pariz e a Haya em missão diplomatica, mas não foi longa alli sua demora, porque em Agosto do mesmo anno já estava de volta em Portugal. No verão de 1647 foi enviado segunda vez ás mesmas capitaes, fazendo viagem por Londres e Douvres. Chegou a Pariz por fins de Outubro, e em Dezembro do mesmo anno já se achava em Haya. Alli negociou o modo de enviar á Portugal tres fragatas, que fez construir em Hamburgo, uma das quaes trouxe petrechos de guerra, que forão de muita utilidade nas linhas d'Elvas.

Tal era a confiança que tinha el-rei na capacidade de Vieira, que o nomeou para acompanhar á D. Luiz de Portugal ao congresso de Westphalia; e como não fosse adiante este projecto, quiz deixal-o seu ministro em Haya, para substituir a Francisco de Sousa Coutinho, do que elle se excusou, allegando o seu Instituto.

Em fins de Agosto de 1649 achava-se já de volta ao reino, onde se não demorou muito; porque a 10 de Janeiro de 1850 partio para Roma encarregado de nova missão diplomatica. De Roma sahio no mesmo anno para Lisbôa, onde já pregava em fins de Novembro.

Ministro sem pasta, conselheiro sem titulo, e embaixador sem credenciaes, prestava Vieira mais serviços por seus talentos e alta capacidade, que os que tinhão as dignidades e honras de taes cargos, muito principalmente si se attender que o seu voto era o de mais peso no conselho, e que o fim de suas missões diplomaticas era dirigir os embaixadores portuguezes

nas côrtes estrangeiras, e fiscalisar o seu procedimento, correspondendo-se com el-rei por cifras.

Nestas mesmas missões não deixou de correr risco a sua vida, pois é fama que o embaixador castelhano em Roma esteve a ponto de mandar tirar-lh'a, si elle não sahisse promptamente d'aquella capital, suspeitando que Vieira que lhe propuzera o casamento do principe D. Theodosio com a infanta D. Maria Thereza, unica herdeira de Filippe IV, como meio de acabar a guerra entre Portugal e Hespanha, tinha por missão secreta entender-se com os Napolitanos revoltados, que se querião tornar independentes desta.

Si é bello vêr na Europa este homem filho unicamente de suas obras, ou cujo credito com a côrte e com o povo foi todo devido ao dom de sua palavra eloquente, servir o rei, e não acceitar os favores reaes de tantos ambicionados, não é por certo menos bello o espectaculo que elle nos apresenta na America, lutando constantemente com colonos e governadores interesseiros em favor dos indios desvalidos, que só no seio da Religião encontravão protecção, como vereis na segunda parte de sua biographia, que será objecto do seguinte discurso.

LICÇÃO XLIV.

Irei, Senhores, hoje buscar o padre Antonio Vieira á Europa, para conduzil-o de novo á America na sua excursão ao Maranhão e ao Pará, um dos periodos de sua vida que mais nos deve interessar a nós Maranhenses, pelas recordações que nos deixou na sua passagem o grande Jesuita, seja civilisando os Indigenas desta e da provincia visinha, seja prégando em nossos templos, que ainda me parecem retumbar com os eccos de sua voz sonora e eloquente.

Em 1650 achava-se Vieira em Lisbôa de volta de sua embaixada á Roma, como fica dito. Não podendo porem conservar-se ocioso, porque estava desapressado de negocios politicos, partio com o P.e João de Soto-Maior em missão á villa de Torres Vedras, onde prégou com o costumado applauso e fructo. Desejava ficar em Portugal, mas seus superiores, querendo sem duvida apartal-o da côrte, onde seu grande credito fa-

zia sombra a tantos émulos, exigirão que voltasse ao Brazil em serviço da Companhia. Dispoz-se elle a partir, si bem contasse não teria effeito a viagem, por lhe haver promettido el-rei mandar contra-ordem na vespera della. Como porem não chegasse a contra-ordem esperada, porque el-rei esquecêo-se facilmente da promessa, largou do porto de Lisbôa, a 22 de Novembro de 1652, contra a sua vontade, segundo elle proprio confessa.

Eil-o pois de novo em viagem para o Brazil, desta vez não para a Bahia, sua segunda patria, onde recebêo a educação, e se fez homem e orador, mas para o Estado do Maranhão, que apenas contava nessa epoca uns trinta e tantos annos de existencia, ou a idade de uma geração pouco mais ou menos.

Ao cabo de um mez de viagem teve a caravella, em que ia, de arribar, em consequencia do máo tempo, á ilha de Cabo-Verde, onde se demorou alguns dias para reparar-se, os quaes empregou elle em prégar aos moradores da ilha, e doutrinal-os, deixando por toda parte vestigios de sua passagem civilisadora. D'alli escrevêo ao principe D. Theodozio, excusando-se de se não haver despedido de S. A., e explicando os motivos de sua viagem, bem como ao capellão do principe, intercedendo em favor dos parochos e povos da ilha. A sua demora nella foi mui curta, porque a 17 de Janeiro de 1653 já se achava no Maranhão, logar de seu destino.

Aqui porem o aguardavão novos e grandes traba-

lhos, sem duvida mais difficeis de supportar do que os que havia passado até então. Pouco depois de sua chegada á nascente colonia, amotinou-se o povo com a publicação de uma Ordem Regia para a liberdade dos Indios escravos, e suppondo ter ella sido solicitada pelos Jesuitas, quiz recorrer á violencia contra estes, que correrião grave risco, si não interviesse em seu auxilio a força armada, que os pôz a coberto dos insultos. Nesta occasião empregou Vieira toda a sua autoridade e eloquencia, fallando aos amotinados, e procurando acalmar as paixões, não sem fructo para a cessação da tormenta popular. Prégava então pelas ruas, catechisava os meninos, visitava os enfermos, e com os soccorros espirituaes lhes levava tambem os temporaes. Não havia na cidade de S. Luiz um Hospital; e por exhortações suas começárão a concorrer as esmolas para se dar principio á obra, que só mais tarde foi concluida no sitio onde existio esse antigo edificio, ou na Praça de Palacio.

Enviava entretanto padres para começarem as Missões do Pará, e designava os que devião ficar em S. Luiz. Socegada de todo a sedição, e reguladas estas cousas, dispoz-se a procurar os Indios chamados *Barbados*, subindo pelo rio Itapucurú. O governador porém que devia prestar-lhe canôas, praticos, e remeiros, lhe foi retardando a viagem sob diversos pretextos, sem duvida para não perder o serviço dos Indios, que occupava em suas lavras, de modo que ella não chegou a ter effeito. Desgostoso com isto, passou-se Vieira ao

Pará com projecto de demandar os Indios *Poquiz*, que vivião nas margens do rio Tocantins. Chegou a emprehender a viagem; mas vendo-se a cada passo contrariado pelos agentes do governador d'alli que só tratavão de satisfazer a sua avareza, fazendo presas, teve de voltar do meio do caminho a Belem, e ahi convenceo-se que tudo nascia da má fé e cobiça do governador que dava a seus agentes umas ordens em presença do Missionario, e outras reservadas e secretas em opposição ás primeiras.

Puzerão então os Jesuitas em conselho o estado perplexo das Missões, a cujo progresso creavão constantes tropêços os governadores e capitães-mores, ou os mesmos que devião protegel-as, e accordárão em enviar o P.e Antonio Vieira á Lisbôa, para advogar a causa dos Indios, e requerer remedio a el-rei contra a falta de cumprimento de suas ordens. Partio este logo do Pará para o Maranhão, e entrou a dispôr as cousas para o embarque, o qual effectuou occultamente a 16 de Junho de 1654, não chegando desta primeira vez a demorar-se anno e meio nestas paragens. Tres dias, porem, antes de partir, prégou na cidade de S. Luiz o seu celebre sermão de S. Antonio, no qual sob o véo de uma engenhosa allegoria exprobra aos peixes o que os homens devião tomar para si, desafogando assim as suas queixas contra a escandalosa cobiça dos capitães-móres e colonos, que só tratavão de escravisar os Indios e opprimil-os.

Eis o rasgo de eloquencia, com que elle termina este

memosavel sermão: «*Benedicite, cete, et omnia quae moventur in aquis, domino.* Louvae, peixes, á Deus os grandes e os pequenos, e repartidos em dois córos tão innumeraveis, louvae-o todos uniformemente: louvae á Deus, que vos distinguio em tantas especies; louvae á Deus, que vos vestio de tanta variedade e formosura: louvae á Deus, que vos habilitou de todos os instrumentos necessarios para a vida: louvae á Deus, que vos dêo um elemento tão largo e tão puro: louvae á Deus, que vindo a este mundo, vivêo entre vós, e chamou para si aquelles que comvosco, e de vós vivião: louvae á Deus, que vos conserva: louvae á Deus, que vos multiplica: louvae á Deus, emfim, servindo e sustentando ao homem, que é o fim para que vos creou; e assim como no principio vos dêo sua benção, vol-a dê tambem agora.»

Soffrêo na viagem furiosa tormenta perto dos Açôres, com a qual o navio tombou, mettendo a borda n'agua até meio convez, e a gente vio-se obrigada a passar para o costado, esperando a cada momento ser tragada pelas ondas. Conseguirão porem alguns marinheiros resolutos picar os mastros; assim alliviado, tomou o navio sua posição natural, passando-se a gente outra vez para dentro delle. Um corsario Hollandez, que crusava naquellas paragens, o tomou neste estado, e lançou os miseros naufragos, depois de despojados de tudo, nas praias da ilha Graciosa.

Valêo-se então o P.e Antonio Vieira do seu credito para prover os companheiros do necessario, e embarcou com elles para a ilha Terceira, e de lá para S.

Miguel. Depois de alguma demora nesta ultima ilha, onde prégou o sermão de S. Thereza, partio em um navio Inglez para Lisbôa, onde aportou em Novembro do mesmo anno.

Achava-se el-rei em Salvaterra gravemente enfermo, e foi preciso esperar por seu restabelecimento para dar principio aos requerimentos. Chegárão entretanto os procuradores do Pará e Maranhão, encarregados dos interesses dos colonos.

Restabelecido de sua enfermidade, el-rei creou uma junta, presidida pelo duque de Aveiro, para resolver este negocio que havia tomado caracter serio. Forão ouvidos os procuradores das colonias; os Jesuitas advogárão a sua causa, que era a da humanidade; e a junta decidio em favor destes, dando-lhes razão contra os colonos.

Desejando ser portador destes despachos, partio Vieira do porto de Lisbôa a 16 de Abril de 1655, apesar das diligencias, que fez el-rei para detêl-o; e com prospera viagem chegou ao Maranhão em 18 de Maio seguinte. Governava então o novo Estado André Vidal de Negreiros, um dos heróes da restauração de Pernambuco, que o auxiliou e favorecêo em tudo. Sob estes felizes auspicios começou elle a dar execução ao regimento, que trazia d'el-rei, sem que ninguem lhe puzesse embaraço.

Foi um de seus primeiros cuidados prover de mestres e pastores as aldêas visinhas, entendendo não só na instrucção religiosa, como na educação civil de todos

os Indios aldeados. Abalançou-se depois a emprezas maiores, indo elle mesmo, ou mandando outros religiosos seus companheiros, procurar as nações indigenas ao sertão, para catechisal-as, transplantal-as e aldêal-as, não havendo genero algum de fadiga e privação, a que se não sujeitasse para conseguir semelhante fim.

Em uma colonia nascente, sem recursos, nem industria de qualidade alguma, o habito do missionario, que muitas vezes andava descalço, era feito de pano de algodão grosseiro fabricado no paiz, como elle proprio diz em uma de suas cartas. O seu alimento era o mesmo dos Indios semi-barbaros que o acompanhavão em suas longinquas e trabalhosas excursões, ou a viagem se fizesse pelos rios, o que era uma grande commodidade, ou através de matas, pantanos, serras e areiaes.

De todas as suas missões a mais celebre foi a que dêo em resultado a conversão ao christianismo dos ferozes Nheengaibas, que o governador Pedro de Mello não pudéra conter com suas armas, mas que se rendêrão á palavra poderosa do padre grande, como elles chamavão á Vieira, que a relata em uma de suas cartas pela maneira a mais pittoresca e edificante.

Seis annos completos empregou elle nesta ardua tarefa das missões do Pará e Maranhão, as quaes já começavão a dar sasonados fructos, e os promettião ainda mais abundantes, quando a morte d'el-rei D. João IV veio infelizmente pôr termo aos projectos civilisadores deste ardente apostolo da conversão e liberdade

dos Indios; porquanto os colonos, entendendo que com este acontecimento tinha cessado todo o regio favor ás missões, se amotinárão de novo no Maranhão, e prendêrão os Jesuitas.

O P.e Antonio Vieira, que andava em missão pelo interior do Pará, logo que teve noticia da sedição, correo á cidade de Belem, a vêr se atalhava alli igual rompimento, mas foi lá preso, sem que valessem representações nem protestos, e remettido com seus companheiros para o Maranhão, donde entre vilipendios forão todos os Jesuitas obrigados a embarcar para Portugal no anno de 1661.

Chegando elle a Lisbôa no mesmo anno, não encontrou na côrte, apesar da violencia que havia soffrido, aquelle acolhimento e favor, que costumava a lograr em tempo do rei defunto. A rainha regente D. Luiza, com quanto lhe fosse affecta, achava-se então mui embaraçada com as pretenções a reinar do principe D. Affonso, ainda menor, para prestar attenção aos negocios de colonias longinquas, e pouco importantes. Assim teve de ver procrastinada de dia para dia a decisão de seus requerimentos.

Sendo porem chamado a prégar no dia 6 de Janeiro de 1662, diante da côrte e em presença da rainha na capella real, tal foi a pintura que fez da oppressão dos Indios reduzidos á escravidão na America, aproveitando-se do assumpto do sermão—a primeira conversão da Gentilidade—, que commovêo todo o auditorio e com especialidade a rainha, que dias depois no-

meou novo governador para o Estado do Maranhão com ordem de restabelecer os Jesuitas em suas missões, e desaggraval-os da violencia recebida.

Involvido porém de novo na politica interna, não quiz elle acompanhar o governador que partia para o Maranhão, e ficou em Portugal, onde o deixarei por emquanto.

O P.e Antonio Vieira, um dos vultos mais grandiosos do seculo XVII por sua palavra eloquente, por sua capacidade superior em administração e diplomacia, por seu fervoroso apostolado na America, pertence-nos, Senhôres, como vêdes, por mais de um titulo. Residio cerca de sete annos e meio no Estado do Maranhão, onde exercêo o mais augusto dos sacerdocios, qual o de plantar o germen da civilisação em uma terra nova e virgem. Catechisou e prégou nas ruas, praças e templos de nossa cidade, onde sua voz poderosa e irresistivel contribuio para acalmar sedições e tornar os homens melhores. Navegou nossos rios, embrenhou-se em nossas selvas, e penetrou por nossos sertões, no unico intento de chamar os Aborigenes ao gremio do christianismo e da civilisação. Defendêo constantemente a liberdade dos Indios contra governadores prepotentes e colonos sediciosos. Foi n'uma palavra um dos mais zelosos e esclarecidos defensores da grande e sancta causa da humanidade nestas regiões. E com quanto este homem extraordinario nascesse em Portugal, criou-se e formou-se no Brazil, que deve ser reputado sua segunda patria. Assim é elle nosso ver-

dadeiro compatriota, já por adopção, já pelos assignalados serviços que prestou á esta terra. Permitti, pois, que renda homenagem de gratidão e respeito á sua memoria, ao terminar esta segunda parte de sua longa e utilissima vida.

Fazendo por hoje aqui ponto, tratarei em outro discurso da ultima parte da vida deste grande homem, que veio findar seus dias na Bahia, onde recebêra a cabal instrucção, que tanto fez sobresahir o seu singular e extraordinario engenho.

LICÇÃO XLV.

Já vimos, Senhores, no precedente discurso o P.e Antonio Vieira remettido preso do Maranhão para Lisbôa por advogar a causa da humanidade; vêl-o-hemos neste, desterrado da côrte por amor do seu previdente e esclarecido patriotismo, passar seus ultimos dias na Bahia ralado de desgostos pelas intrigas de um obscuro governador, que o calumniava com o regente.

Em 1662, depois de sua viagem forçada á Portugal, deixei-o de novo envolvido na politica interna do reino: nesse periodo de sua agitada vida o irei pois tomar, para vol-o apresentar hoje.

Lavravão então graves desintelligencias entre a rainha regente D. Luiza e o principe D. Affonso seu filho, que se cercava de amigos da mais baixa relé que o prevertião, e queria tomar conta do governo do estado, sendo ainda menor, e de uma incapacidade evidente para reinar. Não duvidava a rainha entregar-lhe

o governo, com tanto que o principe fosse previamente separado da companhia dos máos amigos, que o perdião na opinião de todos os seus subditos. Consultou para isso á diversos homens de reconhecido saber, autoridade e virtudes, e entre elles ao P.e Antonio Vieira, como um dos mais notaveis. Inclinou-se este ao parecer da rainha, e fez nesse sentido um papel que assignou, e foi pelo secretario de Estado lido ao principe D. Affonso, quando a 27 de Junho do mesmo anno se dêo a prisão dos dois irmãos Contis, e seus companheiros. Incorrêo portanto Antonio Vieira no desagrado do futuro rei e seus validos, tanto que logo que este tomou antecipadamente conta do governo, o mandou desterrado, primeiramente para o Collegio do Porto, e depois em 1663 para Coimbra, onde lhe sobrevierão novos desgostos nascidos da mesma origem, como vereis.

Foi desta ultima cidade que escrevêo as principaes cartas de sua correspondencia com o marquez de Gouvêa, que tambem incorrêra do desagrado de D. Affonso VI, e com D. Rodrigo de Menezes, irmão do primeiro marquez de Marialva, o vencedor das linhas d'Elvas e de Montes-Claros, ambos partidarios do principe D. Pedro que depois foi regente, e a quem Vieira symbolisa na sua correspondencia com os nomes de *Santelmo* e *Corpo Santo*, indicando-o como a unica taboa de salvação para a náo do Estado prestes a naufragar.

Enlevado nas futuras glorias de Portugal, e preoc-

cupado com as suas suppostas profecias, que então vogavão, e de que foi grande enthusiasta, escrevêo Antonio Vieira uma especie de memoria que intitulou *Esperanças de Portugal, Quinto Imperio do Mundo*, toda concebida com visos de espirito prophetico.

Denunciado em principios de 1663 ao Santo Officio de Lisbôa e á congregação de Roma, tanto por este escripto como por algumas proposições ousadas, que arriscára no pulpito e na conversação particular, teve de responder perante a inquisição de Coimbra, que o declarou réo, e mandou em Outubro de 1655 encerrar em uma de suas casas de custodia, onde se conservou recluso até 23 de Dezembro de 1667. D'alli foi em virtude de sentença transferido para a reclusão de Pedroso a 18 leguas de Coimbra, e ao cabo de seis mezes relevado de tudo e perdoado, coincidindo este breve termo de reclusão e a graça do tribunal com a elevação do principe D. Pedro á regencia do reino, a qual se effectuou a 23 de Novembro do mesmo anno, de modo que a politica influio visivelmente em taes decisões, seja condemnando, seja perdoando.

Assim este grande orador, que entrava de novo no ministerio do pulpito de que se vira privado, teve tambem, apesar de ecclesiastico e jesuita, de experimentar os rigores da inquisição, que por tanto tempo agrilhoou o pensamento em Hespanha e Portugal, suffocando muitas vezes o genio no nascedouro!

Restituido ao seu elemento da tribuna sagrada, prégou extemporaneamente a 6 de Janeiro de 1669 na

presença do principe D. Pedro em acção de graças pelo nascimento da infante D. Isabel, succedido na madrugada do mesmo dia, e coroou os seus trabalhos oratorios em Portugal este anno com o celebre sermão de S. Ignacio, prégado na igreja de S. Antão, ao qual assistio innumeravel concurso de ouvintes, que não cessavão de exaltar o seu grande merito rehabilitado. Os applausos universaes, de que foi então objecto o orador, assás o vingárão da sentença do tribunal do Santo Officio, dando-lhe uma ovação estrondosa.

Comtudo ou porque se não julgasse satisfeito com este só desaggravo, ou porque não tivesse na côrte a mesma acceitação, que no tempo do rei defunto, ou emfim porque se achasse desgostoso de Portugal, onde tanto havia soffrido, decidio-se, com consentimento do principe e approvação de seus superiores, a partir para Roma como simples ecclesiastico; e sahindo de Lisbôa a 15 de Agosto de 1669 com largas recommendações do principe regente, chegou áquella capital a 21 de Novembro do mesmo anno, depois de haver arribado com temporal á Marselha.

Recebêrão-no os Jesuitas com mostras de distincção extraordinarias, indo esperal-o a duas milhas da cidade, e levando-o como em triumpho ao Geral da Ordem, no qual não encontrou menores provas de affecto e consideração.

De Roma escrevêo as suas cartas ao duque de Cadaval e á rainha da Grã-Bretanha, na primeira das quaes trata-se de um projecto de casamento em Italia para

o duque, e na segunda se mostra descontente do principe regente por lhe não haver permittido fazer a sua viagem por Inglaterra, para visitar a rainha como tencionava.

Cuidárão logo os Portuguezes residentes em Roma em fazer conhecer os abalisados talentos do seu compatriota, pedindo-lhe que pregasse em algumas festividades religiosas. Não se recusou Vieira a este pedido, e prégou o sermão de Santo Antonio e alguns mais, os quaes fizerão tal impressão em Roma, que os Italianos quizerão tambem ouvil-o na sua lingua delles. Negou-se a principio a prégar em uma lingua estranha, como era razão; mas teve porfim de obedecer ao preceito imposto pelo geral, e prégou primeiramente em Italiano o sermão das Chagas de S. Francisco, o qual foi ouvido com geral applauso, e depois outros que lhe forão encommendados com muitas instancias.

É de crer que taes sermões abundassem em erros de linguagem e pronuncia, como elle proprio diz, mas tal era a fama do orador e a força com que desenvolvia o seu pensamento, que os delicados ouvidos italianos não se davão por offendidos; e attendendo unicamente á novidade e belleza do conceito folgavão pelo contrario de vêr a difficuldade por elle vencida. Assim que chegou a pregar em Italiano na presença do papa e dos cardeaes; e teria sido nomeado prégador de S. Santidade, bem como da rainha Christina de Suecia que residia então na côrte pontificia, si pudesse continuar a permanecer na capital do Orbe Christão, onde

era tão apreciado o seu extraordinario engenho e talento.

A saude porem de Vieira a que não era favoravel o clima de Roma, se deteriorava de dia para dia, aggravando-se o máo estado della com uma quéda que dêo de noite por uma escada de pedra, e de que esteve bem mal. Assim teve de voltar a Portugal, para onde o chamavão os reiterados convites do regente D. Pedro, e onde chegou em principios de Novembro de 1675, depois de uma ausencia de seis annos.

Não poude obter em Roma a revogação da sentença que o condemnára, mas conseguio do papa Clemente X a isenção da autoridade do Santo Officio de Portugal, de cuja alçada ficou á coberto.

Restituido ao reino continuou Vieira como d'antes a ser consultado pelo regente e seu conselho em negocios graves, e si nem sempre era seguido o seu parecer, era elle sempre respeitado como um homem zeloso do bem publico, e cheio de recursos, ou como um consummado estadista.

Por ordem do seu geral Oliva e do regente D. Pedro começou a cuidar na impressão de seus sermões, cujo primeiro tomo apparecêo em 1679. A Duarte de Macedo que então se achava em Madrid, e com quem se correspondia, encommendou a revisão de seus sermões, que se havião traduzido em Castelhano.

Desgostoso porem do modo como as cousas corrião então em Portugal, resolvêo recolher-se á sua provincia da Bahia, para alli acabar seus dias inteiramente

sequestrado dos negocios do mundo. Assim sahio da barra de Lisbôa pela ultima vez, á 27 de Janeiro de de 1681, em demanda daquella mesma região da America, donde 40 annos antes tinha partido para a Europa por occasião da fausta noticia da revolução de 1840, que collocára um rei portuguez no throno de Portugal.

Chegado á Bahia, entregou-se todo aos cuidados de espirito, e á correcção de seus escriptos, cuja impressão se propunha continuar; e para não ser distrahido deste trabalho se foi sepultar na solidão de uma quinta chamada de *Tunque*, que possuião os Jesuitas nos arredores da cidade.

Em breve porem teve de sahir do seu retiro, e envolver-se de novo nas questões do mundo por amor de seus parentes da Bahia, que estavão soffrendo a mais violenta perseguição.

Em 1682 suscitárão-se graves desavenças entre o governador da Bahia Antonio de Souza Menezes, e Bernardo Vieira Ravasco, secretario d'aquelle Estado, como então se chamava, e irmão do P.e Antonio Vieira. Nascêrão estas de haver o secretario participado para Lisbôa, que o governador tinha alterado o regimento real dado aos secretarios, sem que para tal tivesse autoridade.

Estomagado com isso rompêo o governador nos maiores excessos, passando ordem de prisão contra um filho e um sobrinho do secretario, e suspendendo a este do exercicio de suas funcções, ao qual pouco tempo de-

pois o restituio, sem duvida por se arreceiar das consequencias do seu acto.

Succedendo pelo mesmo tempo ser morto de dia em rua publica um seu parcial, de nome Francisco Telles de Menezes, por Antonio de Brito de Castro, mandou metter o secretario na enxovia incommunicavel, dizendo que o delicto havia sido ajustado na noite antecedente no collegio dos Jesuitas por elle e seu irmão: imputação calumniosa e absurda como depois se demonstrou.

Conservou-se Vieira á principio impassivel a tudo isto, mas tocado das razões do sangue, resolvêo-se a fallar ao governador, que o desattendêo e arrojou de casa com expressões afrontosas para elle e sua corporação, não se pejando de desrespeitar um ancião, um sacerdote, um homem illustre, e admirado por seus talentos em toda a Europa e America: o que Vieira soffrêo com resignação e constancia, esperando alcançar justiça da côrte.

Mas o governador, receioso das consequencias deste seu novo desatino, previnio-se calumniando a Vieira, e escrevendo ao regente que este o tinha ido desacatar a palacio, menospresando nelle a autoridade real. Assim, quando Gonçalo Ravasco de Albuquerque, que tinha ido a Portugal queixar-se por si e por seu pae fallou ao regente, disse-lhe este: «Estou muito mal com seu tio, Antonio Vieira, por descompôr o meu governador»: o que sendo repetido a Vieira na Bahia lhe occasionou grave paixão e enfermidade, por ver a ingra-

tidão, que com elle usava o regente, a quem servira á custa de tantos sacrificios.

Restabelecido de sua enfermidade, sendo o regente acclamado rei em 1683 por fallecimento de D. Affonso VI, e governando já a Bahia o marquez das Minas, prégou Vieira nas exequias da rainha D. Maria Francisca em Setembro de 1684, e continuou ainda a prégar com geral applauso.

Acalmada por fim a tempestade, que de envolta com a sua familia tão cruelmente o perseguira, destinava elle passar em socego o resto de seus dias, quando em principios de 1688 lhe expedio o novo geral da Ordem patente para governar os Jesuitas da provincia do Brazil; e teve de voltar outra vez á vida activa, da qual desejava sahir. O zelo e ardor com que se houve neste novo emprego não parecião proprios de sua idade e molestias. Não cessava de escrever a el-rei, e enviar-lhe representações sobre as missões, sem que por isso deixasse de continuar a corregir os seus sermões, para se darem á estampa. Onze tomos fôrão impressos durante sua vida.

Por ultimo desamparado da vista, e privado do ouvido, assim mesmo escrevia por mão alheia, e dictava a amanuenses, tanto para pôr em limpo o duodecimo tomo dos sermões, como para adiantar a *Clave dos Prophetas*. Tamanho era ainda o vigor daquella intelligencia em um corpo já de todo gasto pelos annos, e prestes a baixar á sepultura!

Quasi no meio destes trabalhos, falleceo de breve

enfermidade á 11 de Julho de 1697, no collegio dos Jesuitas da Bahia, sendo seu corpo sepultado com grandes honras funebres, que continuárão a ser feitas em Portugal, logo que alli se soube a noticia de sua morte.

O P.e Antonio Vieira em quem o espirito igualava o talento, e que reunio todos os dotes do grande orador, do grande estadista e do grande diplomata, ou habilitações mui diversas em supremo grão, foi um dos maiores engenhos, uma das mais assombrosas intelligencias do seu seculo, ou o que se chama um verdadeiro genio; e tal era o uso e abuso que fazia de sua eloquencia, que o papa Clemente X disse delle com assás fundamento:

«Demos graças a Deus por fazer este homem catholico romano, porque si o não fosse, poderia dar muito cuidado á sua Igreja.»

Tal é porem a fragilidade humana, que este homem superior a todos os respeitos acreditava na influencia moral dos comêtas, bem como nas profecias, e tinha elle proprio pretenções a propheta, o que prova que não ha talento por mais privilegiado que seja, que deixe de pagar tributo aos preconceitos do seu seculo.

Tendo-vos dado a conveniente noticia da vida deste grande homem, passarei em outros discursos a apreciar as suas obras, começando pelos sermões. Por hoje faço aqui ponto.

LICÇÃO XLVI.

Ha, Senhôres, muitos homens eloquentes, mas grandes oradores, ou homens eloquentes em supremo grão, mui poucos. Um orador de primeira ordem, ou a eloquencia encarnada no homem como Cicero, é phenomeno tão raro como um poeta de primeira ordem, ou a poesia identificada com o homem como Homero: por quanto o genio, seja qual fôr a sua natureza, é unicamente partilha de certos homens privilegiados, que brilhão de seculos a seculos como outros tantos phanaes para allumiar a humanidade nas vias do progresso e da perfectibilidade. Tão raros são os grandes oradores, que a antiguidade grega e romana apenas conta dois, e os tempos modernos pouco mais de uma meia duzia, que sejão verdadeiramente dignos deste nome. E como não hade ser assim, si o perfeito orador é uma verdadeira entidade ideal que deve reunir á todo genero de talentos e virtudes toda sorte de conhecimentos?

Ao limitado numero dos grandes oradores modernos pertence incontestavelmente o P.e Antonio Vieira, ou o orador sagrado que vou hoje apreciar, porque não obstante os seus defeitos, que são pela mór parte os do seu seculo, de que nenhum homem é isento, é um genio igual aos maiores em tudo o que distingue o orador de primeira ordem.

Demais qual é o orador, por mais consummado que seja, que não apresenta defeitos? Demosthenes póde passar em certas occasiões por secco e escuro; Cicero, por palavroso e redundante; Bossuet, por um inspirado, ou um propheta; Mirabeau, por um tribuno fogoso e sem freio. Mas, apesar disso, quando esses grandes engenhos se elevavão a toda altura de seu talento oratorio, a eloquencia jorrava-lhes da boca em torrentes, que inundando os ouvintes, os commovião, convencião, arrastavão, e levavão para onde elles querião.

Assim desculpa tem as argucias, antitheses, e trocadilhos de palavras de Vieira, que passavão por outras tantas bellezas no seu seculo, porque, apesar de tudo, quando elle se ostentava verdadeiro genio da tribuna, não havia ouvinte que lhe resistisse, e não fosse attrahido, arrebatado, fascinado, assombrado por sua eloquencia.

Compoz este grande orador quatorze tomos de sermões, dos quaes doze forão por elle corrigidos, treze impressos em sua vida, e o ultimo que comprehende alem de sermões, discursos varios, depois de sua

morte. A sua eloquencia é mais arrebatadora, vigorosa e deslumbrante, que pathetica; por isso mais admira, e arrastra, que commove. Nenhum dos grandes oradores abusou certamente mais das faculdades de seu extraordinario engenho, que este; mas todas as vezes que, dando de mão ás agudezas e paradoxos em que se enreda, si mostra digno de si mesmo, é igual na força do raciocinio á Demosthenes, na elevação do pensamento á Bossuet, e no caudal da eloquencia á Cicero.

Eis no em tanto sobre este insigne orador o juizo de um critico ecclesiastico, o Sr. Roquete, escriptor diligente a quem, compendiando-o, me soccorri muitas vezes na biographia do mesmo orador:

....«Em todos elles (diz, fallando dos sermões) se vê e admira o mesmo engenho, agudeza, claridade de estylo que tanto caracterisavão Vieira; mas exceptuando os sermões de moral, em que, penetrado da materia, despreza meios improprios e emprega o seu raro talento como entendido pregoeiro do Evangelho, em todos os mais não póde admirar-se, e muito menos imitar-se como orador. Não se propõe Vieira de ordinario mais que agudas extravagancias, paradoxos insensatos que provocão o riso, se não é que a indignação. Abusa mui frequentemente das sagradas escripturas para comprovar emprezas ridiculas; emprega sem critica as sentenças dos expositores, excede os limites da liberdade evangelica, degenerando muitas vezes em descomedimento reprehensivel; e sendo que prégou tantos sermões de Santos, não nos deixou um só pa-

negyrico. Estes defeitos, que são assás para lamentar, erão em parte devidos ao máo gosto do seu seculo e de seus ouvintes, e em parte filhos das circumstancias tão variadas de sua vida.»

«Não se encontra é verdade em Vieira (accrescenta o mesmo critico) um estylo mellifluo e cadencioso; sua imaginação viva e ardente fallece de suavidade; seu coração secco não ministra á penna os doces traços da sensibilidade; assim que, debalde buscaremos em seus discursos os movimentos patheticos tão necessarios a um orador christão; porem não ha um só escripto deste homem extraordinario que seja desprezivel, e que não mereça ser lido...»

Com quanto haja um certo fundo de verdade neste juizo, é elle todavia inexacto, porque pecca por defeito e por excesso. Pecca por defeito, porque, enumerando os vicios do orador, não menciona ao mesmo tempo as suas virtudes, que não devião ficar no escuro. Pecca por excesso, porque a timidez do critico nimiamente orthodoxo lhe faz ver muitas vezes descomedimento reprehensivel no que outros apenas enxergarão simples figuras de rhetorica, si bem que nem sempre a proposito empregadas. Quanto á falta de estylo cadencioso, que nota o critico, si tal se póde enxergar em Vieira, um dos primeiros oradores e mestres da lingua portugueza, pois não sei a que proposito venha o mellifluo, é sem duvida porque este no cerrado do raciocinio assemelha-se mais á maneira vigorosa de exprimir-se de Demosthenes, sem deixar

de ser harmonioso, que á essencialmente cadenciosa de Cicero, que concede pela ventura demasiadamente ao numero. Os grandes rasgos oratorios de Vieira nascem de ordinario do vigor da intelligencia, da penetração do espirito, e de uma imaginação tão potente como escandecida, não da sensibilidade do coração que nelle é em verdade quasi nulla, a não ser em uma unica corda, a que vibrada produz o terror e o assombro no animo dos ouvintes; por isso o que domina nos seus discursos não é por certo o jogo dos affectos que gerão a compaixão, mas o novo, o extraordinario, o elevado, e o terrifico levado ao sublime, como vereis das passagens de seus sermões, que passo a analysar.

Não podendo ler-vos um sermão inteiro, porque seria isso abusar de vossa attenção, escolherei, para submetter á vossa illustrada consideração as mais notaveis passagens de dois dos mais notaveis, o prégado na Bahia pelo bom successo das armas de Portugal contra as de Hollanda, e o da primeira dominga do Advento, que tem por thema: «*Cœlum et terra transibunt; verba autem mea non transibunt.*»

Eis as passagens do primeiro:

II.

Exurge, quare obdormis, Domine? Querer argumentar com Deus e convencel-o com razões, não só difficultoso assumpto parece, mas empresa declaradamente impossivel, sobre arrojada temeridade. *O' Homo, tu quis es, qui respondeas Deo?*

Nunquid dicit figmentum ei, qui se finxit: Quid me fecisti sic? Homem atrevido (diz S. Paulo), homem temerario, quem és tu, para que te ponhas a altercar com Deus? Por ventura o barro que está na roda e entre as mãos do official, põe-se ás razões com elle e diz-lhe porque me fazes assim? Pois se tu és barro, homem mortal, se te formárão as mãos de Deus da materia vil da terra, como dizes ao mesmo Deus: *Quare, quare;* como te atreves a argumentar com a sabedoria divina, como pedes razão á sua Providencia do que te faz, ou deixa de fazer? *Quare obdormis? Quare faciem tuam avertis?* Venera suas permissões, reverencêa e adora seus occultos juizos, encolhe os hombros com humildade a seus decretos soberanos, e farás o que te ensina a fé, o que deves á creatura. Assim o fazemos, assim o confessamos e assim o protestamos diante de Vossa Magestade infinita, immenso Deus, incomprehensivel bondade: *Justus es, domine, et rectum judicium tuum.* Por mais que nós não saibamos intender vossas obras; por mais que não possamos alcançar vossos conselhos, sempre sois justo, sempre sois santo, sempre sois infinita bondade; e ainda nos maiores rigores de vossa justiça, nunca chegaes á severidade do castigo aonde nossas culpas merecem.

Se as razões e argumentos da nossa causa as houveramos de fundar em merecimentos proprios, temeridade fôra grande, antes impiedade manifesta, querer-vos arguir. Mas nós, Senhor, como protestava o vosso Propheta Daniel: *Neque enim in justificationibus nostris prosternimus preces ante faciem tuam, sed in miserationibus tuis multis.* Os requerimentos e razões delles, que humildemente presentamos ante vosso divino conspecto, as appellações ou embargos, que interpomos á execução e continuação dos castigos que padece-

mos, de nenhum modo os fundamos na presumpção de nossa justificação, mas todos na multidão de vossas misericordias: *In miserationibus tuis multis*. Argumentamos, sim, mas de vós para vós: apellamos, mas de Deus para Deus—de Deus justo para Deus misericorioso. E como do peito, Senhor, vos hão de sair todas as settas, mal poderão offender vossa bondade. Mas porque a dôr quando é grande sempre arrasta o affecto, e o acerto das palavras é descredito da mesma dôr, para que o justo sentimento dos males presentes, não passe os limites sagrados de quem falla diante de Deus e com Deus, em tudo o que me atrever a dizer seguirei as pisadas solidas dos que em similhantes occasiões, guiados por vosso mesmo espirito, orarão e exorarão vossa piedade. Quando o povo de Israel no deserto commetteu aquelle gravissimo peccado de idolatria, adorando o oiro das suas joias na imagem bruta de um bezerro, revellou Deus o caso a Moysés, que com elle estava, e accrescentou irado e resoluto, que daquella vez havia de acabar para sempre com uma gente tão ingrata, e que todos havia de assolar e consumir, sem que ficasse rasto de tal geração: *Dimitte me ut irascatur furor meus contra eos, et deleam eos*. Não lhe soffreu porém o coração ao bom Moysés ouvir fallar em destruição e assolação do seu povo: põe-se em campo, oppõe-se á ira divina, e começa a arrasoar assim: *Cur Domine irascitur furor tuus contra populum tuum*? E bem, Senhor, porque razão se indigna tanto a vossa ira contra o vosso povo? Porque razão, Moysés? E ainda vós quereis mais justificada razão á Deus?—Acaba de vos dizer que está o povo idolatrando; que está adorando um animal bruto; que está negando a divindade ao mesmo Deus, e dando-a a uma estatua muda, que acabarão de fazer suas mãos, e attribuindo-lhe a ella a liberdade e triumpho

com que os livrou do captiveiro do Egypto; e sobretudo isto ainda perguntaes á Deus, porque razão se agasta: *Cur irascitur furor tuus?* Sim. E com muito prudente zelo; porque ainda que da parte do povo havia muito grandes razões de ser castigado, da parte de Deus era maior a razão que havia de o não castigar: *Ne quæso* (dá a razão á Moysés) *ne quæso dicant Ægipti, Callidé eduxit eos, ut interficeret in montibus, et deleret e terra.* Olhae, Senhor, que porão macula os egypcios em vosso ser, e quando menos em vossa verdade e bondade. Dirão que cautelosamente, e á falsa fé, nos trouxestes a este deserto, para aqui nos tirardes a vida a todos, e nos sepultardes. E com esta opinião divulgada e assentada entre elles, qual será o abatimento de vosso santo nome, que tão respeitado e exaltado deixaste no mesmo Egypto, com tantas e tão prodigiosas maravilhas do vosso poder? Convém logo para conservar o credito, dissimular o castigo, e não dar com elle occasião áquelles gentios e aos outros, em cujas terras estamos, ao que dirão: *Ne quæso dicant.* Desta maneira arrasoou Moysés em favor do povo; e ficou tão convencido Deus da força deste argumento, que no mesmo ponto revogou a sentença, e, conforme o texto hebreu, não só se arrependeu da execução, senão ainda do pensamento. *Et pœnituit Dominum mali quod cogitaverat facere Populo suo.* E arrependeo-se o Senhor do pensamento e da imaginação que tivera de castigar o seu povo.

Muita razão tenho eu logo, Deus meu, de esperar que haveis de sair deste sermão arrependido: pois sois o mesmo que ereis, e não menos amigo agora, que nos tempos passados, de vosso nome: *Propter nomen tuum.* Moysés disse-vos: *Ne quæso dicant.* Olhae, Senhor, que dirão: E eu digo e devo dizer: Olhae, Senhor, que já dizem. Já dizem os hereges in-

solentes com os successos prosperos, que vós lhe daes ou permittis: já dizem que porque a sua, que elles chamão religião é a verdadeira, por isso Deus os ajuda e vencem; e porque a nossa é errada e falsa, por isso nos desfavorece e somos vencidos. Assim o dizem, assim o prégão, e ainda mal, porque não faltará quem os creia. Pois é possivel, Senhor, que hão de ser vossas permissões argumentos contra a nossa fé? É possivel que se hão de occasionar de nossos castigos blasphemias contra vosso nome? Que diga o herege (o que treme de o pronunciar a lingua), que diga o herege, que Deus está hollandez? Oh não permittaes tal, Deus meu, não permittaes tal, por quem sois. Não o digo por nós, que pouco ia em que nos castigasseis: não o digo pelo Brazil, que pouco ia em que o destruisseis; por vós o digo e pela honra de vosso Santissimo Nome, que tão imprudentemente se vê blasphemado: *Propter nomen tuum*. Já que o perfido calvinista dos successos que só lhe merecem nossos peccados faz argumento da religião, e se jacta insolente e blasfemo de ser a sua a verdadeira, veja elle na roda dessa mesma fortuna, que o desvanece, de que parte está a verdade. Os ventos e tempestades, que descompõem e derrotão as nossas armadas, derrotem e desbaratem as suas: as doenças e peste, que diminuem e enfraquecem os nossos exercitos, escalem as suas muralhas despovoem os seus presidios: os conselhos que, quando vós quereis castigar, se corrompem, em nós sejão allumiados e nelles enfatuados e confusos. Mude a victoria as insignias, desafrontem-se as cruzes catholicas, triumphem as vossas chagas nas nossas bandeiras, e conheça humilhada e desenganada a perfidia, que só a fé romana, que professamos, é fé, e só ella a verdadeira e a vossa.

Mas ainda ha mais quem diga: *Ne quæso dicant Ægyptii*:

Olhae, Senhor, que vivemos entre gentios, uns que o são, outros que o forão hontem; e estes que dirão? Que dirá o tapuya barbaro sem conhecimento de Deus? Que dirá o indio inconstante, a quem falta a pia affeição da nossa fé? Que dirá o ithiope boçal, que apenas foi molhado com a agua do baptismo sem mais doutrina? Não ha duvida, que todos estes, como não tem capacidade para sondar o profundo de vossos juizos, beberão o erro pelos olhos. Dirão pelos effeitos que veem, que a nossa fé é falsa, e a dos hollandezes a verdadeira, e crerão que são mais christãos sendo como elles. A seita do herege torpe e brutal, concorda mais com a brutalidade do barbaro: a largueza e soltura da vida, que foi a origem e o fomento da heresia, casa-se mais com os costumes depravados e corrupção do gentilismo: e que pagão haverá que se converta á fé que lhe prégamos, ou que novo christão já convertido, que se não perverta, intendendo e persuadindo-se uns e outros, que no herege é premiada a sua lei, e no catholico se castiga a nossa? Pois se estes são os effeitos, posto que não pretendidos, de vosso rigor e castigo, justamente começado em nós, porque razão se atêa e passa com tanto damno aos que não são cumplices nas nossas culpas: *Cur irascitur furor tuus?* Porque continúa sem estes reparos o que vós mesmos chamastes furor; e porque não acabaes já de embainhar a espada de vossa ira?

Se tão gravemente offendido do povo hebreu, por um *que dirão* dos egypcios lhe perdoastes; o que dizem os hereges e o que dirão os gentios, não será bastante motivo, para que vossa rigorosa mão suspenda o castigo, e perdoe tambem os nossos peccados, pois, ainda que grandes, são menores? Os hebreus adorarão o idolo, faltarão á fé, deixarão o culto do verdadeiro Deus, chamarão Deus e Deuses a um bezerro; e

nós por mercê de vossa bondade infinita tão longe estamos e estivemos sempre de menor defeito, ou escrupulo nesta parte, que muitos deixárão a patria, a casa, a fazenda, e ainda a mulher e os filhos, e passão em summa miseria desterrados, só por não viver nem communicar com homens que se separárão da vossa igreja.—Pois, Senhor meu, e Deus meu, se por vosso amor e por vossa fé, ainda sem perigo de a perder ou arriscar, fazem taes finezas os portuguezes: *Quare obliviscéris inopiæ nostræ, et tribulationis nostræ;* porque vos esqueceis de tão religiosas miserias, de tão catholicas tribulações? Como é posssivel que se ponha Vossa Magestade irada contra estes fidelissimos servos e favoreça a parte dos infieis, dos excommungados, dos impios?

Oh como nos podemos queixar neste passo, como se queixava lastimado Job, quando, despojado dos sabeos e caldeos, se viu como nós nos vemos, no extremo da oppressão e miseria: *Nunquid bonum tibi videtur, si calumnieris me, et opprimas me opus manuum tuarum, et consilium impiorum adjuves?* Parece-vos bem, Senhor, parece-vos bem isto? Que a mim, que sou vosso servo me opprimaes e afflijaes; e aos impios, aos inimigos vossos os favoreçaes e ajudeis? Parece-vos bem que sejão elles os prosperados e assistidos de vossa memoria; nós o exemplo de vossos rigores, nós o despojo de vossa ira? Tão pouco é desterrar-mos-nos por vós, e deixar tudo? Tão pouco é padecer trabalhos, pobrezas, e os desprezos que ellas trazem comsigo, por vosso amor? Já a fé não tem merecimento? Já a piedade não tem valor? Já a perseverança não vos agrada? Pois se ha tanta differença entre nós, ainda que máos, e aquelles perfidos, porque os ajudaes a elles e nos desfavoreceis a nós? *Nunquid bonum tibi videtur:* a vós, que sois a mesma bondade, parece-vos bem isto?

III

Considerae, Deus meu—e perdoae-me se fallo inconsideradamente—considerae a quem tiraes as terras do Brazil, e a quem as daes. Tiraes estas terras aos portuguezes a quem no principio as déstes; e bastava dizer a quem as déstes, para perigar o credito de vosso nome, que não podem dar nome liberal mercês com arrependimento. Para que nos disse S. Paulo, que vós, Senhor, quando daes, não vos arrependeis: *Sine pœnitentia enim sunt dona dei*? Mas deixado isto á parte; tiraes estas terras áquelles mesmos portuguezes, a quem escolhestes entre todas as nações do mundo para conquistadores da vossa fé, e a quem déstes por armas como insignia e divisa singular vossas proprias chagas. E será bem, Supremo Senhor e Governador do Universo, que ás sagradas quinas de Portugal, e ás armas e chagas de Christo, succedão as hereticas listas de Hollanda, rebeldes a seu rei e a Deus? será bem que estas se vejão tremular ao vento victoriosas, e aquellas abatidas, arrastadas e ignominiosamente rendidas? *Et quid facies magno nomini tuo*? E que fareis (como dizia Josuê) ou que será feito de vosso glorioso nome em casos de tanta affronta?

Tiraes tambem o Brazil aos portuguezes, que assim estas terras vastissimas, como as remotissimas do Oriente, as conquistárão á custa de tantas vidas e tanto sangue, mais por dilatar vosso nome e vossa fé (que esse era o zelo daquelles christianissimos reis) que por amplificar e estender seu imperio. Assim fostes servido que entrassemos nestes novos mundos, tão honrada e tão gloriosamente, e assim permittis que saiamos agora (quem tal imaginaria de vossa bondade), e com tanta affronta e ignominia! Oh como receio, que não

falte quem diga o que dizião os egypcios: *Callide eduxit eos, ut interficeret, et deleret e terra*: Que a alarga mão com que nos déstes tantos dominios e reinos não forão mercês de vossa liberalidade, senão cautella e dissimulação de vossa ira, para aqui fóra e longe de nossa patria nos matardes, nos destruirdes, nos acabardes de todo. Se esta havia de ser a paga e o fructo de nossos trabalhos, para que foi o trabalhar, para que foi o servir, para que foi o derramar tanto e tão illustre sangue nestas conquistas? Para que abrimos os mares nunca d'antes navegados? Para que descobrimos as regiões e os climas não conhecidos? Para que contrastamos os ventos e as tempestades com tanto arrojo, que apenas ha baixio no Oceano, que não esteja infamado com miserabilissimos naufragios de portuguezes? E depois de tantos perigos, depois de tantas desgraças, depois de tantas e tão lestimosas mortes, ou nas praias desertas sem sepultura, ou sepultados nas entranhas dos alarves, das féras, dos peixes, que as terras que assim ganhamos, as hajemos de perder assim! Oh quanto melhor nos fóra nunca conseguir, nem intentar taes emprezas!

Mais Santo que nós era Josué, menos apurada tinha a paciencia, e comtudo em occasião similhante não fallou (fallando comvosco) por differente linguagem. Depois de os filhos de Israel passarem ás terras ultramarinas do Jordão, como nós a estas, avançou parte do exercito a dar assalto á cidade de Hay, a qual nos eccos do nome já parece que trazia o prognostico do infeliz successo que os Israelitas nella tiverão; porque fórão rotos, e desbaratados, posto que com menos mortos e feridos, do que nós por cá costumamos. E que faria Josué á vista desta desgraça? Rasga as vestiduras imperiaes, lança-se por terra, começa a clamar ao Céu: *Heu Do-*

mine Deus, quid voluisti traducere populum istum Jordanem fluvium, ut traderes nos in manus Amorhæi? Deus meu, e Senhor meu, que é isto? Para que nos mandastes passar o Jordão, e nos metestes de posse destas terras, se aqui nos haveis de entregar nas mãos dos Amorrheus e perder-nos? *Utinam mansissemus trans Jordanem!* Oh nunca nós passáramos tal rio! Assim se queixava Josué a Deus, e assim nos podemos nós queixar, e com muito maior razão que elle. Se este havia de ser o fim de nossas navegações, se estas fortunas nos esperavão nas terras conquistadas: *Utinam mansissemus trans Jordanem?* provéra a vossa Divina Magestade, que nunca sairamos de Portugal, nem fiáramos nossas vidas ás ondas e aos ventos, nem conhecêramos, ou puzeramos os pés em terras estranhas. Ganhal-as para as não lograr, desgraça foi e não ventura: possuil-as para as perder, castigo foi de vossa ira, Senhor, e não mercê, nem favor de vossa liberalidade. Se determinaveis dar estas mesmas terras aos piratas de Hollanda, porque lh'as não déstes emquanto erão agrestes e incultas senão agora? Tantos serviços vos tem feito esta gente pervertida e apostata, que nos mandastes primeiro cá por seus aposentadores, para lhe lavrarmos as terras, para lhe edificarmos as cidades, e depois de cultivadas, e enriquecidas lh'as entregardes? Assim se hão de lograr os hereges, e inimigos da fé dos trabalhos portuguezes e dos suores catholicos? *En queis consevimus agros?* Eis aqui para que trabalhamos ha tantos annos! Mas pois vós, Senhor, o quereis e ordenaes assim, fazei o que fordes servido. Entregae aos Hollandezes o Brazil, entregae-lhe as Indias, entrega-lhe as Hespanhas (que não são menos perigosas as consequencias do Brazil perdido), entregae-lhes quanto temos, e possuimos (como já lhe entregastes tanta parte); ponde em suas mãos o

mundo: e a nós, aos portuguezes e hespanhoes, deixae-nos, repudiae-nos, desfazei-nos, acabae-nos. Mas só digo e lembro a Vossa Magestade, Senhor, que estes mesmos que agora desfavoreceis e lançaes de vós, póde ser que os queiraes algum dia, e que os não tenhaes.

Não me atrevêra a fallar assim, se não tirara as palavras da boca de Job, que, como tão lastimado, não é muito entre muitas vezes nesta tragedia.

Queixava-se o exemplo da paciencia a Deus (que nos quer Deus soffridos, mas não insensiveis), queixava-se do tesão de suas penas, demandando e altercando, porque se lhe não havia de remettir e afrouxar um pouco o rigor dellas: e como a todas as replicas e instancias o Senhor se mostrasse inexoravel, quando já não teve mais que dizer concluio assim: *Ecce nunc in pulvere dormiam et si mane me quæsieris, non subsistam*. Já que não quereis, Senhor, desistir, ou moderar o tormento, já que não quereis senão continuar o rigor e chegar com elle ao cabo, seja muito embora, matae-me, consumi-me, enterrae-me: *Ecce nunc in pulvere dormiam*: mas só vos digo e vos lembro uma cousa: que se me buscardes amanhã, que me não haveis de achar: *Et si mane me quæsieris, non subsistam*. Tereis os sabeos, tereis os caldeos, que sejão o roubo e o açoute de vossa casa; mas não acharcis a um Job, que ainda com suas chagas a não desauctorise. O mesmo digo eu, Senhor, que não é muito rompa nos mesmos affectos, quem se vê no mesmo estado. Abrasae, destrui, consumi-nos a todos: mas pode ser que algum dia queiraes hespanhoes e portuguezes, e que não os acheis, Hollanda vos dará os apostolicos conquistadores, que levem pelo mundo os estandartes da cruz: — Hollanda vos dará os prégadores evangelicos, que semeem nas terras dos barba-

ros a doutrina catholica, e a reguem com o proprio sangue: Hollanda defenderá a verdade de vossos Sacramentos, e a auctoridade da igreja romana: Hollanda edificará templos, Hollanda levantará altares, Hollanda consagrará sacerdotes e offerecerá o sacrificio de vosso Santissimo Corpo: Hollanda emfim vos servirá e venerará tão religiosamente como em Amsterdam, Meldeburg e Flisinga, e em todas as outras colonias daquelle frio e alagado inferno, se está fazendo todos os dias.

Eis agora a passagem do segundo:

Coelum et terra transibunt: verba autem mea non transibunt.—Luc. 21.

I

Passará o céu e a terra, mas o que dizem as minhas palavras não passará. Com esta notavel, e não usada sentença conclue Christo redemptor nosso, a narração do evangelho que acabamos de ouvir. Diz que hade vir julgar e pedir conta ao mundo no ultimo dia delle: e porque antes do mundo ser julgado hade ser abrasado primeiro, e convertido em cinzas; sobre o incendio, que o hade consumir, cae a primeira parte da conclusão: *Coelum et terra transibunt.* Estes são os dois maiores portentos, que no theatro universal do juizo verão naquelle dia os homens e os anjos. Alli se verá o principio do mundo junto com o fim, e o fim junto com o principio: o principio com o fim, em tudo o que passou, e o fim com o principio, em tudo o que não hade passar. Parece difficultosa esta união em tanta distancia de seculos; mas esse é, e

será um dos maiores milagres daquelle dia, porque tudo o que passou, e deixou de ser, e desappareceu com o tempo, como se não tivera passado, ou tornára a ser de novo, hade apparecer com a conta. Se olharmos para todas as cousas quantas houve, ha, e hade haver no mundo, então se verá, que todas passarão, *transibunt*. Mas se olharmos para essas mesmas cousas, as quaes como resuscitadas com o genero humano hão de ser citadas com elle para apparecer em juizo; então se verá tambem, e com maior assombro, que nenhuma dellas passou, *non transibunt*. Estas duas verdades, pois, cuja fé o mesmo supremo juiz com tanta expressão nos ractifica: estes dois desenganos, a que tão mal nos persuadimos os mortaes em quanto vivemos; e estas duas considerações do que passou, e do que não ha de passar, *transibunt et non transibunt* serão hoje os dois pólos, ou pontos do meu discurso. No primeiro veremos, que tudo passa: no segundo, que nada passa. No primeiro, que tudo passa para a vida: no segundo, que nada passa para a conta. Em dia tão grande não póde o sermão ser breve. Aos ouvintes não peço attenção, mas paciencia. Deus, a quem tomo por testemunha de que procurei não lhe dar conta do que hoje disser, se sirva de nos assistir a todos com sua graça em materia que tanto toca a todos.

II

. . . . . .

Considerae-me o mundo desde seus principios, e vêl-o-heis sempre, como nova figura no theatro, apparecendo e desapparecendo juntamente, porque sempre passando. A primeira scena deste theatro foi o paraiso terreal, no qual ap-

pareceo o mundo vestido de immortalidade, e cercado de delicias; mas quanto durou esta apparencia? Estendêo Eva o braço á fruta vedada, e no brevissimo espaço em que o bocado fatal passou pela garganta do homem, passou tambem com elle o mundo do estado da innocencia ao da culpa, da immortalidade á morte, da patria ao desterro, das flores ás espinhas, do descanço aos trabalhos, e da felicidade summa ao summo da infelicidade e miseria. Oh miseravel mundo, que se paráras assim, e te contentáras com comer o teu pão com o suor do teu rosto, fôras menos miseravel! Mas não serias mundo, se de uma miseria grande não passasses sempre, e por tua natural inclinação, a outra maior. Os homens naquella primeira infancia do mundo todos vestião de pelles, todos erão de uma côr, todos fallavão a mesma lingua, todos guardavão a mesma lei. Mas não foi muito o tempo em que se conservárão na harmonia dessa natural irmandade. Logo variárão e mudárão as pelles com tanta differença de trajos, que cada dia de pés á cabeça apparecem com nova figura. Logo variárão e mudárão as linguas com tanta dissonancia e confusão, como a da torre de Babel. Logo variárão e mudárão as côres com a diversidade das terras e climas, e com a mistura do sangue, posto que todo vermelho. Logo variárão e mudárão as leis, não com as de Platão, Solon, ou Lycurgo, mas com a do mais imperioso e violento legislador, que é o proprio alvedrio. Tudo mudárão, ou tudo mudou, porque tudo passa.

As vidas naquelle principio costumavão ser de sete, de oito, de novecentos, e quasi de mil annos; e que brevemente se acabou este bom costume? Então o viver muitos seculos era natureza, hoje chegar, não a um seculo, mas perto delle, é milagre. Tardárão em passar até Noé, e tambem passárão.

Com aquellas vidas não só crescião os annos, senão tambem os corpos: e dos filhos de Deus, que erão os descendentes de Seth; e das filhas dos homens, que erão as descendentes de Caim, nascêrão os gigantes, de quem diz a escriptura: *Erant gigantes super terram.* Alguns ossos que ainda durão destes que o mesmo texto sagrado chama varões famosos, demonstrão pela symetria humana, que não podião ser menos que de vinte e mais covados: e ainda na historia das batalhas de David temos memoria de outros quatro, posto que de muito menor estatura. Mas emfim acabou a era dos gigantes; porque tudo nesta vida, e mais depressa o que é grande, acaba e passa.

Diminuidos os homens nos corpos e nas idades, quando tinhão a morte mais perto da vista, (quem tal crêra!) então crescêrão mais na ambição e soberba. E sendo todos iguaes e livres por natureza, houve alguns que entrárão em pensamento de se fazer senhores dos outros por violencia, e o conseguirão. O primeiro que se atreveo a pôr coróa na cabeça foi Membroth, que tambem com o nome de Nino, ou Belo, dêo principio aos quatro imperios, ou monarchias do mundo. O primeiro foi o dos assyrios e chaldeos; e onde está o imperio chaldaico? O segundo foi o dos persas; e onde está o imperio persiano? O terceiro foi o dos gregos; e onde está o imperio grego. O quarto, e maior de todos, foi o dos romanos; e onde está o imperio romano? Se alguma cousa permanece deste, é só o nome: todos passárão, porque tudo passa. Em tres famosas visões representou Deus estes mesmos imperios a um rei, e a dois prophetas. A primeira visão foi a Nabucodonosor na estatua de quatro metaes; a segunda a Zacharias em quatro carroças de cavallos de differentes côres; a terceira a Daniel em um conflicto dos quatro ventos prin-

cipaes, que no meio do mar se davão batalha. Pois se todas estas visões erão de Deus, e todas representavão os mesmos imperios, porque variou tanto a sabedoria divina as figuras, e sobre a primeira da estatua, tão clara e manifesta, accrescentou outras duas tão diversas em tudo? Porque a estatua, na dureza dos metaes de que era composta, e no mesmo nome de estatua, parece que representava estabilidade e firmeza: e porque nenhum daquelles imperios havia de perseverar firme e estavel, mas todos se havião de mudar successivamente, e ir passando de umas nações a outras; por isso os tornou a representar na variedade das carroças, na inconstancia das rodas, e na carreira, e velocidade dos cavallos. Mas não parou aqui a energia da representação, como não encarecida ainda bastantemente. A estatua estava em pé, e as carroças podião estar paradas. E porque aquelles imperios correndo mais precipitadamente que á redea solta, não havião de parar no mesmo passo, nem por um só momento, e sempre se havião de ir mudando, e passando; por isso finalmente os representou Deus na cousa mais inquieta, mudavel, e instavel, quaes são os ventos, e muito mais quando embravecidos, e furiosos: *Et ecce quatuor venti coeli pugnabant in mari magno.*

. . . . . .

X

A conta das dividas é a que só nos resta, ultima, maior; e mais difficultosa de todas. Esta se contem na parabola do outro rei, o qual fez o que muitos não fazem, que é tomar conta aos criados de sua casa: *Qui voluit rationem ponere cum servis suis.* Do que logo se segue, no principio das con-

tas se mostra bem, que este chamado rei, seria o mais poderoso e rico monarcha de quantos houve, ou não houve no mundo; porque o primeiro criado foi convencido de que era devedor á fazenda ou erario real de cento e vinte milhões de oiro. Tanto veem a montar os que o texto chama, *decem millia talenta*; porque fallando Christo com os hebreos, e na lingua hebraica, tambem o computo e valor da divida se ha de intender de talentos, não gregos, senão hebraicos. Mas como era possivel que um criado devesse a seu rei cento e vinte milhões? Respondo, que quando a parabola dissera dez mil vezes outros tantos, ainda diria muito menos do que queria significar. Porque este rei é Deus, e esta divida é a dos beneficios que Deus tem feito ao homem; e como o menor beneficio divino, por si mesmo, ou por seu Auctor, é de valor infinito, não ha numero em toda a arithmetica, nem preço em todas as creaturas, com que se possa comparar, quanto mais igualar.

S. Agostinho, para representar mais clara e mais patentemente esta conta, introduz ao mesmo Christo fazendo-nos por sua propria Pessoa os cargos do que lhe devemos, como fará no dia de juizo. *Quid est quod debui ultra facere vineae meae, et non feci ei?* Que coisa ha, que eu devesse fazer-te, ó homem, ou devesse fazer por ti, que não tenha feito? De nada te era devedor, e como se o fôra, de quanto tenho, de quanto posso, e de quanto sou, tudo empreguei e despendi comtigo. Creei-te quando não eras, tirando-te dos abysmos do não ser ao ser; dei-te um corpo formado com minhas mãos, o mais perfeito; dei-te uma alma tirada de minhas entranhas, e feita á minha imagem e semelhança; ornei e habilitei um e outro, com as mais excellentes potencias, e os mais nobres sentidos, para que fossem os instrumentos com que me

servisses e amasses; e tu, ingrato, que fizeste? Dá conta dos cuidados, pensamentos e machinas do teu intendimento; das lembranças e esquecimentos da tua memoria; dos desejos e affeições da tua vontade. Dá conta de todos os passos de teus pés, de todas as obras de tuas mãos, de todas as vistas dos teus olhos, de todas as attenções de teus ouvidos, de todas as palavras de tua lingua, e de tudo o mais que tu sabes, e não cabe em palavras. Depois de creado, que seria de ti, se eu com o mesmo poder-e providencia te não conservára? De repente perderias o ser, e tornarias ao nada donde sahiste. Para tua conservação, te dei não só o necessario, senão o superabundante, e tanta immensidade de creaturas no ceu e na terra, todas sujeitas a ti, e occupadas em teu serviço. Dei-te um anjo, que de dia e de noite, velando e dormindo, te assistisse e guardasse, como sempre assistio e guardou. Agora te revelo os perigos secretos e occultos, de que foste livre por seu meio; e tu lembra-te dos publicos e manifestos, que experimentaste e viste. Quantos perecêrão em outros muito menores? Quantos mais moços que tu, acabárão de mortes desastradas e repentinas, sem tempo, nem logar de arrependimento e emenda, que eu sempre te concedi? Dá pois, conta da vida, dá conta da saude, dá conta dos annos, dá conta dos dias, dá conto das horas, sendo mui poucas e contadas as que não empregaste em me offender.

Atégora te referi as dividas exteriores do poder; agora me responderás ás interiores e pessoaes do amor, e do muito que fiz e padeci por ti. Por ti depois de te fazer á minha imagem e similhança, me fiz á tua, fazendo-me homem: por ti nasci nos desamparos de um presepio; por ti fui desterrado ao Egypto; por ti vivi trinta annos sujeito á obediencia de um official, ajudando o trabalho de suas mãos com as

minhas, e acompanhando o suor do seu rosto com o meu; por ti, e para ti, sahi ao mundo a pregar o reino do céu; por ti nas perigrinações de toda a Judéa e Galiléa, sempre a pé, e muitas vezes descalço, padeci fomes, pobrezas, sem ter logar de descanço, nem onde reclinar a cabeça; por ti recebi ingratidões por beneficios, odios por amor, perseguições por boas obras; por ti suei sangue; por ti fui preso; por ti affrontado; por ti esbofeteado; per ti cuspido; por ti açoitado; por ti escarnecido; por ti coroado de espinhos; por ti emfim, crucificado entre ladrões, aberto em quatro fontes de sangue, atormentado e affligido de angustias e agonias mortaes, e ainda depois de morto, atravessado o coração com uma lança. De tudo isto pedi por ti perdão a Deus, e o pago que tu me déste, foi não me perdoar, tornando-me a crucificar tantas vezes, quantas gravemente peccaste, como te mandei declarar pelo meu apostolo: *Rursum crucifigentes Filium Dei.* Se as gotas de sangue que derramei por ti, tiverão conto, nem de uma só me poderas dar boa conta, ainda que padeceras por mim mil mortes; mas os milhares e os milhões forão das vezes que pizaste o mesmo sangue, sacrificando o infinito valor e merecimento delle, aos idolos do teu appetite.

Ainda em certo modo é maior divida, a de que agora te pedirei conta; que é a da vocação. Reservei o saires á luz deste mundo para o tempo da lei da graça; chamei-te á fé antes de me poderes ouvir, anticipou-se o meu amor ao teu uso da rasão, e fiz-te meu amigo pelo baptismo. Com o leite e doutrina da igreja, te dei o verdadeiro conhecimento de mim, beneficio que por meus justos juisos em quatro e cinco mil annos não concedi a tantos, e de que ainda nos teus dias carecerão muitos. Não tiveste juizo nem consideração,

para ponderar e pasmar, de que tendo a minha justiça razões para condemnar um gentio que me não conheceu, as tivesse minha misericordia para perdoar a um christão, que conhecendo-me, tanto me offendia. Perdida a graça da primeira vocação, caiste, e tornei-te a chamar, e dar a mão, para que te levantasses; levantado tornaste a reincidir uma, e tantas vezes, e eu, posto que tão repetidamente offendido, e com tão continuadas experiencias da pouca firmeza de teus propositos, e falsidades de tuas promessas, não cessei de te offerecer de novo meus braços, e te receber sempre com elles abertos; até que infiel, rebelde, e obstinado, cerrando totalmente os ouvidos a minhas vozes, te deixaste jazer no profundo lethargo da impenitencia final. Dá agora conta de tantas inspirações interiores minhas, de tantos conselhos dos confessores e amigos, de tantas vozes e ameaças dos pregadores, que ou não querias ouvir, ou ouvias por curiosidade e ceremonia; e tambem t'a podera pedir, de eu mesmo te não chamar efficazmente na hora da morte, porque o desmereceste na vida.

Sete fontes de graça, deixei na minha igreja,(que é o beneficio da justificação) para que nellas se lavassem as almas de seus peccados, e com ellas se regassem e crescessem as virtudes. Em uma te facilitei em tal forma o remedio para todas as culpas, que só com as confessar-te prometti o perdão, que tu não quizeste acceitar, fugindo da benignidade daquelle sacramento como rigoroso, e amando mais as mesmas culpas, que estimando o perdão. Em outra te dei a comer minha carne, e a beber o meu sangue, e juntamente os thesouros infinitos de toda a minha Divindade, em penhor da gloria e bemaventurança eterna, que foi o altissimo fim para que te criei. Desprezaste o fim, não quizeste usar dos

meios; e porque escolheste antes estar para sempre sem mim no inferno, que comigo no céu: tua é, e não minha, a sentença que logo ouvirás com os outros malaventurados: *Ite maledicti in ignem eternum.*

XI

Aqui parou a conta das dividas, que era a ultima e maior partida que só restava para as contas. E aqui virão a parar todos os que tão descuidados vivem de as dar boas naquelle dia.

Ó dia de ira! ó dia de furor! ó dia de vingança! ó dia de amargura! ó dia de calamidade! ó dia da miseria! ó dia estupendo! ó dia tremendo! ó dia sobre toda a comprehensão terrivel! Assim lhe chamão com horror, os clamores dos prophetas, pela estreitissima conta que nelle se nos ha de pedir a todos. E se tudo passa para a vida, e nada passa para a conta; que cegueira, e que insania é a dos que todos seus cuidados empregão no que passa, sem memoria nem cuidado do que não ha de passar? Póde caber em entendimento com juizo, maior loucura, que trabalhar de dia e de noite um homem, e cançar-se, e desvellar-se e matar-se, pelo que passa com a vida, e ha de deixar com a morte, e não ser o seu unico cuidado e desvelo tratar só do que só ha de levar consigo, e do que só se lhe ha de pedir conta? Oução estes loucos a S. Agostinho: *Peccas propter pecuniam? hic dimittenda est. Peccas propter mulierem? hic dimittenda est. Et quidquid est propter quod peccas, hic dimittis, et ipsum peccatum, quod committis tecum portas.* Peccas homem, por amor do dinheiro? e cá ha de ficar o dinheiro... Peccas por amor da mulher, ou tua ou não tua? e cá ha de ficar a mulher.

Mas havendo de ficar cá tudo aquillo por que peccaste, o que só has de levar comtigo é o peccado. Toda a materia dos peccados cá ha de ficar, porque passou com a vida, e só o peccado ha de ir comnosco, porque não passou para a conta.

Parece-me, que para desenganar a quem tem fé, basta a evidencia destes dois pontos. O que só quizera alcançar de Deus, e pedir aos que me ouvirão, é, que tomem este desengano em quanto vivem neste mundo, e não o guardem para o inferno. Descreve o Espirito Santo no livro da Sabedoria uma practica que tiverão entre si no inferno os que lá forão, depois de ter gastado a vida em tudo o que passa com a mesma vida; e o que fallavão era desta maneira: *Ergo erravimus á via veritatis, et sol intelligentiae non est ortus nobis.* O certo é (dizião) que erramos o caminho, e que andamos as escuras, e que em tantos dias, quantos vivemos nunca nos amanheceo a luz do sol. *Quid nobis profuit superbia.* Que nos aproveitárão a soberba e gloria vã das honras do mundo? *Divitiarum jactancia quid contulit nobis:* do que nos servio a jactancia das riquezas? E os gostos, delicias e passatempos em que ellas se consomem, de que nos aproveitárão? Todas essas cousas passarão como a sombra: *Transierunt omnia illa tanquam umbra.* Todas passarão como o correio, que sempre caminha, e não para: *Tanquam nuntius percurrens.* Todas passárao como a náo, que vai cortando as ondas e depois que passou, se lhe não acha rasto. *Et tanquam navis, quae pertransit fluctuantem aquam; cujus cum praeterierit non est vestigium invenire.* Todos passarão como a ave que voando e batendo o leve vento que corta, nem signal deixa do seu caminho; *Aut tanquam avis quae transvolat in aere verberans levem ventum et nullum signum invenitur iti neiis illius.* Todas passarão como a setta despedida do arco

ao logar destinado que dividindo o ar, o qual logo se cerra e une, não se póde conhecer por onde passou: *Aut tanquam sagitta emissa in locum destinatum, divisus aer in se reclusus est ut ignoretur transitus illius.* Agora, agora conhecem bem no inferno, e não achão comparação com que bastantemente declarar a summa velocidade com que todas as cousas passão, e com a mesma pressa dizem passámos nós, porque apenas nascidos logo deixamos de ser, e sem deixar signal algum de virtude, em nossos proprios vicios nos consumimos: *Sic et nos nati continuo desivimus esse: et virtutis quidem nullum signum valuimus ostendere: in malignitate autem nostra consumpti sumus.*

Isto conferião entre si naquella triste e tarde desengada conversação os miseraveis condemnados, os quaes para maior dôr, levantando os olhos ao céu e vendo lá gloriosos e triumphantes os que tratárão mais da estreiteza da conta, que da largueza da vida; *Pœnitentiam agentes et prae angustia espiritus gementes*; com vozes que lhes sahião do interior angustiado, e com arrependimento e gemidos que já não aproveitavão, *dicentes intra se*, dizião entre si, e comsigo: Que é o que dizião? *Hi sunt quos habuimus aliquando in derisum, et in similitudinem improperii.* Aquelles são os de que nós zombavamos, rindo-nos dos seus escrupulos de consciencia, e das penitencias e rigores com que mortificavão seus corpos, quando nós só tratavamos de regalar os nossos e satisfazer nossos apetites; e agora vemos que elles forão os prudentes e sizudos e nós os loucos e insensatos, pois elles pondo os olhos no fim, e no premio de que nós não fizemos caso, estão gosando da gloria entre os santos, como nós padecendo as penas entre os condemnados: *Nos insensati vitam illorum æstimabamus insaniam, et finem illorum sine honore: ecce*

quomodo computati sunt inter filios Dei, et inter Sanctos sors illorum est. Taes são as cousas que disserão, conclue o Espirito Santo, e taes os discursos que fizerão no inferno os máos quando lá se virão. *Talia dixerunt in inferno hi qui peccaverunt.* Vejamos agora, e consideremos bem os que por misericordia de Deus ainda temos tempo e vida, se é melhor aproveitar deste desengâno neste mundo, ou guardal-o para o inferno, e se folgaremos no dia da conta de ter imitado os prudentes que eternamente hão de gosar a vista de Deus no céu, ou acompanhar os loucos e insensatos, que hão de padecer as penas do inferno por toda a eternidade?

Nas duas passagens do primeiro sermão notai. Senhores, o novo, o extraordinario, e o grandioso do quadro insolito no qual o prégador por um rasgo oratorio sem exemplo estabelece discussão com Deus, apostrophando-o a cada momento, e appellando de sua divina justiça para essa mesma justiça. Para não naufragar em assumpto tão alto como escorregadio, era preciso ser Vieira ou Bossuet, ou então um Moysés, ou um Job! Vêde quanto, e que magistral artificio não emprega o orador, cercando-se de exemplos das Santas Escripturas, para que, argumentando por esta fórma, não pareça faltar em cousa alguma ao que se deve á tremenda Magestade de Deus, constituido juiz de si mesmo no que se refere á sua Igreja! Quando não tivessemos outra prova do assombroso talento oratorio de Vieira, bastava este unico sermão, em que o autor tocando com passo arrojado as raias da piedade christã, sabe com tino infinito evitar qualquer desvio, que o

precipite na impiedade, para dar-nos a justa medida d'esse talento sem igual na agudeza.

E si á simples leitura de taes passagens vos sentis commovidos e abalados pelo vigoroso do argumentar e pelo elevado do cogitar, expressos no mais nobre dos estylos, e enriquecidos das mais bellas figuras de pensamentos e palavras, calculai qual não seria o effeito produzido nos ouvintes por essas mesmas passagens animadas com a voz sonora e retumbante, com os gestos expressivos e fallantes, com a bem apessoada e magestosa figura do orador! Não ha duvida que a admiração, o pasmo, e o assombro, produzidos por tão arrebatadora e fascinante eloquencia, devião ser os mais completos e cabaes.

Não admira o prodigioso effeito que sobre o auditorio produzia este orador, a quem a natureza, alem dos dotes de espirito, concedêra todas as vantagens corporaes: pois, segundo o proprio testemunho delle, os seus sermões, sem a palavra que os animava, ainda resuscitados pela estampa ficavão sendo cadaveres. Tal era a magia de sua palavra! Bellissimas por exemplo são as arrojadas expressões figuradas deste orador, *beberão o erro pelos olhos, e, porque não acabaes já de embainhar a espada de vossa ira,* mas na sua bocca devião penetrar nos ouvintes como settas, levando-lhes á alma a convicção e a contrição: e assim do mais.

Descendo á alguns promenores, notai mais, como termina a primeira dessas passagens por uma serie de interrogações sem replica, que começando por esta:

«Parece-vos bem, Senhor, parece-vos bem isto», e constituindo outras tantas figuras de pensamento, dão ao estylo tanta animação, tanta força, tanta vehemencia; e como termina a segunda pela bella ironia que começa, «Hollanda vos dará os apostolicos conquistadores, que levem os estandartes da cruz», ou por um dos mais arrojados e felizes tropos, para imprimir ao estylo todo movimento, toda novidade, toda nobreza: de modo que nem n'um, nem n'outro caso era possivel concluir com meios oratorios de melhor effeito! Mas bastão estas bellezas de estylo, que vos aponto, para chamar a vossa attenção sobre outras, que se contem em cada uma destas passagens, tão abundantes dellas. Apenas ha a censurar na ultima o trocadilho feito com o nome da cidade de Hay, e a citação de Virgilio por mal cabida em um assumpto destes.

Si até aqui observastes a admiração levada ao pasmo e ao assombro no geral dos ouvintes da prédica, notai agora no segundo sermão o terror levado ao espasmo nos ouvintes da mais elevada gerarchia social sagrada ou profana. Vêde como são chamados pelo prégador inexoravel ás mais estreitas contas no final juizo, os sceptros, as thiaras, as mitras ou as testas coroadas com corôas temporaes e espirituaes, equivalendo á enumeração aterradora dos peccados dos reis e pastores mortos á mais desassombrada, escrupulosa e irrespondivel censura do procedimento dos reis e pastores vivos, e claramente dos reis portuguezes, cujo imperio se estendia então pela Asia, pela Africa, e pela

America, como ahi se diz. Naquelles tempos de tanta devoção, ou verdadeira, ou supposta, imaginai qual não seria o terror que se apoderaria da consciencia do reinante sob o peso de uma accusação tão veridica e eloquente, auxiliada de todos os meios oratorios pessoaes, ou da declamação que dá vida ao discurso! Devia ser por certo inexprimivel e tão immenso como a materia da censura!

Foi pelo terror semeado com arte que os Jesuitas conseguirão dominar a consciencia dos principes tanto em Portugal, como em outros paizes da Europa; mas deve se confessar que nenhum d'elles soube empregar esta arma poderosa tão bem como Vieira, o conselheiro intimo, o privado d'el-rei D. João IV, e ainda da rainha regente, D. Luiza, porque nenhum delles possuia o seu incomparavel talento oratorio, o seu superior e singular engenho.

Parece-nos entretanto estar ouvindo trovejar algum dos grandes prophetas hebraicos, ou algum dos mais austeros padres da primitiva Igreja Christã, a quem se assemelha Vieira no grandioso do terrifico: pois dos sagrados oradores modernos só Bossuet por sua mascula e vigorosa eloquencia pode correr parelhas com elle no emprego deste e outros meios analogos. Vieira, si me é licito comparar um orador a um poeta é o Dante da nossa tribuna evangelica.

Notai o bello movimento oratorio porque começa esta admiravel passagem:

«Oh que grande mercê de Deus fôra, si hoje que es-

tamos na representação do mesmo dia de juizo, o mesmo Soberano Juiz nos communicára um raio daquella luz, para que viramos agora o que então havemos de vêr!... Mas bem dita seja a vontade do mesmo Senhor, que não só nos deixou communicado na sua doutrina um raio daquella luz, senão tres &.» Com este movimento, que tanta vida, e tanta nobreza communica ao estylo, desperta magistralmente o orador a attenção do auditorio para o terrivel quadro que lhe vai pôr diante dos olhos do entendimento. Que sublime eloquencia!

Vêde agora no desenvolvimento do mesmo quadro, como o habilissimo orador começa pelos grandes da terra, que são chamados a dar estreitas contas a Deus pelo mal que praticárão por si, e pelos seus. «Ponhamos agora este rei, e depois poremos tambem este prelado diante do tribunal divino, e vejamos que respondem a estes cargos. O rei é a cabeça dos vassalos: e quem hade dar conta dos membros, senão a cabeça? O rei é a alma do reino: e quem hade dar conta do corpo, senão a alma? Pedirá, pois, conta Deus a qualquer rei, não digo dos peccados seus, e da pessoa, senão dos alheios, e do officio. E que responderá já não rei, mas réo? Parece que poderá dizer: Eu, Senhor, bem conhecia que era obrigado a evitar os peccados dos meus vassalos, quanto me fosse possivel, mas a minha côrte era grande, o meu reino dilatado, a minha monarchia estendida *pela Africa, pela Asia, e pela America*: e como eu não podia estar em tantas

partes, na côrte tinha provido os tribunaes de presidentes e conselheiros, no reino de ministros de justiça e lettras, nas conquistas de vice-reis e governadores, instruidos de regimentos muito justos e approvados... Entre agora o prelado a dar a conta, e a ouvir em estatua o processo que depois da resurreição lhe será notificado em carne. Oh que espectaculo será apparecer descorôado da mitra, e despido dos paramentos pontificaes diante da magestade de Christo Jesus, aquelle a quem o mesmo Senhor auctorisou com o nome e poderes de seu vigario, e cuja humana Pessôa representou nesta vida! *O pastor et idolum...*»

No extracto que démos deste sermão são bellissimos, e da mais elevada eloquencia, os logares que começão: «Até agora te referi as dividas exteriores do poder», e «Ainda em certo modo é maior a divida», bem como a peroração que principia: «Ó dia de ira! ó dia de furor! ó dia de vingança! ó dia de amargura! ó dia de calamidade! ó dia de miseria! ó dia estupendo! ó dia tremendo! ó dia sobre toda a comprehensão terrivel.»

Assim si graves são os defeitos de Vieira quando se involve em argucias e paradoxos extravagantes, muito maiores são as suas virtudes oratorias, que sobrelevando taes defeitos, não só lhe assignão o primeiro logar entre os oradores portuguezes, mas o collocão no numero dos grandes oradores modernos. Vieira em summa é um homem não já eloquente, mas eloquentissimo tanto na substancia, como na forma de seus dis-

cursos, ou a mesma eloquencia encarnada no homem.

Tendo apreciado este homem extraordinario como orador sagrado, passarei na seguinte prelecção a avalial-o como orador profano e escriptor politico nos seus discursos varios, e nos opusculos que nos deixou.

LICÇÃO XLVII.

O P.e Antonio Vieira a quem, Senhores, com justo fundamento compete o primeiro logar entre os oradores portuguezes, e com quem continúo a occupar-me, foi não só eloquente nos seus sermões, como orador sagrado, mas em todo genero de discursos e escriptos, que sobre diversos assumptos compoz, ou como escriptor quer moral, quer politico. A eloquencia que é nelle dom natural brilha ou mais ou menos em todas as producções do seu engenho. Muitos e mui variados são os opusculos que nos deixou a sua fertilissima penna no decurso de tão dilatada vida como a de 89 annos; mas de todos elles apreciarei unicamente alguns dos que se referem á sua residencia na America, e com especialidade no Maranhão, ou á grande causa da civilisação dos Indios, e á perseverança com que, apesar de ecclesiastico e jesuita, combateo a inquisição em Portugal, quando tudo ainda lhe curvava a

cabeça; porque o mais me absorveria grande parte do tempo que tenho de gastar com outros autores. Prefiro para a analyse os opusculos ou discursos deste genero, porque são justamente os que mais provão quanto este homem extraordinario era superior ao seu seculo, e digno da veneração da posteridade.

E tanto mais apreciaveis são os discursos sobreditos, que nelles não se nota de ordinario o máo gosto das argucias, subtilezas e paradoxos, que reçuma em muitos dos sermões e outras obras do mesmo autor, ou porque a materia não comportava semelhante luxo de engenho, ou porque não pretendia elle então fazer-se admirar dos seus ouvintes ou leitores.

Cabe aqui dizer que Vieira que escreveo tanto sobre assumptos tão diversos, e cujo estudo como philologo era incansavel, é sem contradicção de todos quantos se exprimirão em prosa portugueza, o primeiro mestre da lingua, ou o que mais ampla e superiormente a manejou. Nenhum dos escriptores portuguezes, por maior que seja o seu merito, como prosador, pode competir com elle em copia de termos, riqueza e variedade de expressões, louçania e propriedade de linguagem, porque nenhum estudou, e tratou tantos assumptos ao mesmo tempo, ou antes porque nenhum foi tão eloquente, como este homem a todos os respeitos extraordinario. Vieira foi para a lingua portugueza, o que Cicero foi para a latina. Quasi todos os criticos são accordes nesta apreciação sobre o merito de sua linguagem. Das opiniões a tal respeito só mencionarei, como

uma das mais notaveis, a do bispo de Viseu, D. Francisco Alexandre Lobo. «Si o uso da nossa lingua se perder, (diz este illustrado critico) e com elle por acaso acabarem todos os nossos escriptos, que não sejão os Lusiadas e as obras de Vieira; o Portuguez, quer no estylo de prosa, quer no poetico, ainda viverá na sua perfeita indole nativa, na sua riquissima copia e louçania. Será talvez opinião temeraria, mas a minha é, que nenhum povo possuio jamais, nas obras de um só homem, tão rico, tão escolhido thesouro da lingua propria, como nós possuimos nos deste notavel Jesuita. Elle empregou a linguagem culta e publica, e tambem a familiar e domestica; fallou a dos negocios, a da cortezia, a das artes, a dos proverbios; e como tratou tantos e tão diversos assumptos, pode afirmar-se, fóra de hyperbole, que em suas composições a resumia toda inteira com felicidade singular.»

O Pe Antonio Vieira, como vimos na noticia de sua vida, veio duas vezes ao Maranhão, e residio aqui e no Pará na qualidade de superior dos Jesuitas de 7 para 8 annos, empregando todo esse tempo na conversão da gentilidade ao christianismo, e fazendo valer o seu grande credito com o rei para alcançar leis favoraveis á liberdade dos indigenas, que erão escravisados pelos colonos. O premio que teve dos serviços prestados á causa da humanidade nestas paragens, forão perseguições e ser remettido preso para Lisboa em 1661 em virtude de uma sublevação dos colonos contra os jesuitas, a qual começou no Maranhão, e es-

tendêo-se ao Pará, onde então se achava elle em missão no interior, e foi preso na sua volta a Belem.

Não admira este procedimento havido contra Vieira, porque, procurando melhorar a sorte dos Indios opprimidos, contrariava as vistas interesseiras dos colonos, capitães-mores, e governadores, que querião escravos para trabalhar nas suas lavras, e toleravão esta barreira opposta á sua ganancia unicamente emquanto foi vivo el-rei D. João IV, cujo temor os continha em respeito. O que porem é certo é que muito deve interessar-nos tudo quanto servir para attestar a benefica passagem deste grande homem por nossa terra, cuja nascente prosperidade trabalhou por promover com sacrificio de todas as commodidades ordinarias, e risco de vida. Por isso escolherei para submetter hoje á vossa illustrada consideração o eloquente protesto, que elle de bordo da caravélla em que se achava preso no porto da cidade de Belém, dirigio á camara e nobreza da mesma cidade a 18 de Agosto de 1661. Eil-o:

A esta hora, que são ás seis da manhã, tive noticia que vossas mercês se ajuntavam as nove; e posto que até agora (a exemplo de Christo nosso Senhor em sua paixão) tomei por resposta de tudo o que commigo se tem obrado, o silencio, por ultimo descargo de minha consciencia, e pela obrigação que me corre de procurar tambem o das consciencias de vossas mercês me resolvi a representar, e lembrar a vossas mercês o que permitte a estreiteza do tempo.

Primeiro que tudo peço a vossas mercês queirão lêr o que

disser neste papel, e com os olhos postos em Deus, e em suas consciencias, e na conta que lhe hão de dar, e com os corações limpos de toda a paixão e affecto, e desejosos somente de acceitar, como vossas mercês são obrigados.

Com este presuppposto lembro primeiramente a vossas mercês, que são christãos, e que não ha exemplo nas historias de que homens christãos e catholicos fizessem o que neste estado do Maranhão se tem começado a fazer, e vae continuando. Os padres da companhia de Jesus, que residimos neste estado, não somos religiosos por profissão, como os demais, mas por officio somos parochos das egrejas dos indios, d'onde fomos expulsados; e tirar os parochos ás egrejas é excesso que temem commetter ainda aquelles que negão a obediencia á sé apostolica, como se vê em muitas cidades e parochias de Alemanha, que havendo mais de cento e cincoenta annos que negarão a obediencia ao summo pontifice, conservarão comtudo os parochos e pastores nas suas egrejas, contra o que se tem feito neste estado.

Lembro a vossas mercês, que a residencia dos ditos parochos em suas egrejas, e muito mais o terem as egrejas parochos, é de direito divino indispensavel, e que nem os papas os pode tirar dellas. Pode o papa tirar um parocho, e pôr outro; mas tirar os parochos de igrejas, como neste estado se tem feito, não pode o mesmo papa. E ainda que vossas mercês digão, que em logar dos padres da companhia poderão supprir outros parochos, é cousa que não podem vossas mercês fazer, nem ha neste estado quem tenha poder para isso; porque o summo pontifice tem commettido esse poder só a sua magestade, e sua magestade tem posto por parochos das christandades dos indios aos padres da companhia, como consta de suas leis; e quaesquer outros que se não puze-

rem pelo dito senhor, serão illegitimos, e não serão parochos, de que se seguem gravissimos absurdos, e ainda nullidades nos sacramentos.

Lembro a vossas mercês, que não ha nação no mundo, que mais necessite da assistencia dos parochos, que os indios naturaes desta terra, por sua natural inconstancia e rudeza; e que da falta e ausencia dos ditos parochos se segue, e se vae já experimentando a ruina de muitas almas, de todas as quaes vossas mercês hão de dar conta a Deus.

Lembro a vossas mercês, que, além dos christãos antigos, teem os padres missionarios de presente á sua conta as nações dos tupinambás, poquiguarás, catingas, bócas, mapuás, anajás, mamajanas, e os pocujús, aroaquis, e outros, em que se começa a introduzir a pratica da nossa santa fé; das quaes nações muitos estão já baptisados; e com estas novidades, tão alheias de tudo o que se prometteu ás ditas nações não ha duvida, que se tornarão os mais delles para o mato e para suas gentilidades, em que só o inferno fica de ganho; e o estado, assim no temporal, como no espiritual, com grandissima perda, além de tanta infinidade de almas, de que tambem Deus ha de pedir conta a vossas mercês.

Lembro a vossas mercês, que todas estas nações estão não só reduzidas á egreja, mas tambem á obediencia e vassalagem de sua magestade, a qual obedecia, e vassalagem acceitarão por se lhes prometter e jurar em nome do dito senhor, que viverião debaixo do patrimonio dos padres, e que em tudo o mais se lhes guardarião as leis e regimentos de sua magestade, que lhes forão declarados, e se fizerão disto papeis authenticos, que forão remettidos á côrte, para se lançarem na torre do tombo, conforme as ordens de sua magestade, e quebrando-se como se quebrão, as ditas condi-

ções aos ditos indios, ficão elles livres das obrigações da dita vassalagem, e nós sem direito de lhes fazer guerra, antes elles nol-a poderão fazer, e ainda matar aos padres (como se teme) por lhes haverem promettido o que se lhes não cumprio.

Lembro a vossas mercês, que no modo com que se procede, e tem procedido contra os padres, se teem quebrado e quebrão todas as immunidades ecclesiasticas, e que notoriamente estão excommungados por esta causa muitos moradores deste estado, os quaes não podem ouvir missa, nem confessar-se, nem receber o Santissimo Sacramento, e se o fazem, é com novo peccado. E se acaso ha algum confessor que lhes não advirta esta verdade, será por temor de a dizer, ou porque não terá lido com attenção o que dispoem os sagrados canones nestes casos, os quaes sagrados canones, e os doutores que uniformemente os declarão, sendo vossas mercês servidos, se mostrarão logo, para que vossas mercês conheção o estado em que estão suas almas.

Lembro a vossas mercês, que os padres da companhia neste estado, além das suas immunidades communs a todos os religiosos, são pessoas mandadas ao dito estado por sua magestade, e postas nos logares em que estavão, por sua magestade, e que sem ordem e auctoridade do dito senhor, ainda que forão uns quadrilheiros, não podião ser tirados dos ditos logares; no qual ponto se deve outrosim considerar (e considerar muito) que vossas mercês teem mandado ao reino procurador a dar conta a sua magestade, e antes de ser ouvido o dito procurador, e haver resposta de sua magestade, será muito mal contado a vossas mercês executarem e innovarem coisa alguma.

Lembro a vossas mercês que o fim por que sua magestade

mandou os ditos padres da companhia a este estado, foi para descarregar nelles, e com elles sua consciencia, porque sua magestade está obrigado a mandar pregar a fé aos gentios, e doutrinar os christãos do dito estado, por este o titulo com que os senhores reis de Portugal possuem estas e as demais conquistas, e por descargo da dita obrigação de sua consciencia mandou sua magestade aos padres da companhia a este estado, como consta das mesmas leis, e da carta de provisão passada aos ditos padres. Julguem vossas mercês agora como poderá ser acceito a sua magestade tirarem vossas mercês das christandades os ministros da dita doutrina, e se lhes está bem a vossas mercês tomarem sobre si, e impedirem por taes meios os descargos da consciencia d'elrei.

Lembro a vossas mercês, que somos missionarios do summo pontifice e prégadores da fé, e ministros da propagação della, e quão grande mácula e affronta será do nome portuguez dizer-se no mundo, que os que teem dilatado a fé por todo elle, são agora os que prendem e desterrão os pregadores da mesma fé, e os que os teem ido buscar e tirar por força de suas missões, e de entre os gentios, e novos christãos, que estão convertendo; e que exemplo é este para as gentilidades, e que respeito terão os indios aos sacerdotes, quando assim os véem tractar pelos portaguezes?

Lembro a vossas mercês, que os padres que estão neste estado, vierão a elle com grandes despezas da fazenda de sua magestade, e da companhia; porque nenhum padre ha estrangeiro, que até chegar ao Maranhão não faça de gasto mais de quinhentos cruzados; e a segunda cinco mil cruzados, e a do padre Manuel Nunes dois mil cruzados, e a do padre Francisco Gonçalves mil e quinhentos cruzados E

sendo os ditos padres ora embarcados para o reino, é força que se façáo outros muitos gastos; e se forem tomados pelos turcos (como é possivel), ainda serão excessivamente muito maiores E vossas mercês devem considerar a quem pertence a restituição de tudo isto, e por cuja fazenda se ha de haver, tendo elles padres sempre requerido e protestado, que vão violentamente, como é notorio.

Lembro mais a vossas mercês, que eu vim a esta cidade, tendo capitulado com os moradores do Pará, que viesse a ella ajustar com vossas mercês o que fosse para quietação e maior bem do estado, a quem me offereci em chegando, e me torno a offerecer de novo: e que vossas mercês me tem mettido em uma caravella com guardas mui apertadas, sendo isto não só contra o direito das gentes, segundo o qual vossas mercês tinhão obrigação ou de me ouvir, ou de me deixar em minha liberdade.

Lembro mais a vossas mercês, que quando vossas mercês não queirão vir em o ajustamento sobredito, ficarão vossas mercês não só com o encargo, do que se fizer no Maranhão, senão tambem de tudo o que se fizer nas capitanias do Pará, onde está o peso da gentilidade, e christandades; porquanto aquellas capitanias se teem compromettido a seguir o que vossas mercês fizerem; e entre os inconvenientes que se podem seguir proximamente nas ditas capitanias, advirto a vossas mercês, que desde vinte e dois de Abril deste anno estava ordenada no Pará uma entrada no sertão, para se fazerem peças * para o serviço do estado, e que as ditas peças, se se fizerem sem o missionario e cabo, que requerem as

* Escravos

leis de sua magestade, não ficarão legitimamente captivas, o que será em grande damno de todos.

Lembro outro-sim a vossas mercês, que sendo eu o prelado da companhia de Jesus neste estado, e sendo todos os outros religiosos da companhia subditos meus, e os prelados feitos por mim, e estando em mim só os poderes e a jurisdição, vossas mercês fizerão tudo o que se tem feito, e o vão continuando, sem me fallarem, nem ouvirem uma só palavra, que é contra toda a rasão e direito.

Lembro a vossas mercês, se acaso ha alguma queixa contra mim, ou contra os outros religiosos da companhia, que considerem vossas mercés, que os homens, ainda que sejão religiosos, não são anjos, e que com razão, ou sem ella, é força que sempre haja queixas, e que dos mesmos apostolos de Christo as houve; e que quando houvesse as ditas queixas, tinhão vossas merês, obrigação de m'o advertir, ou requerer, o que nunca fizerão, tendo-o eu pedido a vossas mercês, tanto que a este estado vierão as ditas leis, como fiz em presença do governador André Vidal de Negreiros aos senhores officiaes da camara daquelle anno, pedindo-lhes que se houvesse alguma queixa, m'a fizessem, porque eu daria satisfação a todos, como no mesmo dia dei, e havendo que emendar, o emendaria.

Lembro a vossas mercês, que eu não tenho outro juiz mais que o summo pontifice, e o padre geral da companhia, e (no tocante ás leis) a sua magestade; comtudo pelo bem da paz, e quietação deste estado, estou prompto e me offereço não só ao ajustamento que tenho dito, mas a dar satisfação a vossas mercês de todas e quaesquer queixas que contra mim ou contra os religiosos da companhia haja ácerca dos indios, e obrigações delles á republica de que se tracta; e neste pon-

to me offereço a mostrar com evidencia a vossas mercês as seis coisas seguintes:

Primeira: que em nenhuma coisa tomei, nem tomou a companhia mais jurisdição, que aquella que lhe dão as leis, e regimentos de sua magestade.

Segunda: que sempre interpretei as ditas leis a beneficio do povo, e que se se quebrárão por nossa parte em alguma coisa, foi sempre a favor do povo, e contra os indios.

Terceira: que muitas vezes disse aos officiaes das camaras deste estado, e outras pessoas maiores, que se nas leis e regimento de sua magestade, ou na intelligencia dellas havia alguma coisa que mostrasse a experiencia ser menos util ao bem do estado, que as conferissemos entre nós, e que em tudo o que não houvesse peccado, eu me assignaria, e faria que sua magestade o mandasse confirmado; e que se em alguma coisa nos não ajustassemos, se remettessem as razões de ambas as partes ao dito senhor, para as mandar resolver.

Quarta: que em todo este estado não houve nunca morador, nem ministro algum ecclesiastico, ou secular, que procurasse o bem ainda temporal do dito estado, nem com maior zelo, nem com maiores effeitos que eu; e que todo o bem temporal que ha no estado, foi procurado, e conseguido, e conservado por minha diligencia; e que houvera no dito estado outros muitos bens temporaes, que eu quiz accrescentar nelle, se houvera quem quizesse concorrer para isso, e que os não ha porque não quizerão.

Quinta: que na materia de interesse não adquiri, nem adquiriu a companhia neste estado, depois que eu vim a elle, coisa alguma; antes cedeu sempre a companhia de muitos interesses que licitamente lhe competião; e deu sempre muito do seu, e tudo quanto tinha com grande excesso.

Sexta: que nunca escrevi a sua magestade, nem a ministro, nem a pessoa alguma coisa que fosse contra o bem temporal, nem espiritual deste estado, e que assim mostrarei nas mesmas cartas, de que se cuida o contrario, as quaes estão entendidas avessamente; e se isto e o demais se não crê, experimente-se, e oição-me.

Finalmente, senhores, lembro a vossas mercês, que vim para este estado, deixando em Portugal a quietação da minha cella, e o mais que lá tinha ou podia ter, só com zelo da salvação das almas, e que procurei a de vossas mercês nas doutrinas, nas praticas, nos sermões, com a vontade que vossas mercês poderião entender da efficacia com que o trabalhava pelo persuadir; e no ministerio da salvação dos indios, e propagação da fé não perdoei a nenhum trabalho, nem risco da vida, por mar e por terra, como a todos é notorio, posto que tudo isto misturado com grandes imperfeições, como tão indigno religioso que sou. E posto que não posso lembrar a vossas mercês a confiança que sua magestade fez sempre da minha fidelidade, por ser a maior parte desta confiança em negocios occultos, basta a dos publicos, com que sua magestade me enviou a Hollanda, França, Italia, pondo em minhas mãos as maiores dependencias da sua corôa, para que vossas mercês devão presumir, que não póde caber no Padre Antonio Vieira coisa que seja contra esta fidelidade e zelo, como é dizerem que me quero unir com os hollandezes contra este estado, e outras coisas tão ridiculas como esta.

Nem obsta que se diga, que as coisas alheias desta verdade veem provadas, porque papeis feitos por inimigos, e por ministros incompetentes, e com tantas outras nullidades, não fazem prova alguma, e muito menos em terra onde todos

vossas mercês se queixão de falsos testemunhos, e em tempo onde os padres da companhia, e eu particularmente, estamos tanto no odio de todos, como vossas mercês e os effeitos o dizem.

E se isto se não deve presumir de mim, tambem se não deve presumir dos religiosos que estão nas christandades do Gurupá, Nheengaibas, e rio das Amazonas, em que ha tantas pessoas de tanta auctoridade, lettras e virtude, e que deixárão suas patrias, e se vierão metter naquellas brenhas, padecendo tantos trabalhos e perigos pelas alvação das almas.

Por remate lembro a vossas mercês, que tudo o que vossas mercês pertendem, ou podem pertender com estas inquietações da republica, encargos de consciencia, e incommodidades dos moradores, e tantas outras molestias e escandalos do estado, tudo isto, digo, se pode conseguir com paz e quietação e em grande serviço de Deus, e de sua magestade, e utilidade de todos; e destes dois meios parece que dicta o mesmo Deus e a boa razão, se deve escolher o segundo.

Isto digo, senhores, a vossas mercês por descargo de minha consciencia, ficando prompto e offerecido para responder e satisfazer a qualquer objecção, ou duvida, que haja contra o dito neste papel, ou contra qualquer coisa das que corrêrão neste estado por minha conta; e para me acommodar na melhoria dellas a tudo o que fôr justo e conveniente, como sempre quiz, procurei e pedi; vossas mercês resolverão o que forem servidos, sobre o que não peço, nem exhorto, nem persuado coisa alguma, e só fico rogando a Deus inspire a vossas mercês o que fôr mais serviço seu, e gloria sua. Se Deus quizer, o que eu pertendia, elle o disporá; e se elle o não quizer, tambem eu o não quero.

O mesmo Senhor, que ha de pedir conta a vossas mercês, os allumeie, e lhe dê muita de sua graça, como vossas mercês hão mister. Desta caravella em 17 de Agosto de 1661.

ANTONIO VIEIRA

Ha duas cousas essenciaes a considerar neste protesto: primeira, a rapidez com que foi feito: segunda, a solidez das razões em que se funda.

A rapidez não podia ser maior, porque foi começado ás 6 horas da manhã do mencionado dia, e ás 9 horas do dia devia estar em poder da camara a quem era dirigido. Só um homem habituado de longos annos a meditar e a escrever, ou antes um engenho tão rico, como Vieira, podia em tão pouco tempo fazer um discurso tão eloquente, que parece meditado de antemão, e tão correcto que parece haver sido emendado com todo o cuidado. Esta promptidão equivale a um improviso; e não é o unico que nos deixou o autor, pois alguns de seus sermões forão extemporaneos.

A solidez das razões que tornão o discurso tão bem deduzido e eloquente, não podia ser mais bem concebida no intuito de fazer impressão nos animos de revoltosos, que abusando de todas as leis divinas e humanas, empregavão taes violencias contra ministros da religião de Jesus-Christo, postos á testa das missões, e investidos do caracter de parochos pela autoridade competente, si esses homens cegos pela cobiça fossem

susceptiveis de voltar a sentimentos mais humanos, moderando-se em suas paixões. Esta deducção tão bem feita, ou antes esta força de raciocinio, será tanto mais para admirar, si se attender á brevidade do tempo que teve o autor para desenvolvel-a.

Feitas estas considerações preliminares, notai o artificio, com que começa o orador, dizendo que, a exemplo Jesus-Christo em sua paixão, estava resolvido a responder a quanto com elle se tinha obrado, só com o silencio, mas que por descargo de sua consciencia, e pela obrigação que lhe corria de procurar tambem o das consciencias de seus perseguidores, representava e lembrava o que permittia a estreiteza do tempo. Vêde como Vieira, sem descer um apice de sua dignidade de homem e de sacerdote, falla desassombrado aos revoltosos que estavão de posse de sua pessoa, e o tinhão preso em uma embarcação com guardas á vista, lembrando-lhes que erão christãos, e pedindo-lhes que lessem o que ia dizer com os olhos postos em Deus, e em suas consciencias, e na conta que havião de dar ao mesmo Deus; passa a descrever-lhes com côres as mais vivas a enormidade do attentado, que commettião contra a lei divina e humana, usando de violencia contra os ministros da religião, privando-os da liberdade, e desterrando-os; responsabilisa-os depois pelo desamparo em que ficavão as missões creadas com tantos sacrificios dos missionarios e do estado, ou pela volta dos novos convertidos ao gentilismo, vendo-se em sua natural inconstancia privados dos pastores que os arre-

banhavão na grei de Christo; e demonstra-lhes por ultimo a inutilidade do attentado commettido, não só porque nada do que innovassem no espiritual e no temporal, sem os poderes competentes poderia subsistir, como porque elle superior dos jesuitas da colonia estava disposto a entrar em qualquer concerto rasoavel, que trouxesse a quietação aos espiritos e a paz á republica.

Para guardar este sangue frio e fallar com tanta nobreza, achando-se posto em tal estado, não bastava ser grande orador, era mister ser um homem superior á todos os respeitos, e Viera era uma cousa e outra, porque a natureza reunio nelle muitos dotes ao mesmo tempo, concedendo-lhe o privilegio do genio.

Notai agora o final do protesto, ou antes o epilogo deste eloquente discurso; e vêde, si é possivel terminar com mais arte e decóro em tal conjunctura: «Vossas mercês resolverão o que forem servidos, sobre o que não peço, nem exhorto, nem persuado cousa alguma, e só fico rogando a Deus inspire a vossas mercês o que fôr mais serviço seu, e gloria sua. Si elle quizer o que eu pretendia, elle o disporá; e se elle o não quizer, tambem eu não quero.» Este desapego de suas pretenções, aliás justas, com que conclue o orabor, pondo tudo nas mãos de Deus, é por certo digno de um religioso que se via violentado em sua liberdade, e não tinha confiança nos homens que o perseguião. Rematar por uma supplica aos revoltosos que o havião privado d'ella, seria rebaixar-se sem utilida-

de alguma. Bossuet não terminaria melhor em caso identico, porque Vieira, quando se mostra isento de defeitos, é em tudo um genio igual a elle, um dos maiores oradores modernos.

Em outro discurso apreciarei este grande e extraordinario engenho nos seus escriptos contra a inquisição. Por hoje faço aqui ponto.

LICÇÃO XLVIII.

Como vistes precedentemente, senhores, o Padre Antonio Vieira membro da companhia de Jesus, foi perseguido pela inquisição que a ninguem respeitava senão á seus proprios membros. A causa apparente da perseguição foi um opusculo que escreveo intitulado *Esperanças de Portugal, Quinto Imperio do Mundo*, mas a real o haver por ordem da rainha regente D. Luiza de Gusmão lido em presença da côrte e tribunaes reunidos, e na do principe D. Affonso, que depois reinou com o titulo de Affonso VI, um papel de sua composição, em que se justificava a prisão dos validos de baixa sorte, que desencaminhavão o principe, e se pedia mui respeitosamente a este que se cohibisse em seus desmandos, tão pouco dignos de um herdeiro da coróa prestes a subir ao throno. Caro custou á Vieira este seu rasgo de patriotismo, como o provou a subsequente perseguição que soffréo. A inquisição, apesar

do titulo de Santo Officio, que tinha, não só influia na politica, mas deixava-se tambem influenciar por ella. Ao menos Vieira só foi incommodado pela inquisição depois que subio ao throno D. Affonso VI, que o desterrou logo para Coimbra, onde lhe organisárão o processo, e só deixou de o ser, quando por incapacidade do rei começou a governar o principe D. Pedro na qualidade de regente do reino.

Desgostoso com esta perseguição, que o teve recluso uns poucos de annos nas casas de detenção do Santo-Officio, foi elle, não obstante o favor com que o honrava o principe regente, residir em Roma, onde não conseguio, é verdade, como diz o Sr. Roquette, a annullação da sentença que o condemnou, mas alcançou certamente muito mais do que isso, na isenção para si da autoridade do Santo-Officio de Portugal, e na suspensão do exercicio deste por sete annos, de modo que o papa concedêo o mais, para não conceder o menos! Grande para isso devia ser o credito de Vieira junto á côrte pontificia, todo devido á sua palavra eloquente, ou aos dotes do seu singular engenho.

O poder da inquisição em Hespanha e Portugal era superior ao dos proprios reis, cuja fraqueza ou cubiça consentia este Estado no Estado, que dispunha da fortuna e da vida dos subditos hespanhoes e portuguezes, sem a menor intervenção do poder real, que era apenas aquinhoado com os restos da confiscação dos bens das victimas do tribunal, que escapavão ás rapinantes garras de seus familiares e agentes. Este

poder inqualificavel, cuja longa duração nos dois paizes mencionados explica-se muito melhor pela ganancia de tão immoral partilha, que por outro qualquer principio, só começou a declinar em Portugal, quando o marquez de Pombal, depois de haver feito o tribunal queimar o padre Malagrida, prohibio absolutamente o supplicio do fogo, ou um seculo pouco mais ou menos depois do reinado de D. Affonso VI.

Quando Vieira se retirava para Roma magoado com a perseguição que soffrêra do Santo-Officio, ou no terceiro quartel do seculo XVII, a inquisição a quem todos, grandes e pequenos, curvavão humildemente a cabeça, era omnipotente em Portugal; pois se servia algumas vezes á vingança dos reis, não se conservava menos independente delles, nem menos superior a elles, pela concessão do espolio das innumeras victimas, com que engrossava apparentemente a fazenda real, empobrecendo e aviltando a nação, que se podia então considerar dividida em duas unicas classes, denunciantes e denunciados. Que época, que costumes!

Assim este homem extraordinario, a quem a natureza talhára não só para grande orador, mas para grande ministro de estado, e havia sido ministro de facto no reinado de D. João IV, foi talvez o primeiro habitante da peninsula, que nesses tempos de immensa podridão ousou levantar a sua voz poderosa contra essa estupenda e absurda tyrannia ecclesiastica, que resumia em si todos os poderes, e dominando pelo terror e corrupção, agrilhoava o pensamento, e afogava o genio no nascedouro.

Ninguem patenteou os abusos, iniquidades, e horrores, praticados pela inquisição, melhor que Vieira, na informação que, por ordem do papa Clemente X, dêo ao mesmo sobre o modo de proceder desta com seus presos. Tão profunda foi a impressão, que esse eloquente e veridico quadro de taes enormidades, produzio no animo do summo pontifice, que mandou em virtude delle suspender a inquisição em Portugal desde 1674 até 1681. O grande jesuita vingava-se dos inquisidores que o condemnárão, dando por mão de Clemente X sete annos de folga aos Portuguezes opprimidos. Tal é a vingança do genio!

Sendo porém demasiadamente extensa essa peça para ser submettida á vossa illustrada consideração, escolherei para lêr-vos hoje alguns trechos da resposta não menos eloquente, que dêo o autor a um supposto amigo, que impugnava algumas das razões por elle expendidas contra o modo abusivo de proceder da inquisição.

Eil-os:

Amigo. Não posso negar a razão que mostraes ter nesta vossa resolução que tomaes. Eu me conformo muito com ella, porque aos judeus (suppondo que o são) se não deve dar algum credito. Eu quero seguir a vossa opinião, negando absolutamente quanto em aquelle papel se contem: mas não imaginei, que sendo tão grande o bocado, o engolisseis inteiro, sem o mastigar; mas como lhe achastes vinagre, não vos atrevestes a ir lhe tomando o gosto. E esta é a rasão por que só a alguns familiares do sancto officio tenho ouvido fal-

lar bem nesta causa, dizendo—que isto se deve levar á espada;—assentando que a verdade do santo officio se deve defender como a lei de Mafoma.

Ora, meu amigo, supposta a falsidade do papel, e não fazendo delle nenhum caso, vos peço me tireis de algumas duvidas com que estou engasgado ha muito tempo, porque concebendo-as o entendimento, ainda em tempo em que existia o santo officio, temêrão sair á luz bem que mostrassem ter já uso da rasão. Mas visto estarmos em tempo de poder consultar duvidas, sem os riscos de nos julgarem por mal sentidos do procedimento do santo officio, eu vos quero propor as que tenho, para que, convencido nellas com a luz do vosso intendimento, me torneis ao estado da innocencia em que vivia.

O primeiro conceito, que neste mundo formei a favor da gente de nação, foi sobre um caso (de muitos similhantes, que succederão neste reino) de um homem, que esteve nas galés, porque saiu afogueado; e no cabo de alguns annos, se achou ser christão velho, e que estava innocente. Açoitarão as testemunhas; e a elle o mandarão para sua casa. Não se pode negar terem succedido estes casos muitas vezes, pois forão tão publicos; e bastar-me-ha satisfazer-me ás duvidas neste caso, para eu tornar a ficar anjinho.

Este homem estava para se queimar, e estava innocente. Confessou que era judeu, sem o ser; porque temeu a morte. Confessar que era judeu, era coisa que podia ser facil, e que estava na sua boca; porem o acertar com as testemunhas que derão nelle, como podia ser? Isto era difficultoso, mas não era impossivel, porque tinha o remedio de dar em todas as pessoas de nação, que conhecia, até acertar com as suas testemunhas; porque de outro modo não podia ser, es-

tando innocente, acertar com todas de frecha. Já temos como podia acertar com as testemunhas; pergunto agora: como podia contestar com ellas? E emquanto vós m'o não dizeis, eu tenho por impossivel, que este homem contestasse com as testemunhas que falsamente jurárão contra elle. Logo não ha contestação; pois a este homem o obrigárão a contestar.

Este homem podia ter contra si uma conjuração, ou podia ter todas as testemunhas singulares. Se este homem tinha contra si uma conjuração de testemunhas contestes, concordando em todos os seus ditos, e ainda assim o não obrigárão a contestar com ellas, mal poderão obrigar a contestar aquelle que não tiver contra si a prova cabal, de que se segue não obrigarão a ninguem a contestar. E se este homem tinha somente contra si a prova de testemunhas singulares, sem nenhuma contestação, e por isso o não obrigárão a contestar com ellas; como por essas mesmas testemunhas o queimavão?

Se este homem não confessára, morria negativo. Logo já temos que póde morrer um homem queimado por negativo e innocente. Se este homem não acertára com as testemunhas, morria diminuto, estando innocente. Se este homem, vendo que morria por não poder acertar com as testemunhas, para descargo da sua consciencia se fôra desdizer, e revogar tudo o que tinha confessado, pois fôra falsamente, e por remir a vida, morria com sentença de confitente, diminuto, variante, revogante, ficto, falso, fingido, simulado, e impenitente. Logo já temos que com todos estes titulos póde um homem morrer innocente.

Já vemos que pode um homem morrer queimado innocente; e os senhores inquisidores sabem que já morreu algum;

porque ha poucos annos sahirão umas testemunhas falsas a açoitar, e encarochadas, dizendo-se na sua sentença—por falsarios, e por causarem damnos irremediaveis com os seus juramentos;—e eu não sei que possa ser damno irremediavel, senão o da morte. E se temos certesa de que podem morrer muitos, e de que já morrerão alguns, ou algum (como temos dito) porque não poderemos presumir que assim o serão todos aquelles que a rasão nos está persuadindo?

Vae uma pessoa a queimar por negativa ou diminuta; e vae protestando que morre christão, e que só a lei de Jesus Christo conheceu por verdadeira, e que só nella ha salvação, e que todas as mais são falsas e erradas, invocando o Nome de Jesus até o ultimo bocejo.

E havemos de crer que este homem morreu judeu?

Muitas pessoas de piedade e zelo christão, movidas da compaixão de que um homem daquelles queira perder a vida e a alma, vão ver se o podem reduzir e converter, e começão de lhe argumentar com as razões que aqui apontaremos, porque todas, pouco mais ou menos, veem a topar nellas.

Fallão com um negativo, e dizem: Vem cá, homem, és racional? Terminas as tuas acções a algum fim? Dize-me que intento é o teu, ou que causa te move a querer perder a vida, morrendo e padecendo uma morte tão cruel? Uma de muitas coisas que podes allegar, é suppor te pode mover, ou a observancia da lei, ou pela tua honra, ou pela tua fazenda, ou pela lealdade que queres guardar aos cumplices: e não sei que possa haver outras causas. Se dizes que pela observancia da tua lei, mentes; porque se morres por ella, a vás detestando, dizendo, e publicando que só a de Christo é verdadeira, e que só nella morres, chamando pelo nome de

Jesus até á ultima hora. Se dizes, que basta teres a tua lei no coração, para te salvares nella, porque não dependes das palavras, mais te convences; porque confessando tu que és Judeu, pouco importa dizeres que queres ser christão, pois isso não basta paca livrares a vida, ficando-te a lei no coração, como fica nos mais que a confessão. Que uma pessoa se deixe matar por não negar a sua lei, vemos em todos, e o vemos nos teus profitentes; porem que uma pessoa podendo viver confessando a sua lei, morra pela negar, é impossivel de crer de nenhum barbaro. Se dizes, que pela honra, é falso; porque nenhuma pessôa houve que se affrontasse da sua lei, e se desprezasse della: quanto mais, que por morreres queimado, não ficas por isso menos affrontado, nem os teus parentes. E se dizes que ficas infame para com os christãos, ficas honrado para com os Judeus. E quando só para estes queres a honra, como dás tantas mostras e signaes interiores de que morres christão, escandalisando os da sua lei, e deixando-os pelo menos em duvida, se és ou não christão? Se dizes que por livrar a fazenda, isso podia ser negando até ver sete condemnavão á morte; porém depois de te relaxarem, já sabes que não a livras nem para ti, nem para teus filhos. Se dizes que por não declarar os cumplices, tambem mentes, que é impossivel que queiras dar a vida por quem com os seus testemunhos te tira a tua, que se elles te não tiverão accusado, não morreras tu. Essa bondade de dar a vida pelos mesmos que lh'a tirarão, só se achou no Filho de Deus; que nos homens, e principalmante nos judeus, só se achou darem a morte a quem os livrou della. Pois se por nenhuma destas razões é possivel que queiras perder a vida, e se é possivel que possas ter outras, dize-as, ou confessa que és bruto, ou não tens nenhuma.

Ora oiçamos a este homem, para ver se tem que responder a estes argumentos. Diz elle: Tendes evidentemente provado ser impossivel a toda a razão, que, sendo eu judeu, me deixe morrer pelo negar; porem tendes isso por impossivel, porque credes que sou judeu? E'-vos mais facil crer esse impossivel, contra o vosso mesmo intendimento, que crer que sou christão? Supponde que esse vosso argumento é uma espada, que tinha a ponta virada para mim: eu agora viro essa mesma ponta para vós, e com o vosso mesmo argumento, vos mostro o impossivel de eu ser judeu, e morrer pelo negar. Dae-me a razão que tendes para crer esse impossivel; e se a não sabeis dar, eu vol-a darei. A razão que tendes para crer esse impossivel, é por não crer que eu sou christão, porque esse é para vós outro impossivel maior. Ora quero mostrar-vos, de maneira que o confesseis, em que vos peze, que não é impossivel o ser christão

Dizeis que é contra a razão o ser eu christão. Não confesso eu que o sou? Sim, mais sem embargo disso (dizeis vós) está julgado pelo mais recto e mais puro tribunal que póde haver, que sou judeu; e não me julgaria por tal, sem ser verdadeiro. Confesso a pureza do tribunal, e a verdade dos ministros; mas dizei-me: Algum desses ministros viome judiar? Não. As testemunhas que tenho contra mim, quem são? Serão por ventura algumas pessoas santas e timoratas? Não. As testemunhas que tenho contra mim, ou são judeus, ou christãos. Se são judeus, é impossivel que mintão? Não. Se não for judeus como elles, ter-me-hão odio? Sim. Pois parece-vos difficultoso, que sendo judeu, e tendo-me odio, jurem contra mim? Não. E se forem christãos, não é certo que jurarão falso contra si, e contra mim, pois sendo christãos, não podião jurar que eu era judeu, sem se condemna-

rem a si? Assim é. Pois se tudo isso é possivel, e se tem visto muitas conjurações, haverá alguma razão particular em mim, para que me não possa succeder o que tantas vezes tem succedido? Não. O poder haver esta conjuração contra mim, será por ventura contra o credito do tribunal, ou dos seus ministros? Não. Possivel é logo, sem descredito do tribunal e dos seus ministros, estar eu innocente.

Suppondo isto possivel, pergunto, e peço-vos conselho: Sendo eu christão, será bem feito que negue a fé, jurando que sou judeu? E será bem que não bastando isso, me seja necessario jurar falso contra toda a minha geração, e contra todas as pessoas que conhecer, até acertar com as minhas testemunhas? Será razão que me arrisque a não acertar e morrer diminuto, perdendo a vida e a salvação, com tão grandes encargos na hora da morte? Que me dizeis? Que me aconselhaes? Claro está que me aconselhaes, e que me dizeis—que, se sou christão, me deixe morrer antes. Pois concluamos: Pelo vosso argumento provaes ser impossivel a toda a razão, que eu sendo judeu, me deixe morrer pelo negar. Pelas minhas razões confessaes ser possivel o estar eu innocente. Pelo conselho me dizeis, que sendo christão, devo antes morrer, que confessar o que não fiz. Pois se me vêdes morrer por não confessar que sou judeu, que razão tendes para crer o impossivel de ser judeu, e não crer o possivel iracionavel de ser christão?

. . . . . .

Só os senhores inquisidores podem dizer (como alguns dizem)—dae-m'o vós christão novo; que eu vol-o darei judeu—sem que seja heresia; porque isto não é dizer que todos são judeus; mas querem dizer, que os façamos nós christãos novos, que isso podemos nós fazer com qualquer teste-

munho. E feito elle christão novo, dois dias mais, dois dias menos, elle irá lá ter, e nol-o porão judeu redondo como uma bola. Fallando neste sentido, não é heresia; porem se os senhores inquisidores disserão:—dae-m'o vós judeu, que eu vol-o darei christão—então confessara eu que naquelle tribunal assistia o Espirito Santo; porque esse é o effeito daquelle Divino Espirito, allumiar, converter para a verdade; mas da casa, onde se diz—se m'o derdes christão, dar-vol-o-hei judeu—não quero confessar que tenha assistencia do Espirito Santo.

Ora sem embargo de eu ter esta opinião por falsa e erronea (como é) vol-a quero suppor e conceder, e digo assim: Todo o christão novo absolutamente é judeu; porém duas coisas podemos considerar neste christão novo, e é o sangue e a fama: isto é mui certo, e sem duvida. Agora pergunto: este judeu, ou christão novo, é judeu pela fama, ou pelo sangue que tem? Bem vejo que me respondeis que lhe procede do sangue, e eu o confesso; e se me quizerdes dizer que tambem da fama procede, tambem vol-o-hei de conceder, que estou muito liberal. Mas então não me podeis negar, que mais de ametade dos familiares do santo-officio são judeus; porque, por se livrarem dessa fama, fugirão para aquelle sagrado.

Temos assentado que no sangue, e não na fama, está o ser judeu; e que todo o que tem aquelle sangue o é. Agora dizei-me, por onde conhecemos nós os que são judeus? Pelo sangue, ou pela fama? Atrever-se-ha alguem a conhecer um christão novo pelo sangue? Claro está que não. Conhecemos um christão novo pela fama de se dizer que procede daquella nação. Pois se nós o conhecemos só pela fama, e não pelo sangue; e nós confessamos que só no sangue, e não na

fama, está o ser judeu, porque só o sangue lhe póde vir da sua nação e a fama das nossas linguas; como cremos logo, que é judeu, sem lhe conhecer o sangue?

Dizei-me: haverá em Portugal alguma gente com fama de christã nova, sem o ser? Intendo que não haverá ninguem que o negue. Mais de ametade dos familiares do santo-officio (como temos dito) tiverão essa fama. Eu conheço um familiar, que mais de vinte annos o tive em conta de christão novo; dito por muitas pessoas que tinhão obrigação de o saber. Se não fora familiar, e d'aqui a alguns annos me tiraram por testemunha para algum filho seu, que devia eu jurar? Se alguns destes familiares lhe faltasse a noticia de seus avós, havia de ser familiar? Claro está que não. Logo ficará sendo judeu, e toda a sua geração, emquanto o mundo durasse, e capaz de darem nelle, e o queimarem, sem lhe valer o regimento.

Eu entendo que o haver tão grande multidão de christãos novos neste reino é porque se gerão, como os bichos; das materias corruptas, e não por geração: elles se gerão das immundicies das murmurações, dos aleives, das linguas venenosas, dos odios, das invejas, e dos corações damnados. D'aqui nasce a fama dos christãos novos; mas estes testemunhos virão sobre as suas casas e costas; porque, aos que lhes escaparem os filhos, não lhes hão de escapar os netos; e poderão dizer muitos—nós somos christãos novos; não do sangue, mas das linguas de nossos paes.

Vai um homem servir na guerra: procede com valor: carrega-se de merecimentos: vem a merecer o habito de Christo: mandão-lhe tirar as provanças: acertou de não conhecer todos os seus avós: ficou empatado sem tomar o habito. Se teem filhos e querem tomar estado, quando vão ás inqui-

rições de seus paes, respondem os mais bem intencionados: —Eu sempre tive a seu pai em mui boa conta: é verdade, que ouvi dizer, lhe tinhão feito a mercê do habito; mas que o não tomou; porém eu não sei o porquê. E se pelo testemunho deste, que é o que falla mais verdade, e mais christãmente, fica tido por judeu, que fará pelo testemunho de maldizentes? E ficou este homem ganhando pelos seus serviços o ser judeu, e toda a sua descendencia, e se acaso foi despachado, então ficou judeu passado pela chancellaria.

Vem um rapaz para esta terra servir, sem ter pae, nem mãe: cresceu, casou, teve filhos, empolarão em qualquer estado que fosse. Se quizerão entrar em qualquer irmandade dos terceivos, dos congregados, ou de qualquer onde se tirão inquirições *de genere*, e não se achão noticias de seus avós, não os aceitão, e logo immediatamente ficão tidos por christãos novos para sempre. Estas irmandades teem feito infinitos judeus. Mas já que tocamos neste ponto, inquiramos a razão de não consentirem nestas irmandades christãos novos.

Valha-me Deus! São capazes os christãos novos do receberem a Deus Sacramentado, e de serem sacerdotes, como são tantos, e não são capazes para acompanharem defuntos em uma irmandade, e irem gastar nella o seu dinheiro? A razão disto é muito clara: isto se faz por augmentar a irmandade; porque em todas as irmandades onde ha esta prohibição, tudo são petições e adherencias para entrar nellas, havendo em todas tanto trabalho e despeza: e isto para que? Será zelo do serviço de Deus? O zelo vem a ser entrarem nestas irmandades, só por serem conhecidos por christãos velhos; porque se a um destes, que fez todas estas diligencias por entrar em algumas dellas, lhe forão fallar para ser-

vir em outra, todos se accusarão, que não podem, que os teem occupados em muitas partes; e assim não ha quem sirva nellas. E eis-aqui aonde vem a topar todo o zelo do serviço de Deus.

. . . . . .

Aqui cabe bem o dicto daquelle judeu de signal, que indo com o seu familiar ver uma procissão do auto da fé, perguntava-lhe pelos livres? Dizia-lhe o familiar:—«Estes não confessarão, nem tiverão prova bastante: vão logo para suas casas.»—Bem está. Vierão os penitenciados, e disse-lhe:—«Estes confessarão que erão judeus; mas pedirão misericordia; dão-lhe uma leve penitencia, e logo vão tambem para suas casas.» Vierão os relaxados, e disse o familiar:—«que aquelles ião a queimar.» Perguntou o judeu:—«Pois é porque não querem pedir misericordia?»—Respondeu o familiar:—«Não vão por isso, senão por negativos, porque não confessão, nem querem confessar que são judeus: dizem e protestão, que são christãos.» Ria-se o judeu, imaginando que o enganava. Ao que o familiar disse:—«Que o não enganava: e explicando-lhe como aquillo era, disse então o judeu: Se a mim me fizerão inquisidor eu lhe prometto de que lhe havia fazer o mesmo: todos os que confessassem que erão judeus os mandaria para suas casas, e a todos os que negassem, eu os queimaria.

. . . . . .

Sahe uma pessoa livre, com uma véla na mão. Pois porque lhe não tomão a fazenda toda? Porque não teve prova bastante contra a fazenda, como teve contra a honra. Este homem (dizeis vós) que é suspeito póde ser judeu, e póde ser christão. Se é judeu, dizei-me: que castigo leva? Nenhum: Leva o seu dinheiro, e para com os seus vae mais

honrado do que entrou; porque não confessou. E se elle é verdadeiro christão, considere-se se póde haver maior castigo, que sair alli em um auto publico, affrontado e infamado, e todos os seus descendentes? *Nullam in eo invenio causam*, disse Pilatos de Christo Senhor nosso. Pois se pelos autos lhe não achas causa para o condemnar, o mandas açoitar; tirar-lhe a honra; e pondo-o dessa maneira em publico á vista de todos; não reparas em lhe tirar a vida por por qualquer respeito humano?

Não sei que valor é o de um coração para assignar uma sentença de morte contra uma pessoa, havendo razão de contingencia, no estar culpado, ou innocente; e tomando este risco e encargo sobre si! Dizem alguns:—«os seus mesmos os condemnão, que nós não os accusamos.»—Boa desculpa para Pilatos: por isso elle matou a Christo ás mãos lavadas, ficando muito leve na consciencia. E se alguem por se desencarregar, entrar pelo tribunal, e disser.—*Peccavi tradens sanguinem Justi;*—dir-lhe-hão: que lhes basta ajustarem-se com as leis, julgando pelo merecimento dos autos, conforme ellas dispoem; porque ainda que as testemunhas sejão falsas, não são obrigadas ao presumirem, quando lhes não achão razão de defeito. Assim é mas não se intende isso assim onde os juizes são os mesmos legisladores, como é na inquisição. E isto é certo.

Na inquisição não se julga pelo direito civil, nem pelo canonico, em que não ha duvida. Dos reis de Portugal não teem nem podem ter lei particular por onde se governem; porque são materias ecclesiasticas, pertencentes á fé, e isentas de toda a jurisdicção secular. Do pontifice, a quem isto só pertence, tambem não podião ter bullas, nem directorio particular que observem; porque se a lei por onde se governão

fôra do pontifice, como se havião de desculpar com a regalia do principe, negando ao papa o exame da sua mesma lei e doutrina de Christo, que diz:—*Reddite ergo quae sunt Cæsaris Cesari, et quæ sunt Dei, Deo?* Além de que elles mesmos estão mostrando evidentemente, que senão governão pelas leis do papa, porque a causa que dão para não mandarem os processos, e o com que tapão a boca a todos, é com dizer, que se mandão os processos, se descobre o segredo do santo officio, e da fórma de processar, que é o que os judeus procurão: com o que fica tudo perdido. Se esta forma de processar veio de Roma, como é segredo para Roma? Se é segredo para Roma, como veio de lá?

Todo o segredo do santo officio consiste em nos fazer tapar a bocca, para que conhecendo tudo o que está dito, e todas estas contradições, não possamos respirar com um *quare*. Se este segredo está na forma de processar que os mesmos reos o não alcanção, e basta que o guardem os senhores inquisidores, não vi coisa mais escusada, que dar juramento a um reo de guardar segredo, quando este tal o não sabe, nem se lhe descobre. Se esse segredo é do que passa pelos reos, e esse segredo o sabem todos os judeus, que importa que o saibão tambem todos os christãos velhos? Isso é só o que lhes importa: tudo neste segredo consiste.

Neste segredo para os christãos velhos, e no regimento que os defende, consiste toda a conservação e credito do santo-officio; que até agora é porque nelle havia tres circumstancias para o venerarmos pelo mais justo e mais recto tribunal que podia haver no mundo: a primeira era ser um tribunal de homens humanos, de quem se não sabia defeito algum; e como haviamos de saber defeito, se não sabiamos nada do que lá se obrava, e isto se conseguia com o se-

gredo? A segunda razão era o regimento que defendia aos christãos velhos; porque querendo todos justiça, ninguem a quer em sua casa, e esta justiça se não acha em todo o mundo, mais que na inquisição de Portugal Vejão como não será amada, querida e desejada! A terceira razão é, que esta justiça se executa naquella gente, a quem temos tão grande aversão, que das barrigas de nossas mães, lhe vimos com odio horrendo. Vejão que razões estas para que lhe não tenhamos muito amor, e andemos suspirando pela sua liberdade.

. . . . . .

Se todos os christãos novos são judeus, que tem logo a inquisição emendado, depois que ha inquisição? E' certo que se lá entrão judeus, judeus saem; porque o medo fará negar a lei com a boca, mas não a póde arrancar do coração, e para elles de boca confessarem a Christo, isso fazem a todos. Pois logo se a inquisição não serviu de os converter, é certo que serviu sómente de os multiplicar, o que se prova evidentemente.

Se não houvera inquisição, e os judeus viverão na sua liberdade, e forão judeus declarados, como o são nas outras terras, casarião uns com os outros, e haveria em Portugal portuguezes e mais judeus (como ha nos mais reinos), e não serião os portuguezes todos judeus, como as outras nações dizem; porque esta opinião somente á inquisição a devemos. E que fez a inquisição? Fez que os judeus se fizessem christãos fingidos, e d'alli resultou misturarem-se por casamentos com os christãos velhos. E se de um judeu, e de uma judia havia resultar uma familia; casando este judeu com uma christãa velha, e essa judia com um christão velho, dobrou-se a familia dos judeus, e extinguiu-se a familia dos

christãos, e forão fazendo duas gerações, ambas de judeus. E deste modo se ficarão multiplicando as gerações dos judeus, e extinguindo a dos christãos. E indo isto deste modo, como foi até agora, em breves annos não haverá pessoa neste reino, que não tenha parte de christão novo, e consequentemente, pela vossa opinião serão todos judeus.

Basta o que vos li, senhores, para apreciardes a arte infinita, com que Vieira pisa terreno tão escorregadio sem resvallar, qual era combater a inquisição, que se achava no auge do poder, e de que elle proprio acabava de ser victima, sem ministrar armas á nova accusação. Um engenho mediocre naufragaria por certo na empreza, ou deixando de exprimir todo o seu pensamento, ou dizendo mais do que devêra, isto é, ou por defeito, ou por excesso. Não assim Vieira: desce sem receio a um sem-numero de casos figurados, ou antes tirados dos factos occorridos no seu tempo; estabelece o pró e o contra; tira as conclusões as mais logicas; e sabe conter-se sempre dentro de certos limites, nos quaes não pode ser atacado com vantagem. Em toda essa argumentação tão bem deduzida desde principio a fim, não sei o que seja mais para admirar, si a força do raciocinio, com que elle esmaga o seu adversario, demonstrando á toda luz os enormes abusos da inquisição, si a habilidade extrema, com que elle ataca os inquisidores por allusões contidas nos casos aduzidos, sem que estes se pudessem dar por offendidos, ainda que nellas se reconhecessem. Tão victoriosa em summa é essa argumentação, de cujo com-

plexo o leitor tira facilmente por conclusão que a inquisição em vez de servir para punir culpados, só servia para opprimir innocentes, que se ella corresse então impressa, como hoje circula quanto se escreve em nossos jornaes, seria um golpe mortal desfechado em semelhante instituição, que ainda continuou a existir em Portugal por mais de um seculo depois delle.

Muitos escrevêrão contra a inquisição depois que ella expirou, o que não admira; mui poucos quando ella estava em toda a sua força; mas fazel-o com armas tão victoriosas, era só dado á homens como Vieira, ou para melhor dizer ao genio, que não conhece épocas, e é de todos os tempos, porque tão seu é o passado, como presente e o futuro. Quem ao ler os escriptos de Vieira contra a inquisição feitos ha cousa de dous seculos, não dirá que este homem que pensa justamente como nós sobre semelhante materia, é um homem de nosso seculo? Quem si tivesse de demonstrar hoje as monstruosidades dos processos organisados pelos inquisidores, não adoptaria a sua mesma argumentação, prescindindo apenas de certas formulas um pouco escolasticas, devidas á philosophia da época? Quanto mais analysamos as obras deste homem extraordinario, tanto mais elle cresce a nossos olhos, e se destaca dos homens do seu seculo, que se tornão pigmêos á vista delle. Taes são os grandes dotes do seu engenho, que a posteridade o admirará sempre como uma das intelligencias mais privilegiadas.

Em outro discurso apreciarei as cartas deste notavel jesuita: por hoje tenho de fazer aqui ponto.

LICÇÃO XLXIX.

Tendo, Senhores, apresentado o Padre Antonio Vieira á vossa illustrada consideração na qualidade de grande orador, e na de escriptor moral e politico de primeira ordem, passarei hoje a apreciál-o na de epistolographo, e dos mais distinctos, pois o seu incomparavel engenho sobresahio em todos os generos de composição a que se applicou. Este notavel jesuita, que reunio em um só sujeito tantos talentos diversos em supremo gráo, um só dos quaes bastava para caracterisar o grande escriptor, não tem como epistolographo rival em Portuguez, e corre parelhas com os grandes modelos da antiguidade, ou se attenda á substancia, ou á forma de suas cartas.

E tanto mais é para admirar neste genero de composição, que não despende nelle o mesmo luxo de engenho que desfigura não poucos de seus sermões, como

argucias, trocadilhos de palavras e paradoxos; mas attem-se á simplicidade que requer o assumpto.

Quanto á substancia são as cartas do Padre Antonio Vieira preciosos documentos, que nos revelão os longos e aturados trabalhos deste homem extraordinario na Europa, na America, e ainda nas ilhas da Africa Occidental, seja como politico, estadista e diplomata, seja como religioso e missionario. Por ellas se pode fazer ajustada idea não só da politica interna e externa de Portugal naquella época, tão fecunda em grandes feitos militares na guerra da independencia contra a Hespanha, mas tambem do estado das colonias portuguezas na America, com especialidade na Bahia, Maranhão e Pará. E como o autor vivêo a dilatada vida de quasi 90 annos, e conservou até o fim della o uso de suas faculdades intellectuaes, podem taes cartas, que resumem ordinariamente os factos contemporaneos, servir de dados aos autores modernos, tanto no que respeita á historia politica e colonial daquelles tempos, como principalmente á uma vida do mesmo autor, escripta com o preciso criterio. Temos que o fallecido João Francisco Lisbôa na sua «Vida de Vieira», que se acha no prélo, e deve brevemente enriquecer a nossa litteratura, recorrêo em grande parte a essas cartas, fiel transumpto do caracter e sentimentos do homem que as escrevêo.

Quanto ao estylo, como o autor tractou nas suas cartas de todo o genero de assumptos desde o mais humilde até o mais elevado, ha nellas muito que

aprender, seja no que se refere á linguagem, que é sempre rica, e de lei, seja ao estylo propriamente dito, porque este, sem exceder as raias do epistolar, accommoda-se naturalmente ao assumpto, como convem. Assim ainda por este lado são taes cartas um verdadeiro thesouro para os que se propõem o estudo aprofundado da lingua portugueza.

Eis no emtanto sobre as mesmas os juizos um pouco diversos do conde da Ericeira e do Padre Roquette.

«Entendo (diz o primeiro) que a lingua portugueza, que até agora se julgava menos propria para o estylo medio, qual é o epistolar, porque o idioma é como a nação em tudo sublime, se acredita agora de que em todos os estylos e ainda no familiar conserva a concisão, a clareza e a energia, quando escreve um Padre Vieira, ou excedendo a Cicero na facil locução de suas epistolas familiares ou ao segundo Plinio na phrase adornada das suas cartas, sendo estes os melhores exemplos que Roma nos deixou, e até agora imitados de poucos escriptores dos ultimos seculos. Não são menos para estimar estas excellentes cartas, pelo que deleitão, que pelo que ensinão, porque nellas se aprende a evitar o superfluo, com que se adornão as figuras da eloquencia sabendo um tão grande orador abater o seu elevado genio e ardente espirito, para proporcionar o estylo com o assumpto.....»

«Nestas cartas nos instruimos em fim de muitos successos publicos e particulares, do genio de muitos varões illustres, das suas palavras e apothegmas, dos

motivos politicos, e até militares, e das fieis e zelosas intenções deste santo, sabio, erudito, eloquente e discreto autor. A pureza da lingua pode servir de documento, e de reprehensão aos usurpadores de outras, suppondo que na nossa não ha termos que bastem para discorrer em todas as materias. O decóro da phrase pode ser o melhor modelo do profundo respeito, com que se deve escrever aos principes, da devida attenção, com que se hão de tractar os grandes, da amavel facilidade, com que se correspondem os iguaes, e da urbanidade precisa, com que se falla aos inferiores.»

«As cartas (diz o segundo), posto que não tenhão as graças das de Cicero, nem o delicado gosto das de Sevigné, são a umas e outras pouco inferiores na elegancia e nobreza da linguagem, e por ventura superiores na qualidade e importancia dos assumptos. São modelos de estylo epistolar, e não se encontrão nellas aquelles defeitos tão frequentes nos sermões, de que tanto adoecia o seu seculo, por isso fôrão sempre tidas pelos Portuguezes entendidos em muita estimação.»

Destes dois juizos um pecca por excesso, outro por defeito, por quanto o conde da Ericeira em sua admiração por Vieira o julga superior a Cicero; o Padre Roquette em seus preconceitos classicos não só o reputa inferior a este, mas ainda a madame de Sevigné: sendo que uma e outra cousa nos parece estar longe da verdade. Que se compare Vieira com Cicero, visto como

ambos tratárão muitas vezes em suas cartas assumptos politicos que se aproximão, bem; mas com madame de Sevigné, que escrevêo não poucas vezes sobre graciosos nadas, não vejo a que proposito venha isto. Demais o Padre Roquette mostra-se pouco coherente em seu juizo: pois, si as cartas de Vieira são modelos de estylo epistolar, como diz, que ha a desejar nellas, seja as graças das de Cicero, seja o delicado gosto das de Sevigné? Não será isto querer que em assumptos inteiramente diversos, o assumpto se accommode ao estylo, e não o estylo ao assumpto, como convem? Vieira em suas cartas é, ao que posso ajuizar pelo menos igual a Cicero na forma, por isso que anda sempre a par dos assumptos que trata sem nunca desdizer delles no estylo, e quanto a substancia, mais succulento que o famoso orador romano nas suas, porque entranha-se mais por assumptos de grande importancia, em que aquelle tóca ordinariamente de passagem, e ao correr da penna. Isto é que me parece ser verdade.

Sendo muitas as cartas de Vieira, e sobre assumptos mui diversos, apenas escolherei para ler-vos umas duas das que se referem ás cousas do Maranhão, porque terão certamente para vós um interesse mais immediato, que as que versão sobre outros objectos, ao passo que nellas podereis como nas outras ajuizar do estylo do autor.

Como vossa magestade foi servido encommendar-me tão

particularmente a conversão da gentilidade deste estado, e augmento de nossa santa fé nelle, faltaria eu muito a esta obrigação, e a da consciencia, se não désse conta a vossa magestade dos grandes desamparos espirituaes que em todas estas se padecem, apontando com toda a brevidade que me fôr possivel os damnos, as causas delles, e os remedios com que se lhes póde e deve acudir.

Os moradores deste novo mundo (que assim se póde chamar) ou são portuguezes ou indios naturaes da terra. Os indios uns são gentios que vivem nos sertões, infinitos no numero, e diversidade de linguas: outros são pela maior parte christãos que vivem entre os portuguezes Destes que vivem entre os portuguezes uns são livres que estão em suas aldêas: outros são parte livres, parte captivos, que morão com os mesmos portuguezes, e os servem em suas casas e lavouras, e sem os quaes elles de nenhuma maneira se podem sustentar.

Os portuguezes, senhor, vivem nestas partes em necessidade espiritual pouco menos que extrema, com grande falta de doutrina e de sacramentos, havendo muitos delles que não ouvem missa nem pregação em todo anno pela não terem, nem sabem os dias santos para os guardarem, nem os guardão, ainda que os saibão; nem ha quem a isso os obrigue, o qual desamparo é ainda maior nas mulheres, filhos e filhas, morrendo não poucas vezes uns e outros sem confissão.

A principal causa disto (deixando outras mais remotas) é a falta de curas e parochos; porque em toda a capitania do Maranhão não ha mais que duas igrejas curadas, uma na terra firme, outra na ilha, que é mais de sete legoas de comprido, e outras tantas de largo, e toda povoada; com

que é impossivel acudir um só sacerdote a todos os que hão mister, principalmente havendo-se de ir a pé, porque em todas estas partes não ha nenhum genero de cavalgadura. Accrescenta-se a esta grande falta de sacerdotes, serem pela maior parte os que ha, homens de poucas lettras, e menos zelo das almas; porque ou vierão para cá degradados, ou por não terem prestimo com que ganhar a vida em outra parte, a vierão buscar a estas. Tambem pertence este estado no espiritual ao bispo do Brazil, o qual reside na Bahia, que é distancia de quinhentas legoas, com os Hollandezes no meio, e sem recurso senão por via do reino; com que estas ovelhas não podem ser ouvidas, nem visitadas, e vivem verdadeiramente sem pastor.

O remedio deste gravissimo damno é o multiplicarem-se as igrejas e curas nos logares que parecem mais accommodados: haver uma pessoa ecclesiastica de lettras, e zelo, que seja administrador de todo este estado, ou tenha outro genero de superintendencia sobre o espiritual de todo elle, como ha no Rio de Janeiro: ou ao menos que para suprir todas estas faltas se mande numero bastante de religiosos, que tenhão por instituto a salvação das almas, e que sejão pessoas observantes do tal instituto; porque o que tem feito grande mal a este estado, são homens religiosos de vida e doutrina pouco ajustada.

Os indios que vivem em casa dos portuguezes, pela miseria de seu estado, e pela natural rudeza de quasi todos, ainda em muito maior parte lhes tócão todos os desenganos espirituaes a cima referidos. Muitos delles vivem e morrem pagãos, sem seus senhores, nem parochos lhes procurarem baptismo, nem fazerem escrupulo disso. Os que tem nome e baptismo de christãos, muitos o receberão sem saberem

o que recebião, e vivem tão gentios como d'antes erão, sendo muito raros, ainda dos mais ladinos, os que se desobrigão pela quaresma, e ha christãos de sessenta annos de idade que nunca se confessarão. Os mais delles perguntados quando se confessarão a ultima vez, respondem que com o padre Luiz Figueira, o qual ha dezesete annos que falta neste estado. O morrerem sem confissão é coisa mui ordinaria, principalmente os que morão fóra da cidade, e tambem é ordinario o abuso de lhe não darem a communhão, nem na hora da morte.

As causas tão grandes deste damno, e perdição das almas, são a mesma falta de curas e sacerdotes, e principalmente de religiosos que tenhão por institutos estudar e saber a lingoa; porque sem ella aproveitão pouco os curas, e só os que a sabem lhes podem administrar os sacramentos como convem, principalmente o do baptismo e da confissão, que são os mais necessarios.

O remedio é haver bastante numero dos sobreditos religiosos que doutrinem os indios, e baptizem e rebatizem os que estiverem mal baptisados, e lhes administrem os demais sacramentos, como já fazem com grande fructo, mas são poucos para tão grande seára.

Este damno é commum a todos os indios. Os que vivem em casa dos portuguezes tem demais os capiveiros injustos que muitos delles padecem, de que vossa magestade tantas vezes ha sido informado, e que por ventura é a principal causa de todos os castigos que se experimentão em todas nossas conquistas.

As causas deste damno se reduzem todas á cubiça, principalmente dos maiores, os quaes mandão fazer entradas pelos sertões, e das guerras injustas sem auctoridade, nem jus-

tificação alguma; e ainda que trazem alguns verdadeiramente captivos, por estarem em cordas para serem comidos, ou por serem escravos em suas terras, os mais delles são livres, e tomados por força ou por engano, e assim os vendem e se servem delles como verdadeiros captivos.

O remedio que vossa magestade, senhor, e os senhores reis antecessores de vossa magestade procurarão dar a esta tyrannia, foi mandar totalmente serrar os sertões, e prohihir que não houvessem resgates, e declarar por livres a todos os já resgatados de qualquer modo que o fossem. Este remedio, senhor, verdadeiramente é o mais effectivo de quantos se podem representar, mas é difficultosissimo, e quasi impossivel de praticar, como a experiencia tem mostrado em todos os tempos, e muito mais nos motins deste anno, fundados todos em serem os indios o unico remedio e sustento dos moradores, que sem elles perecerião.

O meio que parece mais conveniente e praticavel (como já se tem começado a executar) é examinarem-se os captiveiros, e ficarem livres os que se acharem ser livres, e captivos os que se acharem ser captivos.

Mas para que este exame seja com a inteireza e justiça que convem, não basta que os officiaes da camara o julguem, ainda que seja com assistencia do syndicante: mas é necessario que o mesmo syndicante approve os ditos exames, e julgue todas estas causas e processos dellas; e nesta forma parece que sem nenhum encargo de consciencia poderão ficar captivos os que se julgarem por taes. E porque o desembargador João Cabral de Barros é pessoa de tão boas lêtras, e procede com tanta justiça e inteireza em todas as materias, parece que tudo o que vossa magestade houver de fiar de um grande ministro, o pode fiar nelle.

E quanto aos resgates para o futuro, se se houverem de fazer entradas só a esse fim, será dar outra vez nos mesmos inconvenientes. Mas porque convem que haja os ditos resgates, ao menos por remir aquellas almas; o modo com que se podião fazer justificadamente é este. Que as entradas ao sertão se façáo só a fim de ir converter os gentios,e reduzil-os á sujeição da igreja e da corôa de vossa magestade (como vossa magestade me tem ordenado),e que se nessas entradas se acharem alguns indios em cordas ou ligitimamente escravos, que esses se possão comprar e resgatar, approvando-o primeiro os padres que forem á dita missão, nos quaes, quando menos, haverá sempre um theologo e um bom lingoa, e para que isso se consiga, como convem, que o capitão que houver de levar a seu cargo a dita entrada, não seja só eleito pelo capitão-mór, ou governador, senão por elle, pela camara, pelos prelados das religiões, e vigario geral, porque se a dita capitania fôr data do capitão-mór, mandará quem vá buscar mais seus interesses que os de Deus, e do bem commum.

Os indios que morão em suas aldêas com titulo de livres, são muito mais captivos que os que morão nas casas particulares dos portuguezes, só com uma differença, que cada tres annos tem um novo senhor, que é o governador ou capitão-mór que vem a estas partes, o qual se serve delles como de seus, e os tracta como alheios, em que veem a estar de muito peior condição que os escravos, pois ordinariamente os occupão em lavouras de tabaco, que é o mais cruel trabalho de quantos ha no Brazil, mandão-nos servir violentamente a pessoas, e em serviços a que não vão senão forçados, e morrem lá de puro sentimento: tirão as mulheres casadas das aldêas e põem-nas a servir em casas parti-

culares, com grandes desserviços de Deus e queixas de seus maridos, que depois de similhantes jornadas muitas vezes se apartão dellas, não lhes dão tempo para lavrarem suas roças, com que elles, suas mulheres e seus filhos padecem e perecem; emfim em tudo são tratados como escravos, não tendo a liberdade mais que no nome, pondo-lhes nas aldêas por capitães alguns mamelucos, ou homens de similhante condição que são os executores destas injustiças; com que os tristes indios estão hoje quasi acabados e consumidos, e para não acabarem de se consumir de todo, estiverão abaladas as aldêas este anno para se passarem a outras terras onde vivessem fóra desta sujeição tão mal soffrida, e sem duvida o fizerão, se por meio de um padre, bom lingoa, os não reduziramos a que esperassem nova resolução de vossa magestade.

As causas deste damno bem se vê que não são outras mais que a cubiça dos que governão, muitos dos quaes costumão dizer, que vossa magestade os manda cá para que se venhão remediar e pagar de seus serviços, e que elles não tem outro meio de o fazer senão este.

O remedio que isto tem (e não ha outro) é mandar vossa magestade que nenhum governador ou capitão-mór possa lavrar tabaco, nem outro algum genero, nem por si, nem por interposta pessoa, nem occupem, nem repartão os indios senão quando fôr para as fortificações, ou outras coisas do serviço de vossa magestade, nem ponhão capitães nas ditas aldêas, e que ellas se governem só pelos seus principaes, que são os governadores de suas nações, os quaes os repartirão aos portuguezes pelo estipendio que é costume voluntariamente como livres, e não por força: e que no tocante ao espiritual, visitem suas aldêas ou residão nellas, podendo sêr, os religiosos, o que costumão fazer; que é a

fórma a que depois de muitas experiencias se reduzio o governo das aldêas do Brazil, sem se intrometterem com os indios, nem os vice-reis, nem os governadores, mais que mandando-os chamar quando erão necessarios para o serviço real, na paz ou na guerra: e só desta maneira se poderão conservar e augmentar as aldêas, e viver como christãos os indios dellas.

Os indios do sertão segundo as informações que ha, são muitos por todos estes rios, e no rio das Almazonas innumeraveis: em todos estes é verdadeiramente extrema a necessidade espiritual que padecem, na qual necessidade obriga sob pena de peccado a charidade christã a que sejão promptamente soccorridos de ministros do evangelho que lhes ensinem o caminho da salvação; e esta obrigação, senhor, em vossa magestade e nos ministros de vossa magestade a quem tóca por razão de seu officio, é dobrada obrigação; porque não só é de charidade, senão de justiça, pelo contracto que os serenissimos reis antecessores de vossa magestade fizerão com os summos pontifices, e obrigação que tomarão sobre si de mandarem pregar a fé a todas as terras de suas conquistas.

As causas de até'gora se ter feito tão pouco fructo com estas gentes, são principalmente, as tyrannias que com elles temos usado, havendo capitão que obrigou a atar dez murrões acesos nos dez dedos das mãos de um principal de uma aldêa para que lhe désse escravos, dizendo que o havia de deixar arder em quanto lh'os não desse, e assim o fez. Este e similhantes terrores tem feito o nome dos portuguezes odioso nos sertões, desauctorisado muito a fé, entendendo os barbaros que é só em nós pretexto de cubiça, com que muitos se tem retirado mais para o interior dos bosques, e

outros depois de vir se tornão desenganados, outros nos fazem a guerra, e o mal que podem, e todos (que é o que mais se deve sentir) se estão indo a milhares ao inferno.

O remedio consiste na execução de todos os remedios que até qui se tem apontado; porque se os indios mal captivos se puzerem em liberdade; se os das aldêas viverem como verdadeiramente livres, fazendo suas lavouras, e servindo somente por sua vontade, e por seu estipendio; e se as entradas que se fizerem ao sertão forem com verdadeira e não fingida paz, e se pregar aos indios a fé de Jesu Christo, sem mais interesse que o que elle veio buscar ao mundo, que são as almas, e houver quantidade de religiosos que aprendão as lingoas, e se exercitem neste ministerio com verdadeiro zelo, não ha duvida que concorrendo a graça divina com esta disposição dos instrumentos humanos, os indios se reduzirão facilmente á nossa amisade, abraçarão a fé, viverão como christãos, e com as novas do bom tratamento dos primeiros, trarão estes após de si muitos outros, com que alem do bem espiritual seu, e de todos seus descendentes terá tambem a republica muitos indios que a sirvão e que a defendão, como elles forão os que em grande parte ajudarão a restaural-a.

Isto é, senhor, o que me pareceo representar a vossa magestade por satisfazer a minha obrigação, e por descargo da minha consciencia, encarregando muito, com toda a submissão que devo, á de vossa magestade, o remedio destes gravissimos damnos que padecem tão infinitas almas, de todas as quaes Deus ha de pedir conta a vossa magestade, e muito maior depois de chegarem ás reaes mãos de vossa magestade estas noticias, não de ouvidas, mas de vistas e experiencia, mandadas por quem vossa magestade muito bem

conhece que não veio buscar ao Maranhão mais que o maior serviço, e a maior gloria de Deus, e que abaixo delle nenhuma coisa procurou nunca, nem amou tanto como o serviço de vossa magestade.

Isto que tenho dito é o mesmo que sentem todos os que com verdadeiro zelo do serviço de Deus e bem commum, e com a larga experiencia deste Estado, desejão o augmento espiritual e temporal delle: nem poderá dizer o contrario, senão quem se governar por razões e interesses particulares, que são os que em tudo o tem perdido.

Pelo que, rei e senhor, prostrados aos reaes pés de vossa magestade, e em nome de todas as almas que nestas vastissimas terras de vossa magestade estão continuamente descendo ao inferno, por falta de quem as doutrine, pedem ellas, e pedimos os poucos religiosos que cá estamos, pelo sangue de Christo com que forão remidas, que se sirva vossa magestade de nos mandar mais companheiros com que continuemos e augmentemos o começado; e que quando não haja em Portugal (como não ha) todos os que são necessarios, possão vir outros de Nações sem suspeitas, como sempre se permittio, para que ajuntando seu zelo e trabalho com o nosso, possamos todos juntos emprehender e continuar esta grande conquista, para a qual as forças sós dos que cá estamos são tão desiguaes, promettendo a vossa magestade em nome daquelle Senhor, que dá e conserva os reinos, que esta obra de tanta piedade e justiça será o mais solido fundamento sobre que vossa magestade póde estabelecer Portugal, por cuja conservação e augmento todos offerecemos os nossos sacrificios, e todas as almas que por nosso meio se salvarem farão no céo a Deus a mesma oração. Maranhão 20 de Maio de 1653.

No fim da carta de que vossa magestade me fez mercê, me manda vossa magestade diga o meu parecer sobre a conveniencia de haver neste Estado, ou dois capitães-móres, ou um só governador. Eu, senhor, razões politicas nunca as soube, e hoje as sei muito menos; mas por obedecer direi toscamente o que me parece. Digo que menos mal será um ladrão, que dois, e que mais difficultosos serão de achar dois homens de bem, que um. Sendo propostos a Catão dois cidadãos romanos para o provimento de duas praças, respondeo que ambos lhe descontentavão: um porque nada tinha, outro porque nada lhe bastava. Taes são os dois capitães móres em que se repartio este governo. N. do N. não tem nada, N. do N. não lhe basta nada; e eu não sei qual é maior tentação, se a necessidade, se a cubiça. Tudo quanto ha na capitania do Pará, tirando as terras, não val dez mil cruzados, como é notorio, e desta terra ha de tirar N. do N. mais de cem mil cruzados em trez annos, segundo se lhe vão logrando bem as industrias. Tudo isto sáe do sangue e do suor dos tristes indios, aos quaes trata como tão escravos seus, que nenhum tem liberdade nem para deixar de servir a elle, nem para poder servir a outrem; o que alem da injustiça que se faz aos indios, é occasião de padecerem muitas necessidades os portuguezes e de perecerem os pobres. Em uma capitania destas confessei uma pobre mulher das que vierão das ilhas, a qual me disse com muitas lagrimas, que de nove filhos que tivera, lhe morrerão em tres mezes cinco filhos de pura fome e desamparo; e consolando-a eu pela morte de tantos filhos, respondeo-me: padre, não são esses os porque eu choro, senão pelos quatro que tenho vivos sem ter com que os sustentar, e peço a Deus todos os dias que m'os leve tambem. São lastimosas as miserias que passa esta pobre gente das

ilhas, porque como não tem com que agradecer, se algum indio se reparte, não lhe chega a elles, senão aos poderosos; e é este um desamparo a que vossa magestade por piedade devêra mandar acudir com effeito: mas tambem a isto se acode nos capitulos de um papel que com esta vae.

Tornando aos indios do Pará, dos quaes, como dizia, se serve quem alli governa, como se forão seus escravos, e os traz quasi todos occupados em seus interesses, principalmente no dos tabacos, obriga-me a consciencia a manifestar a vossa magestade os grandes peccados, que por occasião deste serviço se commettem.

Primeiramente nenhum destes indios vae senão violentado e por força, e o trabalho é excessivo, e em que todos os annos morrem muitos, por ser venenosissimo o vapor do tabaco: o rigor com que são tratados é mais que de escravos; os nomes que lhes chamão e que elles muito sentem, feissimos; o comer é quasi nenhum; a paga tão limitada, que não satisfaz a menor parte do tempo, nem do trabalho; e como os tabacos se lavrão sempre em terras fortes e novas, e muito distante das aldêas, estão os indios ausentes de suas mulheres, e ordinariamente elles e ellas em máu estado, e os filhos sem quem os sustente, porque não tem os paes tempo para fazer suas roças, com que as aldêas estão sempre em grandissima fome e miseria. Tambem assim ausentes e divididos não podem os indios ser doutrinados, e vivem sem conhecimento da fé, nem ouvem missa, nem a tem para a ouvir, nem se confessão pela quaresma, nem recebem nenhum outro sacramento, ainda na morte; e assim morrem e se vão ao inferno sem haver quem tenha cuidado de seus corpos, nem de suas almas, sendo juntamente causa estas crueldades de que muitos indios já christãos se ausentão de suas povoações,

e se vão para a gentilidade, e de que os gentios do sertão não queirão vir para nós, temendo-se do trabalho a que os obrigão, a que elles de nenhum modo são costumados, e assim se veem a perder as conversões, e os já convertidos; e os que governão são os primeiros que se perdem, e os segundos serão os que os consentem; e isto é o que cá se faz hoje, e o que se fez até agora.

Assim que, senhor, consciencia e mais consciencia é o principal e unico talento que se ha de buscar nos que vierem governar este Estado. Se houvesse dois homens de consciencia, e outros que lhes succedessem, não haveria inconvenientes em estar o governo dividido. Mas se não houver mais que um, venha um que governe tudo, e trate do serviço de Deus e de vossa magestade, se não houver nenhum, como até agora parece que não houve, não venha nenhum, que melhor se governará o Estado sem elle, que com elle: se para a justiça houver um letrado recto, para o politico basta a camara e para a guerra um sargento maior, e esse dos da terra, e não de Elvas nem de Flandres; porque este Estado tendo tantas leguas de costa e de ilhas, e de rios abertos, não se ha de defender, nem póde, com fortalezas, nem com exercitos, senão com assaltos, com canôas, e principalmente com indios e muitos indios; e esta guerra só a sabem fazer os moradores que conquistarão isto, e não os que veem de Portugal. E bem se vio por experiencia, que um governador que veio de Portugal, N. do N., perdeo o Maranhão, e um capitão-mór, Antonio Texeira, que cá se elegeo, o restaurou, e isto sem socorro do reino. Aqui ha homens de bôa calidade que podem governar com mais noticia, e tambem com mais temor; e ainda que tratem do seu interesse, sempre será com muita moderação, e tudo o que grangearem ficará

na terra, com que ella se irá augmentando; e se desfrutarem a herdade, será como donos e não como rendeiros, que é o que fazem os que veem de Portugal. Mas uma vez que os indios estiverem independentes dos governadores, arrancada esta raiz, que é o peccado capital e original deste Estado, cessarão tambem todos os outros que delle se seguem, e Deus terá mais motivo de nos fazer mercê.

Este é, senhor, o sentir de quasi todos; mas o meu sentir, e o meu chorar, e o meu lamentar, é que tenho vindo a este Estado, e trazido a elle tantos religiosos, muitos servos de Deus, só com intento de o servirmos mais, e com mais quietação, e de não tratarmos de outra coisa que da salvação de nossas almas e das desta pobre gente, sem nos divertirmos a nenhum outro cuidado, como até agora pela bondade de Deus temos feito, e que, apesar de tudo isto, seja tão poderoso o demonio neste Estado, e vossa magestade tão mal servido nelle, que os que mais nos deverão favorecer, e ainda compadecer-se de nossos trabalhos, por não dizer edificar-se da constancia e alegria com que os veem padecer e desesperar, esses sejão os que nos tem posto no maior trabalho de todos, perturbando nossas missões, impedindo o remedio e salvação de tantas almas, e sobre tudo a quietação das nossas, principalmente da minha que é a mais fraca, sendo-me necessario andar com pleitos, e requerimentos e informações, e ainda descer ao particular de escrever vidas e procedimentos alheios, do que só Deus é verdadeiro juiz, e o que eu não posso fazer sem grande pena, e ainda escrupulo, posto que tudo digo, senhor, é sem paixão, nem odio algum contra as pessoas de quem fallo, e sómente porque vossa magestade não póde deferir ao remedio que pedimos sem sêr inteiramente informado, e esta informação se não

póde fazer sem nomear as pessoas que nos encontrão, e as causas e interesses que a isto as movem, para que se atalhem.

Assim que, rei e senhor, vossa magestade mande considerar se é bem que estes indios sirvão a Deus, a vossa magestade, á republica, aos pobres, e á conservação de muitos outros indios; ou que despresados todos estes respeitos, sirvão com tantas offensas de Deus aos interesses de um só homem, que é o que sempre fizerão e fazem. E porque a distancia do logar não soffre dilações, nem interlocutorias, vossa magestade se sirva de mandar tomar no particular de nossas missões uma resolução ultima, com a qual nos livre vossa magestade por uma vez de requerimentos e de demandas com os ministros de vossa magestade; porque se não estivermos totalmente isentos delles, nunca poderemos conseguir o fim para que viemos, da conversão e salvação das almas, e será melhor retirarmo-nos a tratar só da quietação das nossas.

A muito alta e muito poderosa pessoa de vossa magestade guarde Deus como a christandade e os vassallos de vossa magestade havemos mister. Maranhão 4 de Abril de 1654.

ANTONIO VIEIRA.

A primeira destas cartas é mui interessante pela descripção que faz o autor da nascente colonia do Maranhão, a qual em 1653, ou 37 annos depois de conquistada sobre os Francezes, constava apenas de duas freguezias, uma na terra firme e outra na ilha, povoadas por indios domesticados, por Portuguezes, e descendentes destes, ou puros, ou de raça cruzada. Os indios domesticados ou erão livres ou escra-

vos. Os livres achavão-se distribuidos em aldeias, os escravos divididos pelos particulares. Os chamados livres porem erão tão escravos como os outros, porque os capitães-mores dispunhão delles para trabalhar nos seus tabacos, como se fossem propriedade sua. A cidade de S. Luiz, que é hoje a quarta do Imperio, e conta cerca de 35 mil habitantes, era então inferior em importancia á menor de nossas villas actuaes. Tudo na colonia era pobreza, miseria, ignorancia, até nos mesmos raros sacerdotes para ella degradados. Queixa-se Vieira a el-rei nos termos os mais patheticos do abandono espiritual em que se achavão ahi os Indios, e os mesmos Portuguezes, por falta de parochos, ou outros ministros da religião, e representa-lhe energicamente contra os abusos praticados pelos capitães-mores, que em vez de empregar no serviço real os Indios reputados livres, os occupavão no do seu interesse particular, dizendo com descaramento sem igual, que vinhão ao Brazil arranjar-se.

Na segunda carta não menos interessante expende o autor circumstanciadamente todas as contrariedades, que experimentava da parte dos capitães-mores do Maranhão e do Pará, por cuja ganancia se perdião as melhores occasiões de trazer os Indigenas das selvas para logares, onde pudessem ser catechisados ou aldeiados sob a direcção dos missionarios. Curioso é vêl-o fazer em outra carta a eloquente pintura da má fé com que o capitão-mór do Maranhão lhe frustou, deixando passar a monção, uma missão ao alto Itapucurú, para não perder o

serviço dos Indios empregados nas suas lavras de tabaco, e a dobrez com que o do Pará lhe inutilisou a missão feita no rio Tocantins, dando ordens secretas ao seu agente, e escravisando em seu proveito, e de seus amigos, os Ingenas, que d'alli descêrão por solicitações dos padres. Estes homens sordidos e rapaces não respeitavão nem o sagrado, nem o profano. Postos pelo rei para governar colonias nascentes sitas a duas mil leguas da metropole erão os primeiros a illudir as ordens regias, quando estas ião de encontro aos seus baixos interesses.

O estylo das duas cartas é o mais apropriado que pode ser, pois ao mesmo tempo que ahi se guarda o devido acatamento ao rei, se lhe falla com liberdade santa e digna de um homem como Vieira. As descripções e pinturas são de uma verdade tão fiel, que nada deixa a desejar. O exordio da segunda carta sobretudo é mui notavel, seja pelo artificio, seja pelo contexto.

Não é porem somente o estylo, que temos a admirar nessas cartas, mas o caracter nobre, e o zelo apostolico de Vieira, que em lucta constante com o sordido interesse dos capitães-mores e colonos, que punhão mil tropeços a sua missão civilisadora, nunca abandonou a causa dos pobres Indios, soffrendo por amor della toda a sorte de encommodos, privações e desgostos, até que depois da morte d'el-rei D. João IV, que o sustentava no seu santo empenho, os colonos sublevados o remetterão preso para Lisboa em 1661. E si a sua infatigavel constancia em advogar uma cau-

sa tão justa, não foi coroada do desejado effeito, pois que a liberdade dos Indios só chegou mais tarde, nem por isso é elle menos digno de veneração a nossos olhos. Os brasileiros, e sobretudo os Maranhenses e Paraenses, devem um testemunho de gratidão á memoria deste homem superior ao seu seculo, que tantos serviços prestou á grande causa da humanidade na America. Um monumento lhe devia ser erguido na praça mais publica da cidade de S. Luiz e outro na de Belem.

Tendo apreciado o prosador mais eloquente da lingua portugueza, começarei nas seguintes prelecções a analysar os autores do quarto periodo litterario.

LIVRO IV.

SECÇÃO PRIMEIRA.

Pedro Antonto Correia Carção, poeta; sua biographia; suas poesias lyricas; suas poesias didaticas.

LICÇÃO L.

Tenho, senhores, de passar em silencio, como improficuo para as boas lettras, todo reinado de D. João V, no qual o máo gosto em Portugal tocou o ultimo gráo da degradação nas poesias de soror Violante do Céo, Francisco de Vasconcellos, Frei Jeronymo Vahia, e outros, sem que haja nesse longo periodo um só escriptor de nome, poeta, ou prosador, que mereça ser analysado; pois o mesmo infeliz Antonio José, em quem através dos vicios do tempo brilha certamente talento e sal comico, porem mais natureza que arte, não pode ser reputado escriptor de primeira ordem, accrescendo não serem aqui encontrados senão fragmentos de suas obras, hoje raras. Assim vejo-me forçado a transpôr o espaço de meio seculo para chegar ao reinado de D. José I, ou a época do renascimento das lettras em Portugal, na qual florescêrão poetas verdadeira-

mente dignos deste nome, e taes como Garção, Diniz, Durão, e José Basilio da Gama. Mas limitarei a minha analyse dos escriptores do seculo XVIII unicamente aos poetas, começando por Garção, o primeiro na ordem chronologica; porque não houve então grandes prosadores pelas causas, que já deixei consignadas nas primeiras prelecções, que servem como de introducção a este curso.

O poeta Pedro Antonio Correia Garção, com quem me vou hoje occupar, e que foi contemporaneo dos tres ultimos poetas citados, nascêo em Lisbôa, na freguezia de N. S. do Soccorro, a 29 de Abril de 1723, e fallecêo na mesma cidade, a 10 de Novembro de 1772, com 48 annos de idade, quando muito havia ainda a esperar do seu incontestavel talento poetico, que foi suffocado no outono da vida pela mão de ferro do despotismo, como logo veremos.

Foi filho legitimo de Felippe Corrêa da Silva, cavalleiro fidalgo da casa real, e official-maior da secretaria dos negocios estrangeiros e da guerra, e de D. Luiza Maria da Visitação d'Ogier Garção, senhôra de origem estrangeira, ambos porem pessôas mui qualificadas; e por achar-se em perigo de vida, pela debil compleição com que veio ao mundo, baptisou-se em casa, como consta do assentamento de seu baptismo.

Destinado á magistratura por seus paes que lhe derão esmerada educação, cursou com distincção os estudos de humanidades em Lisboa, nas aulas dos jesuitas, de que foi um dos alumnos mais aproveitados,

e matriculou-se na faculdade juridica da Universidade de Coimbra, que frequentou por algum tempo, mas na qual não chegou a formar-se por motivos pouco averiguados, talvez para seguir a sua natural vocação para a poesia, como acontecêo com outros poetas celebres.

Casou em 1750 com D. Maria Anna Xavier Fróes Mascarenhas de Sande Salema, senhôra illustre por nascimento, a qual lhe trouxe em dote uma quinta nos arredores da villa do Alcacer do Sal, outros bens rusticos e urbanos, muitos fóros no sitio de Fonte Santa em Lisbôa, e a propriedade do officio de escrivão da receita da meza do consulado geral da entrada e sahida na casa da India.

Bafejado quasi desde o berço pelas Musas a cujo doce commercio se entregára mui joven, e dotado de delicadissimo gosto, cultivou o bello engenho poetico com que o prendára a natureza, com o continuo estudo dos poetas classicos Gregos, Latinos, Italianos, Francezes e Inglezes, cujos idiomas sabia com perfeição; e foi o primeiro rival de Horacio em Portuguez, mostrando-se em suas odes superior a Ferreira e ao proprio Camões.

Desejoso de vêr regeneradas as lettras patrias, que o máo gosto havia corrompido, fundou em 1755 conjunctamente com Antonio Diniz da Cruz, Theotonio Gomes de Carvalho, e Manoel Nicolão Esteves Negrão, a Academia dos Arcades, ou Arcadia, que tantos serviços prestou á poesia portugueza, e na qual tomou para si o nome de Corydon Erimantheo. Tal era o seu

credito como poeta que todos os poetas contemporaneos se honravão de sua amizade, e o respeitavão como mestre.

Quando porem os seus dias deslisavão serenos entre o desempenho das obrigações do cargo, a cultura das lettras, a convivencia dos amigos, e as doçuras da vida domestica, vio-se de repente preso, e arrancado á sua familia, na noite de 9 de Abril de 1771, por virtude de um aviso da secretaria do reino expedido ao regedor das justiças, sendo conduzido á cadeia da côrte, e posto em segredo, na qual prisão esteve por espaço de 8 mezes, soffrendo tudo quanto moral e phisicamente se podia experimentar em semelhante situação. Em consequencia das reiteradas supplicas que sua desditosa esposa levou á presença do rei, foi ao cabo deste tempo, quando a sua saude já se achava mui deteriorada, passado para a chamada sala livre; e por novas e instantes supplicas da mesma foi-lhe por fim obtida a ordem de soltura, a qual todavia não aproveitou ao infeliz, porque chegou justamente no momento em que elle expirava na cadeia por effeito de crueis padecimentos ahi adquiridos. Assim acabou um dos poetas mais notaveis do seculo XVIII por seu talento e bom gosto, um homem cercado na sociedade de todas as vantagens e considerações, que podião tornar a vida feliz.

O longo martyrio e triste fim deste illustre e desventurado poeta, terminando seus amargurados dias em uma prisão infecta por motivo futilissimo, foi um

borrão indelevel, que Sebastião José de Carvalho e Mello, marquez de Pombal, e ministro omnipotente de D. José I, lançou na sua bem estabelecida fama de grande estadista e politico. Outros actos despoticos ou outros crimes deste homem de largas vistas, e vontade de ferro, podem ter plausivel excusa na razão de estado, mas a morte prematura do infeliz Garção será sempre aos olhos da posteridade um verdadeiro assassinato com todas as circumstancias aggravantes.

Quanto aos motivos do barbaro procedimento do ministro prepotente contra o poeta, todos os que se apresentão são mais futeis e irrisorios, uns que outros. Uns dizem que foi, porque o poeta escrevêra na gazeta de Lisbôa que estivera sob sua direcção alguns artigos que desagradárão ao marquez de Pombal, que não permittia que se pensasse de modo diverso do seu. Mas o Sr. Innocencio Francisco da Silva, laborioso autor do Diccionario Biographico, prova que a gazêta dirigida por Garção foi suspensa em 1762, e conclúe não ser crivel que o marquez esperasse 9 annos para vingar-se, sendo senhor absoluto em Portugal, e mais rei, que o proprio rei. Outros asseverão que foi, porque Garção traduzio ou compoz uma carta em Inglez a um moço de sua amizade que namorava a filha de um coronel Inglez, e que indo a carta escripta por lettra do poeta parar ás mãos do pae da bella, este furioso a levára ao marquez de Pombal, e que esse papel servira de corpo de delicto contra o poeta. O autor citado porem sem dar todo peso a esta historia,

de que apresenta diversas edições, observa mui judiciosamente: «Que a prisão foi resultado da má vontade do marquez de Pombal, que com ou sem razão se julgára aggravado do poeta; porem que o meio, ou pretexto que escolhêo para cohonestar a vingança, é ponto que não está ainda assás elucidado.»

E nem o será provavelmente depois de um tão longo tracto de tempo, por isso que o ministro teve o cuidado de não mandar formar processo á sua victima, sem duvida para que deste não constasse o frivolo e reprovado motivo da prisão.

Compoz Garção sonetos, poesias lyricas, didaticas, dramas, e discursos em prosa, ou dissertações sobre diversos assumptos, especialmente litterarios. As suas obras forão pela primeira vez impressas em Lisbôa na Regia Officina Typographica em 1778, ou seis annos pouco mais ou menos depois de sua morte. Muitas dellas porem existem ainda ineditas; e entre estas affirma José Maria da Costa e Silva, que duas tragedias originaes, *Sophonisba* e *Regulo*. Em sua vida apenas se imprimirão algumas peças esparsas com o titulo de hymnos ou odes á diversos santos.

Foi este um dos poetas mais illustres do seu seculo, e que mais serviços prestou com seus escriptos á litteratura portugueza decadente, restaurando o bom gosto com a judiciosa e livre imitação dos grandes modelos da antiguidade. Na sua escola, e com o seu exemplo, formárão-se poetas que banirão totalmente do nosso Parnaso os conceitos alambicados, e o estylo turgido e hybrido até então em moda.

As suas poesias, seja qual fôr o genero a que pertenção, trazem quasi todas o cunho do bom senso e do mais apurado gosto. Na lyrica, si se não elevou a altura de Pindaro, primou nas odes horacianas, rivalisando em conceitos, graças, amenidade, e colorido com o immortal cantor de Venusa, e é em inimitavel perfeição de estylo um dos primeiros poetas portuguezes. Nas epistolas e satyras rivalisa ainda com Horacio, a quem tomou por modelo, quer se attenda a substancia, quer a forma destas composições. Tem muitos sonetos bons; e não deixa de têr merito nos dramas, especialmente no intitulado «*Assembléa.*»

Pena é que a morte prematura inflingida ao poeta pela mão da tyrannia, viesse privar a posteridade dos productos pela ventura ainda mais ricos, que promettia um engenho de tão fina tempera em toda a força da virilidade, si antes de tempo lhe não cortassem os vôos altisonos.

Que abundantissima seára da mais viçosa e bella poesia nos não poderia legar Garção, si vivesse, por exemplo, a dilatada vida de Francisco Manoel do Nascimento, ou pelo menos pouco mais de dois terços della; o que era assás provavel em um homem de lettras de habitos repousados. Avalie-se a sensivel falta do que deixamos de possuir de sua penna, pela riqueza e primor do que della nos ficou, e teremos a medida do prejuizo causado ás lettras pela barbara pressão do despotismo naquella época.

Tendo vos dado succinta noticia da vida e tragico

fim deste poeta illustre, bem como de seu subido merito como poeta lyrico e didatico, passarei em outro discurso a analysar as suas poesias, começando pela cantata de Dido, que é no seu genero um dos productos mais bellos do engenho humano segundo Almeida Garrett.

LICÇÃO LI.

Vou hoje, senhores, apreciar as poesias de Pedro Antonio Corrêa Garção, o poeta lyrico portuguez mais notavel do seculo XVIII, o qual vistes no meu precedente discurso expirando n'uma cadeia, a que fôra levado não por crime algum que commettesse, mas pelo barbaro capricho do despotismo. Este poeta tão infeliz como distincto tem a nossos olhos dobrado merito, já porque no primor de suas poesias corre parelhas com os melhores modelos da antiguidade classica, já porque foi em Portugal o verdadeiro restaurador do bom gosto, que se havia prevertido um seculo atraz. Com o seu poderoso exemplo voltou aos poetas portuguezes o bom senso, que os havia abandonado desde Gabriel Pereira de Castro, que fôra o principal corruptor do gosto. Outros o auxiliárão depois neste empenho, é verdade; mas a elle cabe a gloria de haver sido o primeiro a restabelecer a escola classica funda-

da por Camões e por Ferreira, cousa de dous seculos antes.

Vocação natural para a poesia, engenho da mais fina tempera, gosto depurado e selecto, são dotes que se encontrão reunidos em supremo grão neste illustre poeta, e lhe assignão o primeiro logar entre os contemporaneos, bem como um dos mais distinctos entre os que se lhe seguirão depois, não obstante serem os tempos posteriores fecundos em grandes poetas lyricos, taes como Francisco Manoel do Nascimento, o P^e^ Antonio Pereira de Sousa Caldas, e ultimamente Antonio Gonçalves Dias, comprovinciano nosso. Um engenho de tão subidos quilates produziria indubitavelmente muito mais do que o que delle existe impresso, ou inedito, se não fosse afogado em todo vigor de sua madurescencia pela pressão phisica e moral, de que foi victima. Mas ainda assim é o que delle nos resta mais que sufficiente para bem aquilatal-o á luz da mais escrupulosa critica.

Antes porem de entrar na apreciação das melhores producções deste insigne poeta, devo reproduzir aqui o juizo, que acerca delle emittio um critico eminente, e grande poeta ao mesmo tempo, o visconde Almeida Garrett no «Bosquejo da Historia da Poesia e Lingua Portugueza.»

«Garção, diz este abalisado litterato, foi o poeta de mais gosto e (por aventurar uma expressão que não é legitima, mas pode ser legitimada portugueza) de mais *fino tacto* que entre nós appareceo. Haverá n'outros

mais fogo, outros ferverão em mais enthusiasmo, crearão acaso mais; porem a delicadeza de Garção só tem rival na antiguidade. A musa pura, casta, ingenua, nunca lhe desvairou: em suas composições ha dellas onde a mais aguçada critica não esmiuçará um só defeito. Tal é a cantata de Dido, uma das mais sublimes concepções do engenho humano, uma das mais perfeitas obras executadas da mão do homem. Todo se dêo ao genero lyrico, especialmente ao Horaciano; e nesse ninguem o excedêo, antes ninguem o igualou. A ode— Á Virtude, a que se intitula—O suicidio, outras muitas que longo fôra enumerar, são d'uma belleza, d'uma correcção, d'um *acabado* (como dizem os pintores) que difficilmente se imitará, tarde se chegará a igualar.»

E como os poetas devem ser os juizes mais competentes para bem avaliar os poetas, porei depois do do visconde Almeida Garrett o juizo que tambem emittio sobre Garção Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, poeta de reconhecido merito, se bem seja inferior em vulto ao autor do Camões e da D. Branca.

«Este nosso desventurado quão judicioso e erudito poeta, diz o ultimo fallando de Garção, foi quem verdadeiramente restaurou entre nós o bom gosto em poesia: foi elle quem por sua atilada imitação de todos os bons antigos desterrou a conceituosa monstruosidade dos seiscentistas; foi elle quem primeiro escrevêo odes ao modo de Horacio, e tão elegantes e graciosas as compoz, que parece, lendo-as, ser cousa

facil a composição de outras taes!... E' este o caracter do verdadeiro sublime, é este o destino de todas as sublimes composições, parecerem faceis de imitar, e na verdade tão difficil a sua imitação, quão raro entre nós tem sido o apparecerem algumas odes que com as de Garção sem grande desvantagem se possão comparar. Por tal sorte alliviou elle a philosophica energia com a graciosa correnteza de estylo, que por ninguem até agora poude ainda ser igualado.»

Depois de vos ter citado estes dois juizos tão competentes sobre o merito de Garção como poeta lyrico, e poeta de primeira ordem no bem acabado de suas pinturas, entrarei na minha analyse, começando, como prometti na precedente licção, pela soberba cantata de Dido, a qual todos os homens de gosto com razão aquilatão de uma das mais sublimes e perfeitas composições do genero lyrico. Esta riquissima poesia vem entresachada n'um drama, que tem por titulo «*Assembléa ou Partida*», e é posta na bocca d'uma das respectivas figuras, chamada Mafalda. Delle pois irei desentranhal-a para a submetter á vossa illustrada consideração. Eil-a:

Já no rôxo Oriente branqueiando
As prenhes vélas da Troiana frota
Entre as vagas azúes do mar dourado
Sôbre as azas dos Ventos se escondião.
A miserrima Dido
Pelos Paços reaes vaga ululando,

C'os turvos olhos inda em vão procura
O fugitivo Enéas.
Só ermas ruas, só desertas praças
A recente Carthago lhe apresenta:
Com medonho fragor na praia núa
Fremem de noite as solitarias ondas:
E nas douradas grimpas
Das cúpulas soberbas
Pião nocturnas agoureiras aves.
Do marmoreo sepulchro
Attonita imagina
Que mil vezes ouvio as frias cinzas
Do defunto Sichêo com debeis vozes,
Suspirando chamar: Elisa, Elisa.
D'Orco aos tremendos Numens
Sacrificios prepara;
Mas vio esmorecida
Em torno dos thuricremos altares
Negra escuma ferver nas ricas taças;
E o derramado vinho
Em pélagos de sangue converter-se.
Frenetica delira;
Pállido o rosto lindo,
A madeixa subtil desentrançada;
Já com trémulo pé entra sem tino
No ditoso aposento,
Onde do infido amante
Ouvio enternecida
Magoados suspiros, brandas queixas
Alli as crueis Parcas lhe mostrárão
As Iliacas roupas, que pendentes

Do thalamo dourado descobrião
O lustroso pavêz, a Teucra espada:
Com a convulsa mão subito arranca
A Lamina fulgente da bainha,
E sobre o duro ferro penetrante
Arroja o tenro chrystalino peito:
E em borbotões de espuma murmurando
O quente sangue da ferida salta:
De rôxas espadanas rociadas
Tremem da Sala as Doricas columnas.
Tres vezes tenta erguer-se,
Tres vezes desmaiada sobre o leito
O corpo revolvendo, ao Céo levanta
Os macerados olhos.
Depois attenta na lustrosa malha
Do prófugo Dardanio,
Estas ultimas vozes repetia,
E os lastimosos lugubres accentos
Pelas aureas abobadas voando
Longo tempo depois gemer se ouvirão.

Doces despojos
Tão bem logrados
Dos olhos meus,
Emquanto os fados,
Emquanto Deos
O consentião;
Da triste Dido
A alma acceitai,
Destes cuidados
Me libertai.

Dido infelice
Assás vivêo;
D'alta Carthago
O muro erguêo:
Agora núa,
Já de Charonte,
A sombra sua
Na barca feia,
De Flegetonte;
A negra veia
Surcando vai.

Na magnifica poesia que acabei de ler-vos, notai, primeiro que tudo, a insigne mestria, com que o poeta soube, em tão perfeito, como resumido quadro, comprehedder a catastrophe de Dido com todas as suas circumstancias e antecedentes, ou tal qual nol-a descreve Virgilio no livro IV da sua Eneida: e isto, sem que o primoroso acabado da pintura prejudicasse em cousa alguma ao menor accidente do facto ou inventado, ou aformoseado pelo poeta latino, mas antes o realçasse em todos os seus pormenores com novo e admiravel brilho poetico! Para chegar a este resultado não bastava ser bom poeta, era mister transformar-se no proprio genio do modelo, e foi justamente o que fez Garção que nos parece completamente imbuido do espirito de Virgilio em toda esta sublime composição. Escrever por esta forma não é imitar, mas crear em tudo que se refere á execução, e ainda á distribuição, porque é exprimir um successo tragico com

os mais altisonos vôos do genero lyrico. Lêde o episodio de Dido na Eneida, e a cantata do poeta portuguez, que achareis a verdade do que digo.

Admirai depois o estylo que é d'uma perfeição inimitavel, tanto no que respeita ao ornato propriamente dito, como á belleza e harmonia imitativa dos versos. Os tropos empregados pelo porta são todos de feliz effeito; todos os seus epithetos formão imagens, ou são poeticos; toda a sua metrificação é perfeita e harmoniosa sem o menor senão. A analyse a mais rigorosa o demonstra.

Vêde si ha nada mais bello e pittoresco que este começo: «Já no roxo Oriente branqueiando As prenhes velas da Troiana frota Entre as vagas azúes do mar dourado Sobre as azas dos ventos se escondião.» Ahi os epithetos, *rôxo*, *prenhes*, *azúes*, não só formão imagens, mas oppondo-se o primeiro á, *branqueiando*, e o terceiro á, *dourado*, tomado em sentido metaphorico, apresentão o mais agradavel e poetico contraste no cambiante das côres. *Branqueiando*, collocado no fim do primeiro verso representa afastamento progressivo do objecto; as pausas dos dois seguintes versos são perfeitamente adaptadas a imitar a agitação das ondas, ou si mais quereis o arfar dos navios; a bella metaphora, *Sobre as azas dos ventos*, e a harmonia imitativa do ultimo verso, todo cheio de, *ss*, sibilantes e vogaes mudas, pintão a velocidade da carreira destes, representando a ultima pausa em, *escondião*, o seu final desapparecimento no horisonte, E' o todo uma

pintura tão completa, que nada deixa a desejar á mais exigente critica.

Não contem menos poesia imitativa est'outros dous bellissimos versos: «Com medonho fragor na praia núa Fremem de noite as solitarias ondas.» Ahi os epithetos, *medonho*, *núa*, *solitarias*, formão tambem imagens, resultando o poetico contraste, não da opposição das côres, ou dos effeitos da luz, porque é noite, mas da alternativa do ruido e do silencio. As consoantes asperas do primeiro verso, combinadas com nasaes, e a repetição das mesmas consoantes no segundo, combinadas com vogaes mudas, representão o alternado ruido das ondas ao despedaçarem-se na praia, assim como as pausas do segundo verso artificiosamente ajustadas, o fluxo e refluxo, ou o movimento em sentidos oppostos.

Quereis agora uma passagem mais extensa, que seja toda imagens, poesia imitativa, e onde os tropos os mais arrojados e felizes contribuão para a belleza e verdade da pintura? Ahi a tendes na riquissima descripção do suicidio perpetrado por Dido: »Com a convulsa mão subito arranca A lamina fulgente da bainha, E sobre o duro ferro penetrante Arroja o tenro chrystallino peito: E em borbotões de espuma murmurando O quente sangue da ferida salta: De roxas espadanas rociadas tremem da sala as doricas columnas.»

Ahi tudo se ajusta e combina magistralmente para a perfeição do quadro que não tem igual. Vêde como são expressivas e pittorescas a bella periphrasis, *lami-*

na fulgente, as soberbas onomatopéias, *Em borbotões de espuma murmurando O quente sangue da ferida salta*, e as atrevidas e bellissimas metaphoras, *De roxas espadanas rociadas Tremem da sala as doricas columnas!*» Escusado é dizer que nesta passagem tão eminentemente poetica, os epithetos formão todos imagens e contrastes, as onomatopeias representão perfeitamente os sons, e as pausas dos versos, o movimento, porque tudo facilmente della se percebe e sente.

Destas ultimas apontar-vos-hei como magistraes a que pinta o arrancar da espada, collocada no fim do primeiro verso, a que se emperna de proposito o segundo; as que exprimem o arrojar do corpo sobre o ferro, collocadas na quarta e oitava syllabas do quarto verso; e a que representa o repentino saltar ou jorrar do sangue, collocada no fim do sexto verso. Como tudo isto é bello!

Depois desta inimitavel descripção só vos citarei os tres seguintes admiraveis versos, nos quaes a belleza da poesia imitativa e onomatopica representa perfeitamente, pela combinação de consoantes asperas e sibilantes com vogaes mudas, não só os gemidos da moribunda, mas os seus echos repetidos pelas abobedas do palacio: «E os lastimosos lugubres accentos Pelas aureas abobedas voando Longo tempo depois de gemer se ouvirão.» Não é de certo possivel levar mais longe a verdade da pintura.

Quanta poesia não ha ainda nos versos da arte menor alternados com os hendicasyllabos desta bellissima

composição, para exprimir e pintar, seja o pathetico, seja a distancia, seja o movimento, seja a forma! Mas longo fôra enumerar todas as bellezas, que ahi pullulão, porque estas igualão o numero dos versos, que deixo de analysar um por um para não fatigar a vossa attenção.

Com razão pois chama Garrett a esta admiravel peça lyrica, a que nenhuma se assemelha entre os antigos e modernos, uma das mais sublimes concepções do engenho humano. E que bello talento não era Garção, que assim se ostenta pintor sem igual, e um verdadeiro genio na poesia lyrica! Quanto não se deve execrar o crime do ministro, que lhe encurtou os dias, quando ainda podia produzir partos iguaes! No lamentavel e prematuro fim deste poeta temos mais um exemplo de que o despotismo, seja qual fôr a sua natureza, tem sido sempre fatal ao genio em todas as épocas.

Em outro discurso continuarei a apreciar as poesias deste sublime engenho, um dos mais perfeitos no seu genero. Por hoje termino aqui.

LICÇÃO LII.

Vistes, senhores, no meu precedente discurso, como o distincto poeta Pedro Antonio Corrêa Garção produzio a bellissima cantata de Dido, revestindo com todas as galas da poesia lyrica o successo tragico supposto, mas verosimil, que constitue um dos mais bellos episodios da Eneida; vêl-o-heis hoje primar nas odes como bem poucos dos modernos, ou antes sem rival, si se tiver unicamante em vista a perfeição de estylo, porque é incomparavel a delicadeza do seu pincel.

Antes deste insigne poeta o genero lyrico Horaciano, no qual a mais elevada philosophia allia-se muitas veves á mais graciosa amenidade de estylo, era, para bem dizer, absolutamente desconhecido em Portugal, cujos poetas parecião nunca haver sentido as bellezas do Venusino. Camões tem algumas odes que se podem reputar bellas, mas são antes escriptas no gosto

de Pindaro e Anacreonte, que no de Horacio; as de Ferreira que mais imitou á Horacio nas epistolas, que nas odes, são evidentemente inferiores ás do immortal cantor dos Luziadas; as dos outros poetas portuguezes da mesma época são poesias tão desenxabidas, e sem arte, que nem se quer merecem ser citadas. Garção foi incontestavelmente o primeiro que escrevêo em Portugal odes á maneira de Horacio, e com tanta perfeição o fez, que corre parelhas em primor e delicadeza com o seu modelo, ao qual se não igualou no grande numero de composições, e na variedade de assumptos, porque a barbara mão da tyrannia lhe abreviou os dias da existencia, chega não raro a exceder em correcção, ou esmero de execução. A este engenho, pois, tão favorecido da natureza, estava reservada a gloria de ser o introductor do genero Horaciano na poesia portugueza, assim como o fôra da cantata, genero moderno lyrico-tragico.

Garção não só foi o introductor do bello genero lyrico creado por Horacio entre os antigos, mas até assimilou o respectivo metro ao do poeta latino, seja creando, ou aperfeiçoando a ode saphica, seja brindando-nos com a alcaica, que não tenho idéa de haver lido em outro poeta antes d'elle, como se vê nos dois seguintes exemplos de um e outro metro:

«Vê, Silvio, como sacudindo o inverno
As negras azas, solta a grossa chuva!
Cobre os outeiros das erguidas serras
Humida nevoa.»

«Das mãos cobardes o metal fulgido
Larga a cobiça: com grilhões asperos
Algemada a Soberba
Dobra o pescoço rispido.»

Dos poetas contemporaneos nenhum lhe pode ser equiparado em merito, porque Antonio Diniz da Cruz e Silva, com quanto seja grande lyrico, não só primou em generos diversos, o pindarico e o anacreontico, como tambem é mais monótono, e muito menos correcto, que elle. Dos posteriores, e ha entre elles poetas lyricos maiores, que Diniz, como Francisco Manoel do Nascimento no genero pindarico, e Antonio Pereira de Sousa Caldas no biblico, nenhum o excedêo, ou como quer o grande poeta Garrett, nenhum o igualou em perfeição, si bem mostrem mais fogo, fervão em mais enthusiasmo, e creem a caso mais.

É este em summa, segundo a opinião dos criticos, o verdadeiro typo do genero e gosto Horaciano na poesia portugueza, ou entre todos que a tal tem nella aspirado o seu mais genuino e legitimo representante. O immortal cantor de Venusa, cuja inimitavel graça e delicadeza tem sido o escólho, em que naufragárão tantos imitadores, revive naturalmente em Portuguez nos admiraveis versos de Garção, como o attesta cada pagina do seu livro aberto ao acaso. Horacio e Garção parecem dois poetas vasados do mesmo molde pela natureza, que depois de haver produzido engenhos tão raros, o quebrou, recusando-se a crear outros iguaes!

Das obras primas do felicissimo engenho portuguez, escolherei hoje para submetter á vossa illustrada consideração a sua ode—Á Virtude—, que tantos gabos tem com razão merecido aos entendedores, e é na realidade uma das mais bellas. Eil-a:

Ligado com asperrimas algemas
Ao rigido penedo;
Com um agudo cravo de diamante
O peito traspassado;
Convulso o rosto, e tinto em negro sangue,
Que brota da ferida;
Ás sonoras pancadas do martello,
Com que bate Vulcano,
Nas cavernas do Caucaso retumbão:
Porém constante, e forte
Não geme Prometheo; antes acusa
A Jupiter de ingrato:
Innocente se julga; á força impia
Não cede do Tyranno.
Assim, assim a misera pobreza,
A contraria fortuna
Deve immovel soffrer huma alma grande,
Oh Sousa esclarecido!
Varra o credor soberbo a pobre casa
C'o desabrido Alcaide;
Dorme no duro chão tão descançado,
Como no leito brando,
O intrepido Varão, que do destino
Prova os fataes revezes.

Co'a dourada Carroça o molle Eunucho
O pize, ou atropelle,
Não lhe inveja a riqueza. Que outro lavre
Nas ribeiras do Téjo
C'os malhados bezerros longa terra,
Não lhe acorda a cobiça.
Vente embora do Sul; cahindo açoite
Ao negro mar que brada,
O pluvial Arcturo; a vara créste
Do podado bacello
Espessa chuva de avida saraiva,
Nada lhe abala o peito.
Enroscada no braço macilento
A venenosa Serpe
Chegue ao seio cruel a triste Inveja;
E a perfida Mentira
C'os titubantes beiços o crimine,
Rirá no cadafalso.
Só dos delictos póde o vil remorso
Mudar-lhe a côr serena
Do tranquillo semblante: a mão potente
De quem o fez, só teme.
Os homens não receia, que a Virtude
O coração lhe anima,
E a consciencia sã, a fé intacta,
Os austeros costumes.
Não fantasticas honras isto ensinão.
Assim dourão a morte
Os Uticences, Regulos, os Marios,
Apezar do sepulcro.
Sobre as azas do Tempo assim passárão

As Lethargicas ondas
Do rio somnolento. Assim croado
De Gangeticas palmas,
O destemido Castro n'alta serra,
Que Templo foi de Cinthia,
Retirado vivia: a mão invicta,
Gloria, e terror da Asia,
Os silvestres arbustos cultivava,
Subjugando a vaidade.
Passe á Gineta o timido guerreiro,
Que com as armas limpas
Da batalha fugio espavorido;
Porque do sangue antigo
A arvore apresenta: ainda que honrado,
O desvalido mostre
As rôxas cicatrizes das feridas,
Que soffreo pela Patria,
Dizia o grande Castro. O Lisongeiro
Estudando o segredo
De agradecer despresos, não se affaste
Da sala do Ministro.
Alli dourando o Sol os altos montes
Na madrugada veja;
Alli o deixe a Lua, que vermelha
No horisonte mettida,
Estende os froxos raios pelas ondas;
Se com pública fraude
Ao miseravel Orfão a capella
Subnegar-lhe pretende.
Aspire á Béca o julgador iniquo,
Q'aos olhos da Justiça

Roubou a santa venda, que equilibra
Nas vendidas balanças
Os dourados delictos. Soffra, e busque
A vergonhosa Scena
Da subita catastrofe o Privado,
Que o rosto não conhece
Da clara Fama, da immortal Memoria,
Da Honra, e da Virtude.
Mas qual Marpezia rocha, um peito forte
Não roga, não se abate.

Vêde, si ha nada mais sublime que o começo desta bellissima ode, que pertence ao genero philosophico e moral o mais elevado: «Ligado com asperrimas algemas Ao rigido penedo; Com um agudo cravo de diamante O peito traspassado: Convulso o rosto, e tinto em negro sangue, Que brota da ferida; As sonoras pancadas do martello, Com que bate Vulcano, Nas cavernas do Caucaso retumbão: Porem constante e forte Não geme Promethêo; antes accusa A Jupiter de ingrato: Innocente se julga; á força impia Não cede do tyranno.»

Neste soberbo quadro, que serve como de introducção a todos os mais de que se compõe uma tão magnifica peça lyrica, os epithetos, *asperrimas*, *rigido*, *agudo*, *convulso*, *negro*, *sonoras*, *impia*, formão todos imagens, que dão relêvo á pintura, apresentando-a com suas verdadeiras côres. O admiravel verso, «Nas cavernas do Caucaso retumbão», todo cheio de consoantes asperas combinadas com vogaes ou mudas ou nasaes, é da mais bella poesia imitativa, e faz recordar o verso

de Virgilio, «Insonuere cavae gemitumque dedere cavernae,» ou o de Tasso, «Treman l'spaciose atre caverne.» A especie de interrupção que se nota na pintura do supplicio de Promethêo com est'outra incidente: «As sonoras pancadas do martello Com que bate Vulcano Nas cavernas do Caucaso retumbão,» ou a falta apparente de ligação das phrases, é a imagem da bella desordem, que deve reinar na ode, onde as idéas parecem ás vezes atropellar-se, sem que em realidade o fação. Do contraste que resulta do rigor da injusta pena, com a nobre constancia de Promethêo em supportal-a sem soltar um gemido, ou da opposição das idéas, tormento phisico, e fortaleza moral que o supera, nasce o sublime, que domina em todo o quadro, dando-lhe elevação e magestade summa.

Não é de certo menos bella a serie de quadros, que começa pela transição, «Assim, assim a misera pobreza, a contraria fortuna Deve immovel soffrer uma alma grande;» quadros em que o poeta desenvolve a mais sã e elevada philosophia moral, firmada com exemplos de tudo quanto ha de mais nobre e sublime no destino do homem sobre a terra. Não podendo porem analysar um por um todos esses quadros, porque seria reproduzir a ode inteira, abusando de vossa complacencia em ouvir-me, limitar-me-hei a apreciar os que constão de exemplos historicos, como: «Assim dourão a morte Os Uticenses, Regulos, os Marios, Apesar do sepulchro. Sobre as azas do Tempo assim passárão As lethargicas ondas Do rio somnolento. Assim

croado De gangeticas palmas, O destemido Castro n'alta serra, Que templo foi de Cinthia, Retirado vivia: a a mão invicta, gloria, e terror da Asia, Os silvestres arbustos cultivava, subjugando a vaidade.»

Neste novo e fallante quadro, todo cheio de grandes exemplos historicos, os nomes dos tres heroes romanos, cujas acções memoraveis se resumem todas no desprezo da morte, assim como o do heroe portuguez, cujas acções memoraveis se resumem, não só do desprezo da morte, mas no das riquezas, contribuem poderosamente para sustentar o elevado do pensamento, e por conseguinte o sublime que tambem nelle domina, ou para melhor dizer em toda ode. As expressivas metaphoras, «Assim dourão a morte»,» «Sobre as azas do Tempo assim passárão,» «As lethargicas ondas do rio somnolento,» «Assim croado de Gangeticas palmas;» e a bella synedoche, «A mão invicta, gloria e terror da Asia,» concorrem para dar relêvo ao estylo, que abrilhantão, bem como as imagens formadas pelos epithetos, *lethargicas*, *somnolento*, *gangeticas*, *destemido*, *invicta*, para dal-o á pintura, que aviventão. Tudo neste primoroso quadro, até a poesia onomatopica do verso,» Os silvestres arbustos cultivava, se acha magistralmente combinado para produzir effeito poetico.

Depois deste, apresentar-vos-hei o seguinte que fecha a ode:.....«O lisongeiro Estudando o segredo De agradecer desprezos, não se afaste Da sala do ministro. Alli dourando o Sol os altos montes Na madruga-

da veja: Alli o deixe a Lua, que vermelha, No horisonte mettida, Estende os froxos raios pelas ondas; Si com publica fraude Ao miseravel orphão a capella Subnegar-lhe pretende. Aspire á Béca o julgador iniquo, Q'aos olhos da Justiça Roubou a santa venda, que equilibra Nas vendidas balanças Os dourados delictos. Soffra, e busque A vergonhosa scena Da subita catastrophe o privado, Que o rosto não conhece Da clara Fama, da immortal Memoria, Da Honra e da Virtude. Mas qual Marpezia rocha, um peito forte Não roga não se abate.»

Neste multiplice e primoroso quadro são mui bellas, e cheias de verdade, as descripções do lisongeiro abjecto, do juiz venal, do privado decahido, e é magnifica pintura da lua, que, mettida no horisonte, estende os frôxos raios pelas ondas. As metaphoras, «Alli o Sol dourando os altos montes,» e «Os dourados delictos,» e a synedoche, «Mas..... um peito forte,» realção nobremente o estylo. Os epithetos, *vermelha*, *santa*, *vergonhosa*, *subita*, *clara*, *immortal*, *marpezia*, todos contribuem para a viveza da pintura, formando imagens. A Justiça, a Fama, a Memoria, a Honra, e a Virtude, personalisadas, não concorrem menos para o poetico effeito do quadro, a que põe remate a bella comparação do varão forte com a rocha marpezia. Tudo alli é nobre e selecto.

Esta magnifica ode, em que o poeta se eleva mais de uma vez ao verdadeiro sublime, é uma obra prima do genero lyrico, na qual a belleza da expressão se

allia perfeitamente á nobreza do pensamento. Não me recordo de haver lido nos poetas antigos e modernos outra alguma, que lhe seja superior em sublimidade de conceito e em colorido de estylo, tão bem sustentados desde principio a fim.

Garção era um verdadeiro genio: e não admira que um poeta que pensava por esta forma, desagradasse ao omnipotente ministro de D. José I, que o fez perecer miseravelmente n'uma masmorra. Mal sabia o infeliz, quando escrevia esta ode, que na pintura do varão justo acurvado ao pezo do infortunio traçava d'antemão o seu proprio destino! Assim, fosse qual fosse o tempo em que a escrevêo, esta belissima poesia, attenta a sua fatal coincidencia com a triste sorte do autor, equivale para o mesmo aos nossos olhos ao derradeiro e mais harmonioso canto do Cysne, presago de seu proximo fim.

Tendo analysado este mallogrado engenho como poeta lyrico em suas melhores producções, passarei em outro discurso a aprecial-o como poeta didatico no pouco que nos deixou.

LICÇÃO LIII.

Horacio, senhores, é o poeta da antiguidade, de melhor gosto, de mais bom senso, e instrucção mais solida. Na poesia lyrica nenhum soube como elle alliar a philosophia á amenidade e delicadas graças do estylo: na didatica, a mesma philosophia á mais sã e illustrada critica. As suas inimitaveis odes forão sempre as delicias de todos os homens de lettras; a sua arte poetica é ainda depois de dous mil annos o melhor codigo do bom gosto.

Já vimos como Garção, que o imitou na poesia lyrica, corre parelhas em merito com o seu modelo, si é que o não excede em perfeição; veremos agora como elle o imitou tambem na didatica com não menos felicidade, si bem sejão mui poucas as suas epistolas e satyras impressas.

Dos poetas portuguezes anteriores, Ferreira foi quem imitou á Horacio no genero didatico, porem mais na

substancia e modos geraes, que na virtude especial: pois ficou muito longe da facilidade, graças naturaes e artificiosa negligencia do estylo epistolar do seu modelo. As cartas de Sá de Miranda, mestre de Ferreira, essas com quanto tenhão merito, em nada se parecem com as epistolas de Horacio, das quaes achão-se a muito maior distancia, que as do discipulo.

Assim foi ainda Garção o poeta portuguez que melhor imitou o estylo do Venusino na poesia didatica, ou antes que reproduzio com mais verdade o seu modelo ainda neste genero, tractado por outros, no qual nada deixa a desejar, a não ser maior numero de composições analogas, o que poderia verificar-se pela impressão de suas poesias ineditas, si os portuguezes prezassem mais a sua gloria litteraria. O começo da epistola inedita citado pelo Sr. Innocencio F. da Silva no seu Diccionario Biographico, é bello, e promette muito.

«Si em teus hombros constantes firmemente,
O solio Portuguez feliz descança;
Si a forte mão nos olhos da Justiça
Ata a rasgada venda; si repartes
Co'as illustres acções o justo premio,
Co'os vicios detestaveis o castigo &.»

Este foi em mais de um genero o verdadeiro restaurador da poesia portugueza, prevertida pelo máo gosto dos servis imitadores de Gongora e Marini, e o

poeta que depois de Camões melhor conhecêo todos os segredos da bôa elocução. Francisco Manoel do Nascimento na sua epistola sobre a lingua portugueza, ou Arte Poetica, põe-lhe com muita propriedade os seguintes versos na bocca:—

«Callai-vos tolos (o Garção responde)
A elocução é tudo. Uma sentença
Que tosca refugais por desagrado,
Si com phrase concisa ornada e culta
Vem ferir n'alma, o ouvido amaciando,
Abalados ficais, ficais absortos,
Namorados da sua formosura.

. . . . . .

Dar com vozes valor ao pensamento,
Dar-lhe côr, dar vida, é o grande estudo
A gran venida de immortaes autores.»

E em verdade si alguem tinha autoridade para legislar no Parnaso Portuguez era este eximio poeta de gosto tão depurado, e tão primoroso e perfeito em todas as suas composições, como os que o forem mais. A Arcadia que fundou outr'ora dá testemunho do seu bem merecido credito entre os contemporaneos, que o tinhão com razão por modelo em poesia, assim como os seus admiraveis versos, apreciados por todos os homens de gosto, lhe assegurão um nome immortal na posteridade entre os mais distinctos poetas.

Não me proponho apreciar os seus dramas, que são de enrêdo simples e se aproximão da farça decente,

porque os reputo meros ensaios na arte dramatica para estirpar o máo gosto do Theatro Portuguez, ou composições subsidiarias, que entravão no seu plano geral de estabelecer em Portugal a escola classica, fundada pelos bons poetas do seculo XVI e abandonada pelos corruptores do gosto do seculo XVII. As suas poesias didaticas, que são as que teem mais merito, depois das lyricas, aos olhos dos entendedores, constituirão hoje o objecto de minha analyse, que deve versar sempre sobre o melhor de cada autor. Destas, que não passão de uma meia duzia, preferirei as satyras ás epistolas, por serem composições de mais vulto, e referirem-se a alguns costumes do tempo, posto versem sobre assumptos litterarios. Eis a satyra primeira, que submetto á vossa illustrada consideração, como a melhor das duas que compoz o poeta.—

Coridon, Coridon, que negro fado,
Que frenesi te obriga a ser Poeta!
Que esperas de teus versos? Ainda esperas
Pelos antigos seculos dourados,
Quando achavão Mecenas bons Engenhos?
Não sabes que das Musas Portuguezas
Foi sempre um Hospital o Capitolio?
Viste já, que seis Urcos arrastassem
Em douradas Berlindas um Poeta?
Não escreve Luziadas quem janta
Em toalhas de Flandres; quem estuda
Em Camarins forrados de Damasco.
Quanto mais que esses versos que assoalhas,

São trovas, de que os doudos escarnecem,
Sem que lhes valha o titulo estrondoso
Com que talvez pertendes baptisal-os:
Odes lhes chamas tu; elles murmurão
Não sei de que palavras: outro dia
Me disse Fabio o douto, o longo Fabio,
Que destes bolos o chavão não tinhas;
Que no *Alcaide* fallaste, e nos *Bugios*,
Nos descalços *Trombêtas*, termos chulos,
E vedados a mélicos cantores.
Pois hum Matuzio, o fallador Matuzio,
Que inda mais livros lêo de quantos teve
Ptolomeo, e conserva o Vaticano,
Nesta mesma bigorna lá de longe
Co' a pezada cabeça te martella:
Que furia te tentou com tal *Alcaide*?
Antes Tribuno, ou já Lictor dissesses,
E se sabes Francez *Sergent*, seria
Enfeitar o teu cepo mais á moda:
Mas tu não fallas? Callas-te; que dizes?
Que hei de dizer, Calfurnio? Que já cedo
Como Horacio aos prestigios de Canidia,
Que as mãos te dou a ti, e aos bons Letrados
Licurgos, e Ulpianos de palavras,
Com que me allegas, com que me intimidas.
Que alegre borrarei o nome de Ode,
Dos versos meus, que por desastre virão:
Feliz eu, se consigo com dous rasgos
Da penna, que maneio tão ligeira,
Escapar aos Malsins que me pesquisão.
E não fôra melhor que te deixasses

De huma Arte desgraçada, que os prudentes
Já calvos Salomões, Padres Conscriptos,
Aborrecem, desprezão, e condemnão?
Almotacel que queiras ser de hum Bairro,
Excluido serás sendo Poeta.
Antes de ti se diga, que perdeste
O dote da mulher, o pão dos filhos,
Porque Gelonio teve quatro d'honras.
Antes de ti se diga, que roubaste
Ao pobre caminhante dez cruzados;
Que violaste as Vestaes; que em vão juraste;
Que és Bruxo, Delator, q'és hum falsario:
Tudo o tempo consome, tudo esquece,
Tudo dourão riquezas; mas Poeta!
É furia sem remedio, é cão damnado.
Todos o apupão, todos o apedrejão.
Tu andas pelas ruas mui contente
Com teus grandes canhões empertigado,
Inda que baixo, e fusco, vás cuidando
Que reparão em ti, que todos dizem,
Com o dedo mostrando a má figura:
Eis o grande Poeta, que nos trouxe
A galante invenção de versos soltos.
O contagio das Odes, que atrevido
Quer extirpar a seita dos Sonetos.
Mas quanto Coridon, quanto te enganas!
É certo que te apontão; mas bradando:
«Lá vai o novo Horacio autor da Ode»
Varra o crédor soberbo a pobre casa
C'o desabrido Alcaide, circumspectos
Embicando no *varra*, e mais no *Alcaide*

Põem as mãos na cabeça. Clamão que Odes
Nunca virão em termos tão rasteiros;
Pensamentos que fôrão condemnados
Nos rusticos escolios de Lucilio.
Basta, Calfurnio meu, ante os Juizes,
Que tão boa sentença proferirão
Quizera retractar-me, e te prometto
De abjurar o estylo que seguia.
Buscarei novas phrases, novos termos,
A lingua fallarei de Palaimbos:
A's minhas trovas, meus humildes versos,
Eu te juro, que nunca mais lhes falte
O sonoro zão zão, dos consoantes,
Magestosas idéas Sybillinas,
E outros taes atavios, com que arreião
Suas composições esses bons mestres.
Mas tu que tens a dita de pizares
O Portico sagrado de outra Athenas,
Que és estudante, e foste preservado
Do culpa original da pobre Arcadia,
Descendente do Adão do grande monte,
Que larga as cans de prata no Mondego;
Por Ancião famoso, e conhecido,
Vai, e por mim o Oraculo consulta,
Pergunta se tambem o Venuzino
Clara Estrella polar, o velho Horacio
Errou na opinião desses Cujacios,
Quando chamou sem pejo dentro em Roma
Ante a face de Augusto, em suas Odes
Garridos Espadões, a mil Eunúchos.
Ao bom Afio chamou vil usurario;

A Mevio fedorento; Mastim a outro,
Bruxa a Canidia; se varou em terra
Seu baixel alteroso, quando disse
De um máo liberto, prodigo, e soberbo,
Que fôra do Verdugo c'o azurrague
Nas costas fustigado até incharem
Ao gritador Porteiro as cordoveias
Do vermelho pescoço que suava.
Não te fallo na velha deshonesta,
Que os falsos arrebiques lhe cahião
Pelo verde semblante descorado,
Como o vermelho barro no alto monte
Em laivos se derrama, quando a chuva
Principia a correr em enchorrada.
Repara, Coridon, que nessas Odes
As palavras que allegas são Latinas;
Lógo pode em Latim dizer-se *Preco*,
Porteiro em Portuguez é condemnado.
Ora, Calfurnio, vai-te; em paz me deixa,
Que nem me lembro já de taes Doutores:
Qual o grande rafeiro, que seguindo
O dono vai, sem reparar nos fracos,
Insolentes cachorros da Cidade,
Que ora lhe ládrão, ora lh'os assulão,
Mal lhe volta o focinho arreganhado,
E o lizo agudo dente que branqueja;
Qual a fouce da Morte os intimida.
Justo porêm será que tu lhes digas,
Que varra cada qual sua testada,
Que assás borbulhas tem para coçar-se.
Que seus veraos não leio, que não leião

Elles os versos meus, Odes, ou trovas;
Não lhes quebro os ouvidos, não os canço
Co'a importuna licção dos meus Poemas:
N'Arcadia os leio; alguns de seus Pastores,
A quem verde Hera cinge, e adorna a fronte,
Pejo não tem de lel-os e approval-os,
Que se guardem de mim, porque se peço
Ao campeão de Apulia a longa espada,
Com que fendia as costas dos Romanos,
Nem a maldita fama bolorenta
De seus célebres Nomes esquecidos,
Illêsa deixarei: serão cantados,
E fabula do povo em toda a idade.

Nesta excellente satyra, em que o poeta com a mais pungente e asisada critica fustiga alguns tarelos ignorantes que lhe censuravão certas expressões por menos poeticas, notai logo os bellos versos por onde a começa, e lhe servem de exordio: «Coridon, Coridon, que negro fado, Que frenesi te obriga a ser poeta! Que esperas de teus versos? ainda esperas Pelos antigos seculos dourados, Quando achavão Mecenas bons engenhos? Não sabes que das Musas Portuguezas Foi sempre um hospital o capitolio? Viste já, que seis urcos arrastassem Em douradas herlindas um poeta? Não escreve Luziadas quem janta Em toalhas de Flandres: quem estuda Em camarins forrados de Damasco.»

Vêde que naturalidade no estylo, que é admiravel á força de ser fluente! E como esses versos tão harmo-

niosos são feitos com tal artificio, que parecem aproximar-se da conversação familiar, de que estão longe! E' este o verdadeiro tom das satyras do poeta de Venusa, cuja principal arte consistia em encobrir a propria arte. Admirai a bella interrogação ironica, que contem uma allusão á lastimosa sorte de Camões: «Não sabes que das Musas Portuguezas Foi sempre um hospital o Capitolio?» e a resposta não menos bella e ironica: «Não escreve Luziadas quem janta Em toalhas de Flandres; quem estuda Em camarins forrados de Damasco.» Que amargor de verdades,e ao mesmo tempo que censura á sociedade,não respirão todos esses versos, em que se pinta a triste condição do poeta, ou homem de lettras,naquelles tempos de quasi geral ignorancia, não digo já da classe media, mas da aristocracia de sangue, e dinheiro!

Si Camões, e o mesmo Garção que isto escrevia, viessem hoje ao Mundo em Portugal, ou no Brazil, não morreria o primeiro n'um hospital conforme a tradição mais constante, nem o segundo n'uma masmorra para satisfazer o capricho de um ministro, não só porque os conhecimentos se achão muito mais diffundidos nos dois paizes da lingua portugueza, e os bons poetas por conseguinte são muito mais bem apreciados hoje que então, mas porque impera em ambos, como na mór parte dos povos cultos, um regimen de liberdade. Que progressos não tem feito a civilisação em um seculo, ou pouco menos, a contar da data da morte do ultimo, ou de 1772 para cá!

Notai agora est'outra passagem assás curiosa pelo retrato, que nos dá o autor de si quanto ao phisico: «Tu andas pelas ruas mui contente Com teus grandes canhões empertigado, Inda que *baixo* e *fusco*, vás cuidando Que repárão em ti, que todos dizem, Com o dedo mostrando a *má* figura:—Eis o grande poeta que nos trouxe A galante invenção dos versos soltos, O contagio das Odes, que atrevido Quer extirpar a seita dos sonetos.»

Como tudo que respeita os homens célebres deve interessar-nos, ficamos sabendo por estes versos, que o illustre poeta Garção era um homem baixo, nimiamente trigueiro, de má figura, e que andava mui empertigado em sua casaca de grandes canhões como então se usava. Quanto aos seus serviços prestados á poesia, esses nos são já bem conhecidos. Notai entretanto que os epithetos, *grandes*, *empertigado*, *baixo*, *fusco*, *má*, formão todos imagens, que dão muito relêvo á pintura.

Para não cançar a vossa attenção, apresentar-vos-hei unicamente, depois dessas, a ultima passagem da satyra, que é mui bella e poetica: «Ora, Calfurnio, vai-te; em paz me deixa, Que nem me lembro já de taes doutores: Qual o grande rafeiro, que seguindo O dono vai, sem reparar nos fracos Insolentes cachorros da cidade Que ora lhe ladrão, ora lh'os assulão, Mal lhe volta o focinho arreganhado, E o lizo agudo dente que branqueja, Qual a fouce da morte os intimida. Justo porem será que tu lhes digas, Que varra cada qual sua

testada. Que assás borbulhas tem para coçar-se: Que seus versos não leio, que não leião Elles os versos meus, odes ou trovas; Não lhes quebro os ouvidos, não os canço Co'a importuna lição dos meus poemas..... Que se aguardem de mim, porque se peço Ao campião da Apulia a longa espada, Com que fendia as costas dos Romanos, Nem a maldita fama bolorenta De seus célebres nomes esquecidos, Illesa deixarei; serão cantados, E fabula do povo em toda a idade.» Nesta riquissima passagem, onde os epithetos formão imagens, que realção a pintura, vêde como é apropriada e bella a seguinte comparação: «Qual o grande rafeiro, que seguindo O dono vai, sem reparar nos fracos Insolentes cachorros da cidade, Que ora lhe ladrão, ora lh'os assulão, Mal lhe volta o focinho arreganhado, E o lizo agudo dente que branqueja, Qual a fouce da morte os intimida.» Tão perfeita é ella, quer no imitativo das pausas dos versos, e ajustado dos sons onomatopicos; quer nas imagens e no colorido, que si lhe tirardes a menor circumstancia dessas, e a substituirdes por outra anodaga, perderá logo todo o seu merito poetico, e não produzirá mais o mesmo bello effeito.

Nada porem é tão primoroso e soberbo como o final da satyra, que se resume na mais fulminante e ao mesmo tempo mais jocosa ameaça poetica: «Que se guardem de mim, porque se peço Ao campião de Apulia a longa espada, Com que as costas fendia dos Romanos, Nem a maldita fama bolorenta De seus célebres nomes esquecidos, Illesa deixarei; serão cantados, E

fabula do povo em toda idade.» Ahi a antonomasia, a metaphora e a ironia, reunem-se para dar o mais pittoresco e sarcastico relêvo ao estylo, cobrindo de indelevel ridiculo os tarelos, que mordião no poeta, e por elle qualificados de, «Insolentes cachorros da cidade.» Não era de certo possivel terminar melhor, nem mais poeticamente em semelhante assumpto.

Para manejar tão superiormente a arma do ridiculo, e de mais em estylo tão faceto e natural, era mister ser dotado da veia satyrica a mais rica; e Garção o era, não no gosto da satyra vehemente e desabrida de Juvenal, mas da satyra mordente e fina de Horacio, a quem tomou por modelo, e com quem tanto se assemelha no engenho, bom gosto e perfeição. Assim foi elle, como o seu modelo, não só grande poeta lyrico, mas grande poeta didatico, porque as suas epistolas não são inferiores em merito ás satyras.

O marquez de Pombal de certo previa nelle um formidavel censor, e porque o temia, o fez perecer barbaramente n'uma masmorra, privando a posteridade de novos productos de um tão bello engenho.

Tendo apreciado as melhores poesias de Pedro Antonio Corrêa Garção, passarei em outro discurso a analysar as de Antonio Diniz da Cruz e Silva, a quem cabe depois delle o primeiro logar entre os poetas lyricos do seculo XVIII.

SECÇÃO SEGUNDA.

Antonio Diniz da Cruz e Silva, poeta; o pouco que se sabe de sua vida; seu Hyssope, poema heroi-comico; suas poesias lyricas.

LICÇÃO LIV.

Vou, senhores, occupar-me hoje com o segundo poeta lyrico do seculo XVIII, e o primeiro poeta heroi-comico da lingua portugueza, Antonio Diniz da Cruz e Silva, que se dedicou tambem á outros generos de poesia, mas com menos felicidade; e florecêo nos reinados de D. José I e D. Maria I. Este distincto poeta em cujas diversas composições tem muito que aprender o philologo, foi grande sabedor da lingua, que manejou superiormente, mas muito menos correcto e perfeito, que Garção, cujo contemporaneo foi, e com quem fundou a Arcadia, que tanto concorrêo para a restauração do gosto, prevertido no seculo XVII pela eschola castelhana, que estendêo a sua influencia em Portugal até quasi meiado do XVIII. Teve na Arcadia o nome de Elpino Nonacriense.

Foi Diniz cavalleiro professo na ordem de S. Ben-

to de Aviz, e doutor na faculdade de Direito Civil pela universidade de Coimbra: occupou os logares de magistratura até chanceller da relação do Rio de Janeiro: e sendo por ultimo nomeado membro do conselho ultramarino, tomou posse do cargo, segundo consta, mas não chegou a exercêl-o, provavelmente porque foi empossado por procuração, achando-se no Brazil quando lhe veio a nomeação.

Nascêo em Lisbôa, na freguezia de Santa Catharina, a 4 de Julho de 1731, e fallecêo no Rio de Janeiro em 1799 ou principio de 1800, com 69 annos de idade pouco mais ou menos. Era 7 annos mais moço, que Garção, cuja amisade cultivou com esmero, e com cujo exemplo se aperfeiçoou na poesia e estudo dos grandes modelos da antiguidade classica.

Não nos chegou a noticia quem forão seus paes, mas é certo que lhe derão educação mui accurada e completa; o que se deprehende, não só da sua grande proficiencia na litteratura antiga e moderna, attestada pelas producções poeticas que deixou, cõmo tambem das virtudes civis e domesticas de que era ornado, no que concordão todos os escriptores contemporaneos e posteriores, que delle tratárão.

Os altos cargos que exercêo na magistratura, dão testemunho de sua sciencia em legislação, do bom conceito que gosou para com os soberanos, cujos reinados atravessou, e sobre tudo dos longos serviços que prestou em sua vida publica. Diniz, segundo o consenso unanime, foi magistrado tão instruido, como respeitavel por sua inteireza e costumes.

Vendo-me, por falta de noticias especiaes sobre a vida deste autor, adstricto á limitar-me a estas generalidades conhecidas, passarei immediatamente a apreciar o seu merito como poeta, que é de grande vulto na republica das lettras, attento o valor das poesias com que a enriquecêo, e em alguma das quaes, como o «Hyssope», ainda não foi excedido, nem se quer igualado.

Foi Diniz um grande poeta, tanto na invenção, como na distribuição e elocução, si bem por vezes desigual e incorrecto. O fogo da inspiração, os rasgos sublimes, as graças as mais ligeiras e fugitivas, a satyra a mais fina e engenhosa, uma imaginação verdadeiramente poetica, e a linguagem natural e figurada a mais rica, brilhão a cada passo em muitas de suas composições, apesar dos defeitos, que ficão encubertos por tantas qualidades bôas, que os sobrepujão.

Compoz um poema heroi-comico, intitulado o «*Hyssope*», ôdes pindaricas e anacreonticas, dithyrambos, sonetos, idyllios, methamorphoses, e uma comedia intitulada o «*Falso Heroismo*», ou percorrêo quasi toda a escala da poesia, si exceptuarmos o genero tragico, e o epico, não podendo ser considerado ensaio do primeiro a sua traducção da *Iphigenia em Tauride de Latouche*, por não ser obra original.

Primou certamente nas ôdes pindaricas e anacreonticas, mas a obra que lhe tecêo immarcessivel corôa de louros foi o *Hyssope*, o melhor poema heroi-comico em Portuguez, e pela ventura de quantos existem

na sua especialidade, superior em invenção e distribuição, reveladoras de imaginação poetica, ao proprio «*Lutrin*» de Boileau, que provavelmente lhe servio de modelo. As outras suas poesias, si exceptuarmos um ou outro soneto, e algum dos idyllios, são cousa de bem pouco valor, principalmente as metamorphoses que são de todas as mais defeituosas, e estão bem longe de assemelhar-se ás de Ovidio.

Eis sobre este autor o juizo de um grande critico e poeta:

«Não da mesma sorte Antonio Diniz (diz Garrett, comparando-o á Garção),que mais arrojado, mais pomposo, menos correcto e elegante, assim corrêo mais caudalosa, porém menos pura torrente. Em quanto lyrico, tem rasgos pindaricos verdadeiramente sublimes; mas o todo de suas odes é em demasia ornamentado; e ellas entre si peccão a miudo de monotonias e repetições. Talvez o jugo dos consoantes, que tão desnecessariamente se impoz, o acanhou á isso. Mas nas anacreonticas é elle sem disputa o primeiro poeta portuguez, e digno rival do ancião de Teios. No genero bucolico tambem nos deixou mui bonitas cousas, nenhuma perfeita. Porem a verdadeira corôa poetica de Diniz Thalia lh'a tecêo, que não outra musa. O *Hyssope* é o mais perfeito poema heroi-comico de seu genero que ainda se compoz em lingua nenhuma; si no castigado da dicção o excede o «*Lutrin*»; no desenho da obra, na regularidade do edificio, na imaginação, foi o discipulo de Boileau muito alem de seu grande

mestre; e com mais exacção se diria de um e outro o que de Camões e Tasso presumpçosamente disse Voltaire:—«Que se a imitação d'aquelle fizera este, a sua melhor obra era essa.»

As poesias de Diniz, á excepção de duas odes pindaricas, um dithyrambo, e um idyllio, forão publicadas depois da morte do autor, e com grandes intervallos, sendo a primeira edição do *Hyssope* feita em Pariz com a inscripção de «Londres» de 1802, e começando a das outras poesias comprehendidas em 6 tomos de 8º p. a fazer-se em Lisbôa em 1807, e terminando em 1817.

Acontecêo a este insigne poeta o mesmo que a todos aquelles, cujas obras são publicadas posthumas: e é que entre o melhor, e o digno de apreço, vem tambem algumas producções imperfeitas, a que o autor não tinha provavelmente posto a ultima lima. Dahi tantas incorrecções, accrescentadas ainda com os erros dos copistas e typographos.

A melhor edição do *Hyssope* é a que se fez em Pariz em 1821 na officina de P. N. Rougeron, dirigida pelo erudito philologo Timotheo Lecussan Verdier, de quem são os prologos, argumentos e notas, com que se acha enriquecida.

Grande foi a influencia que exercêo Diniz sobre a poesia contemporanea: pois si Garção cooperou poderosamente para a restauração das lettras pela feliz imitação dos classicos, e mais que tudo por sua inimitavel perfeição de estylo, não menos fez elle pela mais

fina e assisada critica, manejando superiormente no *Hyssope* a arma do ridiculo contra os servis imitadores de Gongora e Marini, que havião feito da linguagem das Musas um enigma incomprehensivel, alambicando o estylo com affectação intoleravel. Não concorrêo tambem pouco para isso o gosto das odes pindaricas e anacreonticas que introduzio na poesia portugueza com mais feliz successo, que nenhum dos poetas precedentes.

Tendo de apreciar as obras deste autor, começarei pela melhor de todas, o *Hyssope*, de que passarei a dar-vos agora uma idéa geral, reservando para outra licção a sua analyse por partes, porque a não ser minuciosa não será ella completa.

Eis-aqui em resumo o assumpto desenvolvido no argumento do poema, que traz a segunda edição de Pariz:—José Carlos de Lara, deão da igreja d'Elvas, querendo obsequiar o seu bispo D. Lourenço de Lancastre, vinha offerecer-lhe o hyssope á porta da casa do cabido todas as vezes que este prelado ia exercer as suas funcções na Sé. Esfriando depois a amisade entre o prelado e o deão, deixou este de apresentar-se a ministrar o hyssope áquelle. Sentio isto o bispo em extremo; e tomando-o como uma afronta á sua pessoa e dignidade, por meio de seus parciaes no cabido, fez com que este lavrasse um accordão, em virtude do qual era o deão, debaixo de certas mulctas, obrigado a continuar a offerecer-lhe o hyssope, ou a não privál-o da pretendida posse desta honra. Do terrivel

accordão appellou o deão para a metropole, onde teve sentença contra.—Esta é a acção.

Por morte de Lara, succedêo-lhe no deado um sobrinho que recusando, como o tio, sujeitar-se a tal encargo, foi pelo bispo reprehendido e ameaçado. Interpoz então o novo deão um recurso á corôa; e foi o bispo chamado a dar a razão do seu procedimento. Este porem possuido de um terror panico, tudo negou, e desfez quanto havia feito.

Este facto ulterior é que dá materia ao vaticinio de Abracadabro no ultimo canto do poema.

Eis agora a proposição e invocação do mesmo, que resumem poeticamente o assumpto:—

«Eu canto o Bispo, e a espantosa guerra,
Que o Hyssope excitou na Igreja d'Elvas
Musa, tu, que nas margens apraziveis,
Que o Sena borda de arvores viçosas,
Do famoso Boileau a fertil mente
Inflamaste benigna, Tu me inflamma;
Tu me lembra o motivo; Tu, as causas,
Porque a tanto furor, a tanta raiva
Chegárão o Prelado, e o seu Cabido.»

O plano deste poema, dividido em 8 cantos, é bem concebido e regular: as partes que compõe o todo, achão-se bem dispostas e ligadas entre si. A acção é uma, e a mais propria para dar materia a um poema deste genero: o interesse, sempre crescente: os caracteres, bem sustentados desde principio a fim. Os epi-

sodios sobre tudo são soberbos, e revelão muita imaginação, criterio e gosto poetico. Ninguem ha que deixe de admirar com Garrett o palacio do Genio das Bagatellas, a conversação do deão na cerca dos capuchos, a resurreição e o vaticinio do *gallo assado*, e a caverna do Abracadabro. A linguagem é rica, e toda de lei: o estylo, o mais proprio e accommodado a assumptos de semelhante natureza. A metrificação é corrente, sonora, o não poucas vezes imitativa: ha todavia a notar um ou outro descuido nesta parte, que ficão completamente escurecidos pelas bellezas de primeira ordem, disseminadas por um sem numero de passagens.

Tão engenhoso, rico e bem ordenado é este poema, tal a graça com que nos captiva, e o enlêvo com que nos prende, que todos o lemos e relemos sempre com interesse, e sempre de um só folego. É este o caracter de todas as obras primas; e de tão subidos quilates é esta, que ella só eleva á Diniz á cathegoria de um verdadeiro genio em poesia, porque em semelhante especialidade nenhum poeta lhe poz a barra adiante, nem fez tanto. Razão teve pois de dizer o immortal cantor do Camões e da D. Branca, que o *Hyssope* é o mais perfeito poema heroi-comico de seu genero que ainda se compoz em lingua nenhuma: isto, alludindo ao Orlando Furioso de Ariosto, poema heroi-comico de genero diverso, que é sem duvida uma obra prima, respeitada pelos seculos.

Este poema modelo, segundo o testemunho do douto Lecussan Verdier, constou a principio de menos

cantos, mas o autor o foi augmentando e corregindo progressivamente; e é fama que poucos annos antes de sua morte, ainda o polira e retocára.

É obra muito apreciada dos estrangeiros que sabem o Portuguez. Foi traduzida em Francez com o titulo *Le Goupillon*. A traducção é attribuida a M. Boisonnade.

Com quanto a leitura do «*Lutrin*», cujo assumpto e estylo são dos mais atractivos, despertasse em Diniz a idéa de pôr em verso um facto da mesma natureza, e igualmente ridiculo occorrido no seu tempo, não é menos certo que o poema portuguez leva vantagem ao francez na unidade da força comica, no engenhoso e poetico dos episodios, e sobre tudo no modo comico porque termina a acção. O sexto canto do «*Lutrin*» não condiz com o genio jovial que presidio aos cinco primeiros, que são admiraveis no heroi-comico, porque contem somente longas e serias conferencias entre a Piedade e a Justiça com um elogio ao presidente Lamoignon. O oitavo canto do *Hyssope* que é um dos mais poeticos, em nada desdiz dos sete primeiros tambem engenhosamente comicos, porque termina a acção pelo maravilhoso-comico do vaticinio de Abracadabro. Assim o desfecho que é inteiramente frio no primeiro, e como estranho á acção, não pode ser mais comico e apropriado no segundo.

Eis-aqui os ultimos versos do *Hyssope* com referencia áquella profecia que animou o deão aterrado com o primeiro vaticinio do gallo assado:

«Era já alto dia, e retumbava,
Em alegres repiques Elvas toda;
Quando o Deão acorda ao grande ruido,
E chamando os creados lhes pergunta,
Qual do grande zão-zão era o motivo.
Então o cuzinheiro, debulhado
Em lagrimas, lhe conta que a noticia
De ter vencido o bispo o grande pleito,
Que trazia com sua senhoria,
Tinha, ha pouco, chegado por um proprio:
Que em todas as igrejas não havia
Sino grande, matraca, ou campainha
Que, em signal de prazer se não tocasse.
Acabou o bom servo a triste harenga,
De seu peito exhalando um gran soluço:
Mas sua senhoria consolado
Da futura vingança com a imagem,
Sem alterar-se, ouvio a infeliz nova.»

Tendo-vos dado neste uma idéa geral do poema, passarei em outro discurso a analysar as suas bellezas, uma por uma, como requer obra tão primorosa e completa.

LICÇÃO LV.

A litteratura portugueza, uma das mais ricas dos tempos modernos, tinha, senhores, um poema épico de primeira ordem, os Luziadas de Camões, a producção do genio pela ventura mais primorosa do seculo XVI, anterior á Jerusalem Libertada, ao Paraizo Perdido, e unicamente posterior á Divina Comedia, que é dos fins da idade média; mas não possuia ainda um poema heroi-comico modelo, quando a litteratura italiana já contava o Orlando Furioso, a franceza o Lutrin; no seculo XVIII porem, ou dous seculos depois dos Luziadas, apparecêo o Hyssope de Antonio Diniz, que é superior a todos quantos poemas do mesmo genero se tem publicado em diversas linguas. Tão rara é sempre uma obra prima, quer seja no grandioso e sublime, quer no grutesco e ridiculo!

As feições caracteristicas de cada seculo influem poderosamente nas producções do genio, imprimindo-

lhes o seu cunho particular: pois assim como os descobrimentos e portentosos feitos dos Portuguezes nos mares e terras do Oriente, operados no seculo XVI, despertárão a mente de Camões, e o levárão a compôr os Luziadas, magnifica encyclopedia poetica de todas as glorias nacionaes, assim o beaterio comico, a vaidade futil, e os falsos brilhantes da litteratura, dominantes no seculo XVIII, despertárão a de Diniz, e o influirão a escrever o Hyssope, grutesca encyclopedia poetica de todo o ridiculo contemporaneo em Portugal. Ambas estas obras admiraveis em tudo, guardada a unica differença dos generos, são transumptos fieis dos seculos em que forão escriptas. A primeira resumio em estylo sublime todos os prodigios de patriotismo, ardor guerreiro e religioso do seu; a segunda, em estylo joco-serio todo o lado comico da beatice, falsa grandeza, e gosto corrompido do seu. Um poema heroi-comico não é em summa, senão um jocoso arremedo do poema heroico, ou uma epopéa burlesca, e como tal é o poema de Diniz uma obra prima na sua especialidade, assim como o de Camões o é na sua.

Tendo-vos dado no precedente discurso uma idéa geral do Hyssope, passarei hoje a aprecial-o por partes, ou nas suas passagens mais notaveis, segundo o plano que me tenho traçado neste curso.

Antes porem de o fazer, devo chamar a vossa attenção para o immenso serviço que o poeta prestou ás lettras patrias com uma obra deste genero em um se-

culo totalmente corrompido em tudo o que ha de mais nobre, como a verdadeira grandeza e gloria, a pureza e santidade de costumes, e o bom gosto em litteratura.

O marquez de Pombal, homem superior, e ministro omnipotente de D. José I, podia, como bem observa M. Ferdinand Denis, reformar as instituições por bôas leis, pôr um termo ás exageradas pretenções da nobreza, acabar com o excessivo poder do clero, melhorar a instrucção dada na universidade de Coimbra, e animar talvez o gosto das lettras pela esperança de recompensas; mas não podia formar um só poeta, porque o seu poder não chegava até lá. Um que appareceo de notoria celebridade acrescenta, referindo-se á Garção, o ministro protector das lettras o perseguio, admirado de que houvesse quem se atrevesse a contrarial-o em suas menores vontades, e lhe extinguio n'uma masmorra os vôos do genio.

A Arcadia de Lisbôa fundada em 1775 pelo proprio Diniz, Garção e outros poetas contemporaneos, devia certamente concorrer por suas apreciações criticas muito mais efficazmente, que o ministro, para a restauração do gosto em poesia, mas nunca como as mesmas obras dos bons poetas, que são um exemplo vivo.

Assim o serviço que Diniz prestou então á nossa litteratura, manejando superiormente uma arma a que ninguem resiste, qual a do ridiculo, contra os corruptores do gosto e da lingua, foi de um valor inextimavel, para debellar os medonhos monstros, ou do estylo alambicado, ou dos neologismos grosseiros que já co-

meçavão a invadir-nos. Não hesito pois em collocar a influencia do Hyssope para a restauração das lettras acima da da propria Arcadia, que aliás já estava dissolvida em 1776, porque mais vale para isso uma obra prima deste genero, que exforços de associações litterarias, quando não são permanentes. A Arte Poetica de Horacio, que é ainda hoje o melhor codigo de bom gosto, que possuimos, é obra de um só homem.

Feitas estas considerações previas, exigidas pela natureza da obra em relação ao tempo em que foi escripta, entrarei na minha analyse, começando pela descripção do paiz das Chimeras, bem como do palacio e côrte do Genio das Bagatellas, a qual vem logo depois da proposição e invocação do poema.

Eil-a:

Nos vastos *Intermundios* de *Epicuro*
O grão paiz se estende das Chiméras,
Que habita immenso Pôvo, differente
Nos costumes, no gésto, e na linguagem.
Aqui nascêo a *Môda*, e d'aqui manda
Aos vaidosos mortaes as várias fórmas
De séges, de vestidos, de toucados,
De jógos, de banquêtes, de palavras;
Unico emprêgo de cabeças ôccas.
Trezentas bellas, caprichosas Filhas,
Presumidas a cércão, e se occupão
Em buscar novas artes de adornar-se.
Aqui seu berço teve a espinhosa
Escholastica vãa *Philosophia*,

Que os Claustros innundou; e que abraçárão
Até a morte os perfidos *Solipsos*.
Daqui sahirão, a infestar os campos
Da bella Poesia, os *Anagrammas*,
Labyrinthos, *Acrósticos*, *Segures*,
E mil especies de medonhos Monstros,
A cuja vista as Musas espantadas,
Largando os instrumentos se escondêrão
Longo tempo nas grutas do Parnaso.
Aqui (cousa piedosa!) alçou a fronte
A insipida Burleta, que tyranna
Do theatro destérra indignamente
Melpomene e *Thalia*; e que recebe
Grandes palmadas da Nação castrada.
Do denso Pôvo, que o paiz povôa,
Uns com pródiga mão ricos thesouros,
A trôco d'uma Concha, ou Borboleta,
Ou d'uma estranha Flôr, que represente
As vivas côres do listrado *Iris*,
Dispendem satisfeitos: Outros passão,
Sem cessar, revolvendo noite e dia
Do antigo *Lácio* antigos manuscriptos,
Do roaz tempo meio-consumidos,
Para depois tecer grossos volumes
Do—H—sobre a pronuncia; ou si se déve
A Conjuncção unir ao Verbo, ou Nome,
Que marchão antes d'ella no discurso.
Alguns, (misera gente!) inutilmente
Compõem grandes *Iliadas*, e técem
Aos vaidósos Magnatas mil Sonettos,
Mil Pindaricas Odes, e Epigrammas,

A que apenas de olhar elles se dignão.
Estes, cujas cabeças desgraçadas
Não bastão a curar tres Anticyras,
Abrasados se crêem d'um santo fogo,
E ter commercio com os altos Deoses:
Senhores da aurea fama e seus thesouros,
Se inculcão aos Heróes, e em seus delirios,
Se julgão mais felizes e opulentos
Que o grande Imperador da Trapizonda;
Em quanto, na pobreza submergidos,
Cobertos de baldões, e de improperios
Dos Riccos ignorantes, e dos Grandes,
Com mófa e com desprezo, são olhados.

Deste pois populoso e vasto Imperio
Em paz empunha o sceptro poderoso
O Génio tutelar das Bagatéllas.
N'um magestoso Alcaçar, que se eléva,
Com estranha structura, até ás nuvens,
Assiste o grande Nume; e d'alli rége
A Lunática gente, a seu arbitrio.
De transparente talco fabricado
É o largo edificio, que sustentão
Cem delgadas columnas de missanga.
Nos quatro lados, em igual distancia,
Quatro torres de lata se levantão,
Do capricho óbra, em tudo, muito prima,
Onde a materia céde muito á Arte.

Aqui pois a Conselho chama o Génio
Do seu Imperio os principaes Dynastas.

N'um vistoso salão, todo coberto
De papel prateado, e lantejoilas,
Se ajunta a grande Côrte; e alli, por ordem,
Assentando se vai; aos pés do throno
De alambres e velórios embutido,
A *Lisonja* se vê, e a *Excellencia;*
Segue-se a *Senhoria*, e abaixo d'ella,
O *Dom* surrado, as grandes *Cortezias*,
O *Wisth*, o *Trinta e um*, os *Comprimentos*;
E lógo o *Vampirismo*, os *Sortilegios*,
Os *Sylphos*, *Salamandras*, *Nymphas*, *Gnomos*
E os outros Génios da subtil *Cabála*,
De mil vãas *Ceremonias* rodeada,
Os assentos reparte a *Precedencia*.

Composto o grão rumor, e socegado,
Assim do alto do throno o Genio falla:
«Illustres moradores d'este excelso
Magnifico Palacio, bem sabido
Já ha muito tereis o quanto déve
O meu augusto Génio, a nossa Côrte,
Ao grão Prelado, que as ovelhas pasce
Dos *Elvenses* redis: notório a todos
Sem duvida vos é, como pospondo
Das funcções mais piedosas o cuidado
Ás nóssas bagatellas, só se emprega
Em cousas vãas, ridiculas, e futeis.
A corrupta, mas Real Genealogia,
O roxo tercio-pêlo dos sapatos,
As pédras, que lhe esmaltão as fivéllas,
A preciosa Saphyra, a linda Caixa,

Onde, sobre *Amphitrite*, que tirada
De escamosos *Delphins*, n'uma aurea Concha,
Os verdes Campos de *Neptuno*, undoso,
Cercada de *Tritões*, núa passêa,
Do famoso *Martin* o verniz brilha,
Seu emprego só são, e seu estudo.
Emfim, entre os mortaes, não ha quem renda
Á minha Divindade maior culto.
Agradecido pois ao grande empenho,
Que mostra em nos honrar, tenho dispôsto
Dar á sua vaidade um novo pasto:
Que á uma escusa porta o *Deão* sáia,
C'o Hyssope, á espera-lo, determino.
Deste meu parecer quiz dar-vos parte,
Não só para escutar os vossos vótos,
Mas para que saibaes e fiqueis cértos,
Que a Côrte não fazeis a um Nume ingrato.»

Acabou de fallar; e confirmando
Todo o sabio Congresso o seu dictame,
Um susurro no Conclave se espalha,
Ao do *Zephyro* em tudo similhante,
Quando nas frescas tardes suspirando,
A bella *Flora* segue, que travêssa
Cá, e lá, entre as flôres, se lhe furta.

Mas a väa *Senhoria*, que se lembra,
Que em casa do *Deão*, sempre encontrára
A mais benigna, a mais cérta guarida,
Que seu nome na bocca do Lacaio,
Do Cuzinheiro, da Ama andava sempre,

A cabêça movendo descontente,
Tres vezes escarrou, e a voz alçando,
Desta sorte fallou ao grão Despóta:
«Soberano Monarcha, que Tu queiras
Premiar a quem te honra, empreza digna
É de teu coração: eu mesmo approvo,
E mil vezes dictára este consêlho:
Mas que, para o fazer, hoje pretendas
Que um *Deão*, de *crescente* e curta vista,
A dignidade abata, e a esperar sáia,
N'uma porta de escada, o seu Prelado;
Nem justo me parece, nem louvavel.
Se Tu queres honrar sua Excellencia,
Outras maneiras ha de conseguil-o:
Na mesma Igreja de *Elvas*, e Cabido,
Ha um *Bastos*, um *Sousa*, dous *Aporros*,
Que, juntos com os *Pittas*, podem todos
Inda a mesma *commùa* accompanhal-o,
Levantar-lhe a cortina do trazeiro,
Lavar-lhe o nédio c.,—e até beijar-lh'o.
Estes, e outros d'esta mesmo estofla,
De que o Bispado, quasi todo, abunda,
Ás costas vão buscar o gordo Bispo,
Que inda que um pouco péza, vem seguro,
Que são Cavallos méstres, e possantes »

Mas queria dizer o vão Dynasta,
Quando, do seu assento, esbravejando,
Se levanta impetuosa a *Excellencia*,
O furor que lhe inflama o grave aspecto
As palavras lhe córta; e principia

Cem vezes o discurso, e logo pára:
Até que nestas descompostas vozes
Finalmente atroou a grande sála:
Como! e é possivel que haja quem se atrêva,
Neste Congresso, a oppor-se cara á cara,
Aos obséquios, que Tu, oh Nume, ordenas,
A' uma Reverendissima Excellencia?
Um *Deão*, c'o seu *Bispo* comparado,
Um cominho não é? Se Tu, oh Nume,
O teu grande projecto não sustentas,
Eu só...» E nisto bate o pé na Casa.

Ao rijo som da bestial patada
Tremêo o regio sólio, e o pavimento.
Assentos, e Assistentes assustados
Cahirão pela-terra. Então o Genio
Alçando um pouco a vóz: «Basta (lhe disse)
Eu disputas não quero em meu Consêlho,
Minha resolução está tomada;
Eu a escrevi, eu mesmo, em meu canhênho;
E o que escrevo uma vêz, nunca mais borro.»

Aqui, c'o rosto um pouco carregado,
O Conclave despéde; e logo chama
A vistosa *Lisonja*, que n'um ponto
Cem cáras, cem vestidos, cem figuras,
Cem linguas toma, e muda brevemente
De palavras, e tom, segundo o gosto
Dos que o governo tem, e assim lhe falla:

«Magnata principal da minha Côrte,

Eu, para executar este projecto,
Entre todos te escolho; diligente
Parte a cumpril-o; pois de tuas artes,
E de ti só confio a grande empreza.»

Acaba; e mais veloz que a léve sétta
Parte do *Itureo* arco, ou na alta noite
Cahir se vê do Céo brilhante estrella,
Vôa o falso ministro, abrindo os ares.

Em toda a engenhosa e bella passagem que acabei de ler-vos, notai a fertilidade e viveza da imaginação do poeta nas creações burlescas, ou na descripção phantastica desse paiz e palacio imaginarios «Nos vastos Intermundios de Epicuro», a que nada falta no comico ridiculo; o seu criterio e bom gosto na designação das figuras, que formão a Côrte do Genio das Bagatellas, ou das entidades chimericas que personalisa com todos os caracteristicos da vaidade futil e foufice ventosa; a sua eloquencia, antes facundia, no apropriado dos discursos, que põe na bocca de cada uma de todas essas figuras ou deidades vãas.

Vêde como vem a proposito na descripção do paiz imaginario o seguinte trecho com que estigmatisa o máo gosto nas sciencias e artes:—

«Aqui seu berço teve a espinhosa
Escholastica vãa *Philosophia*,
Que os claustros innundou; e que abraçárão
Até a morte os perfidos *Solipsos*.

Daqui sahirão, a infestar os campos
Da bella poesia, os *Anagrammas*,
Labyrinthos, *Acrosticos*, *Segures*,
E mil especies de medonhos Monstros,
A' cuja vista as Musas espantadas,
Largando os instrumentos, se escondêrão
Longo tempo nas grutas do Parnaso.»

Por amor da brevidade só vos citarei desta admiravel passagem mais outro trecho, no qual se nota uma bellissima comparação:—

«Acabou de fallar; e confirmando
Todo o sabio Congresso o seu dictame,
Um susurro no Conclave se espalha,
Ao do *Zéphyro* em tudo semelhante,
Quando nas frescas tardes suspirando
A bella *Flora* segue, que travêssa
Cá, e lá, entre as flores, se lhe furta.»

Si no primeiro dos dois trechos citados sobresahe o engenhoso da critica, realçada pela propriedade dos termos e epithetos, bem como pela pintura final, «Á cuja vista as Musas espantadas, Largando os instrumentos, se escondêrão Longo tempo nas grutas do Parnaso;» no segundo não é menos para admirar o gracioso da comparação, e a bella poesia imitativa, contidos nestes dulcissimos versos, «Um susurro no conclave se espalha, Ao do *Zephyro* em tudo semelhante, Quando nas frescas tardes suspirando, A bella

Flora segue, que travessa Cá, e lá, entre as flores, se lhe futa.»

Por estes trechos que tomo quasi ao acaso, julgai da belleza dos mais em uma passagem tão rica pela creação e phantasia poetica, como pelas pinturas, propriedade de estylo, poesia imitativa e harmonia dos versos. Si a isto adicionardes o artificioso grutesto das Figuras symbolisadas, e o verosimil dos discursos por ellas proferidos, tereis um grande, bello e perfeitissimo quadro poetico, como poucos se encontrão.

Passemos agora do primeiro ao quinto canto, e notemos bellezas comicas de outra ordem na conversação do deão na cerca dos capuchos. Eil-a:

Sobre uma ágra montanha, que se estende
Em pequena distancia dos soberbos
Guerreiros muros da triumphante *Elvas*,
O célebre Convento se levanta.
Aqui, da mólle *Inercia* no regaço,
Das austéras fadigas descançando,
Da *Provincia*, se vê cem Padres Graves.
Ex-Guardiões, *Ex-Porteiros*, *Ex-Leitores*,
Ex-Provinciaes, e alguns destes famosos
Pelas artes subtis, pela ardileza,
Com que forçado tem o *Sp'rito Sancto*,
Nos rixósos *Capitulos*, mil vezes,
Os votos a seguir do seu partido.
D'estes tambem no meio, alli se encontrão
Do gordo badulaque *Ex-Cuzinheiros*,
Na famosa Cuzinha, entre as tisnadas

Certãas fuliginosas e marmitas,
Com grande gloria sua, *jubilados*.
Aqui, suando pois, como um Cavallo,
Chega o *Deão*, a tempo, que o *Porteiro*
A porta da Clausura prompto abria;
E vendo do *Deão* a gran fadiga,
Desta sorte lhe diz, sobresaltado:
«Que é isto, meu Senhor? Que estranho caso
Acontecêo á Vossa Senhoria,
Que por baixo de calma tão intensa,
A' nossa Casa o traz tão affrontado?
Matou acaso algum dos seus Collégas?
Roubou a Sacristia, ou, do *Diabo*
Tentado, violou alguma Virgem,
E asylo vem buscar na nossa Igreja?»

«Nenhum d'esses desastres, Deus louvado!
Me succedêo; (o *Lara* lhe replica)
Ao Padre Guardião sómente quero
N'um negocio fallar, si fôr possivel.»
«Inda bem: pois cuidei, que era outra cousa;
(Lhe torna o bom *Porteiro*) e de assustado
Fiquei sem sangue em quasi todo o corpo.
«O Padre Guardião antes das cinco,
Não costuma da sésta levantar-se;
Mas, por servir á Vossa Senhoria,
A despertal-o vou; no emtanto póde
Lá na Cêrca esperar, tomando o frêsco.»

Isto dizendo, ao Dormitorio sóbe;
E o *Deão*, caminhando para a Cêrca,

Com outro Reverendo acaso tópa,
De gran barriga, de cachaço gordo;
Que attento o comprimenta, e acompanha.

Quiz então a Fortuna, que este fosse
Um dos Padres mais graves da *Provincia*,
Ex-Guardião, *Ex-Reitor*, e *jubilado*,
De todos o mais douto, excepto o *Arronches*,
Prégador de gran fama na Cidade.
O bom *Lara*, que havia longo tempo,
Que nesta sancta Casa não entrava,
Aturdido ficou, quando a seus olhos,
Na Cêrca entrando, juntos se lhe off'recem.
As areadas ruas, as Estatuas,
Os Buxos, os Craveiros, as Laladas
De mil flôres cobértas, e que, em torno,
O virente jardim adereçavão;
E não bem quatro pássos tinha dado,
Quando, fitando curioso a lente
Ná statua, que primeira alli se encontra,
Pergunta ao *jubilado*: «Quem é este
«Monsieur Pariz? segundo diz a lettra,
Que por baixo, na base tem aberta;
«Sí se houver de julgar pela apparencia;
O nome, a catadura, o penteado,
Dizendo-nos estão que este bilhostre
Foi *Francez*, e talvez Cabelleireiro,
Inventor do topéte, que o enfeita »
«Páris, e não Pariz diz o letreiro;
(Circumspecto lhe volve o *Padre Mestre*)
Nem Francez, como crê, Cabelleireiro,

A personagem foi, que representa;
Mas em Troia nascêo de stirpe regia.»
«Pois, si *Francez* não foi (replica o Lara)
«Como Monsieur lhe chamão?» C'um sorriso
Lhe torna o *Padre-Mestre*: «Não se admire
«Que isto está succedendo a cada passo:
Ao pé de cada canto, hoje, sem pejo,
Se tratão de *Monsieurs* os *Portuguezes*.
Isto, Senhor, é móda; e como é moda,
A quizemos seguir; e sobre tudo
Mostrar ao mundo, que *Francez* sabemos:

«De tanto pêso pois (lhe volve o *Lara*)
E' *Padre Jubilado*, por ventura,
O saber o *Francez*, que disso alarde
Fazer quizéssem vossas Reverencias?
Por acaso, sem esse sacramento,
Não podião salvar-se, e serem sabios?
Pois aqui, em segredo, lhe descubro,
Que o *Francez*, para mim, o mesmo monta,
Que a lingua dos selvagens *Boticudos*.»

«Não diga, Senhor, tal, que neste tempo,
Oh Tempos, oh Costumes! (diz o Padre)
O saber o *Francez* é saber tudo.
E' pasmar! ver, Senhor, como um pascasio,
De *Francez* com dois dêdos se abalança,
Perante os homens doutos, e sizudos,
A fallar nas sciencias mais profundas,
Sem que lhe escape a Sancta *Theologia*,
Alta sciencia, aos Claustros reservada,

Que tanto fez suar ao grande *Scóto*,
Aos *Baconios*, aos *Lellios*, e a mim proprio.
Desta audacia, Senhor, deste descôco,
Que entre nós, sem limite, vai lavrando,
Quem mais sente as terriveis consequencias,
E' a nossa *Portugueza*, casta linguagem,
Que em tantas traducções anda envasada
(Traducções, que merecem ser queimadas!)
Em mil termos, e phrases Gallicanas!
Ah! se as marmoreas campas levantando,
Sahissem dos Sepulchros, onde jazem
Suas honradas cinzas, os Antigos
Lusitanos Varões, que com a penna,
Ou com a espada e lança, a Patria ornárão;
Os novos idiotismos escutando,
A mesclada dicção, bastardos termos,
Com que enfeitar intentão seus escriptos
Estes novos ridiculos Autores;
(Como si a bella, e fertil lingua nossa,
Primogenita filha da *Latina*,
Precisasse de extranhos atavios)
Subito, certamente, pensarião
Que nos sertões estavão de *Caconda*,
Quilimane, *Sofála*, ou *Moçambique*;
Até que já, por fim, desenganados
Que erão em *Portugal*, que os *Portuguezes*
Erão tambem, os que costumes, lingua,
Por tão extranhos modos, affrontárão,
Segunda vez de pejo morrerião.

. . . . . .

«Este (como dizia) foi *Troiano*,

E nos Campos que o *Phrygio Xantho* córta,
Guardando, em doce paz, o seu rebanho,
Eleito foi Juiz do grande pleito,
Que *Juno*, e *Pallas*, entre si, com *Venus*,
Sobre a belleza, um tempo, sustentárão;
No qual não sei porém, si com justiça,
Dêo a favor de *Venus* a sentença,
Entregando-lhe o rico pomo de ouro,
Que a *Discordia* lançára n'um banquete.
«Já nesse pleito ouvi, (se bem me lembro)
E no pomo fallar: (lhe volve o Lara)
Mas o tal *Monsieur Páris* foi um asno;
(Perdoe a sua ausencia). Si na causa,
De ser Juiz a sórte me coubéra;
Daria mal, ou bem minha sentença,
Conforme o meu bestunto me ajudasse,
Sem em nada gravar a consciencia:
Mas a maçãa havia de eu palpal-a,
Pelas custas, por certo, e quando muito,
Daria á Vencedora della as cascas.

Mas diga-me, meu *Padre-Jubilado*,
Se gado apascentou esse Marmanjo,
Como de Cortezão está vestido,
De cabello, de bolsa, e penteado?
«Essa é boa! (replica o Reverendo)
Pois parece-lhe, á Vossa Senhoria,
Que lhe bastára o sêcco tratamento
De Monsieur, que lhe démos, e um Cajado,
Um intonso cabello, uma samarra?

«Essa razão me quadra (diz o Lara)
E esta *Madama Helena* (continúa)
Que delle está defronte, por ventura
E' *Troiana* tambem, ou é *Franceza*,
Como do penteado mostra o gosto?»
«Não foi, Senhor, *Franceza*, nem *Troiana*;
(Responde o *Padre-Mestre*) d'alto sangue,
Em a *Grecia*, nascêo; e no seu throno
Esparta um tempo a vio; mas Sceptro, Spôso,
A Patria, a Fama, a Gloria d'alta stirpe,
Tudo deixou, por esse barbas-d'alhos?
Valente marafona foi por certo,
A tal *Madama Helena*! e quem foi esta?
Diz a lettra, *Madama Pena-Lopez*,
(Proseguia o *Deão*) talvez seria
Tão boa, como ess'outra?—Essa (responde
O doutor *Jubilado*) é d'outra láia.
A famosa *Penélope* foi esta,
Do conjugal amor, da fé jurada,
Do sagrado Hyminêo nas castas áras,
Um perfeito exemplar, grande Matrona,
Boa mãe de familia, e extremada,
Entre as mais do seu tempo, tecedeira:
N'uma têa gastou mais de dez annos...
Que me diz, *Padre-Mestre*? Está zombando!
(O *Deão* aturdido lhe replica)
Em urdir e tramar uma só têa
Dez annos consumia a tal *Madama*;
E diz-me que foi grande tecedeira?
A minha Ama... e mais é uma Zoupeira,
N'outro tanto não gasta nove mezes:

E com tudo, não passa, entre as peritas,
Por grande sabichona neste officio.»
—Nisso mesmo é que esteve a habilidade
(O Padre lhe tornou) pois que de noite
O que de dia obrava, desmanchava.
—Peior! (diz o *Deão*) Isso é o mesmo,
Que para traz andar, qual Caranguejo.
Jurarei em cem pares de *Evangelhos*
Que essa mulher perdido tinha o siso.
—Perdido o siso! Que galante cousa!
(O Padre lhe tornou) antes no mundo
Nunca mulher se vio tão atinada;
E digna de passar á Eternidade,
Sobre as azas da póstuma memoria.
Foi prudencia, Senhor, o que loucura
A sua phantazia lhe figura.
Pois se assim praticava, éra sómente
Por enganar (em quanto o charo Spôso
(Da prolongada ausencia não volvia)
Cansados rógos de importunos prócos.
Que aspiravão do seu consorcio á gloria.
Arachne, que *Minerva* vingativa
Em aranha tornou, por arrojar-se
A competir com ella; certamente
Lhe não levára no tecer a palma?

. . . . . .

Aqui chegava o Padre, em sua historia,
Quando o espérto *Deão*, á porta vendo
Da Cêrca, o *Guardião*, que a vêl-o vinha
Inda do somno os olhos esfregando,
O fio lhe cortou em altas vozes

Ao *Guardião*, gritando: «*Appéllo, Appéllo,*
«Perante vossa sabia Reverencia,
Varão constituido em Dignidade;
Da affronta, que me faz o meu Cabido,
Pretendendo com multas constranger-me
A vir apresentar ao gordo *Bispo*,
Á porta da latrina, o Santo *Hyssope*.
Péço tambem, com todo o acatamento,
Os *reverenciaes Apostolos*, mil vezes,
Com mais, e mais instancia, instantemente.»

Esta segunda passagem, Senhores, é verdadeiramente admiravel pela força e belleza do comico, que nella domina desde principio a fim, sem que descaia um só apice. As frequentes perguntas do deão em sua extrema simplicidade que o leva a querer saber a razão de tudo como as crianças, e as explicações doutoraes misturadas de jocoserio do P^e^ M^e^ jubilado, cuja sciencia se vê não poucas vezes em talas com as reflexões e replicas do inquiridor que não deixa de revelar bom senso em sua supina ignorancia, são uma fonte inexaurivel do mais engraçado, selecto e bem sustentado comico. Entre tantos logares admiraveis apontar-vos-hei como os mais bellos os que se referem a historia de Paris, á de Helena, e a de Penélope. Todo o resto porem é ainda eminentemente comico e jocoso.

Mas de toda essa engraçada passagem hei-de escolher para citar-vos justamente o logar o mais serio, ou o que se refere á lingua por ser o de mais subido interesse para as lettras.

«Não diga, Senhor, tal, que neste tempo,
Oh tempos, oh costumes! (diz o Padre)
O saber o *Francez* é saber tudo.
E' pasmar! ver, Senhor, como um *pascasio*,
De *Francez* com dous dédos se abalança,
Perante os homens doutos, e sizudos,
A fallar nas sciencias mais profundas,
Sem que lhe escape a santa *Theologia*,
Alta sciencia aos claustros reservada,
Que tanto fez suar ao grande *Scôto*,
Aos *Baconios*, aos *Lelios*, e a mim proprio.
Desta audacia, Senhor, deste descôco,
Que entre nós, sem limite, vai lavrando,
Quem mais sente as terriveis consequencias,
E' a nossa *Portuguez*, casta linguagem,
Que em tantas traducções anda envasada,
(Traducções que merecem ser queimadas!)
Em mil termos e phrases *Gallicanas!*
Ah! se as marmoreas campas levantando,
Sahissem dos sepulcros, onde jazem
Suas honradas cinzas, os antigos
Lusitanos varões, que com a penna,
Ou com a espada e lança, a patria ornárão;
Os novos idiotismos escutando,
A mesclada dicção, bastardos termos,
Com que enfeitar intentão seus escriptos
Estes novos, ridiculos autores;
(Como si a bella e fertil lingua nossa,
Primogenita filha da *Latina*,
Precisasse de estranhos atavios)
Subito, certamente, pensarião

Que nos sertões estavão de *Caconda*,
Quilimane, *Sofala*, ou *Moçambique*;
Até que já, por fim, desenganados
Que erão em *Portugal*, que os *Portuguezes*
Erão tambem, os que costumes, lingua,
Por tão estranhos modos affrontárão,
Segunda vez de pejo morrerião »

Tudo o que ha de bom senso critico se acha resumido neste breve discurso, que Diniz põe na bocca do Pe Me jubilado, e que Francisco Manoel do Nascimento transcreve na sua epistola sobre a lingua portugueza como um modelo de eloquencia didatica. Com que valentia de elocução e solidez de razão não confunde o poeta os tarélos ignorantes, que abastardão a lingua, insando-a de, «Mil termos, e phrases gallicanas!» Que poeticas imagens, que nobreza de expressões, que propriedade de estylo, que copia e pureza de linguagem que em nada desdiz da mais autorisada e classica! Como é admiravelmente poetico todo o trecho que começa, Ah! si as marmoreas campas levantando,» e termina pelo bellissimo verso, «Segunda vez de pejo morrerião!» Nunca os corruptores de nosso bello idioma forão cobertos de tão indelevel ridiculo, como nestes versos, «Subito, certamente, pensarião Que nos sertões estavão de *Caconda*, *Quilimane*, *Sofala*, ou *Moçambique!*» Nunca o louvor da lingua portugueza subio tão alto como nest'outros, «Como si a bella e fertil lingua nossa, Primogenita filha da *Latina*, Precisasse de estranhos atavios!» Este admiravel

discurso deve ser aprendido de memoria, e andar na bocca de todos, que présão o Portuguez, porque equivale elle só ás mais judiciosas dissertações que se possão fazer sobre a materia.

E' convicção nossa que ainda nenhum poeta portuguez possuio jamais uma veia comica e satyrica tão rica, como a que desenvolve Diniz no seu Hyssope, que é em tudo poetica, magistral e primorosamente concebido e executado.

Concluirei as minhas observações a este bellissimo episodio, fazendo-vos ainda notar de passagem o comico açodamento com que o deão, vendo chegar o guardião dos capuchos, que despertava da sésta, interrompe bruscamente o P^e M^e jubilado no melhor da conversa, e põe-se a gritar como um possesso: «Appello, Apello, Perante Vossa sabia Reverencia»... É ainda da parte do poeta um verdadeiro rasgo de grande mestre.

Não podendo ir por diante nesta analyse sem fatigar a vossa attenção, e sem cançar-me tambem, reservarei o mais para a seguinte prelecção.

LICÇÃO LVI.

Disse-vos, Senhores, no meu precedente discurso, que o Hyssope de Antonio Diniz era uma grutesca encyclopedia poetica de todo o ridiculo que se notava em Portugal no seculo XVIII, ou de toda a parte comica dos usos e costumes desse seculo. Pelo que já fica analysado, e pelo que vou ainda apreciar deste poema heroi-comico modelo, ides vós mesmos convencer-vos da veracidade desta minha asserção, filha aliás da comparação do poema com a historia d'aquella época, notavel pela corrupção moral e litteraria.

Já vistes como o poeta cobrio de ridiculo as falsas idéas sobre as sciencias, sobre a devoção, sobre a grandeza; o máo gosto em litteratura, os neologismos grosseiros introduzidos na lingua, as foufices, e modas risiveis: vereis hoje como não ridicularisa menos as estupidas sobrancerias dos grandes, o pedantismo da ignorancia pretenciosa, os costumes corrompidos, a

abjecção embrutecedora, as mil abusões e superstições do tempo. O seu poema, verdadeiramente admiravel no genero, é debaixo deste ponto de vista geral a satyra a mais fina e engenhosa de tres gerações de homens, que se forão progressivamente abastardando até tocarem as ultimas raias da degradação moral e intellectual.

E' pena, lastima com o *Archivo Pittoresco* o Sr. J. F. da Silva, que entre tantas edições do Hyssope não haja uma que ponha o leitor ao alcance das particularidades historicas do poema, e do caracter e circumstancias pessoaes de todos os individuos que nelle figurão, dando-lhe a explicação de todos e quaesquer factos a que allude o poeta. Um tal trabalho derramaria por certo muita luz sobre as allusões que este faz a alguns casos e usos do seu tempo, cujo á proposito, como dizem os Francezes, e exacto conhecimento, escapão hoje ao leitor mais perspicaz, e tornaria ainda mais divertida, instructiva e interessante a leitura de obra tão prima, e digna do apreço dos litteratos.

Apesar porém desta falta de esclarecimentos, é para nós o Hyssope, abstracção feita do comico e grutesco, um guia seguro para dar-nos a medida da sciencia, instituições, gosto, usos e costumes do seu seculo; e leva sobre a historia a grande vantagem, não só de descer a pormenores domesticos, de que esta se não faz cargo, mas de representar os objectos e individuos com côres mais fieis, e tornal-os, para assim dizer visiveis e palpaveis, depois de um tamanho lapso de tempo, co-

mo o que vai de então para cá; porque o autor é um grande poeta, e por conseguinte um grande pintor. Assim quem quizer ter perfeito conhecimento das cousas e dos homens do seculo XVIII em Portugal, leia com attenção o faceto poema de Diniz, que de tudo cabalmente nos instrue, provocando-nos o riso, e sem dar-nos o menor fastio.

A linguagem riquissima do poema em que já toquei de passagem, mas que merece menção mais especial, offerece tambem amplissima ceifa aos estudiosos de nosso idioma; pois como o poeta tratou de um assumpto eminentemente comico, e escrevia um poema novo no seu genero naquelle tempo em Portugal, abunda em copia de termos e expressões que se não deparão em outro poeta portuguez, nem ainda posterior, visto como a sua obra não foi ainda igualada por outra semelhante. Mas não só por este motivo, como tambem pela pureza e castidade dessa linguagem, que é toda classica, quer no emprego das palavras, quer no meneio da phrase, não obstante alguns termos novos que a liberdade e novidade do assumpto o levou a introduzir, deve ser este poema um objecto de constante estudo para os amantes das boas lettras. Não ha nisto que admirar, porque Diniz é talvez depois de Camões aquelle dos poetas portuguezes, que mais profundo se mostra no conhecimento do idioma, nem era possivel fazer uma obra tal como a sua sem saber manejar perfeitamente o Portuguez. Assim o merito da linguagem realça ainda o da obra, todo filho da imaginação do poeta.

Quer pois se considere o Hyssope pelo lado historico e philosophico, quer pelo classico e genuino, sem fallar nos rasgos de phantasia poetica, nas bellezas do estylo tão adubado de sal comico, e na harmonia da metrificação não poucas vezes onomatopica, será obra sempre de mui subido valor aos olhos do litterato.

Vou agora continuar a minha analyse do ponto, em que a deixei no canto V, começando por ler-vos as passagens da citação do gordo bispo pelo intrepido meirinho Gonçalves, do famoso vaticinio do gallo assado, e da prophecia do grande magico Abracadabro, que escolho entre outras para submetter á vossa consideração.

Eil-as:

Já, na rica liteira recostado,
Da Cidade sahia o gôrdo *Bispo*.
Dous lacaios membrudos, e possantes
Guiavão a compasso os grandes machos;
E dous do mesmo talhe, na dianteira,
A lenta e preguiçosa marcha abrião.
Nos altos Campanarios os Donatos,
E das Freiras as Moças, muito alegres
Davão, como costumão, aos badalos.
Quando o bom Escrivão, que prompto estava,
Qual sagaz Caçador, que alégre e féro,
A' porta d'uma mouta a rêz espera,
A' liteira se chega, e respeitoso,
Uma Carta ao Prelado logo entrega,
Na qual a *Appellação* descomedida
Em lettra garrafal ia traçada.

O innocente Pastor, que não suspeita
O veneno mortal, que em si levava,
Depois de lhe lançar a sancta benção,
Com risonho semblante, péga nella,
O sobrescripto rompe, e soletrando,
Entra a lêr com trabalho; mas, apenas
O sentido da astuta Carta entende,
Começou a tremêr; das mãos lhe cáhe
O atrevido papel. Não, si cem boccas,
Cem linguas eu tivesse, e a vóz de ferro,
Poderia contar qual foi a raiva
Do gôrdo *Bispo*. A *Ira*, a *Impaciencia*,
A *Soberba*, a *Vingança*, e outras *Furias*
O rodêão, o agitão, e transportão:
O rosto se lhe inflamma; os olhos, tinctos
D'um vivo e negro sangue, lhe chammejão;
Escuma, geme, e brama, range os dentes,
Tão cruel, tão spantoso, tão feróz
Não treme, não avança, não se rasga
O que mordido foi de Cão damnado,
Quando o triste veneno, que fervendo
Pelas veias lhe córre impetuoso,
Ao coração lhe chega, e lh'o devóra;
Como o grave Pastor! A vil *Preguiça*
Que a seu lado jazia recostada,
Ao vêl-o d'alli foge espavorida.
Em fim, em raiva ardendo, grita e clama
Aos Lacáios, que logo, sem piedade,
Aquelle infame ousado lh'o castiguem.
Então os insolentes vis Mochilas
Arrancão das espadas, que, em despreso

Das Leis e Magistrado, á cinta trazem,
E cheios de grande ira, quaes raivosos,
Arremessados Cães, que ardidos seguem
O féro Javali, que velóz foge
A emboscar-se na densa e vasta mouta,
Córrem, sem tino, apóz o bom *Gonsalves*,
Que em seguro já posto, ao pé da *Guarda*,
Os ólha com desprezo, e com insulto.
Não de outra sorte rubido Podengo,
Que seguindo fiel, e lisongeiro
O rustico Salôio, que á Cidade
Vem, de seus Campos a vender os fructos;
Si ao pé d'alguma esquina se demóra,
Preso da vista das formosas côres
Da galhofeira cidadãa Cadélla,
E sobre elle cahindo a roáz turba
Dos bairristas Cachorros, que a namorão;
Entre as pernas mettendo a longa cauda,
Córre, sem se deter, até que chega
Junto de seu Senhor, a cujas ábas
Seguro e confiado encrespa as ventas,
Contra elles se revira, então rosnando
Lhes mostra os brancos, navalhados dentes.

. . . . . .

Aqui chegava, quando os Convidados,
A quem de tantos doces a lembrança
Tinha feito crescêr agua na bôcca,
Da demora da Cêa impacientes,
E da fome voraz estimulados,
Em tropél se levantão, e lançando
Pela terra Cadeiras, e Instrumentos,

Corrêrão para a meza, onde scintilla
Nos dourados cristáes, nos finos pratos
A radiante luz de cem *bugias*.
O primeiro que occupa a Cabeceira
E' o tôlo *Aguilar*; sem cumprimento
Entra logo a cevar a féra gula,
Exemplo, que os mais seguem vorazmente.
Brilha nos copos o rosado summo,
Que destérra a cruel melancholia
De meza festival,—reina a Saúde!
Mas de todos tu foste, gran *Gonsalves*,
Quem as primicias cólhe; todos brindão
A teu gaande valôr, á tua astucia;
Emquanto tu, no cóllo recostado
Da prezada Consorte, entre os seus mimos,
Do *Bispo*, e do *Deão* te estavas rindo.
A alegria reinava em toda a meza;
Mil chistes, mil apódos, mil pilherias
Giravão sem cessar; sua Excellencia
De todos era o alvo; todos nelle
Malhavão satisfeitos e contentes;
Posto que era malhar em ferro frio.
Uns, a brilhante escôlha lhe louvavão
Dos Synodaes Theologos,—do *Arronches*,
Eximio Prégador, (que lêo inteiro
O Livro dos *Conceitos predicaveis*,
O *Zodiaco* sob'rano, e outros muitos,
Que na Schola *Capucha* estão em preço)
Do Guardião dos *Capuchos*,—do *Roquétte*,
Thomista petulante e confiado.
Outros a prepotencia celebravão,

Com que, de *motu-proprio*, um pobre leigo
Despejar, promptamente, fez das Casas,
Para nellas viver o seu barbeiro.
Este, a grande philaucia encarecia
Com que a *Portuense* mitra na cabèça,
E seu bágo reger já se suppunha,
Officios repartindo e Dignidades.
Aquelle, murmurava da arrogancia,
Com que Ministro eleito á grande *Roma*
A julgar se chegou; e rodeado
De Pages petulantes, e Lacaios,
Do Tibre assoberbar as verdes margens,
Em malhados frisões, imaginava.
E todos, sem respeito, blasphemavão
Da fatal ignorancia, ou liberdade,
Com que, apezar dos Canones sagrados,
Beneficios--Curados entregava
De avaros Regulares entre as garras.
Nem tu, gentil Roupão de fresca chita,
(Com que, á grande janella, empanturrado,
Da inutil ociosa Bibliotheca,
Nas noites de Verão, a calma passa)
A's suas tesouradas escapaste.

Entre tantos motejos, só, callado,
Chupando os dêdos e roendo os ossos,
Comia, e mais comia o *Dom Alarve*,
E algum caso fatal, de quando em quando,
Todo cheio de espanto, recontava
Do *Anno historico*, o grosso e torto Silva.
Quando subitamente (caso horrendo!

Que as carnes faz tremer, ao repetil-o!)
O vélho *Gallo*, que n'um prato estava,
Entre frangões e pombos, lardeado,
Em pé se levantou, e as núas azas
Tres vezes sacudindo, estas palavras,
Em voz articulou triste, mas clara:
«Em vão, cruel *Deão*, em vão celébras
Com nosso sangue o prospero successo,
Que a futura victoria te promette;
Que por fim cederás a teu contrario.»

Disse: e cahindo sobre o grande prato,
Sem mexer-se, ficou. Neste momento
Um gelado suor dos Circumstantes
Banha as pallidas faces; os cabellos
Nas frontes se lhe irrição; largo espaço
Immoveis ficão sem dizer palavra.
Mas o perdido spirito cobrando,
Se levantão tremendo, e pela terra
A recheada meza laqueárão:
Tres vezes se benzêrão co'a mão toda;
Tres vezes, mas em vão, esconjurárão
O fatal *Gallo* que jazia morto,
E, mil, a infausta Cêa dando ao Démo,
Se forão, sacudindo os calcanhares.

. . . . . .

Era alta noite e a terra esclarecia,
Com duvidosa luz, a branca Lua;
Quando o *Deão*, pela Ama conduzido,
A um monturo se foi, onde ambos juntos
Se despem promptamente, e untando o corpo,

Com sangue de Morcêgo e de Toupeira,
Sobre sordidas pennas se espojavão.
Então o corpo todo agita, e move
Com medonhos esgares, e rosnando
Em baixo som, por entre os podres dentes,
Certas palavras a espantosa Vélha,
Ao farfante *Deão* diz açodada:
—Voêmos—E n'um ponto (cousa rara!
E que igual nunca fez *Juan de las vinhas*)
Pelos ares voárão livremente,
Procurando do Archimago a morada
De *Alcaçova* o Prior, homem vexado
De nocturnas visões, que então a Casa,
Do *Nunes* Bacchanal em companhia,
C'um puxativo escalda, se tornava,
Vendo alçar-se da terra os negros vultos,
Arranca da brilhante *Durindana*,
E o capote traçando, velozmente,
Põem-se no récto, parte, atira um furo,
Faz pé atraz; mas tropeçando acaso
N'um podengo que, á força de pedradas,
Os travessos rapazes tinhão morto,
De cóstas se estendêo na dura terra,
Coberto de vergonha, stêrco, e lama.
Então mais furioso se levanta,
E c'um golpe mortal a partir torna.
O Pejo, e o Furor lhe dobra as forças,
Bérra, salta, esconjura, põe preceitos,
Sem descansar, talhando os subtis ventos;
Mas tudo em vão; que leves e seguros,
Nadando pelos ares, se sumírão

Os novos *Anthropógriphos* nas nuvens.
Tu só, nesta aventura, infeliz *Nunes*
Provaste a furia do pesado braço;
Pois, ao vibrar um talho o *Dom Quixote*,
C'o rabo te chegou da rija espada,
Pregando-te um gilvaz pelos focinhos,
Com que em duas te fez a aguda barba.
Nas entranhas d'um monte solitario,
Que entre as nuvens esconde a calva fronte,
Assiste *Abracadabro*, a quem patentes
Os profundos mysterios da Cabála,
E todas as leis são da *Onomania*.
Mil Globos, mil Compassos, mil Quadrantes
Confusos jazem no sombrio alvergue:
Alli *Betyles* ha, ha *Chelonites*,
Corações de Toupeiras, ha entranhas
De vãos Camelões, ha pedras *d'Ara*,
E mágicos espelhos; ha cabêças
De mortos animaes, *Lameiras* Virgens,
Hypomanes, *Mandrágoras*, e outras hervas,
A' luz colhidas da nascente Lua,
Nas campinas do *Ponto*, e da *Thessalia*.
Aqui *Ama*, *Deão* descem, a tempo
Que, á mal accesa luz d'uma lanterna,
Um *Talisman* o Mágico compunha.
Ao feio aspecto do fatal hospicio,
As carnes ao *Deão* se arripiárão.
Começa a vacillar; mas a malvada,
Vélha Bruxa o segura, alenta, anima.
Entrão pois onde o Sabio trabalhava,
E, prostrada por terra, a vil Carcassa,

Desta fórma o silencio interrompia.
«Famoso *Abracadabro*, a cuja illustre,
Alta sciencia os *Fados* concedêrão
Dominar Elementos, e Planetas,
Este, que vês (eu creio, o não ignoras)
E' o nobre *Deão* da Igreja *d'Elvas*:
Pelo arrogante *Bispo* perseguido,
Do teu grande podêr se chega ás abas:
Com o gôrdo Prelado, e seu Cabido,
Uma demanda traz; para vencêl-a
Tuas artes procura. Ah! si algum dia,
Com teu alto favor, benigno honraste
Esta Sérva fiel; por elle mesmo,
A teus pés humilhada, hoje te peço,
Que o queiras amparar; Elle o merece
Por triste e desvalido; e pelo grande
E profundo respeito, que tributa
A teu alto Saber, ás tuas barbas.»

Aqui o vélho Mágico lhe torna:
«Nada do que tu dizes me é occulto;
E por elle, e por ti, provar intento
Quanto minha arte póde.» Isto dizendo,
Todos tres se sahirão da caverna,
E á mal distincta luz da frouxa Lua,
Sobre a raza campina, *Abracadabro*,
Com uma curta vara, quatro linhas
De circulos pequenos logo traça:
A estas linhas junta tres fileiras
De outras, iguaes em tudo, quatro linhas;
E entre si alguns circulos unindo,

D'ellas varias figuras prompto fórma:
Umas se chamão *Mães*, as outras *Filhas*,
Testemunhas, e *Arbitros*: isto feito.
Diversas hervas queima, e murmurando
Tres vezes, ao redor, certas palavras,
Começou a tremer toda a montanha:
Cem espantosas féras, cem serpentes
Se ouvem bramir, silvar ao mesmo tempo.
Então na fronte do *Deão* pellado,
Os cabellos, que ainda lhe restavão,
Em espêtos se tornão, pelas vêas
Subitamente o sangue se lhe géla.
Mas quando vio sahir da rude furna,
Horrendamente uivando, um Cão medonho,
De negro spêsso, retorcido pêlo,
Que lança pelos olhos triste fogo,
E chegar-se do Mágico ás orelhas,
De todo perde a côr, o alento perde:
Tres vezes quiz fugir, e tres o medo
Os passos lhe embargou; immovel fica,
E semi-vivo respirar não póde.
Passado finalmente um breve espaço,
Com horrendo fragor, se abre a Terra,
E crepitantes chammas vomitando,
Em seu ardente seio o monstro esconde.
Então, deixando o Bruxo o féro encanto,
Para o *Deão* se volta, e nestes termos,
Com feia catadura lhe responde:
«Emfim não ha remedio: nada pódem
C'o Fado inexoravel meus conjuros:
Nos duros diamantes tem escripto

Que o lide perderás.» A estas vozes
Todo o valor cedêo do heroico *Lara*:
Começou a tremer, e sobre a terra,
Sem alentos cahio, e sem sentidos.
Sobre elle se debruça a tôrpe Vélha,
Chorando amargamente. *Abracadabro*
A' gruta córre, d'onde, compassivo,
Trazendo um negro frasco, todo cheio
D'um spirito vital, lh'o arruma ás ventas.
Então um gran suspiro derramando,
O *Deão* abre os olhos, e começa
A cobrar os alentos, que perdêra.
Por largo espaço o deixa o Nigromante
Repousar em descanso, até que ao vêl-o
De todo do desmaio recobrado,
Com mófa e compaixão, assim lhe falla:

«Não cuidei que tão pouco esforço tinhas,
Preguiçoso *Deão*, imbelle e fraco;
Que uma sentença, contra ti vibrada,
Te fizesse perder de todo o alento;
Mas es Conego emfim, e tanto basta!
Ignoras tu acaso, que as desgraças
Pedras de toque são, onde os quilates
Das grandes almas sempre resplandecem;
De mais, que os duros *Fados* tão injustos
Não são para comtigo, que vingança
A teus grandes aggravos não permittão:—»

Ao écho da vingança, o antigo esforço
Cóbra o pallido *Lara*; e alvoroçado

Esta pergunta faz ao vélho bruxo:
«E que vingança é essa, *Abracadabro*,
Que o *Fado* me promette?»—Então o sabio,
Com severo semblante, lhe responde:

«Virá a succeder-te no *Deado*
Um novo Heróe da tua mesma raça.
Este, sendo tambem indignamente
Pelo orgulhoso *Bispo* injuriado,
Por que á porta recusa do Cabido
Ir, como tu, a off'recer o *Hyssope;*
Para em salvo se pôr de seus insultos,
Deixando, sabiamente aconselhado,
De venaes Magistrados o recurso,
Refugio buscará nas sanctas Aras
Onde Themis preside, e firme asylo
Achão contra a violencia os opprimidos.
Os Ministros da Deosa, que zelosos
De seu altar e culto, attentos seguem
As pizadas do Principe famoso,
Que dando ao Sacerdocio, ao Sceptro dando,
O que é do Sacerdocio, o que do Sceptro,
Tem de ambos os podêres felizmente
As sagradas balisas assignado,
E defendem com prompta vigilancia
Da Real Jurisdicção os justos termos;
Ao *Bispo* mandarão, por seu Decreto,
Que a razão deste excesso logo assine.
A' fatal vista do imprevisto golpe,
Ficando consternado o bom Prelado,
Com fraqueza a mais vil, dolosamente

(Acção bem digna só d'um home'indigno.)
Do Livro mandará riscar as multas;
Negará têl-as feito, e negaria,
Si necessario fosse, o mesmo *Christo*.
Então desistirá cheio de medo,
Da pretendida posse, e seus direitos:
E a pelle convertendo, na apparencia,
De fero Lobo, se fará Cordeiro.»

Na primeira das passagens que vos li, admirai, senhores, os diversos grãos de comico, que resultão dos máos agouros que precedem á sahida do bispo á passeio, do artificioso discurso da Excellencia para evital-a, alludindo á iguaes presagios funestos, da jactanciosa resposta daquelle para lêval-o á effeito, e sobretudo do inopinado e inimitavel incidente da citação. Vede se póde haver nada mais admiravelmente comico, que vêr o bispo começar a soletrar a carta risonho, vêl-o cahir em subito desmaio quando nella lê a citação do deão, e vêl-o passar do extremo abatimento ao extremo furor, ordenando aos seus lacaios que espanquem o ousado meirinho, que lesto e matreiro se escapa destes, refugiando-se n'um visinho corpo de guarda. Que soberba e magistral pintura!

De toda esta bella passagem, na qual omitti o pathetico discurso da esposa de Gonsalves e a terna resposta deste, inabalavel na sua resolução de citar o bispo, não porque não fossem igualmente bellos, mas por amor da brevidade, apenas vos reproduzirei os

seguintes versos pela poetica e bellissima comparação que encerrão:

«Não de outra sorte o rubido podengo,
Que seguindo fiel e lisongeiro,
O rustico saloio, que á cidade
Vem, de seus campos á vender os fructos,
Si ao pé d'alguma esquina se demora,
Preso da vista das formosas côres
Da galhofeira cidadãa cadella,
E sobre elle cahindo a roaz turba
Dos bairristas cachorros, que a namorão,
Entre as pernas mettendo a longa cauda,
Corre, sem se deter, até que chega
Junto de seu senhor, á cujas abas
Seguro e confiado encrespa as ventas,
Contra elles se revira, então rosnando
Lhes mostra os brancos, navalhados dentes.»

Vêde si ha nada mais proprio do que esta comparação do podengo do saloio, acolhendo-se junto a seu senhor da investida dos bairristas cachorros que o acossão, com o bom Gonçalves, pondo-se em seguro ao pé da guarda, e olhando d'alli com despreso e insulto os lacaios do bispo que o perseguem; e estacão á vista dos soldados.

Ahi todos os epithetos formão imagens e contribuem para fazer realçar a pintura que é admiravel, e toda cheia de movimento e vida.

Na segunda passagem que é de effeito o mais poe-

tico pelos contrastes, notai, como é bem pintado o insolito estupor que se apodera dos convivas do deão, que não perdião dentada, saboreiando os manjares, e de copo em punho, se desfazião em saudes, misturadas com motejos ao gordo bispo, quando «O velho *gallo*, que n'um prato estava Entre frangãos e pombos, lardeado, Em pé se levantou, e as nuas azas Tres vezes sacudindo, estas palavras Em voz articulou triste, mas clara:

—Em vão, cruel deão, em vão celebras
Com nosso sangue o prospero successo,
Que a futura victoria te promette;
Que por fim cederás a teu contrario.—
Disse: e cahindo sobre o grande prato,
Sem mecher-se ficou. Neste momento
Um gelado suor dos circumstantes
Banha as pallidas faces; os cabellos
Nas frontes se lhe irrição; largo espaço
Immoveis ficão, sem dizer palavra.»

Uma vez admittida a ficção, que aliás comporta o genero burlesco a que pertence o poema, nada ha mais comico, do que este tremendo vaticinio, pelo espantoso effeito produzido nos circumstantes que supersticiosos, depois de baqueada por terra a meza com as iguarias, ao levantarem-se tremendo, cobrado o perdido espirito, «Tres vezes se benzêrão co'a mão toda, Tres vezes, mas em vão, esconjurárão O fatal *gallo* que jazia morto, E mil a infausta ceia dando ao demo, Se forão, sacudindo os calcanhares.» Como tudo isto é natural, e bem figurado, depois do horrendo caso, que

a todos deixou estupefactos, e sem pinga de sangue, ou quaes verdadeiros convidados de pedra! Antes os prazeres da meza, depois o indisivel terror no melhor da festa, e a consequente precipitada fuga! Que mestria no emprego dos contrastes!

Na terceira passagem, que é uma das mais admiraveis no comico-grutesco, sobresahe mais, que em nenhuma outra, a fertilissima imaginação do poeta nas creações estupendas e phantasticas, ou no famoso episodio de Abracadabro. O comico resulta ahi do espectaculo inaudito do deão voando com a velha e desdentada ama, dos golpes impotentes que atira aos dous negros vultos o prior de Alcaçova, espantado do estrambotico portento, dos sustos e calafrios, por que passa o supersticioso prebendado ao vêr as scenas horriveis que se succedem aos conjuros do archimago, e sobretudo do desmaio que experimenta, quando este lhe annuncia que perderá o pleito com o bispo. A consoladora predicção de que será vingado pelo sobrinho, que fará o vaidoso e fôfo prelado desdizer-se de tudo, tem o grande merito de terminar a acção, como convem em um poema deste genero.

De todos esses comicos incidentes só reproduzirei ipsis verbis o do prior de Alcaçova, dando golpes ao vento, e cahindo por terra sobre a lama ao tropeçar casualmente n'um cão morto, porque é bellissimo!

«De Alcaçova o prior, homem vexado
De nocturnas visões, que então á casa

Do *Nunes* bacchanal em companhia,
C'um puxativo escalda, se tornava,
Vendo alçar-se da terra os negros vultos,
Arranca da brilhante durindana,
E o capote traçando velozmente,
Põem-se no recto, parte, atira um furo,
Faz pé atraz; mas tropeçando acaso
N'um podengo que, á força de pedradas,
Os travessos rapazes tinhão morto,
De costas se estendêo na dura terra,
Cuberto de vergonha, stêrco, e lama.

Vêde si ha nada mais proprio para fazer rebentar com riso que estas estocadas aerias, e a desamparada queda do D. Quixote fradesco. O poeta que aliás teve cuidado de dispôr o espirito do leitor, dizendo que o prior era homem vexado de visões nocturnas, descreve esta scena imminentemente comica com traços tão naturaes e apropriados, que parece que a estamos vendo, e gosando de algum sitio proximo. É pintar com rasgos de grande mestre.

Em todo o decurso da analyse deste poema tereis notado certamente, que o poeta attinge muitas vezes o sublime no comico e grutesco, predicado sem o qual deixaria a sua obra de ser prima; por isso escuso chamar a vossa attenção para este ponto que aliás se evidenceia de todas as bellezas, que vos tenho citado, quer se considerem reunidas, quer separadas.

Tendo analysado a Diniz como poeta heroi-comico, passarei em outro discurso a aprecial-o como poeta lyrico, pondo aqui termo a este.

LICÇÃO LVII

Antonio Diniz da Cruz e Silva, poeta de primeira ordem, senhores, por seu riquissimo engenho, não primou unicamente na poesia heroi-comica, ou no Hyssope, que apreciei nos tres precedentes discursos, sobresahio tambem na poesia lyrica, ou nas odes pindaricas com que me vou occupar, e que lhe são um novo titulo de gloria, assim como demais a mais nas anacreonticas. Destas duas especies de odes foi elle, para bem dizer, o primeiro introductor em Portugal, porque nas odes de Camões e Ferreira que o precedêrão, os generos não se achão ainda descriminados, e Garção que foi seu contemporaneo, dedicou-se exclusivamente ao genero horaciano, em que ninguem lhe levou a palma. Nas primeiras em que são cantados os grandes feitos dos heroes portuguezes, ou algum outro nobre assumpto, notão-se o estylo o mais elevado e a linguagem figurada a mais pomposa e rica, ou verdadeira grandiloquencia:

nas segundas que versão sobre assumptos puramente eroticos, as graças as mais ligeiras e fugitivas, ou a maior amabilidade e doçura.

Diversas são as opiniões dos criticos sobre as composições mais gabadas do poeta. Querem uns que as odes pindaricas sejão a sua melhor obra, outros que o Hyssope. Figura entre os primeiros o senhor A. Cardoso Borges de Figueiredo, que no seu Bosquejo Historico da Litteratura Classica, Grega, Latina e Portugueza exprime-se nestes termos em relação ao poeta:— «Mas, a despeito da superioridade de Diniz como poeta satyrico (allude ao Hyssope), o seu mais bello titulo ao nosso reconhecimento lhe vem de suas *odes*. N'ellas celebra muitos dos grandes varões, que honrárão a nação; e canta esses prodigiosos feitos, cuja grandeza se comprehende melhor por sua poesia, do que pela historia.»

A opinião porem deste critico, com quanto seja elle um professor e litterato distincto, não póde, como pretende o senhor Innocencio Francisco da Silva, ser posta em parallelo com a de Garrett, que já anteriormente reproduzi, e que reputa com fundamento o Hyssope a obra mais primorosa d'entre todas as que compoz o poeta, ou a que lhe tecêo a sua immarcessivel corôa de louros.

As odes pindaricas de Diniz são, é verdade, poesias de mui subido valor, nas quaes ha rasgos poeticos verdadeiramente sublimes, realçados pelo estylo o mais grandiloquo e ornamentado; mas a monotonia que a

meu vêr resulta mais da identidade, ou pelo menos da paridade dos assumptos respectivos, que de se haver o poeta imposto o jugo dos consoantes, como quer Garrett, cança por fim o espirito do leitor, que ouve sempre soar a mesma corda harmoniosa, e deseja variedade que o refocille. Não reproduzirei aqui o juizo de Pato Moniz sobre estes poemas por ser demasiadamente extenso, mas contem observações mui judiciosas, cuja substancia resume-se em que Diniz imitou mais a Chiabrera poeta italiano illustre, a quem é todavia superior na belleza dos pensamentos, e nos dotes do estylo, que ao proprio Pindaro, cujas digressões são philosophicas e moraes, quando as do poeta portuguez são todas historicas; que Pindaro tem muita poesia descriptiva, e Diniz quasi nenhuma; que na belleza das comparações allegoricas, prosopopeias e metaphoras arrojadas, assemelha-se este com effeito ao poeta grego, e córre com elle parelhas, mas que no impeto, rasgos poeticos, philosophia, e originalidade, é inferior á Francisco Manoel do Nascimento, que mais se aproxima do grande modêlo da antiguidade; e que apesar disso não deixa Diniz de ser um grande poeta lyrico, que abrio um caminho novo á poesia portugueza.

Com quanto sejão verdadeiramente admiraveis muitos destes poemas, destinados a celebrar os heroes portuguezes, tanto no que se refere ao sublime do pensamento, como á magestade e pompa de estylo, é todavia certo que Diniz foi não só igualado, mas até excedido neste genero de poesia por Francisco Manoel

seu contemporaneo, que tendo muito mais dilatada vida, atravessou ainda parte do seculo IX. Por isso inclino-me a seguir acerca delle o juizo dos dois poetas, Garret e Pato Moniz, que são juizes mais competentes na materia, que o Sr. Borges Figuerédo, simples litterato e professor de eloquencia. Ainda tenho outra razão para isso; e é que o sentimento patriotico, que respira nas odes, identificando-se com o de alguns criticos, podia deslumbral-os a ponto de fazel-as preferir áquelle poema heroi-comico modelo, sem profundo exame de uma e outra obra.

Despido pois de todo o preconceito que possa empanar o meu juizo, e tornal-o menos imparcial, entrarei na analyse destas magnificas composições, odes, ou hymnos, escolhendo d'entre ellas para submetter a vossa illustrada consideração as que elle dedicou a Vasco da Gama, e a D. João de Castro, que são bellissimas, e cuja leitura passo a fazer-vos.

Eil-as:

Bem que a teu ardimento eterna crôa
Tecesse, inclito Gama,
Sonora Musa, que no Pindo vôa
Sobre as azas da Fama;
Eu, que apezar da inveja e seus furores,
Aos astros levo o Nume Luzitano,
Á minha lyra o pano
No mar enfunarei de teus louvores.

Por largo campo, indomito e fremente,

Corre o Nilo espumoso;
Feroz alaga a rapida corrente
O Egypto fabuloso:
Mas se na grão carreira, ás aguas grato,
Tributo de caudaes rios aceita,
Soberbo não rejeita
Pobre feudo de incognito regato.

Da Hemonia Jolchos denodado parte
O Thessalo extremado;
E do campo salgado
Com cem remos varrendo pouca parte,
As fauces entra do espantoso Euxino,
Chega a Colchos, e rouba o Vellocino.

A grande acção, de gloria a Grecia cheia,
Corre a fazer famosa:
Oh de ricas licções que rica teia
Tece em Pimpla vaidosa!
Feroces touros, que calçados de aço,
Brotão de negro fogo atroz corrente,
Fera, immensa serpente
Faz em Colchos ceder ao forte braço.

Do negro mar na foz alçou fervendo
Vivas, rodantes ilhas,
Que a morte intimão com fragor horrendo
De longe ás curvas quilhas:
Os ventos solta pelos mares largos;
E por mais realçar Jason prestante,
Na região brilhante,

Entre os astros colloca a immortal Argos.

Assim o povo do Parnaso usa
Entalhar na memoria
D'alto varão a gloria:
Orna a verdade, mas não mente a Musa.
Costume tão gentil eu não condemno;
Exemplo tenho no cantor do Ismeno.

Mas de estranhos adórnos não carece
O peregrino Gama:
Tão alto vôa, tanto resplandece
No mundo a sua fama!
Elle não desfraldou timidas vélas
Do bramador Neptuno em curto braço,
Mas por immenso espaço
No Oceano domou crueis procellas.

Qual seta ao alvo, pelo campo undoso,
Com immortal firmeza,
A rematar corrêo o heroe famoso
A portentosa empreza.
A seus passos em vão barbara gente,
Horrendos cabos, syrtes estuosas,
Se lhe oppõem espantosas
Que a seu pezar entrou no occulto Oriente.

Ninphas do Ganges, que levar o vistes
Em seu baixel ousado
Da Aurora o novo fado,
Dizei de que alto assombro vos cobristes!

Com que horror tremular vistes ligeiras
Do novo imperio as quinas agoureiras!

Alli não rouba, nas ciladas prompto,
A preciosa pelle,
Que trajou sobre as vagas do Hellesponto
O rico animal de Helle:
Mas do Gate arrostando a crespa fronte,
De traçar a famosa estrada ufano,
Ao braço Lusitano
De immensa gloria abrio perenne fonte.

Se queres pelas ondas inquietas
Seguir o grão guerreiro,
Novas pede, minha alma, agudas settas
De Pátara ao frecheiro:
Canta então como a barbara Quilôa
Faz tributaria ás triumphantes Quinas;
Como o mar de ruinas
Semêa, e em Calecut horrendo trôa.

Como o indico Mar vendo em seu braço
O sceptro poderoso,
Tremêo todo medroso...
Mas se de Cirrha o vento sopra escaço
Das sublimes acções no mar profundo
Enrola as soltas vélas, e dá fundo.

Quando o discurso humano

Se põe da natureza
A medir a fraqueza,
Pasma, esmorece, perde a confiança:
Mas se do Eterno o braço soberano
Em seu desmaio a contemplar se avança,
Vê de entorno brotar alta esperança;
E qual o Sião monte,
Seguro entre as procellas alça a fronte.

De feroz turba ingente
Horrendamente armada
Thema infeliz cercada
Via o grão Maccabêo, e tambem via
Dos seus a pouca, mal armada gente.
Mas o forte varão, que em Deus confia,
Contra o Syrio feroz ousado a guia;
Fere a cruel batalha,
E qual pó o desfaz que o vento espalha.

N'um ponto de ruinas se cobrião
Os campos dilatados;
Cavallos, cavalleiros jarretados
De sangue em largo rio
Morrendo com furor se revolvião;
Quaes no fervente estio
Em torno cahem do segador nervoso
Mil e mil as espigas,
As hostes inimigas
Aos lados cahem do capitão glorioso.

Emtanto triumphante

Exultando Judéa,
Das palmas de Iduméa,
Quebrado o jugo, ao campeão tecia
Diadema mais que os astros coruscante;
Seu valor, sua fé, sua ousadia
De cem harpas ao som aos céos subia:
Mas Judas da victoria
Ao Senhor das batalhas dava a gloria.

Oh de Israel afflicto
Firme columna, e muro!
Se em meus hymnos procuro
Mostrar como brandindo a mortal lança
A' Syria já terror foste infinito,
É só pela formosa semelhança,
Que descobre entre ti hoje a lembrança,
E o portentoso Castro,
De immensa luz em Lysia immortal astro.

Roto em cem partes o famoso muro
Que soberbo a cingia,
Qual viuva miserrima se via
A magestosa Dio,
Tinta de dó, e envolta em manto escuro.
Cobrando novo brio
Em seu estrago o Mouro que a cercava,
Com cem canhões e minas
Lhe dobrava as ruinas,
E quasi o feroz collo lhe pisava.

Quando brandindo a lança

Em seu favor, ligeiro
Corre o feroz guerreiro
De poucas tropas na galharda frente.
Já de seu seio sahe, e tal se avança
Dos Mouros a ferir na hoste ingente,
Qual cercado leão em Lybia ardente,
Que sacudindo a juba,
Por dardos rompe, e o caçador derruba.

No terrivel conflicto
Brandia o varão forte
Em cada golpe a morte,
Que inteiros batalhões abate, estraga.
Oh qual então alçou piedoso grito
Cambaia, que em seu sangue a terra alaga!
Sem côr, e rota pelo campo voga,
E blasphemando morre
Aos pés de Castro, que triumphante corre.

Prosegue, lira, e as azas veloz bate
De Salsete á campina,
Onde o braço feroz prostra, e fulmina
O barbaro ardimento
Em novo, sanguinoso, atroz combate.
Quaes no salso elemento
Os mares uns sobre outros se acapellão,
Quando Euro, procelloso
Roncando cahe furioso,
Taes os Mouros fugindo se atropellão.

De immenso povo armada,

Eis de Baroche á para
Feroz desce Cambaia.
Marte, sangue estillando pavoroso,
Por cem canhões em sua frente brada;
Mas brada em vão, que o campeão famoso
Os lenhos deixa, e o braço bellicoso,
Qual de Medusa a frente,
Immovel deixa a innumeravel gente.

Eu que de branca pluma,
Novo Cisne do Tejo,
Cobrir todo me vejo,
As azas bato, vôo ao firmamento,
Sem temor de dar nome á salsa escuma.
Bem podia cantar em alto accento,
Prendendo as azas do ligeiro vento,
Como o caudilho invicto
A cinzas reduzio Dabul afflicto:

Como a feroz Poñdá cruel combate:
Como de Anthêo na terra
O genio ensaia para a dura guerra:
Como troando irado,
Por terra derrubou Patane, e Pate:
Como no mar salgado,
Estragos fulminando a forte espada,
Enche o Hidalcão de espanto...
Porém se é longo o canto
Nem sempre ao couro do Parnaso agrada.

Na primeira destas duas odes, na qual o poeta ce-

lebra o famoso descobrimento da India por Vasco da Gama, uma das acções mais atrevidas obradas pelo homem, notai, senhores, primeiramente a grande habilidade, com que o poeta em um poema tão pequeno soube comprehender, não só a portentosa empreza moderna com tudo que a ella se refere, mas ainda ornal-a de episodios, como o do roubo do vellocino por Jason, ou da navegação do Ponto Euxino pelo primeiro argonauta, tão celebrado dos poetas gregos; isto pela remota semelhança que tinha este antigo feito dos tempos fabulosos da Grecia, com o grandioso do seu heroe, operado no seculo XV com pasmo das nações européas. Admirai depois o esplendido e o magestoso do estylo tão enriquecido de magnificas comparações, soberbas e arrojadas metaphoras e prosopopeias, ou em tudo igual ao sublime do conceito, e ao extraordinario do facto celebrado, o qual já tinha dado assumpto ao immortal poema de Camões, e era por conseguinte mais difficil de celebrar condignamente.

Das comparações só vos citarei a seguinte allegorica, que é notavel por sua belleza:—

«Por largo campo, indomito e fremente,
Corre o Nilo espumoso:
Feroz alaga a rapida corrente
O Egypto fabuloso:
Mas se na grão carreira, ás aguas grato,
Tributo de caudaes rios acceita,
Soberbo não rejeita
Pobre feudo de incognito regato.»

Nesta rica passagem, em que o poeta, julgando-se pequeno para cantar tamanho feito, se compara com um pobre regato, cujo feudo o Nilo não rejeita em sua immensa copia de aguas, vede como todos os epithetos formão imagens que realção a pintura, e como a poesia imitativa a mais bella representa o grande rio da Africa Oriental alagando o Egypto todo em suas periodicas enchentes. São sobretudo notaveis como onomatopicos os tres primeiros versos da estancia, que pela feliz combinação de consoantes asperas com vogaes mudas como que reproduzem aos nossos ouvidos os terrificos eccos das aguas inundantes. Tudo ahi se acha admiravelmente descripto.

Depois desta só vos citarei outra passagem notavel pelo consiso da brilhante narração contida em duas estancias:—

«Mas de estranhos adórnos não carece
O Peregrino Gama:
Tão alto vôa, tanto resplandece
No mundo a sua fama!
Elle não desfraldou em curto braço
Do tormentoso mar timidas vélas,
Mas as crueis procellas
Do Occano domou por largo espaço!

«Qual setta ao alvo pelo campo undoso
Com heroica firmeza,
A rematar corrêo o heroe famoso
A portentosa empreza.

A seus passos em vão barbara gente,
Horrendos cabos, sirtes estuosas,
Se lhe oppoem espantosas
Que a seu pesar entrou no occulto Oriente.»

Vêde si é possivel comprehender a narração de tamanho feito em menos versos do que o fez o poeta, empregando todo o ornato que requer o estylo levantado da ode, e fazendo ao mesmo tempo a comparação da empreza de Vasco da Gama com a de Jason, que é apropriada e bella, pelo que tinhão de novo, uma e outra. Este resumido quadro da grande empreza do descobrimento da India com suas circumstancias essenciaes é tão bello e poetico, como expressivo e eloquente, por isso que nada deixa a desejar. É um verdadeiro quadro de mão de mestre!

Na segunda ode, em que o poeta celebra as proezas de D. João de Castro, um dos maiores heroes portuguezes, ou se attenda á austeridade e pureza de costumes em tão elevado cargo como o de vice-rei da India, ou á grandeza dos feitos militares, notai antes de tudo como elle faz habilmente o parallelo de seu heroe, homem essencialmente virtuoso, não com algum dos heroes da Grecia ou Roma, mas com Judas Machabêo, um dos carecteres mais sublimes da Biblia; depois como em quadro tão resumido tambem sabe descrever magistralmente quanto obrou de grande o seu heroe, e tudo no mais grandiloquo e apropriado estylo, enrequecido dos mais valentes e felizes tropos.

O artificio de ordidura porem empregado pelo poeta nestas duas odes, e em outras muitas, é quasi o mesmo, ou o dos parallelos e comparações, para fazer sobresahir os heroes que celebra. Assim por mais magnificos que sejão os seus quadros, deve resultar monotonia da leitura seguida delles, visto como são, mutatis mutandis, tão semelhantes na contextura, e no tom, sem as digressões philosophicas, nem a poesia descriptiva, do grande modelo grego. Desta bella ode escolherei para citar-vos a seguinte admiravel passagem, que nada deixa a desejar no bem acabado:

«Roto em cem partes o famoso muro
Que soberbo a cingia,
Qual viuva miserrima se via
A magestosa Dio,
Tinta de dó, e envolta em manto escuro.
Cobrando novo brio
Em seu estrago o Mouro, que a cercava,
Com cem canhões e minas
Lhe dobrava as ruinas,
E quasi o feroz collo lhe pisava.»

«Quando brandindo a lança,
Em seu favor, ligeiro
Corre o feroz guerreiro
De poucas tropas na galharda frente.
Já de seu seio sahe, e tal se avança
Dos Mouros a ferir na hoste ingente,
Qual cercado leão na Lybia ardente,

Que sacudindo a juba
Por dardos rompe, e o caçador derruba.»

«No terrivel conflicto
Brandia o varão forte
A cada passo a morte,
Que quanto encontra despedaça e estraga.
Oh qual então lançou medonho grito
Cambaia, que em seu sangue a terra alaga!
Sem côr o rosto pelo campo vaga,
E blasphemando morre
Aos pés de Castro, que triumphante corre.»

Vêde como é bella a pintura de Dio cercada pelos Mouros, e posta em extremo aperto e desamparo, qual viuva miserrima, coberta de dó, quando corre a soccorrel-a D. João de Castro, «De poucas tropas na galharda frente.» Não é menos bella a que se lhe segue, do accommettimento do heroe na hoste dos Mouros, «Qual cercado leão na Lybia ardente, Que sacudindo a juba, Por dardos rompe, e o caçador derruba.» Ahi todos os trópos tem virtude mui significativa, todos os epithetos formão imagens pittorescas, e a poesia imitativa brilha em mais de um verso, e sobretudo no ultimo da segunda estancia, «Por dardos rompe, e o caçador derruba.» O movimento, que é a alma de quadros desta natureza, acha-se bem expresso pela differente medida e pausas dos versos, que auxilião a harmonia onomatopica.

Mas si a comparação pela qual o poeta assemelha

Dio á viuva «Tinta de dó, e envolta em manto escuro,» é poetica, soberba é a prosopopeia, ou personificação de Cambaia, com que elle remata a ultima das tres estancias, «Oh qual então lançou medonho grito *Cambaia*, que em seu sangue a terra alaga! Sem côr o rosto pelo campo vaga, E blasphemando morre Aos pés de Castro, que triumphante corre.» Si bem na primeira estancia se note tambem a mesma figura no verso, «E quasi o *feroz collo* lhe pisava, fallando o poeta em referencia a *Dio*, aqui todavia é ella muito mais expressiva, porque vem com todos os caracteres proprios da personaficação. Nada em uma palavra falta a este animado e duplo quadro, que apresenta como duas vistas differentes, a da defeza, e a do ataque, realçadas com toda á pompa de estylo.

A linguagem, não só destas duas, mas de todas as odes pindaricas de Diniz, é sobre riquissima em figuras de palavras, toda de bom cunho, porque o poeta, como já tive occasião de observar na analyse do Hyssope, foi grande conhecedor das bellezas de nosso idioma, de que fez mui profundo, e aproveitado estudo. Assim as suas melhores poesias tem o duplicado merito de ser a um tempo obras primorosas, e eminentemente classicas.

Em outro discurso apreciarei as odes anacreonticas do poeta, que são mui bellas.

Por hoje faço aqui ponto.

LICÇÃO LVIII.

Vistes, senhores, no meu precedente discurso, quanto Antonio Diniz sobresahe nas odes pindaricas que constituem a sua segunda corôa poetica, e em que só lhe leva vantagem Francisco Manoel do Nascimento, supposto não adoptasse nas suas a mesma divisão em estrophes, antistrophes e epodos, aliás dispensavel no genero: vel-o-heis hoje primar tambem nas odes anacreonticas, nas quaes é sem disputa o primeiro poeta portuguez, e o digno rival do ancião de Teios, segundo a opinião de Garrett, juiz mui competente na materia.

Mas Diniz na qualidade da poeta lyrico não compoz unicamente odes pindaricas e anacreonticas, escrevêo tambem odes horacianas, e dithyrambos, ou antes percorrêo, para bem dizer, toda a escala lyrica dos antigos, que se propoz imitar. E com quanto só tenha na forma do meu proposito de analysar as suas melhores

poesias yricas, ou as que podem servir de modelo, não devo todavia deixar de emittir succinto juizo sobre as outras de merito somenos, que pertencem á especialidade, e figurão na collecção.

Nas odes horacianas não só é elle inferior a Garção, seu contemporaneo e amigo, mas bem pouco digno de ser imitado e seguido, quando as comparamos em valor ás das outras duas especies em que primou; e isto porque, apartando-se da larga estrada trilhada por Horacio, o melhor modelo do genero entre os antigos, as não adubou de sufficiente philosophia moral, como fez Garção ás suas, que ainda não forão igualadas.

Eis sobre as poucas odes horacianas que compoz a autorisada opinião de Pato Moniz:—«Porem a natureza que em nenhum sentido deixa illimitado o humano poder, não dêo a Antonio Diniz tão amplas as faculdades do estro, que fosse capaz de escrever ao modo de Horacio: e proviria isto somente de seu engenho? Não; eu creio tambem que de sua licção. Diniz era mui erudito legista, historiador e philologo, mas não philosopho, e isto lhe faltou para compôr boas odes horacianas. Inda bem, visto serem tão ruins, que poucas forão as que nesse genero nos deixou, já que é fado de autores celebres, que nas posthumas edições de suas obras se estampem quantas frioleiras em má hora compuzerão.»

Fosse porem qual fosse a razão da sua inferioridade nas odes horacianas, o que é certo é que sendo o primeiro poeta portuguez que attingio na lyrica os vôos

sublimes de Pindaro, naufragou no genero creado por Horacio, confirmando o dito de Virgilio, *Non omnia possumus omnes*, nem tudo é para todos.

Nos dithyrambos, ou cantos bachicos imitados dos antigos muito em voga no tempo da fundação da Arcadia, e hoje inteiramente cahidos em desuso, mostra não poucas vezes enthusiasmo e fogo poetico; mas essas suas poesias são ainda evidentemente inferiores áquellas duas especies que lhe teem attrahido tão merecidos louvores dos entendedores.

Voltando pois ás odes anacreonticas, que tenho de analysar, e muitas das quaes são um perfeito modelo de graça, delicadeza, e mimo poetico, accrescentarei aqui ainda sobre ellas ao de Garrett, já reproduzido, o juizo de Pato Moniz, que bem e devidamente as aprecia. Eil-o:

«Mas nem só foi elle (diz fallando de Diniz) excellente nas suas odes pindaricas, e alta prova é de seu muito engenho que daquellas odes sublimes em que anda quasi topetando com os astros, descesse ás composições eroticas, e por tal arte soubesse amoldar o estylo, e apropriar a expressão, que pela maior parte sejão as suas odes anacreonticas umas das melhores cousas, que nesse genero possuimos.»

E com effeito, nem antes, nem no seu tempo, nem depois, se deparão em poeta algum portuguez poesias desta especie tão graciosas e lindas, porque nenhum soube como elle imbuir-se do espirito delicado, e ao mesmo tempo galhofeiro, de Anacreonte que tomou por

modelo, e com quem em tudo corre parelhas. Estas bellissimas odes, que parecem dictadas pelas graças, constituem com razão a sua terceira corôa poetica, e uma das mais esplendidas no juizo dos entendedores.

Dentre peças lyricas tão bellas difficil é escolher as que o são mais, para submetter a vossa illustrada consideração: entretanto passarei a ler-vos tres que não podem ser mais primorosas, a ode IV, a X, e XIII. Eil-as:

Já batendo a roxa Aurora
De ouro as redeas scintillantes
Aos cavallos estellantes
Veloz sahe do Ganges fóra;
E guiando o novo dia,
Enche a terra de alegria.

De rubins a fronte ornada,
E o regaço de alvas flores,
Pisa as nuvens de mil côres
Das subtis auras cercada;
E de lirios cobre os montes,
E de luz os horisontes.

Tão ditoso, alegre dia,
Branda lira, descantemos;
Doces hymnos lhe cantemos,
Doces hymnos de alegria;
Pois de Aglaia, Aglaia bella
Nascêo nelle a nova estrella.

Já rompendo o leve vento,
Coroados de aureas flores
Se derramão os Amores
Pelos ares cento e cento,
Que mil circulos formando
Seu alvergue andão cercando.

De Erycina o filho amado,
Que o lustroso esquadrão guia,
Vibra o arco de harmonia
Não de dura setta armado;
E tocando aureo instrumento
Desta sorte prende o vento.

Bella e fresca em prado ameno
É a rosa nacarada,
De ouro e purpura esmaltada,
Qual estrella em Céo sereno:
Mas mais frescas, mais formosas
De teu rosto são as rosas.

Bella rompe, e bella brilha
Da borrasca entre os horrores
Com o manto de cem côres
De Thaumante a gentil filha:
Mas mais bella tu serenas
De um amante peito as penas.

A tormenta embravecida
Ella aplaca alegremente,
Ella traz do sol luzente

A luz clara e apetecida:
Mas tu trazes no semblante
Outro sol, que é mais brilhante.

Deixa pois, Aglaia bella,
Que é já tempo, o leito brando:
Venhão teus olhos raiando,
Qual da Aurora vem a estrella;
Faça o rosto teu formoso
Este dia mais ditoso.

Vem, Aglaia, vem contente,
Com teu rosto peregrino
Alegrar o triste Elpino,
Que te aguarda impaciente;
Que este dia n'aurea lira
A fazer eterno aspira.

Que não sou o vento brando!
Que o cabello
De Licoris encrespando,
Brandamente o rosto bello,
Alvo collo, e as mãos lhe toca,
E o coral da linda bocca!

Que não sou a fresca rama!
Que zelosa,
Quando o sol a terra inflamma,
Com a sombra deleitosa,

Que na verde grama estende,
De seus raios a defende!

Que não sou a flôr graciosa!
Qu'ella colhe
Na manhã fresca e saudosa
Pelos prados, e a recolhe
Em o seio cristallino,
Onde brinca o Deos menino!

Que não sou a verde relva!
Que ella pisa,
Quando airosa pela selva
Segue as féras, e matisa
De seu sangue as varias flores,
Rodeada dos Amores!

Ou o rio cristallino,
Onde banha
O seu rosto peregrino,
Quando desce da montanha,
No calor da sesta ardente,
A buscar sua corrente!

Feliz rama, aura serena,
Flôr graciosa,
Verde relva, fonte amena!
Vós a luz pura e formosa
De seu rosto ficais vendo,
E eu me vou de amor morrendo.

Quando a virdes, por piedade,
De meus males,
Lhe contai minha saudade:
Sim, dizei-lhe vós, oh valles,
Que a morrer leva o destino
Deste campo o seu Elpino.

A minha Lira,
Que n'outro tempo
Heroès cantou;
Subitamente,
Aglauro bella,
O som mudou.

De invicto peito
Cantar pretendo
Raro valor:
E a lira terna,
Da mão ferida,
Só canta Amor.

Mudo-lhe as cordas,
Os pontos mudo;
Mas é peior:
Pois ao tocal-a,
Tenaz repete
Amor, amor.

De Marte os louros,

Com que algum dia
Tanto se honrou,
Por tenros mirtos
De Citheréa
Hoje trocou.

Desta mudança
Em ti a causa
Devo suppor:
Pois desde a hora,
Que vi teus olhos,
Só vejo amor.

Deixemos pois
Da brava guerra
O fero horror:
E só cantemos
As brandas iras
Do brando Amor.

Na primeira das tres bellissimas odes que vos li, feita por occasião do dia de annos de uma linda moça, vêde, senhores, si ha nada mais esplendido, e ao mesmo tempo mais gracioso e risonho, que o despontar da Aurora pintado pelo poeta nestas duas estancias:

«Já batendo a roxa Aurora,
De ouro as redeas scintillantes
Aos cavallos estellantes,
Veloz sahe do Ganges fóra;

E guiando o novo dia,
Enche a terra de alegria.

«De rubis a fronte ornada,
E o regaço de alvas flores,
Pisa as nuvens de mil cores
Das subtis auras cercada;
E de lirios cobre os montes
E de luz os horisontes.»

Ahi luz, auras, cores, nuvens, horisontes, collinas, ouro e rubins, habilmente distribuidos por harmoniosos versos, e auxiliados de epithetos que formão imagens pittorescas, apresentão o mais bello, brilhante, fresco, e delicioso painel do raiar da manhã, que o poeta mui engenhosamente compara ao risonho despertar da sua bella, que surge do leito em todo o viço e esplendor da mocidade.

Não é menos gracioso o quadro dos gentis Amores, que, rompendo os ares em bando aligero, vem festejar os annos da bella, cercando-lhe pressurosos o aposento:

«Já rompendo o leve vento
Coroados de alvas flores
Se derramão os Amores
Pelos ares cento a cento,
Que mil circulos formando
Seu alvergue andão cercando.»

«De Erycina o filho amado,
Que o lustroso esquadrão guia,

Vibra o arco de harmonia
Não de dura setta armado;
E tocando aureo instrumento
Desta sorte prende o vento.»

Esta ficção de um bando de Amores voando, tantas vezes repetida pelos poetas, acha-se aqui tão magistralmente empregada e descripta, que parece inteiramente nova, e contribue para dar animação e vida a esta bellissima peça lyrica, que perderia sem ella grande parte de suas graças fugitivas.

Na segunda ode, que é uma das mais mimosas da collecção, admira a inexprimivel graça com que o poeta deseja transformar-se em vento, em rama, em flôr, em relva, e rio, para achar-se sempre em contacto com a sua amada, quando está proximo della. Não devendo reproduzir aqui a ode toda, citar-vos-hei as suas duas primeiras estancias, por onde se infere do artificio das outras:

«Que não sou o vento brando!
Que o cabello
De Licoris encrespando,
Brandamente o rosto bello,
Alvo collo, e as mãos lhe toca,
E o coral da linda bocca!»

«Que não sou a fresca rama!
Que zelosa,
Quando o sol a terra inflamma,

Com a sombra deleitosa,
Que na verde gramma estende,
De seus raios a defende!»

Não me recordo de haver lido em outro poeta cousa tão mimosa e bella neste genero. Ahi a delicadeza da expressão condiz perfeitamente com a do conceito, que é admiravel. Todos os epithetos formão imagens amenas e pittorescas, que realção a graça, antes o arrôbo do desejo expresso, que nos encanta por seu delicioso mimo. Que pintura tão engenhosa, risonha, e deleitavel! Que escolha, frescura, e suavidade nas tintas! Tudo quanto se nota nesta bellissima poesia é primoroso e arrebatador, como a graciosa prosopeia, ou personificação da *rama*, que se mostra *zelosa* em proteger com a sua sombra a gentil nympha dos ardores do sol, e mais para admirar no delicado e fugitivo, que para analysar.

Não menos linda é a terceira ode imitada de Anacreonte, e cujas tres primeiras estancias dão a chave do pensamento e gosto, que a dictou:

«A minha lyra,
Que n'outro tempo
Heroes cantou;
Subitamente,
Aglauro bella,
O som mudou.

«De invicto peito
Cantar pretendo

Raro valor:
E a lyra terna
Da mão ferida
Só canta amor.»

«Mudo-lhe as cordas,
Os pontos mudo;
Mas é peior:
Pois ao tocal-a,
Tenaz repete
Amor, Amor.»

Nesta admiravel poesia toda a graça do grande modelo da antiguidade passou para os pinceis do poeta moderno, sem a menor quebra, que a prejudique ou desfigure. Imitar assim é ser tão mestre como o proprio mestre. A belleza desta peça lyrica de tão pequeno vulto, mas de inimitavel perfeição, é mais para sentir, que para descrever. O conceito é o mais engenhoso, e a expressão que o reveste, a mais natural e propria. Que ingenua graça não respirão estes versos tão bellos á força de ser naturaes. «Mudo-lhe as cordas. Os pontos mudo; Mas é peior: Pois ao tocal-a, Tenaz repete—Amor, Amor.» Parece que se está ouvindo nos dois ultimos, que são imitativos, o vibrar das cordos da lyra. É bello, muito bello!

Pode se ir por diante nesta analyse, porque ha muito onde escolher entre odes tão lindas, que equivale cada uma á um ramilhete das mais suaves e mimosas flores, mas basta o que fica exposto para dar-vos idéa

das inimitaveis graças do Anacreonte portuguez em nada inferior ao grego, quer si attenda ao engenhoso dos conceitos, quer á belleza da forma. Com razão pois se assigna a Diniz o primeiro logar na poesia anacreontica, sendo que ainda nenhum outro poeta portuguez chegou a rivalisar com elle no genero. Assim é Diniz o primeiro na poesia heroi-comica, o segundo na pindarica, e ainda o primeiro na anacreontica.

Com tão eximio poeta termino aqui hoje este periodo litterario pela razão, que dou na introducção ao volume.

FIM DO 3.º VOLUME.

INDICE

DO

TERCEIRO VOLUME.

Introducção. . . . . Pag. V.

LIVRO III.

SECÇÃO I.

Vasco Mousinho de Quevedo Castel-Branco, poeta; o pouco ou nada que se sabe de sua vida; seu Affonso Africano.—Gabriel Pereira de Castro, poeta; o pouco que se sabe de sua vida; sua Ulyssea, ou Lisboa Edificada.

Licção XXXVI . . . . . Pag. 1
Licção XXXVII. . . . . » 23

SECÇÃO II.

Frei Luiz de Sousa, prosador; sua biographia; sua Vida de D. Frei Bartholomêo dos Martyres; sua Historia de S. Domingos; seus Annaes de D. João III.

Licção XXXVIII . . . . . Pag. 41
Licção XXXIX . . . . . » 51
Licção XL. . . . . » 69
Licção XLI . . . . . » 87

SECÇÃO III.

O Abbade Jacintho Freire de Andrade, prosador; sua biographia; sua Vida de D. João de Castro, quarto vice-rei da India.

Licção XLII . . . . . Pag. 101

SECÇÃO IV.

O Padre Antonio Vieira, prosador: sua biographia dividida em tres partes; seus Sermões: suas Obras varias; suas Cartas.

Licção XLIII . . . . . Pag. 121
Licção XLIV . . . . . » 131
Licção XLV . . . . . » 141
Licção XLVI . . . . . » 151
Licção XLVII . . . . . » 185
Licção XLVIII . . . . . » 201
Licção XLIX . . . . . » 223

LIVRO IV.

SECÇÃO I.

Pedro Antonio Correia Garção, poeta; sua biographia; suas poesias lyricas; suas poesias didaticas.

Licção L . . . . . Pag. 247
Licção LI . . . . . » 255
Licção LII . . . . . » 267
Licção LIII . . . . . » 279

SECÇÃO II.

Antonio Diniz da Cruz e Silva, poeta; o pouco que se sabe de sua vida; seu Hyssope, poema heroi-comico; suas poesias lyricas.

Licção LIV . . . . . Pag. 293
Licção LV . . . . . " 303
Licção LVI . . . . . " 327
Licção LVII . . . . . " 347
Licção LVIII . . . . . " 365

ERRATA

AO

TERCEIRO VOLUME.

Pag.	Linhas.	Erros.	Correcções.
9	13	Cobra	Cobre
»	15	A sopida	Asopida
20	2	plaglario	plagiario
24	7	procurader	procurador
29	9	vesdes	verdes
30	6	amando	amado
34	16	Cerebro	Cerbero
55	23	mytos	muytos
56	31	prégando	pegando
61	16	grendeza	grandeza
62	13	haluarte	baluarte
75	20	sãs	são
80	6	honnar	honrar
82	19	das laranjaes	dos laranjaes
91	30	mystos	muytos
92	16	Acacere	Alcacere
94	16 e 17	no mesmo no mesmo	no mesmo
102	1	xeprimio	exprimio
104	18	diguidade	dignidade
125	3	decompor	de compor
129	20	1850	1650
143	11	1655	1665
144	9	sentenca	sentença

Pag.	Linhas.	Erros.	Correcções.
147	12	Tunque	Tanque
156	21	à severidade	com a severidade
«	27	*aute*	*ante*
161	18	*mannum*	*manuum*
«	24	desterrar-mo-nos	desterrarmo-nos
169	18	corôa	corôa
172	23	conto	conta
174	24	confessar-te	confessar te
190	24	obedecia	obediencia
191	26	mercés	mercês
192	4	por este	por ser este
210	20	sete	se te
215	13	terceivos	terceiros
217	8 e 9	por por	por
218	4	*qæ*	*quæ*
231	8 e 9	prohihir	prohibir
243	5	Ingenas	Indigenas
247	3	poeasias	poesias
275	9	do despreso	no despreso
276	15	da lua	a da lua
285	20	Do culpa	Da culpa
286	31	seus veraos	seus versos
289	10	os homens	aos homens
290	21	anolaga	analoga
300	9	o não	e não
306	20	Môda	Moda
215	2	futa	furta
«	7	grutesto	grutesco
320	18	palpal-a	papal-a
321	11	Tudo deixou por esse barba d'alhos ?	Tudo deixou por Páris. Pois que ! o esposo, A cara patria, o sceptro, a fama, a gloria, Tudo deixou por esse barba d'alhos?

Pag.	Linhas.	Erros.	Correcções.
340	1	o lide	a lide
347	8	demais	de mais
348	17	pe a	pela
356	11	cado	cada

07

03/02 R15 Ende